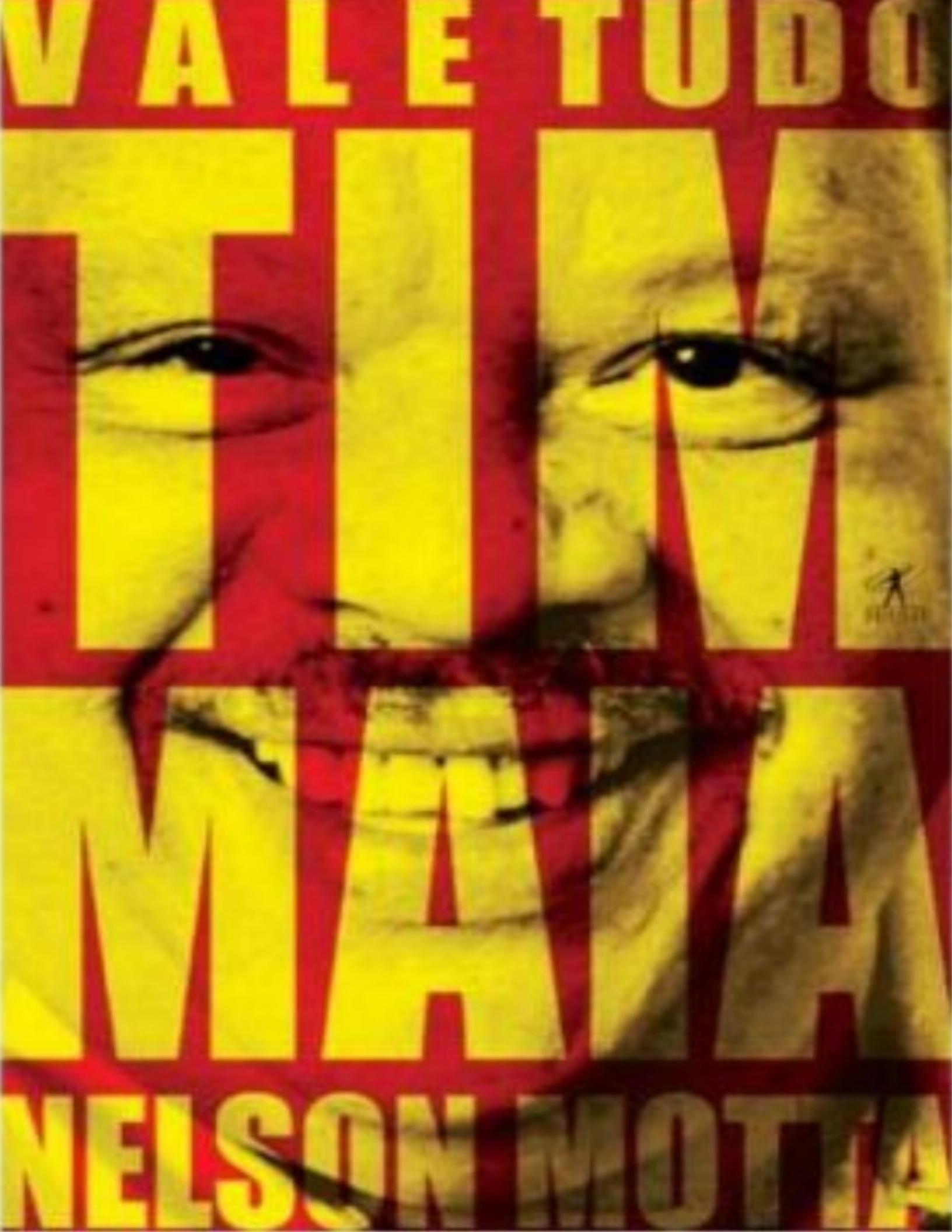
VALE TUDO



TIM MAIA

NELSON MOTTA

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudíavel a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros, disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.Info*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível.



VALE TUDO

O Som e a Fúria de Tim Maia

Nelson Motta

Copyright 2006 by Mix Criação e Produção Ltda.

EDITORA OBJETIVA LTDA.

www.objetiva.com.br

Ouça todas as músicas deste livro no site:

www.objetiva.com.br/valetudo

CAPA E PROJETO GRÁFICO Luiz Stein Design (LSD)

DESIGNERS ASSISTENTES Cláudio Rodrigues João Marcelo

PRODUÇÃO LSD Solange Barcellos

COORDENAÇÃO EDITORIAL Isa Pessoa

ASSISTÊNCIA EDITORIAL Maryanne Linz Marcelo Diego

PESQUISA DE TEXTO E IMAGEM Denílson Monteiro

PESQUISA DE FOTOS E LEGENDAS Sônia Peçanha

PRODUÇÃO GRÁFICA Marcelo Xavier

REVISÃO Raquel Corrêa Ana Kronemberger Diogo Henriques

EDITORAÇÃO ELETRÔNICA Abreu's Systems Ltda.

IMPRESSÃO Lis Gráfica

Sumário

Os Maias.
Tijuca, 1954, 60KG
O SONHO AMERICANO, 1959, 75KG
FRIO E FOME EM SÃO PAULO, 1964, 82KG
UM DROMEDÁRIO EM BOTAFOGO, 1969, 85KG
A EXPLOSÃO DO SOUL, 1970, 88KG
DINHEIRO, CHOCOLATE E BAURETES, 1971, 90 KG
SWINGING IN LONDON, 1972, 94 KG
A USINA DE SOM, 1972, 96 KG
GOSTOS E DESGOSTOS, 1973, 100 KG
O EVANGELHO SEGUNDO TIM MAIA, 1975, 87 KG
DANÇA E ROMANCE, 1976, 90 KG
DISCO NIGHTS, 1977, 101 KG
REENCONTROS E DESENCONTROS, 1979, 105 KG
NUVENS, GUARANÁ E GOIABADA, 1981, 116 KG
NA CRISTA DA ONDA, 1983, 120 KG
CHEGA DE MÁGOA, 1988, 128 KG
MENDIGOS, BANDIDOS E BACANAS, 1986, 130 KG
O PUNK DO FUNK, 1987, 101 KG
SOM PRETO, NOITES BRANCAS, 1988, 132 KG
LUCROS E PERDAS, 1989, 130 KG
UM BANQUINHO E UM DOIDÃO, 1990, 132 KG
O SÍNDICO DO BRASIL, 1991, 136 KG
BRONCAS E BARRACOS, 1992, 138 KG
CÃES E GATAS, 1993, 139 KG
PAIXÃO NACIONAL, 1994, 140 KG
ECOLOGIA, ZOOLOGIA E NOSTALGIA, 1995, 134 KG
DE SACO CHEIO, 1996, 142 KG
O CAMINHO DE VOLTA, 1997, 120 KG

Minha filha ganhou um gatinho e contei a Tim que ela ia dar o seu nome ao bicho. Ele adorou: "Já sei, porque é preto, gordo e cafajeste!"

O gato era cinzento, magrinho e carinhoso, e só nos deu amor e alegria.

À sua memória N. M.

NOVA YORK, JULHO DE 1997

De manhã cedo, atendi o telefone e ouvi a voz inconfundível, em ritmo acelerado e inglês perfeito: "Good morning, Mister Nelson Motta, here's your good old friend Tim Maia, calling from room 9-B of the Delmonico's Hotel, Park Avenue, New York City."

Que alegria! Foi a maior surpresa, nem imaginava que ele estivesse na cidade, onde eu morava havia cinco anos. Não o via desde um espetacular show no Scala, numa viagem ao Brasil, uns dois anos antes.

"Ô Nelsomotta, eu tô aqui sentado numa cadeira e tomando café numa mesa tão antiga que estou me sentindo um Dom João VI, porque tudo é antigaço nesse hotel, mas o fogão está funcionando e você está convidado a tomar um breakfast e a torrar unzinho comigo. Now!"

Cinco estações de metrô depois, cheguei à esquina da Park Avenue com a Rua 59 e entrei no decadente Delmonico's, que não vivia mais os seus dias de glória mas ainda mantinha os pisos de mármore, os janelões e grandes espelhos, as imensas suites com cortinas de veludo, paredes forradas de madeira e um mobiliário escuro e antigo, que davam mesmo um ar de Dom João VI doidão a Tim Maia comendo um croissant numa cadeirona, atrás de uma pesada mesa de madeira trabalhada.

"Tá vendo? Agora só me falta escrever com uma pena de ganso", soltou uma gargalhada e se levantou para me receber. Nos abraçamos e beijamos, celebrando uma amizade iniciada em 1969, quando ele começava sua carreira e o convidei a participar do disco de Elis Regina que eu produzia. Quase trinta

anos de música, escândalos e gargalhadas.

Ofereceu logo um baseado de boas-vindas: tinha acionado suas conexões nova-iorquinas e já estava com três qualidades diferentes de skunk, e ainda tinha um haxixe paraguaio, coisa de que eu nunca ouvira falar, mas que ele recomendou muito.

Enquanto enrolava um tronco do que chamava de misto-quente, gritou para sua secretária, na cozinha da suíte:

"Adriana, faz umas torradas e uns ovos mexidos pro meu amigo Nelsomotta e traz mais uma rodada pra mim. E traz panquecas também. E mel. E maple. E geléia. Traz tudo."

Estava muito feliz de reencontrá-lo tão alegre e bem-disposto, achei até que estava um pouco mais magro — embora ainda imenso — do que em nosso último encontro no Rio. Me contou em detalhes a sua epopéia de três cirurgias no saco e seu rompimento definitivo com o goro e a brizola; jurou que nunca mais tinha faltado a um show, que a vida estava dura mas estava boa.

Mostrou fotos e contou histórias hilariantes sobre a viagem que fizera de Miami a Nova York, cruzando nove estados numa limusine pilotada pelo português Bonáveres, refazendo o seu itinerário de 36 anos atrás, que terminara numa prisão na Flórida e na sua deportação para o Brasil, em 1964. E, passando o braço de urso pelos meus ombros, mandou Adriana tirar uma foto do nosso encontro, os dois felizes e sorridentes.

Animadíssimo, Tim estava com 55 anos e me parecia razoavelmente saudável — para os padrões Maia —, muito afetuoso e doidão como sempre. Contou que iria a Tarrytown, a uma hora de Manhattan, em peregrinação aos lugares onde vivera dos 17 aos 18, lembrou de dramas e comédias de seus cinco anos nos Estados Unidos, a iniciação na maconha, a primeira prisão, a descoberta do rhythm-and-blues e do soul, os 19 endereços diferentes onde morou em Nova York.

Entusiasmado com seu estúdio e seus novos trabalhos, me deu os quatro discos que havia gravado no último ano e estava lançando pela sua gravadora

Vitória Régia — "a única que paga aos sábados, domingos e feriados depois das 21 horas" — com uma dedicatória que me comoveu, uma das mais honrosas que já recebi: "Com o respeito do Tim Maia.”

Pô, vindo de quem não respeitava ninguém, ou quase, era uma condecoração. Desfrutar de sua amizade e testemunhar sua carreira eram um privilégio: um incessante espetáculo de grande música e alta comédia, protagonizado por um personagem único em sua paixão pelo excesso — de talento, de volume, de peso, de comida, de sexo, de drogas, de amor à arte, de cafajestice e agressividade, de ternura e generosidade — sintetizada em seu grito de guerra: "Mais grave! Mais agudo! Mais eco! Mais retorno! Mais tudo!”

Só consegui sair depois de horas de muita conversa e gargalhadas, entre várias rodadas de café completo, ovos mexidos e incessante carburação, me divertindo com histórias que qualquer ficcionista consideraria inverossímeis, mas eram apenas fatos e acontecimentos corriqueiros do cotidiano de Tim Maia.

Mas que ficcionista seria capaz de criar um personagem como Tim Maia? E quem acreditaria?

Os Maias.

Maria Imaculada Maia nasceu em 1902, na vila de Sebolas, no interior do estado do Rio, filha única de uma negra e um italiano de olhos azuis.

Sua mãe, Carolina Caetana Nogueira, havia abandonado o marido, também negro, para viver com o mascate italiano António Regina. Nessa família com vida confortável, Maria Imaculada nasceu e cresceu, mas, por motivos nunca revelados — talvez uma outra família na Itália —, nunca foi registrada pelo pai.

Apaixonada e sonhadora, Carolina foi muito feliz por algum tempo:

António ia frequentemente à Europa para renovar suas mercadorias, trazia lindos presentes, mas as viagens começaram a ser mais freqüentes e mais longas as ausências. Carolina ficava em casa, vendo o tempo passar na janela, criando a filha, costurando e esperando. Costurava cada vez melhor, passava temporadas trabalhando na fazenda dos Paes Leme e em outras da região cafeeira de Paraíba do Sul, que disputavam os seus serviços.

Maria Imaculada era adolescente quando seu pai viajou para a Itália e nunca mais voltou, sumiu sem deixar rastros. Sua mãe enlouqueceu de amor: sua vida se tornou uma eterna espera, ela ouvia passos e dizia "é o António", sentia sua presença em tudo, pedia à filha que colocasse o nome dele em seu primeiro filho. Foi tomada por uma profunda e irreversível depressão.

Dois anos mais velho que Maria Imaculada, Altivo nasceu em 1900, também em Sebolas, filho do português Manoel Rodrigues Maia, conhecido como Neca Maia, e de Joana Maria da Conceição, uma índia escura de origem amazônica, de cabelos lisos e negros em longas tranças, que fumava cachimbo e gostava de uma boa briga.

Mestiço de pele clara, muito simpático, com belos dentes branquíssimos, Altivo conhecia Maria Imaculada desde garoto, e com 18 anos, quando a viu vindo da missa de domingo, linda em um vestido feito pelas mãos exímias de Carolina, disse ao pai:

"Eu vou casar com essa moça!”

O pai achou graça, mas o advertiu:

"Se você quer namorar essa moça, primeiro tem que usar uma gravata.”

No domingo seguinte, de gravata, Altivo pediu Maria Imaculada em namoro e foi aceito. Já estavam noivos, felizes e enamorados, quando a bomba estourou: mãe do noivo — uma índia quizumbeira — brigou feio com a da noiva, em depressão cada vez mais profunda, e exigiu que o noivado acabasse imediatamente.

Separado à força de sua amada, Altivo foi para o Rio de Janeiro, mas continuou se correspondendo com Maria e esperando que a vida melhorasse e a

raiva entre as mães passasse. Foi trabalhar, primeiro como copeiro e depois como garçom, na mansão da família Modesto Leal. Juntou um dinheirinho, aprendeu a cozinhar e foi trabalhar como cozinheiro em uma pensão, sonhando em algum dia ter a sua.

Em 1922, no aniversário da cidade, Altivo voltou a Sebolas, de gravata, para enfrentar não só sua mãe, como a ex-futura sogra, que já havia até arrumado um noivo para a filha. O amor venceu, as mães ficaram com seu ódio e os filhos se casaram e foram morar no Rio de Janeiro, onde Altivo alugou um velho casarão na Rua Afonso Pena, na Tijuca, e abriu a sua pensão.

A clientela inicial era de alguns hóspedes da pensão em que havia trabalhado, a que logo se somaram novos fregueses, atraídos pela comida farta, saborosa e barata do seu Altivo, feita em um velho fogão a lenha. A pensão tinha cinco quartos e cinco mesinhas na sala, e Maria ajudava nas compras, na arrumação e a servir a comida. Logo nascia o primeiro filho, que Maria chamou de António, cumprindo o prometido à mãe. Altivo ficou furioso, queria que tivesse o seu nome. Maria prometeu que o próximo teria, mas ele emburrou e disse que depois não queria mais.

Quando o segundo filho nasceu, Altivo foi o nome escolhido de comum acordo. Com suave firmeza, a católica e recatada Maria conseguia tudo do alegre e festeiro Altivo e comandava a vida do casal — da cozinha para fora — enquanto criava os filhos:

António, Altivo, Hugo, Maria Aparecida, José, Isolda, Luzia, João, Luiz, Maria Imaculada, Anna Maria e finalmente Sebastião.

No dia 28 de setembro de 1942, na Rua Afonso Pena 24, minha mãe, Maria Imaculada, concebeu o gordinho mais simpático da Tijuca. E recebi o nome de Sebastião Rodrigues Maia.

Tijuca, 1954, 60KG

"É a puta que te pariu!”

Gritava Sebastião, quando algum moleque na Rua o xingava de Tião Marmiteiro. Carregando duas pilhas de marmitas penduradas nas pontas de uma vara Atravessada sobre os ombros, como um pescador chinês de carnaval, Tião percorria as ruas da Tijuca sob o sol escaldante do meio-dia, quando os outros três moleques que ajudavam na pensão não davam conta das entregas.

Tião tinha 12 anos, estudava de manhã no Ginásio Vera Cruz e odiava entregar as marmitas com as refeições preparadas por seu Altivo. As irmãs ajudavam na cozinha e na limpeza, e Tião era encarregado das entregas quando os pedidos aumentavam. A vida era dura, mas era doce, salgada e apimentada no casarão dos Maia.

Seu Altivo suava a camisa no fogão a lenha, a freguesia crescia, e, graças a amizade de Maria Imaculada com os capuchinhos da Igreja de São Sebastião, seu Altivo ganhou um velho fogão a gás italiano dos padres, quando eles compraram um novo.

Com o dinheiro que estava economizando para o fogão, seu Altivo surpreendeu dona Maria comprando um telefone, um dos raros nas redondezas. Ela achou que era falta de juízo, coisa de gente rica, mas ele argumentou que estava investindo no seu trabalho. E os pedidos se multiplicaram.

Tião não tinha do que reclamar. Mais de vinte anos o separavam de seu irmão António, e, sendo o caçula, era mimado pelos pais e pelas irmãs mais velhas, que o paparicavam como a um filho. Cuidavam de suas roupas, preparavam sua merenda, levavam o menino ao colégio. Esperto, preguiçoso e comilão, Tião era mesmo o gordinho mais simpático da Tijuca, o único dos 12 irmãos a ganhar uma bicicleta, inglesa, de segunda mão, que seu Altivo fora praticamente obrigado a comprar no seu décimo segundo aniversário.

No casarão da Afonso Pena, os quartos eram amplos, de pé-direito alto. As meninas dormiam em um e os meninos em outro, menos António, o mais relho, que já era funcionário do Ministério do Trabalho e tinha seu próprio quarto, cheio de imagens de santos e livros de religião. António puxara à mãe, mas era ainda mais religioso, ia à missa e comungava diariamente, freqüentava com assiduidade a igreja dos capuchinhos e a Cúria Metropolitana, era um católico militante, quase um padre.

Para o bem e para o mal, a saborosa comida do seu Altivo era cada vez mais apreciada, a freguesia aumentava — e com ela o peso nos ombros e nas pernas gorduchas do pequeno Sebastião. A bicicleta era inútil nas ladeiras da Tijuca.

Num dia de calor alucinante, empapado de suor, louco de fome e puto da vida, Tião se arrastava pela Tijuca com seus sapatos dois números maiores — que dona Maria comprava para durar mais — quando passou por uma pracinha de terra onde um bando de garotos descalços jogava futebol com uma bola de borracha.

"Entra aí, Tião", gritou Erasmo, um menino da mesma idade, moreno e grandalhão, que morava na Rua Professor Gabizo com a mãe, o padrasto e duas tias baianas e bonitonas, que freqüentavam a pensão e recebiam galanteios de seu Altivo e olhares ciumentos de dona Maria.

Tião baixou as marmitas e sentou num banco à sombra de uma árvore. Tirou a camisa, enxugou o suor do rosto e da barriga roliça e, quando se preparava para adentrar o terreno, teve uma idéia melhor. Abriu as marmitas e comeu um pedaço de frango de uma, um croquete de outra, um bifinho de panela aqui, algumas batatas fritas ali, e fechou com pedaços de goiabada e queijo, tirados de três marmitas.

Ao mesmo tempo Tião aliviava a fome e o peso das marmitas. As porções de seu Altivo eram fartas, ninguém notaria. Desistiu da pelada e encontrou uma nova motivação nas entregas. Tirou os sapatos folgados que lhe faziam bolhas nos pés, pendurou-os na vara das marmitas e saiu cantarolando um sucesso do

rádio, como gostava de fazer, baixinho, para amenizar o peso, as ladeiras e a raiva de ouvir a molecada gritando Tião Marmiteiro. Cantava sambas de Ângela Maria e Cauby Peixoto, baiões de Carmélia Alves, boleros de Anísio Silva e do Trio Los Panchos, que ouvia no rádio da casa, desde cedo ligado em alto volume. Caminhava marcando o ritmo das músicas no asfalto quente.

Na mesma Praça, pouco depois, teve sua primeira e única briga com Erasmo. Enquanto seu padrasto esperava, faminto e impaciente, pela marmita do seu Altivo, Erasmo desconfiou dos motivos do atraso, olhou da janela e viu Tião jogando bola na Praça e as marmitas, certamente aliviadas de algum peso, esfriando no chão. Desceu furioso e, com a autoridade de seu tamanho, chamou Tião à responsabilidade. Mas logo voltou correndo para casa, perseguido pelo marmiteiro aos palavrões, que tinha uma barra de ferro na mão. Ficaram alguns dias distantes, mas logo reataram a amizade.

Depois de entregar a última marmita, Tião voltava para casa de bonde, saltando com surpreendente agilidade quando o cobrador se aproximava. Depois pegava outro bonde e completava o resto do trajeto antes que o cobrador cumprisse seu dever. E, assim, transformava em sorvete as moedas que o pai lhe dava para a passagem. Quando chegava em casa, a grande mesa já estava posta, todos falavam ao mesmo tempo, o rádio tocava alto e Tião enchia o prato.

Diante dos pratos cheios de boa comida, seu Altivo brincava, feliz:

"Eu não tenho essa pensão para ganhar dinheiro, é só para alimentar meus 12 filhos.”

Com 13 anos, Tião finalmente conseguiu se livrar das marmitas. Depois de muitos apelos e promessas, seu Altivo concordou que o filho fosse trabalhar como contínuo em uma firma na Praça Saens Pena. Passaria as tardes entregando cartas e pacotes, buscando lanches e fazendo pequenas tarefas no escritório, ganhando meio salário mínimo. Nos primeiros dias se sentia feliz como um escravo alforriado. Três meses depois era despedido porque não fazia nada direito, não aceitava críticas e respondia malcriado aos chefes.

No emprego seguinte, nas mesmas funções, durou ainda menos. Mas disso

ninguém em casa precisava saber. Com as tardes livres, Tião se sentia solto como o vento, a Tijuca era o coração do Rio de Janeiro. Com os moleques da Rua conheceu a cidade de leste a oeste — do Andaraí, Grajaú e São Cristóvão aos morros do Salgueiro e do Turano — e de norte a sul — da Usina e do Alto da Boa Vista ao Flamengo e à longínqua Copacabana. Como a cidade era tão grande e o tempo tão curto, Tião começou a matar aulas de manhã para conhecer o Rio ainda melhor. Sem o peso das marmitas, cantava com mais prazer quando caminhava pelas ruas, praias e favelas da Cidade Maravilhosa.

Além de cantar, comer e passear pela cidade, Tião adorava batucar. Em qualquer lata que aparecesse, em qualquer objeto que produzisse algum som, ele fazia um samba, um baião ou um mambo. Seu Altivo gostava, achava que o filho tinha muito ritmo, e teria lhe dado a bateria que tanto pedia se seus parcos recursos permitissem.

Mas o que seu pai da terra não podia lhe dar, seu Pai do Céu lhe ofereceria, por intermédio de frei Cassiano, um capuchinho da igreja de São Sebastião. Tião recebeu como um milagre a notícia de que os padres bancariam um conjunto musical para os garotos da vizinhança, comprariam os instrumentos e eles poderiam ensaiar no salão paroquial.

A família era muito católica e a missa de domingo obrigatória. Quem faltava ficava de castigo em casa, sem poder ir ao cinema. Além de António, muito ligado aos padres, dona Maria Imaculada ia à missa diariamente e vivia fazendo novenas com senhoras da paróquia. Foi para atender a um pedido dela que Tião, meio a contragosto, fizera um breve estágio como coroinha na igreja de São Sebastião. Seu momento preferido era quando o padre dizia:

"Ite Missa est.”

E ele respondia aliviado:

"Deo gratias.”

Aos 14 anos, o ex-marmiteiro formava seu primeiro grupo musical e assumia os vocais e a bateria Veril, nova em folha, dos Tijucanos do Ritmo. Com Tião PM no trompete, Valdir no saxofone, Valtinho no acordeão e Edson

Trindade no violão e nos vocais, Os Tijucanos do Ritmo animaram as quermesses e domingueiras no salão paroquial tocando sucessos do rádio, como "Cerejeira rosa" e "Lisboa antiga", até seu prematuro fim, numa briga coletiva em que a bateria foi destruída.

Quando fez 15 anos, Tião exigiu e teve o que nenhuma de suas irmãs jamais ousou sonhar: uma festa-baile, como de uma debutante. Além de ter um xodó especial por Tião, seu Altivo era festeiro, promovia serenatas em casa, freqüentadas por seu amigo Ismael Neto, criador do conjunto vocal Os Cariocas, e outros músicos, e adorou a idéia. Tião debutou com tudo a que tinha direito: música, dança, comida, bebida e alegria.

Pouco depois, António voltou de uma viagem a Roma com os capuchinhos e, junto com os terços bentos pelo papa para presentear a família, trouxe um violão italiano para Tião. Com Edson Trindade, China e seu irmão Luiz Maia, formou o seu primeiro conjunto vocal. O quarteto não chegou a ter nome - pensou-se em chamá-lo Universal - nem a fazer nenhuma apresentação. Acabou em pancadaria ainda nos ensaios, quando Luiz sugeriu que Tião não tocasse nas cordas mas batucasse nas costas do violão, como um bongô. O instrumento foi destroçado no conflito.

Mas Tião não parou de tocar. Aproveitou uma velha mesinha-de-cabeceira jogada fora por uma vizinha, usou-a como caixa acústica, adaptou o que sobrara do braço, as cravelhas e as cordas mais graves do falecido violão e criou uma espécie de baixo acústico.

Desta vez o santo milagreiro foi mesmo de casa: compadecido, seu Altivo comprou, a duras penas, um bom violão e matriculou o filho num curso na Rua Barão de Itapagipe. Tião se dedicou de corpo e alma ao instrumento e aprendeu rápido, ficava horas cantando e se acompanhando no violão, tinha muito mais prazer em cantar, cantava cada vez melhor. Seu coração musical batia mais forte pela grande novidade do momento: o rock-and-roll, que ouvia na Hora da Broadway, da Rádio Metropolitana, todos os dias às cinco da tarde. O programa tinha um segmento com a parada de sucessos da Cash Box e era a única

possibilidade de ouvir Bill Halley, Elvis Presley, Little Richard e Chuck Berry no rádio carioca.

O melhor do rock — para um violonista principiante — era que três acordes bastavam para acompanhar todas as músicas, o resto era um ritmo forte e pulsante com a mão direita. E isso não faltava a Tião, que logo desenvolveu uma batida suingada de rock e cantava "Long Tall Sally" imitando Little Richard, "Tutti Frutti" imitando Elvis Presley e "Bop-a-Lena", um rock de Ronnie Self, que no inglês de Tião virava "Babulina".

Seu Altivo adorava música e cada vez mais se sentia ligado ao filho caçula, feliz com os seus progressos musicais, encantado em vê-lo mais em casa e relativamente sossegado. Mas para Tião não bastava cantar e tocar para a família, e logo ele passou a se apresentar em quermesses e festinhas do bairro e a freqüentar a turma de adolescentes que se reunia no restaurante e lanchonete Divino, na esquina da Rua do Matoso com Haddock Lobo, ao lado do imponente Cine Madrid.

Como a maioria dos garotos da turma, Tião nunca tinha dinheiro para as pizzas, os hot dogs, sundaes e ice cream sodas do Divino e quase sempre se contentava com uma Coca-Cola, que adorava. Ao longo do grande balcão, alguns rapazes mais velhos e abonados tomavam cerveja e cuba-libre. Nas mesinhas da calçada, jovens casais de namorados saíam do cinema e lanchavam, olho no olho e canudos de palhinha na boca, dividindo o mesmo milk-shake, e Tião os invejava duplamente.

No Divino, que começou a freqüentar com os amigos Edson Trindade e Arlênio Livio, Tião conheceu Paçoca, Nenéu, Mandoca, Pinto Nu, Sérgio Maluco, Wellington, e reencontrou seu velho companheiro de peladas Erasmo, então com 17 anos, que chegava sempre na garupa da Vespa de Almir, o único motorizado da turma. A turma adorava música, filmes e carros, todos tinham visto as fitas de Elvis, de James Dean e de Marilyn Monroe e eram fãs do Fantasma e do Capitão América. Todos gostavam de rock, e quando aparecia um violão era uma rara oportunidade para o mulato gordo e pobre dar o ar de sua

graça, com a sua sensacional batida de "Long Tall Sally" e seus gritos à Little Richard.

Mas, quando não havia violão, Tião sofria com as piadas e os deboches dos rapazes e a absoluta indiferença das moças, padecia com sua fome de pizzas, shakes e, como todos os outros garotos, a fome permanente de sexo.

A noite em que tocou "Bop-a-Lena" foi só alegria. Entusiasmado, viu que até algumas meninas que estavam em volta aplaudiam. O pessoal gostou tanto que ele teve de bisar, a pedidos:

"Babulina, babulina-á ô shiz mai gué-éélll."

Voltou para casa feliz e faminto, devastou a geladeira e dormiu como um anjo. No dia seguinte encontrou Erasmo no Divino e disse que estava pensando em adotar o apelido de Babulina. O pessoal gostava da música, ele estava cantando em muitas festas, era uma ótima oportunidade de se livrar da memória detestável do Tião Marmiteiro. Erasmo achou que o apelido cabia bem no gordinho, lembrava bolinha, ficava até engraçado, mas também fez uma advertência:

"Olha, Tião, eu acho legal esse apelido de Babulina, mas pode dar problemas. Tem um cara lá do Rio Comprido, da turma dos Cometas, que de vez em quando aparece aqui, que também toca violão, também canta essa música e também tem o apelido de Babulina. O cara pode não gostar, e como ele é muito mais alto e muito mais forte que você, dizem até que é capoeirista... não sei não."

Tião aparentemente não se importou, mas, na noite em que o Babulina do Rio Comprido apareceu no Divino, ficou muito nervoso e até pensou em ir embora. O cara era um mulato alto e atlético, com pinta de jogador de futebol, estava com um violão numa capa de lona e se chamava Jorge Ben. Com seu estilo malandro de falar e de andar, tinha mesmo um jeito de Babulina.

Quando Erasmo apresentou Babulina a Babulina, Tião ficou nervosíssimo e fechou a cara. Jorge foi simpático e cordial, achou divertida a coincidência, tirou o violão da capa e começou a tocar e cantar "Bop-a-Lena". Teve de insistir

várias vezes para que Tião cantasse junto, mas ele só entrou quando alguém gritou "Canta aí, ô Tião Marmiteiro!". Aí entrou furioso, cantando forte e enchendo o ar do Divino com sua voz de trovão.

A noite acabou em samba e rock em frente ao apartamento da veterana prostituta Lili, que havia iniciado muitos garotos da Tijuca. Tião havia debutado sexualmente aos 15 anos, com uma certa Penha, que era feiosa, não tinha um hálito lá muito perfumado, mas dava para todo mundo, era só pedir.

Com a família de Edinho viajando, ela enfileirou Tião, Erasmo, Arlênio e o dono da casa. Tião foi o quarto da fila, e depois o oitavo e o décimo.

Mas a maior contribuição do Babulina do Rio Comprido à turma do Divino não foi musical, e sim futebolística. Driblador e estiloso, avante impetuoso, Jorge batia um bolão em campo, estava até fazendo testes para o juvenil do Flamengo e foi um formidável reforço para o time do Divino. Foram muitos os sábados de glória, jogando em campos de várzea em Pilares, Caxias e Guadalupe, goleando adversários e comendo churrascos depois dos jogos.

Embora não jogasse, Tião nunca deixou de acompanhar o time, especialmente nos churrascos. Mas, por via das dúvidas, sempre levava um lanche ou ficava "tomando conta" do lanche do pessoal.

Na volta de uma dessas excursões futebolísticas, como o churrasco tinha sido fraco e o trem atrasara muito, parte do time resolveu fazer uma boquinha no restaurante popular do SAPS — um serviço de alimentação da Previdência Social — ao lado da estação da Praça da Bandeira. Além de comida quase de graça, o restaurante dava diversão e arte: um locutor anunciava os nomes no microfone e cantores amadores subiam em um tablado e cantavam, acompanhados por um violonista. O time não precisou pedir duas vezes e logo Tião se apresentou e foi anunciado como o Babulina da Tijuca. Naquela tarde, o Babulina do Rio Comprido não tinha jogado e o Divino fora derrotado.

Com a batida forte e ritmada de seu violão, Tião cantou com perfeição

"Little Darlin'", do grupo vocal The Diamonds, e foi aplaudido com entusiasmo pelo restaurante lotado. Na volta para casa, começou a pensar em formar um conjunto vocal, para cantar as músicas sensacionais de The Platters e The Diamonds, os sucessos do momento no rádio, além dos rocks de Elvis, Little Richard e Chuck Berry.

Tião sempre gostou de conjuntos vocais. Seu Altivo tinha discos do Bando da Lua, dos Anjos do Inferno e dos Quatro Ases e um Coringa, do Conjunto Farroupilha. O irmão António era amigo de Ismael Neto e Severino Filho, integrantes de Os Cariocas, que faziam harmonias vocais arrojadas e dissonantes, à maneira dos grandes grupos jazzísticos americanos, como os Hi-Los e os Four Freshmen. Tião adorava ouvir Os Cariocas, com cada voz fazendo uma melodia e todas se encontrando num acorde cheio de timbres e notas diferentes que soavam como uma só.

Em outubro de 1957, a União Soviética lançou com sucesso o satélite artificial Sputnik, abrindo a era espacial na frente dos americanos. Tião vibrou, tinha grande atração pelo cosmo, muita curiosidade pelo espaço sideral, e até acreditava em seres de outros planetas e em discos voadores. Quando começou a pensar num nome para seu futuro grupo, que também seria moderno, voaria alto e seria admirado por todos, achou que The Sputniks seria perfeito.

Chamou Arlênio Lívio, sobrevivente do natimorto conjunto Universal, e Wellington Oliveira, que cantava bem e tinha uma razoável pronúncia de inglês — porque o grupo só cantaria músicas americanas. Uma noite, levado por Arlênio, seu colega no Curso Supletivo da Escola Ultra, Roberto Carlos apareceu no Divino e foi apresentado a Tião como candidato à última vaga nos Sputniks. Era um moreninho magrelo de Cachoeira de Itapemirim, de cabelos crespos e olhos tristes, que puxava um pouco de uma perna, mas adorava rock e cantava muito bem, segundo Arlênio.

Tião chegou com metade do rosto coberto por uma máscara de borracha, para proteger o nariz rachado em uma briga de Rua. Estava mal-humorado e não foi com a cara do magrelo, mas Roberto ficou louco quando o viu fazendo a sua

batida de "Long Tall Sally" no violão. Aquilo não lhe saía da cabeça, e assim que voltou para casa, no subúrbio de Lins de Vasconcelos, ficou tocando-a no violão até aprender, ou quase. Foi dormir com muita vontade de fazer parte daquele conjunto vocal do gordinho mascarado.

O encontro seguinte foi na pensão de seu Altivo e dona Maria, agora na Rua Barão de Itapagipe. No porão-quarto-estúdio de Tião, Roberto cantou "Tutti Frutti", "Long Tall Sally" e "Little Darlin'" e todos gostaram, até Tião. Certamente por narcisismo, já que Roberto tocava "Long Tall Sally" com uma batida bem parecida com a dele. O branqueio de voz doce foi aceito, os Sputniks estavam na rampa de lançamento, começava a contagem regressiva.

Os ensaios foram tensos, com muitas brigas na escolha do repertório, dos solistas e de quem tocaria o violão. A solução foi manter os dois, com Tião tocando o mais rítmico e Roberto o mais harmônico. Roberto sabia muito bem o que queria: o mesmo que Tião, ser um solista, um cantor popular. The Sputniks era apenas uma plataforma de lançamento, os dois queriam voar alto.

Sob a liderança caótica de Tião, os horários de ensaio eram aleatórios. Em meio às confusões, a melhor parte era sempre o final, quando seu Altivo chegava com uma bandeja de sanduíches, salgadinhos e rabanadas para os briguentos famintos. Muitas vezes, a convite de dona Maria, todos acabavam subindo para a sala e sentavam-se à grande mesa para jantar com a família e os pensionistas.

Roberto gostava mais do romântico e topetudo Elvis, e Tião preferia o negro, gay e escandaloso Little Richard, de batom, com as unhas pintadas e a cabeleira arrepiada, tocando piano com os pés e fundando uma nova escola musical, agressiva, transgressora e suingada, uma das mais poderosas influências na história da música pop americana.

Em dezembro de 1957, graças ao irmão António, Tião e os Sputniks fizeram sua estréia oficial no salão paroquial da Igreja de São Sebastião dos Capuchinhos, na Tijuca. E agradaram muito. Foram convidados pelos padres para se apresentarem depois das missas dominicais. O convite era honroso, mas o horário, cruel: nove da manhã. Foi o primeiro e único show nesse horário na

breve carreira dos Sputniks.

A apresentação mais importante do conjunto foi justamente num dia de derrota: na festa de aniversário do Clube Municipal, na Rua Haddock Lobo, ficaram em segundo lugar no concurso de calouros. Mas foram os primeiros na sorte, porque um amigo de Wellington gostou tanto que prometera apresentá-los ao produtor Carlos Imperial, que tinha um programa na televisão e era louco por rock. Nenhum Sputnik tinha ouvido falar de Imperial — mas ele seria decisivo na vida de Tião e de Roberto.

Carlos Eduardo Corte Imperial era de Cachoeira de Itapemirim, como Roberto. De origem aristocrática e estilo cafajeste, era filho de um banqueiro e uma dona de colégio e morava com a família em um tríplex em Copacabana. Imperial adorava música e tinha uma seção de 15 minutos, "Clube do Rock", todas as terças-feiras, no programa de variedades que Jacy Campos apresentava diariamente na TV Tupi, na hora do almoço.

Foi no "Clube do Rock" que Tião e Roberto conheceram o gordo Imperial, compositor, produtor e empresário artístico, o principal divulgador do rock-and-roll no Rio de Janeiro, que também promovia shows em clubes da Zona Norte e dos subúrbios. Depois de um breve teste numa sala da emissora, no antigo Cassino da Urca, Imperial escalou-os imediatamente. Foi a primeira e única apresentação dos Sputniks na televisão.

A estréia vitoriosa na tevê, cantando "Little Darlin'" em arranjo idêntico ao da gravação original do conjunto The Diamonds, marcou também o início do fim do grupo, quando, depois do programa, Tião e Roberto bateram boca aos gritos na porta do estúdio e quase saíram no tapa.

A confusão começou depois do programa. Tião estava com fome e foi com Arlênio e Wellington comer um salgado num bar. Roberto ficou na porta da televisão, e quando viu Imperial saindo, lhe disse que também era de Cachoeiro e que imitava Elvis Presley. Imperial tinha gostado da apresentação dos Sputniks e deixou que Roberto cantasse alguma coisa de Elvis. Depois de ouvir "Tutti Frutti" e "Jailhouse Rock", com Roberto se acompanhando no violão, Imperial

não teve dúvidas e escalou-o para o próximo programa.

A turma voltou do bar, Roberto contou feliz a novidade e Tião a recebeu como alta traição. A terra tremeu, os berros ecoaram pelas históricas paredes do Cassino da Urca:

"Seu filho-da-puta! Eu boto você no meu conjunto e você vai cantar sozinho, porra!”

Roberto tentava explicar que os seus números de Elvis não prejudicariam em nada o trabalho com os Sputniks, mas Tião estava irado, tomado de um ciúme devastador, de um ódio mortal.

No dia seguinte, se reuniram para ensaiar na casa de Tião. Tinham um show marcado para domingo no Colégio Mackenzie, no Méier, onde ganhariam uns trocados. Tião continuou criticando e provocando Roberto durante todo o ensaio, que terminou com gritos de "tu não canta porra nenhuma" e Roberto saindo sem dizer uma palavra. No domingo à tarde, no Mackenzie, Tião, Arlênio e Wellington esperaram mais de uma hora e tiveram de fazer o show sem Roberto. Os Sputniks tinham ido para o espaço.

Na terça-feira seguinte, Tião soltou uma saraivada de palavrões quando viu Carlos Imperial na televisão anunciando no "Clube do Rock":

"Alô, brotos, vamos tirar o tapete da sala e afastar os móveis porque hoje é dia de rock! E agora com vocês, o Elvis Presley brasileiro... Robeeeerto Caaaarlos!”

Espumou de raiva ao ver Roberto entrar sorridente com seu violão e cantar "Jailhouse Rock" sentado em uma lambreta e cercado por jovens que dançavam rock-and-roll.

"Se ele é o Elvis Presley então eu posso ser o Little Richard, e muito melhor!", pensou Tião, pegando o violão e tomando um ônibus para o Cassino da Urca.

Procurou Imperial, anunciou o fim dos Sputniks e obrigou-o a ouvir um "Long Tall Sally" eletrizante. Imediatamente foi escalado, ainda que meio a contragosto, porque Imperial não tinha simpatizado nada com aquele gorducho

encrenqueiro, mas não era surdo e nem burro: o cara cantava demais, talvez melhor até que Roberto, e seria um sensacional Little Richard brasileiro. Só não podia se chamar Tião, que não era nome de artista. Imperial sugeriu Tim e ele não gostou, achou meio afrescalhado, mas acabou aceitando.

Outro que cantava muito era o secretário de Imperial, um mulato folgado e simpático de Copacabana, que estava sempre ao seu lado e o seguia pelos estúdios com uma prancheta na mão, anotando escalações e providências de produção. Tim gostou logo dele, de suas gírias da Zona Sul, de sua malandragem e de seu humor carioca; ficaram amigos. E logo se tornaram colegas no "Clube do Rock", quando ele também começou a ser escalado por Imperial:

"E agora com vocês, o Harry Belafonte brasileiro... Wiiiiiilson Simonaaaaaaal!”

O jamaicano Belafonte era a sensação do momento, o calipso a grande novidade dançante e "The Banana Boat Song" o seu maior sucesso. Foi o número de estréia de seu cover brasileiro, cercado de brotos que ondulavam os quadris na levada caribenha.

O Brasil entrava em 1958 com um novo presidente, o mineiro Juscelino Kubitschek, e o ano começava cheio de promessas e esperanças. O governo JK ia de vento em popa, logo surgiriam os primeiros carros nacionais, novas estradas seriam abertas, Brasília entraria em construção acelerada. O Brasil começava a descobrir o futuro.

E no futuro despontava a televisão, a era do rádio já era. O rock crescia, e com ele os novos ritmos da juventude, o twist, o hully gully, o calipso e o cha-cha-chá. Além de comandar o "Clube do Rock" e o programa de rádio, Imperial organizava shows que percorriam bares, festas e clubes de subúrbio, apresentando as novidades e ganhando uns trocados.

O "Clube do Rock" entrava em cena com a banda Os Terríveis (Vitor Sérgio e Edson Moraes nas guitarras, Amílcar na guitarra havaiana, João Maria na bateria) e o próprio Imperial fazendo umas mise-en-scènes no piano e no acordeão, os solistas Roberto Carlos e Paulo Silvino, o conjunto vocal Dry Boys

(Garotos enxutos), formado pelos irmãos Roberto e Wilson Simonal, Marcos Moran, Edson Bastos e José Ary, e o negão Tony Checker, de quase 2 metros de altura, que depois adotaria o nome de Tony Tornado, fazendo mímica e dançando.

O palco pegava fogo quando o gordo chamava os dançarinos Maria Gladys, Cidinho Cambalhota, Nilza, Bolão e Clito para ensinar ao público como se dançava o tal do rock-and-roll. Braços para um lado, pernas para o outro, volteios e rodopios, acrobacias e movimentos sensuais e provocativos, que horrorizavam os pais e levavam ao delírio os filhos dos subúrbios cariocas. Para o bem ou para o mal, o rock era mesmo o que o juiz de menores de São Paulo pensava, quando proibiu a entrada de quem tivesse menos de 18 anos nos filmes de rock, argumentando que "o novo ritmo é excitante, frenético, alucinante e mesmo provocante, de estranha sensação e de trejeitos exageradamente imorais".

Quando o local do show era mais ajeitadinho, num teatro ou num pequeno cinema, Imperial encenava um número de grande efeito, explorando o pouquíssimo conhecimento que as platéias suburbanas tinham do novo mundo do rock-and-roll. Colocava Paulo Silvino, um mulato alto, de olhos verdes e voz de barítono, vestido com uma capa tipo Humphrey Bogart, anonimamente sentado na platéia. E em dado momento, como se fosse um americano que estava ali por acaso, ele era chamado por Imperial e subia ao palco, abria a capa dramaticamente e cantava um trepidante "Tutti Frutti", imitando a voz e o rebolado de Elvis. Era sempre aplaudidíssimo quando fechava a capa e voltava para seu lugar. Imperial achava que Silvino tinha mais futuro na comédia do que na música.

Por sua natureza turbulenta e pela desconfiança de Imperial, Tim foi chamado poucas vezes para integrar as caravanas roqueiras nas noitadas suburbanas, quando era apresentado como o Little Richard brasileiro. Da turma, Tim só mantinha proximidade com Erasmo, que formara com Arlênio Lívio, China e Edson Trindade o quarteto vocal The Snakes (Os cobras) para acompanhar os cantores do "Clube do Rock" e estava sempre no Divino, na

garupa da Vespa de Almir.

Como ninguém tocava qualquer instrumento nos Snakes, Erasmo pediu ao amigo que o ensinasse a tocar violão. Tim mostrou-lhe os três acordes do rock e disse que o resto era só ritmo e malandragem.

Foi um ano extraordinário: em junho de 1958, pela primeira vez e contra todas as expectativas, a Seleção Brasileira ganhou a Copa do Mundo de futebol, na Suécia, goleando os adversários e encantando o mundo com sua arte de jogar bola. A Tijuca e o Brasil explodiram de alegria. O ancestral complexo de vira-lata e a sina de perdedor do Brasil se dissolviam no ar, entre foguetes, jatos de lança-perfume e gritos de vitória e de carnaval. O governo JK vivia seu melhor momento, e o Brasil se contagiava com o seu otimismo e arrancava para o futuro.

Com 16 anos, na Tijuca, Tim sentiu o mesmo impacto que Erasmo, Roberto e Jorge Ben, ao ouvir pela primeira vez no rádio aquela estranha música com aquele cantor mais estranho ainda, num ritmo contagiante que ninguém jamais tinha ouvido. João Gilberto cantava "Chega de saudade" e inventava a bossa nova.

Ao mesmo tempo, em São Paulo, o jovem estudante de Arquitetura Chico Buarque sentia o mesmo impacto, como o académico de Direito Edu Lobo, em Copacabana, e os universitários Gilberto Gil e Caetano Veloso em Salvador. A vida de todos esses rapazes tão diferentes — e da música brasileira — não seria mais a mesma depois daquele disco.

O rock, fustigado por precoce desgaste e pelos novos ritmos dançantes, por Elvis Presley fora de cena prestando serviço militar na Alemanha, pela morte de Buddy Holly, a prisão de Chuck Berry e a conversão de Little Richard a pastor evangélico, parecia estar em decadência irreversível, uma moda que tinha passado. E, com ela, o futuro do Elvis e do Little Richard brasileiros.

Todos estavam apaixonados pela bossa nova de João Gilberto, por aquele ritmo sincopado que parecia samba mas não era samba, por aquele cantor de voz pequena e doce cantando aquela melodia sinuosa e aquela letra coloquial cheia

de diminutivos. Tudo era muito diferente, oposto mesmo ao rock-and-roll elétrico, direto e barulhento.

Sem patrocínio, o "Clube do Rock" saiu do ar, e Carlos Imperial partiu para uma temporada nos Estados Unidos. Os pais podiam recolocar os tapetes na sala porque não era mais dia de rock, e eles eram indispensáveis nas noitadas de bossa nova em Copacabana, para os brotos se sentarem no chão, sem sapatos, tocando violão e cantando as novidades da dupla Tom Jobim e Vinícius de Moraes, bem baixinho.

Ao contrário do rock, em que três acordes de violão resolviam, a bossa nova de João Gilberto se baseava em seqüências harmônicas complexas, acordes dissonantes, divisões rítmicas dificílimas de tocar, uma batida quase impossível de se repetir. Ficou mais dura a vida dos aspirantes a bossa-novistas como Tim, Roberto e Erasmo.

"Chega de saudade" tinha dezenas de acordes diferentes, a maioria deles completamente desconhecidos para Tim. No seu porão calorento ele lutava com as cordas e os dedos gorduchos, na procura da sonoridade certa e da batida perfeita. Ouvia o LP de João Gilberto o dia inteiro e logo aprendeu a tocar "Saudade fez um samba", que era mais facilzinha, e depois "Se é tarde me perdoa", da nova dupla Carlos Lyra e Ronaldo Bôscoli. Apaixonado pela bossa nova e por uma garota do bairro que não o notava, não "se mancava" e não percebia seu afeto, fez sua primeira experiência no gênero, com o sambinha "Mancômetro":

"Se eu fosse você, eu compraria, amor, um mancômetro francês, e saberia o quanto eu gosto de você.”

Erasmo vibrava, jamais se esqueceria daquela música tão ingênua e divertida. Aprendia novos acordes com Tim, tiravam músicas juntos, faziam planos de ter um conjunto de bossa nova, de morar em Copacabana e de comer todas aquelas garotinhas que iam à praia de maiô de duas peças e apareciam nas fotos da Manchete e de O Cruzeiro em volta da turma da bossa nova. Os encontros no porão, além da comida do seu Altivo, tinham o atrativo extra de

uma janela gradeada no nível da Rua, com a perturbadora visão das pernas e coxas das moças que passavam pela calçada.

A primeira namorada de Tim foi a morena Deuzuite, uma garota de tipo meio indígena, com cabelos pretos e lisos, que tinha o apelido de Deuzi. O namoro não durou muito, mas logo Tim estava de novo apaixonado.

Voltando da aula de datilografia na Praça da Bandeira, passou pela Rua do Matoso e viu uma menina bonita, de pele clarinha e olhos tristes, debruçada numa janela que dava para a calçada. Trocaram sorrisos, se apresentaram, conversaram e riram, Tim foi feliz para casa e voltou no dia seguinte. Marlene, que era paraplégica e passava o dia em uma cadeira de rodas, estava sempre na janela, por onde Tim passava todas as noites. Logo estavam namorando, primeiro na janela, depois dentro de casa, e, aos domingos, ele a levava na cadeira de rodas para passear na Praça Saens Pena.

No início de 1959, Carlos Imperial voltou dos Estados Unidos e levou um susto. A bossa nova tinha tomado conta da cena, a garotada estava fascinada com a batida de João Gilberto, nem os suburbanos queriam mais saber de rock. As academias de violão pipocavam em Copacabana, para ensinar aos jovens a batida da bossa nova, como ele e seus pupilos ensinavam a dançar rock-and-roll.

O Divino da Zona Sul era o Bob's, no coração de Copacabana; o porão de Tim era o luxuoso apartamento de Nara Leão de frente para o mar, onde a turma se reunia para cantar e tocar bossa nova; o Cine Madrid era o gigantesco Rian, na Avenida Atlântica, onde jovens enlouquecidos pelo rock rasgaram as cadeiras na estréia de Ao balanço das horas.

Imperial era o rei das garotinhas de Copacabana, fazia parte da turbulenta e temida Turma da Miguel Lemos, convivia com lambretistas e jovens de casacos de couro e canivetes de mola no Snack Bar, no Posto Seis. Era a antítese da bossa nova e desprezado pelos garotos sofisticados que gostavam de jazz e cultuavam a bossa, que debochavam de seus programas de rock na televisão com seus mímicos e bailarinos suburbanos.

Os rapazes de Copacabana não queriam saber de forasteiros da Zona

Norte e desconfiavam de tudo que vinha de um cafajeste como Imperial. Liderada por Ronaldo Bôscoli, que era namorado de Nara Leão e parceiro de Carlos Lyra e Roberto Menescal, a turma da bossa nova estava fazendo nos colégios, clubes e festas da Zona Sul o que o "Clube do Rock" fizera nos subúrbios.

Mas para Tim, Roberto e Erasmo, o gordo Imperial era a única ponte — ou túnel — possível entre a Zona Norte e a Zona Sul. A coisa estava feia para os neo-bossa-novistas tijucanos. Com o oportunismo e a agilidade que o caracterizavam, Imperial logo começou a compor bossa nova, à sua maneira, parodiando-a. E passou a levar Roberto Carlos a festinhas de bossa nova, quase sempre sem ter sido convidado, e a apresentá-lo como "o futuro príncipe da bossa nova", produzido por Imperial, o ex-Elvis Presley brasileiro gravaria dois compactos com bossas do gordo que não tocariam no rádio, não venderiam nem o tornariam conhecido. E, muito menos, aceito na turma da bossa nova.

O problema de Roberto era que ele cantava "igualzinho" a João Gilberto o que não deixava de ser uma façanha, mas já havia um João original e insuperável. E as músicas de Imperial, diante das de Tom Jobim, Carlos Lyra e Roberto Menescal, eram apenas caricaturas de bossa nova que ninguém levava a sério Mas mesmo assim Roberto agradava, com sua voz doce e afinadíssima, cantava com muito charme, seu olhar tristonho e sua aparência desprotegida faziam as mulheres suspirar. Com um repertório melhor e um pouquinho mais de personalidade, certamente seria um ótimo cantor de bossa nova. Já Tim, com seu timbre grave e seu estilo exuberante, era o oposto do minimalismo gilbertiano. Mas ele amava a bossa e a cantava à sua maneira, com força e alegria, sonhando em algum dia gravar um disco com Os Cariocas.

Se para Roberto, que era branquinho e bonitinho, cantava "igualzinho" a João Gilberto e ainda era protegido de Imperial, estava tão difícil, a coisa estava feia e preta para o gorducho Tim e o grandalhão Erasmo, que não conheciam ninguém em Copacabana e nem sequer tinham dinheiro para chegar até lá de ônibus. Erasmo convenceu Imperial a levá-lo a algumas festinhas, mas se sentiu

tão mal tão deslocado, tão estrangeiro, que logo percebeu que aquela nunca seria a sua praia — por mais que ele quisesse.

O que Erasmo, Tim e Roberto queriam muito, mas muito mesmo, era fazer parte da turma da bossa nova. Cantar em português, canções novas e lindas sem copiar cantores americanos em músicas de três acordes. Mas os liderados de Ronaldo Bôscoli eram muito fechados, garotos brancos de classe média que se achavam donos da bossa e desprezavam tudo que se passava longe da praia de Copacabana. Restava voltar à Tijuca e aos três acordes do rock.

O SONHO AMERICANO, 1959, 75KG

Fulminado por um câncer na próstata, seu Altivo resistiu poucos meses e morreu em fevereiro de 1959, deixando Tim tristíssimo, mas também se sentindo mais livre para lutar por seu sonho de ir para os Estados Unidos.

O pai era antiamericanista ferrenho, detestava tudo que era americano, vivia dizendo que Tim tinha de conhecer o Brasil primeiro. Dona Maria também não gostava nada da idéia, ele não tinha nem 17 anos. Aconselhava-o a tentar a vida em Brasília, que estava sendo construída e cheia de oportunidades.

Com o rock decadente e sem chances de se integrar ao mundinho Zona Sul da bossa nova, Tim se sentia mais preto, gordo e pobre do que nunca. Lembrou-se de conversas com o produtor Jacy Campos, na TV Tupi, nos tempos do "Clube do Rock", sobre cursos de televisão nos Estados Unidos, como o que Jacy havia feito graças a uma bolsa de estudos. Voltou ao Cassino da Urca, procurou-o e conseguiu na Embaixada americana alguns folhetos de cursos de televisão. Queria ser diretor, gostava de som e de imagens, de novas tecnologias, de mandar. Claro, seria também o apresentador e artista principal de seu programa musical.

O único problema, além dos textos em inglês, era conseguir uma bolsa de estudos. O inglês foi resolvido por frei Cassiano, da igreja dos Capuchinhos. As condições e exigências, somadas a seu péssimo histórico escolar, reduziam suas esperanças de conseguir uma bolsa a zero. Restava- lhe tentar a vida nos Estados Unidos com a cara, a coragem e um dinheirinho arrecadado com os parentes e com a venda de tudo que tinha, inclusive o violão.

Certamente por intervenção da providência divina, a Arquidiocese do Rio de Janeiro conseguiu da agência de viagens Camilo Khan grandes descontos para levar um grupo de sacerdotes e paroquianos aos Estados Unidos. Assim que foi informado, frei Cassiano chamou Tim, encorajou-o e foi o primeiro a fazer

uma doação para a viagem. Era preciso agir rápido, o avião partiria dentro de um mês. Mesmo com grandes descontos, a passagem, só de ida, custava muito dinheiro — e era pouco o tempo para Tim arrancá-lo de onde pudesse. Começou uma campanha em casa e durante duas semanas pediu qualquer dinheiro a qualquer pessoa que, por alguma obscura razão, se dispusesse a doá-lo ao ex-baterista dos Tijucanos do Ritmo.

Milagrosamente, por intermédio de frei Cassiano, que fechou a conta com uma doação extra do próprio bolso, Tim conseguiu pagar a passagem três dias antes da data fatal. No Divino e nas redondezas, o ex-marmiteiro anunciava a partida, se despedia e contava orgulhoso que faria um curso de televisão na New York University e moraria na casa de amigos de sua família, uma brasileira casada com um americano.

Prometia apaixonadamente a Marlene que ficaria famoso nos Estados Unidos, ganharia dinheiro e mandaria buscá-la para que fosse operada com as novas tecnologias americanas e pudesse voltar a andar.

Restava arranjar uma graninha para a chegada e para se agüentar nos primeiros dias. Na família, tinha conseguido três daquelas notas verdinhas de um dólar, que ele via pela primeira vez. Nas vésperas da viagem, encontrou Erasmo no Divino e ficou sabendo que a noite seria de chumbo grosso.

Uma velha casa de cômodos da Rua do Matoso ia ser demolida. O último inquilino já havia saído, o pardieiro estava vazio e caindo aos pedaços e, como era muito antigo, todos os encanamentos eram de chumbo — e o chumbo valia 35 cruzeiros o quilo numa lojinha na Leopoldina. Não seria a primeira vez. Os garimpeiros de chumbo dividiam a casa por áreas e cada um ficava com a sua, para não ter briga. Só os canos de uma privada, tubos imensos de chumbo, garantiam uma semana de vida mansa e, para garotos pobres da Tijuca, farta.

Depois daquela noite, toda a turma comprou roupas novas na Ducal e Tim conseguiu mais 9 dólares, trocando os cruzeiros do chumbo a peso de ouro numa joalheria da Haddock Lobo. Achou que era pouco dólar para muito chumbo.

No dia 13 de agosto, uma sexta-feira, com 16 anos, 12 dólares no bolso e

uma carta para a Senhora Cardoso, sem falar uma palavra de inglês, Tim embarcou num quadrimotor do Lóide Aéreo para uma longuíssima viagem até Nova York.

Tim evitava pensar na crendice popular que atribuía mau agouro à presença de padres a bordo, talvez por ligá-los à expectativa de uma extrema-unção momentos antes da queda fatal. Afinal, eles seriam inevitáveis em um vôo promovido pela Arquidiocese.

O dia já havia começado mal para ele no aeroporto do Galeão, quando chegara para o embarque. Despachou sua mala no balcão do Lóide, despediu-se da mãe e dos irmãos e seguiu para a fila de embarque apenas com uma pasta de couro marrom, presente do irmão António. Tinha recusado a ridícula maletinha de lona azul e fecho éclair oferecida pela agência de viagem, que dava um ar de excursão escolar ao grupo.

Na sala de embarque encontrou três padres e um bispo, todos com as maletinhas de lona da Camilo Khan. Quando se encaminhava para a escada do avião, talvez por ser o mais jovem do grupo e o único que não carregava uma maleta azul, um dos sacerdotes lhe pediu que levasse a do bispo. E Tim subiu as escadas bufando com a pesadíssima, talvez cheia de Bíblias, maldita maleta azul do bispo.

O vôo foi atribulado, com o avião sacudido por fortes turbulências, pessoas vomitando, carrinhos de comida virando. Tim só se livrou da abominável maleta quando chegou a Nova York e o bispo entrou num táxi amarelo com os padres e se despediu:

"Obrigado, meu filho, que Deus o abençoe.”

Ia mesmo precisar. Ao contrário do que imaginara, sonhara e contara para todo mundo, não havia nenhuma família americana o esperando no aeroporto. De tanto contar e aumentar as suas histórias, acabara acreditando nelas e estava profunda e sinceramente decepcionado por não haver ninguém à sua espera.

Também não havia nenhum curso e nem qualquer amigo ou conhecido

americano ou brasileiro, nem mesmo o frio que ele esperava encontrar no hemisfério norte. Estava um calor do cão, como na Tijuca em fevereiro, e um bafo quente o fazia suar em bicas e empapar a camisa e o paletó. Às onze da manhã, Tim pegou um táxi e repetiu algumas vezes o endereço da Senhora Cardoso até que o motorista jamaicano o entendesse. Ou quase.

Duas horas depois ainda rodavam pelas ruas de Terryton, uma área do Brooklyn — a mais de 40 quilômetros de distância da cidadezinha de Tarrytown, no condado de Westchester, onde morava a Senhora Cardoso — para onde o taxista o havia levado por engano, ou sotaque. Desesperado, vendo o taxímetro disparar e seu coração acelerar, sem encontrar o maldito endereço, Tim acabou batendo boca com o motorista, cada um xingando em sua língua. Terminou de mala na mão numa Avenida do Brooklyn, louco de fome, de calor e de raiva e com menos 7 dólares no bolso.

Estava em um ponto de ônibus, com uma expressão tão apalermada e carente que atraiu a compaixão de uma senhora que esperava na fila e tentou descobrir de onde vinha e que estranha língua falava aquele jovem. Quando viu seu passaporte, foi até uma cabine telefônica e ligou 411 para informações, escreveu um endereço num papel e colocou Tim num ônibus que cruzaria o East River e o deixaria a duas quadras do Consulado do Brasil, na Quinta Avenida. E ainda lhe deu o dinheiro da passagem e explicou ao motorista onde ele deveria saltar. Tim cruzou a ponte do Brooklyn com o coração aos pulos e desceu na esquina da Rua 42 com a Quinta Avenida. Caminhou algumas quadras olhando para cima, deslumbrado com a altura dos edifícios, assustado com a quantidade de carros na Rua e de gente na calçada.

Um brasileiro menor de idade, com 5 dólares no bolso e sem ter onde ficar era encrenca na certa. A política do vice-cônsul exigia repatriação imediata, explicou o funcionário simpático a um Tim apavorado, segurando o passaporte com as duas mãos. Ofereceu-lhe um café e um bolinho, Tim se acalmou um pouco e lhe assegurou que estava sendo esperado, que deveriam estar preocupados com sua demora. O funcionário escreveu dois cartões: um com o

endereço da senhora Cardoso em Tarrytown, outro, em inglês, dizendo quem ele era, de onde vinha e o apresentando à família. E pediu-lhe para esperar alguns minutos, pois quando saísse para o almoço o colocaria num táxi para a Grand Central Station, onde deveria pegar o trem para Tarrytown.

Com o cartão na mão, conseguiu chegar ao guichê e ao trem e uma hora depois desembarcava em Tarrytown, à beira do rio Hudson e à margem da rodovia 87, para começar a vida em uma terra estranha, sem falar a língua e sem conhecer ninguém. Sua única referência era a tal senhora Cardoso, que nem mesmo Cardoso se chamava, e sim O'Meara, sobrenome de seu marido americano, e era conhecida, sim, mas de uma família que era freguesa das marmitas dos Maia. E não tinha recebido nenhum pedido para receber Tim em sua casa, nem mesmo um aviso de que alguém chegaria do Brasil. O cartão no bolso de Tim apresentava-o como estudante de televisão e pedia abrigo e proteção. Mas, ao conseguir chegar ao endereço, a senhora O'Meara não estava, não havia ninguém em casa.

Um vizinho se aproximou para ajudar e Tim mostrou- lhe os cartões. Foi levado para a YMCA — Associação Cristã de Moços — próxima à casa dos O'Meara, onde pôde tomar uma chuveirada, trocar de roupa, comer e desabar em um sofá. Acordou assustado com um americano enorme, rindo muito e sacudindo-o pelos pés. Mostrou-lhe os cartões e o gringo fez sinal de que era a pessoa certa e de que ia levá-lo para a casa dos O'Meara, a poucas quadras dali. O casal era muito simpático e sorridente, ela se chamava Lilian e falava português com um sotaque carregado por seus trinta anos na América, e o marido William só falava inglês. O gringo que fora buscá-lo se chamava Richie e era irmão de William. Ao lado do casal, estava um garoto mais ou menos de sua idade, só que muito alto e magrelo, também simpático, Douglas.

Passou seu primeiro inverno tiritando de frio e enrolado em cobertores, mas nunca se esqueceria do seu deslumbramento com a nevasca que cobriu a cidade às vésperas do Natal. O chato foi dividir com Douglas, de pá na mão, a tarefa de tirar meio metro de neve da frente da casa, para que o carro dos

O'Meara pudesse sair da garagem. Mas Tim não reclamava de nada, dava graças a Deus e às preces de dona Maria Imaculada por estar ali, com aquelas pessoas que lhe davam casa, comida e a máquina de lavar roupa.

Tim logo entendeu que falar bem a língua era fundamental para a sua sobrevivência. Com a ajuda de seu brother e de seu prodigioso ouvido musical, logo estava reproduzindo o sotaque, as cadências e sonoridades do inglês de Rua, embora seu vocabulário ainda fosse pequeno e grande a confusão entre pronomes e tempos verbais. Primeiro aprendeu palavrões e gírias, depois entrou para um "curso de americanização" na Sleepy Hollow High School, e o resto veio rapidamente com a televisão, a música e a Rua. Em pouco tempo, falava fluentemente e quase sem sotaque, com as gírias e os erros de concordância dos jovens negros e porto-riquenhos com quem convivia. Adotou o nome de Jimmy, the Brazilian.

Jimmy teve um Merry Christmas e ganhou presentes de todo mundo. Não estava habituado a beber, mas comemorou o New Year com um porre monumental e coletivo com os O'Meara, o seu primeiro em família. E começou a entender por que o pessoal da casa sempre ria tanto. E por que sempre acabavam brigando entre eles. Desde o dia da sua chegada, quando fora acordado pelo tio Richie às gargalhadas, trocando as pernas e com um bafo de álcool, Tim notara que todos ali eram chegados a um goró. O mais engraçado era que eles chamavam goró de spirits.

Os O'Meara eram gente boa e trabalhadora. Pelo menos até o fim da tarde. Depois que começavam a encher a cara de gim e de bourbon, tudo podia acontecer. Riam, choravam, brigavam, faziam as pazes, riam de novo. Eram irlandeses sanguíneos e passionais, sujeitos a chuvas e trovoadas.

Seu primeiro emprego foi como ajudante de caixa num pequeno supermercado de Orchard Street, um tipo de loja que não existia na Tijuca nem no Brasil, onde as pessoas enchiam um carrinho com o que queriam e depois pagavam no caixa. Para ele, acostumado a feiras, quitandas e armazéns, era novidade absoluta. Colocava as compras das madames em sacolas e ganhava

gorjetas levando-as até os carros.

Tim passava as tardes no caixa vendo os gringos pegando nas prateleiras o que queriam, à vontade, sem ninguém fiscalizando ou prestando atenção, e se lembrava da marcação cerrada que o portuga do armazém da Tijuca e sua mulher exerciam sobre a molecada de dedos rápidos e olho grande. E mesmo assim não conseguiam evitar que, uma vez ou outra, um chiclete ou um chocolate desaparecessem à passagem de Tim e seus amigos. Era impossível resistir àquelas prateleiras cheias do bom e do melhor dando sopa em Tarrytown.

A cena musical americana fervia em 1960, uma nova onda negra estava se formando nos subterrâneos das grandes cidades. O rock parecia perder força, embora Elvis Presley estivesse mais forte — e romântico — do que nunca, voltando triunfalmente aos Estados Unidos depois de prestar serviço militar na Alemanha. Seu grande sucesso do ano foi "It's Now or Never", uma versão em inglês do clássico napolitano "O sole mio", o rock começava a virar pizza, os jovens queriam novidades. Bob Dylan explodia no Village com um novo folk rebelde e sofisticado.

O estéreo revolucionava o mundo do disco, as paradas de sucesso eram invadidas por negros como Ray Charles ("Geórgia on my Mind") e Sam Cooke ("Chain Gang"), e The Marvelettes e Smokey Robinson and The Miracles estouravam os primeiros hits da Motown.

Diante dos olhos e ouvidos assombrados de Tim, um novo mundo se abria. Numa esquina escura de Tarrytown, com uma turma de jovens negros e porto-riquenhos e o rádio de pilha tocando R&B no volume máximo, fumou o seu primeiro baseado. E adorou. Não passaria mais sem eles.

Depois de três meses, saiu do supermercado para lavar pratos em uma lanchonete. Começava a ganhar um dinheirinho e a ficar de saco cheio dos porres e brigas dos O’Meara. Comemorou festivamente seus 18 anos junto com Douglas, com uma grande bebedeira, e tomou a péssima decisão de abandonar o aconchego, mesmo turbulento, do lar e ir morar com dois amigos em um muquifo sem aquecimento, na parte mais pobre da cidade.

Para enfrentar o inverno, ganhara um velho sobretudo de lã de Douglas, que era bem maior do que ele. Miss Lilian cortou 20 centímetros na altura e fez uma bainha, mas mesmo assim ficou muito folgado no corpo — o que se revelaria de grande utilidade para Tim em tempos mais duros, de fome e desemprego, quando fizesse suas feiras informais no supermercado: o casacão era largo o suficiente para abrigar um frango.

Embora não estivesse desempregado — pelo contrário, passara de lavador de pratos a fritador de hambúrgueres, panquecas e steaks na lanchonete — e muito menos com fome, já que comia bastante a sua própria produção, começou a empreender incursões experimentais no supermercado, nas horas de maior movimento, fazendo pequenos produtos desaparecerem nos bolsos do casacão. Passava pela caixa, cumprimentava a garota, pagava seu bubblegum — que não existia no Brasil, onde só havia goma de mascar — e saía feliz e despreocupado pelas ruas de Tarrytown fazendo bolas cor-de-rosa de chicletes.

Também não tinha nenhuma dificuldade em surrupiar um chocolate ou um bolinho e comê-lo rapidamente no local, abaixado como quem amarra os sapatos. O supermercado era um jardim das delícias para Tim, que durante meses o freqüentou com assiduidade e discrição. Até que um dia foi pego pelo gerente com a mão na massa e a boca na botija. Foi sua primeira visita a uma delegacia americana e lhe custou o emprego na cozinha da lanchonete.

Desempregado, passando frio e queimado no supermercado, foi obrigado a buscar em outras lojas das redondezas a sua sobrevivência. Mantinha contato com os O'Meara e, de vez em quando, filava uma bóia em seu antigo lar, onde bebiam e brigavam como sempre.

Apertados no muquifo gelado, todos desempregados e vivendo de biscates, a convivência era marcada pela disputa do pouco que, às vezes, havia na geladeira. Afinal, Tim conseguiu um emprego de entregador de pizza, exaustivo nos fins de semana, mas capaz de lhe garantir boas gorjetas, almoço e jantar, embora o menu fosse sempre pizza com uma Coca-Cola grande — que enchia dois copos e ainda não existia no Brasil. Pelo menos podia variar entre

mussarela, calabresa e peperoni.

Mas logo se cansou das entregas e, principalmente, das pizzas. E foi trabalhar em uma fábrica de câmeras fotográficas, onde plastificava 3 mil caixas por dia. A grana era melhorzinha, mas o trabalho era mecânico e animalesco. Tim achou melhor voltar ao ramo de alimentos, como garçom de um pequeno restaurante. Começou então a procurar algum emprego que lhe garantisse, além da comida, uma casa. Talvez em uma escola, um hospital, um asilo.

Mas acabou encontrando algo melhor: um jovem casal amigo dos O'Meara precisava de alguém para tomar conta de seu filho de 3 anos, duas noites por semana. Tim se tornou baby-sitter e só teve alegrias na nova profissão: adorava crianças e desenhos animados na televisão e tinha uma farta geladeira sua disposição.

Uma noite o garoto dormiu e Tim levou um susto quando viu na televisão a data de 28 de setembro. Era o dia de seu aniversário. Estava perdendo a noção do tempo, fazendo 19 anos sozinho em uma terra estranha, trabalhando como babá. Teve vontade de chorar e se sentiu profundamente triste e deprimido.

Uma tarde estava saindo do Music Hall depois de ver um filme e se as sustou quando alguém tocou no seu ombro e chamou "Sebastião, Sebastião", um nome que havia anos ele não ouvia. Era alguém que vira sua foto no jornalzinho brasileiro de Nova York, publicada pelo jornalista brasileiro Louis Serrano, que fora procurado por sua irmã Luzia, a pedido da mãe, quando dava uma entrevista no programa de rádio de Luís de Carvalho. Dona Maria estava desesperada, de meses sem notícias do filho, não sabia se estava vivo ou morto, se tinha enlouquecido como suas duas avós, e o jornalista se dispusera a procurá-lo com uma mensagem aflita de sua mãe. Tim se arrependeu amargamente de seu descaso escreveu uma longa carta para dona Maria Imaculada, contando suas aventuras americanas e lhe pedindo desculpas e a sua bênção.

No final de 1961, conheceu o ítalo-americano Félix De Masi, também músico e cantor, e começaram a fazer planos de um conjunto vocal. Félix trouxe seu amigo Roger Bruno e Tim chamou Cornelius, um jovem negro que

conhecera cantando num bar. Nasciam The Ideais, dois brancos e dois pretos cantando rhythm-and-blues, com vocais à Four Tops.

A temporada de ensaios no muquifo de Tim foi longa e barulhenta, pontuada por brigas no conjunto e reclamações de vizinhos. Mas o som estava ficando bom, as garotas começaram a aparecer, atraídas pelo look italiano e o soul negro. Os ensaios foram se transformando em festas e logo Tim foi obrigado a se mudar, e os Ideais passaram a ensaiar na garagem da casa de Félix.

Os gringos, tanto os pretos como os brancos, gostavam de ouvir Tim tocar e cantar sambas e bossas nos ensaios. Com ele o som dos Ideais ganhava um tempero tropical e um ritmo contagiante. Começaram a se apresentar em bares e festas de Tarrytown, ganhando 10, 15 dólares, mas comendo, bebendo e se divertindo. Tim reforçava o orçamento cantando em festinhas de amigo de Douglas, onde ficava fazendo fundo musical enquanto a garotada dançava e fazia o making-out, que era o sarrinho deles, o bate-coxa, o mela cueca.

O pessoal se agarrando no escurinho e Tim cantando "Olê mulé rendeira, olê mulé rendá".

Logo Tarrytown estava pequena demais para Tim, e ele se mudou para Nova York, onde teria 19 endereços diferentes nos dois anos seguintes.

Morou em hotéis piolhentos e em abrigos para homeless cheios de bêbados e loucos, onde todo mundo roubava todo mundo. Dormiu em hospedarias com e sem travesseiro, em vãos de escada, sótãos, depósitos e até em apartamentos carpetados e com aquecimento. No verão, ainda dava para dormir no parque, mas no inverno, com 10 graus abaixo de zero e o vento cortante do rio, era impossível ficar pela Rua. Os vagões do metrô eram aquecidos e Tim podia passar a noite viajando sem destino, só pelo calorzinho, mas só quando tinha os 10 cents do bilhete. Ao contrário dos cobradores dos bondes da Tijuca, as catracas do metrô nova-iorquino eram implacáveis.

Afinal, conseguiu um ótimo emprego: faxineiro em um asilo de velhinhos, onde tinha casa, comida, 40 dólares por semana e muita sujeira e porcaria para limpar. Mas podia se dedicar mais à música, a tocar violão, a ouvir discos nas

lojas e a freqüentar bares do Village e do Harlem e os shows do legendário Apollo Theater, na Rua 125.

Mas a vida na América não era apenas soul e R&B. O ex-bossa-novista Tim viu a bossa nova de Tom Jobim e João Gilberto ser aclamada nos Estados Unidos, no histórico e caótico concerto no Carnegie Hall. Tim leu as notícias e mentiu para os amigos que tinha assistido ao show do balcão graças a um ingresso milagroso. Estava orgulhoso da música brasileira, que começava a ser gravada por muitos jazzistas importantes como Stan Getz, Gerry Mulligan e Miles Davis.

No verão de 1963, Tim estava muito feliz, contava em cartas para Erasmo. Finalmente arranjara uma namorada: Jeannie, filha de um pastor presbiteriano, uma moreninha animada que era fã dos Ideais. Aos domingos, namorava e comia peru na casa do pastor. Apaixonado, compôs a bossa-soul "New Love", em parceria com Roger Bruno, e começou a ensaiá-la com o grupo, reforçado pelo baterista Milton Banana. Seria a primeira gravação dos Ideais:

"Yes I loved, more than I was supposed to love...”

Mas o inverno estava chegando, o frio e o vento cortavam, Nova York congelava. Com três amigos, decidiu correr atrás do sol e do calor. Num carro roubado, fazendo pequenos furtos em uma cidade e vendendo em outra, cruzaram o país e passaram por nove estados.

Preto e latino ao mesmo tempo, Tim já sentira na pele o preconceito e a discriminação quando tentava alugar um apartamento em Nova York. Pelo telefone, com seu sotaque perfeito e educado, tudo corria bem. Mas quando se apresentava no local, a pia estava sempre entupida, o cano furado, o apartamento já havia sido alugado. Em estados sulistas, como Geórgia, Alabama, Mississipi, havia banheiros para brancos e coloreds e lugares separados em restaurantes. Nos bares eram comuns os cartazes "Negro, leia e corra. Se não souber ler, corra do mesmo jeito".

A viagem foi marcada por muitas garrafas, incontáveis baseados e cinco prisões, três ligeiras, por brigas, desacatos e bebedeiras, e uma de dez dias, por

roubo de gasolina em um posto. E terminou mal, na penitenciária agrícola de Daytona, na Flórida, onde os quatro foram trancafiados depois de presos pela polícia rodoviária e condenados pelo juiz por "felonious possession of illegal substances and car theft", com a perspectiva de uma longa etapa atrás das grades, ou pior: era a quinta anotação no seu criminal record.

Trancado na cela, cercado de bandidos, Tim se desesperava. Se envolveu em uma briga braba com outro detento, que terminou com ele mordendo ferozmente a orelha do adversário, que lhe apertava o saco com mão de ferro, um não largava do outro e os dois urravam de dor quando finalmente foram separados. Em setembro, quando fez 21 anos, foi transferido para outro pavilhão, com comida razoável e roupa lavada duas vezes por semana. E conheceu pelo rádio a música sensacional do fenômeno Little Stevie Wonder, de 12 anos. Mas ninguém lhe dizia nada, lhe deram um advogado que não fazia nada. Ele se preparava para o pior. E, na Flórida, o pior era a cadeira elétrica, tremia de pensar.

Depois de um inverno infernal, mourejando nas plantações de sol a sol, como um escravo de E o vento levou, um dia o carcereiro gritou "Maia", e Tim tremeu. Acompanhou-o até a sala do diretor como um prisioneiro que vai para o corredor da morte.

Mas não foi mandado para a cadeira elétrica, apenas deportado para o Brasil.

FRIO E FOME EM SÃO PAULO, 1964, 82KG

Tim desembarcou no aeroporto do Galeão em abril de 1964, com 21 anos e a roupa do corpo. "Nunca mais ponha os pés aqui" foram as últimas palavras que ouviu em solo americano.

Dona Maria quase morreu de susto quando uma filha atendeu o telefone e disse que era Tim do Galeão pedindo que fossem buscá-lo, não tinha dinheiro nem para pegar um ônibus até a Tijuca. Com a morte de seu Altivo, a pensão tinha acabado e a família se mudara para uma casa menor na Rua Salvador de Mendonça.

Mãe e filho se abraçaram às lágrimas depois de cinco anos de ausência. Tim estava barbado e com a aparência cansada, com os cabelos cortados mais curtos e, mesmo depois de emagrecer bastante na cadeia, bem mais gordo do que quando saíra. Mas o mais impressionante era a cor, ou a sua falta, depois de quatro meses sem sol no inverno americano. Disse que resolvera voltar para não ser convocado para a guerra do Vietnã e que trazia presentes para todos, mas a mala se extraviara na viagem:

"Há três anos que eu não falava uma palavra de português."

No dia seguinte, saiu para ver uma Tijuca muito diferente da que havia deixado. As coisas tinham mudado rapidamente no Brasil. O Rio de Janeiro não era mais a capital, o presidente era um general, o sonho da volta de JK tinha ido para o espaço, o poder estava nas mãos dos militares em Brasília. E ninguém queria mais saber de bossa nova. Roberto, Erasmo e Jorge não iam mais ao Divino. Estavam estourando nas rádios com "Parei na contramão", "Mas que nada" e "Festa de arromba", tinham mudado para São Paulo e faziam sucesso na televisão.

Todo mundo tinha se dado bem e Tim estava sozinho no Divino quase vazio, sem trabalho, sem namorada e sem um puto no bolso. E pior, na Tijuca

ninguém fumava maconha, era coisa de marginal, difícil de achar, tinha de subir o morro do Querosene para conseguir alguma coisinha para se consolar.

O sonho musical estava adiado. Pressionado pela família, começou a procurar emprego. Com seu inglês perfeito e evitando as gírias, conseguiu uma vaga de guia turístico na agência Camilo Khan. Levava grupos de americanos ao Corcovado e ao Pão de Açúcar, atravessava a Baía de Guanabara na barca da Cantareira até a ilha de Paquetá, passeava com eles de charrete e de pedalinho.

A cidade estava muito diferente, com um imenso aterro arborizado, cheio de campos de futebol, que ia do aeroporto Santos Dumont à enseada de Botafogo, a Avenida Atlântica tinha sido duplicada, o asfalto e o calçadão de pedras portuguesas avançavam sobre a praia, dois novos túneis furavam as montanhas de Copacabana.

O inglês e o humor eram ótimos, mas os conhecimentos de história e geografia do simpático guia deixavam muito a desejar e ele não durou muito na agência das maletinhas azuis. Mudou de ônibus e de agência, mas também não foi muito longe, monumentos históricos não eram o seu forte e o Rio de Janeiro tinha muitos deles. Em Botafogo, embora os turistas pudessem ler o nome de Cuauhtémoc na placa da estátua, Tim sempre chamava o último imperador asteca de Caramuru, que tinha ajudado Araribóia a expulsar os franceses do Rio de Janeiro, num samba do índio doido.

Às vésperas do carnaval de 1966, fazia um calor do cão na Tijuca. Tim e seu amigo Peroba zanzavam tarde da noite pela Praça Afonso Pena quase deserta quando passaram por uma casa com todas as janelas fechadas, aparentemente sem ninguém, com uma bela mesa de vime e quatro cadeiras dando sopa na varanda, e tiveram uma idéia. Tim havia sido chamado para gravar com o conjunto Os Diagonais e precisava de uma graninha para comprar uns aditivos para usar na gravação. Primeiro levaram a mesa e duas cadeiras. Quando voltaram para pegar as outras duas cadeiras, foram presos por uma patrulha da PM e levados para a delegacia da Quinta da Boa Vista.

Não era novidade para um veterano de cinco prisões nos Estados Unidos.

Surpresa foi a porrada que levou no pé do ouvido logo que chegou, antes mesmo de ser jogado no xadrez. Nunca tinha levado um peteleco em nenhuma delegacia ou cadeia americana, onde só o xingavam e ameaçavam. Aterrorizado, ouvia os gritos do Peroba na cela ao lado e os baques secos dos socos e chutes; se preparava para o pior.

"Agora é a tua vez, seu gordo ladrão", o policial abriu a porta da cela e entrou com os colegas. Cercado, Tim levou uma saraivada de socos na cabeça, no estômago e na cara, cacetadas no corpo inteiro como um cão danado. Um carcereiro dormia em uma cama de campanha e, acordado pelos gritos, se levantou com muita raiva e disposição e derrubou Tim com um soco no ouvido que doeu mais que todas as porradas que já tinha levado. No chão, começou a ser chutado e pensou em fingir que desmaiava ou morria, mas acabou perdendo os sentidos de verdade.

De olho roxo e moído de pancada, foi enquadrado no artigo 155 — furto sem violência nem grave ameaça — e condenado a dez meses de reclusão na penitenciária Lemos Brito, na Rua Frei Caneca.

Na cadeia, ouvia Jorge Ben, Wilson Simonal e Roberto Carlos o dia inteiro no rádio dos carcereiros, lia notícias sobre o sucesso deles em jornais e revistas velhas que circulavam no presídio. Chocado com a reportagem "Roberto Carlos compra seu oitavo carrão", jurou que quando saísse dali ia procurá-lo em São Paulo. Adotaria o nome artístico de Tim, só Tim, sem sobrenome, e gravaria discos, faria shows, ficaria rico e famoso. Só precisava de uma chance.

Logo Tim se tornou popular entre os presos, porque cantava e tocava violão, ajudava a aliviar o sufoco, brincava com todo mundo e divertia os apenados e carcereiros com suas piadas. Como não era considerado um detento perigoso e cumpria pena pequena, desfrutava de muitas liberdades e regalias, mas nunca imaginou que pudesse ir tão longe.

Um domingo de visita, recebeu de sua irmã Maria Imaculada, junto com um bolo de chocolate, uma carta que havia sido enviada à sua casa: era do organizador de um grupo de professores americanos que ele havia guiado e

divertido no Rio e com quem havia trocado gentilezas e endereços. Ele estava voltando, agora trazendo um grupo maior, e queria contratar de novo seus serviços.

Faltavam poucos meses para sua liberdade, era uma oportunidade única de ganhar uns dólares, honestamente. Foi aos carcereiros, mostrou a carta e traduziu seu drama, pedindo compreensão e amizade.

Duas semanas depois, quando os quarenta professores da Universidade do Wisconsin chegaram, quem os esperava no aeroporto era o detento Sebastião Rodrigues Maia, diretamente da penitenciária Lemos Brito, para onde voltou no fim da tarde para o "confere", depois de uma extenuante jornada no Pão de Açúcar, conforme acertado com os carcereiros camaradas.

Tudo correu muito bem nos dias seguintes, no hotel em Copacabana, no Corcovado e nas excursões a Petrópolis, Araruama e Paquetá. O único problema, incontornável, foi a programação noturna no último dia: os gringos não abriam mão de um show de mulatas, e ele teve que declinar, dizendo que seu irmão havia morrido. Recebeu os pêsames e avisou que seu amigo Cláudio o substituiria, enquanto contava os dólares em sua cela, separando o que pagaria ao amigo.

No final do ano, Tim foi libertado, mas nem passou em casa, foi direto para o Divino. De chinelos menores que os seus pés e com a roupa com que havia saído da cadeia, parecia um mendigo. A primeira pessoa que encontrou foi Almir, o da Vespa, que havia adotado o nome artístico de Almir Ricardi e, com a ajuda de Erasmo, estava tentando uma carreira de cantor na onda da Jovem Guarda, em São Paulo. Logo chegou também Renato Caravita, que havia tomado rumo profissional oposto, fazendo concurso para delegado de polícia.

Morrendo de pena de Tim, a primeira coisa que fizeram foi lhe arranjar umas roupas velhas, que não melhoraram muito a sua triste aparência. Almir tentou animá-lo, contando que as coisas estavam fervendo em São Paulo, que todo mundo estava se dando bem, fazendo sucesso e ganhando dinheiro, que não era nem preciso cantar as meninas, elas se jogavam nos braços da turma da

Jovem Guarda.

Passou rapidamente em casa, para pedir a bênção à mãe e ver os irmãos, estava com muita vergonha. E raiva. No dia seguinte, jogou algumas roupas numa sacola e partiu para São Paulo, com a passagem conseguida pela mãe de Almir com um amigo da Viação Expresso Brasileiro. Tim só pediu uma coisa ao amigo: duas latas de leite condensado, que furou e foi mamando até São Paulo.

Chegou no fim da tarde de domingo e foi direto para a TV Record, onde era gravado o programa da Jovem Guarda.

Levou um puta susto quando chegou ao Teatro Record. Uma multidão de jovens, a maioria garotas, brancas e pretas, empregadas e patroas, lotava a calçada em frente ao teatro e gritava sem parar. Da Rua se ouvia a explosão dos aplausos à entrada de mais um jovem ídolo, as paredes do teatro tremiam com o som das guitarras, o programa já havia começado e Tim estava besta com o que via e ouvia. Aquele pessoalzinho do Divino, hein?

Não havia possibilidade de furar a massa juvenil até as portas de vidro fechadas e guardadas por policiais e seguranças. Tentou uma entrada lateral, onde também havia muita gente, a porta se abriu para alguém sair e ele explicou que era amigo de Roberto e Erasmo da Tijuca e...

Com a porta fechada na cara, gritou que Roberto tinha comido muito de graça na sua casa, que tinha ensinado Erasmo a tocar violão... e o pessoal em volta riu.

Humilhado e ofendido, com o coração batendo forte, ouvia as explosões de aplausos, risos e guitarras na jovem tarde de domingo. Como queria estar naquele palco! Só precisava de uma oportunidade, só umazinha, para provar que cantava mais que eles, que tinha mais suingue, mais volume, mais timbre, mais estilo, mais tudo do que eles. Juntos. E ainda cantava músicas melhores. E tudo em inglês perfeito!

Quando o programa terminou, a massa que estava na frente do teatro cercou a porta dos fundos. A polícia abriu um corredor para a passagem dos artistas até os carros, seguranças davam ordens e abriam caminho. Tim foi

envolvido, empurrado e quase derrubado pela jovem turba que gritava sem parar os nomes de seus ídolos, com blocos de autógrafos nas mãos; flashes explodiam, parecia um filme, coisa de Elvis Presley.

De longe, na ponta dos pés, viu passarem Erasmo e vários artistas que não conhecia, e finalmente Roberto. Gritou seu nome com toda a potência e volume de sua voz, mas não foi ouvido, abafado pela histeria ensurdecedora das fãs à passagem do garoto que ele tinha mandado embora dos Sputniks.

Com a saída dos últimos artistas, a massa se dispersou e Tim se viu perdido na noite de São Paulo, sob uma garoa fina, puto da vida e louco de fome, e foi para a pensão que Almir lhe havia indicado, na Rua Aurora, zona de putas no Centro da cidade.

Na noite do dia seguinte, conseguiu com Almir o endereço de Roberto Carlos e pegou um ônibus para a Rua Albuquerque Lins. Mas Roberto estava longe dali, talvez na Cantina Gigetto ou na boate Cave, cercado de amigos e garotinhas, comemorando mais um dia feliz. Na portaria de um prédio moderno e luxuoso, Tim contou sua história e sua urgência, mas foi barrado pelo porteiro. Roberto não estava em casa.

Aproveitando a saída de um carro da garagem e uma distração do porteiro, Tim entrou sorrateiramente, pegou o elevador de serviço, subiu até o apartamento de Roberto e tocou a campainha. A empregada não gostou nada daquela figura estranha, escura e esmolambada que viu pelo olho mágico. Tim contou sua história, ela gritou que o patrão não estava. Tim insistiu, fez drama. Contou que tinha viajado o dia inteiro e estava sem comer desde a manhã, só para falar com Roberto, era questão de vida ou morte.

Como Roberto não estava, ela consultou seu secretário-baterista Dedé, que também não conhecia nenhum Tim ou Tião da Tijuca. Compadecida, entreabriu a porta e ofereceu-lhe um prato de comida, que ele devorou com raiva, frustração e apetite. Agradeceu, pediu um trocado para a passagem e voltou para a pensão.

O paraguaio Juancito se chamava Juan Zenon Rolón e saíra de Ponta Porã

para São Paulo com 16 anos, para morar com uma tia e estudar. Mas logo abandonou a escola, onde os garotos zombavam de seu sotaque carregado, para fazer o que realmente queria: cantar boleros e guarânias.

Graças ao patrício Frankito conseguiu um teste e um contrato com o programa "Alegria dos Bairros", da Rádio Record, onde cantava sucessos de Lucho Gatica e Gregório Baixios se acompanhando no violão. Com 18 anos, começou a circular na noite paulistana, cantando em bares, boates e puteiros, estava adorando a vida boêmia.

A boate Cave, na Rua da Consolação, que apesar do nome feminino era chamada sempre de "o" Cave, era um ponto de encontro de artistas, grã-finos e intelectuais, tinha boa música ao vivo, bebida honesta e crédito flexível. A meia-noite eram apresentados shows de grandes estrelas da MPB, como o violonista Baden Powell e o Jongo Trio, que lotaram a casa durante um mês, e a inusitada dupla formada pela nova sensação do Rio de Janeiro, a baiana Maria Bethânia, sucesso estrondoso no show "Opinião", com o supermúsico alagoano Hermeto Paschoal. Juancito se divertia e aprendia, ganhava uns trocados e começava a achar que os seus boleros estavam fora de hora e de lugar. Muitos músicos e cantores da Jovem Guarda freqüentavam o Cave, que no fim da noite também recebia garotas de programa que queriam se divertir depois do trabalho.

Numa madrugada gelada num bar da Galeria Metrópolis, Juancito ouviu pela primeira vez o nome do homem. Almir Ricardi, que conhecia Roberto e Erasmo da Tijuca e às vezes participava da Jovem Guarda, anunciou:

"Ele vem aí! O homem é foda! É melhor que o Roberto, melhor que o Erasmo, que todo mundo! Ele teve um probleminha no Rio, esteve meio a perigo, mas disse que está vindo. O Tim vem aí!”

Até que uma noite ele veio. E Juancito foi à pensão onde Almir morava para conhecer o fenômeno. Não se impressionou muito com o mulato gordinho de cara redonda, de expressão ao mesmo tempo muito simpática e muito ameaçadora, que foi logo pedindo o violão a Almir. Quando soltou a voz, Juancito levou um susto, ficou paralisado durante toda a música, "Wonderful

World", de Sam Cooke, que Tim cantava como um negão americano, com um fraseado sinuoso e cheio de vibratos, gritos e firulas vocais. Pobre Juancito, que nunca tinha ouvido falar em soul nem em rhythm-and-blues e nunca escutara nada parecido com aquilo, feliz de Juancito que naquela noite pôde descobrir um novo mundo musical e ganhar um amigo para toda a vida.

O gordinho cantou outras, sensacionais, de Otis Redding e Ray Charles, Juancito ouvia tudo pasmo. Mas estranhava que Tim estivesse só com uma velha camisa de malha verde-musgo, uma surrada calça rancheira e, apesar do frio, chinelos gastos, que pareciam pequenos para seus pés. Quando Tim se levantou para ir ao banheiro, Juancito comentou com Almir que ele devia estar bem a perigo mesmo, o homem parecia um mendigo, ou quase.

"É tudo emprestado", esclareceu Almir. E contou que Tim fora preso por um "assunto" na Tijuca e "puxara uma etapa" na Lemos Brito.

Animados, Juancito e Almir falaram para ele da noite paulistana, da quantidade de bares, da grana que rolava, prometeram levá-lo ao Cave, depois que lhe conseguissem algumas roupas. Mas Tim não estava interessado em cantar em boate, queria gravar disco, ir para a televisão, queria ser grande. E logo. Precisava encontrar seus velhos companheiros Roberto e Erasmo, que não via desde que fora para os Estados Unidos. Precisava arranjar um jeito de cantar na Jovem Guarda. E rosnava:

"O mermão, o Roberto aprendeu tudo comigo, mas o Roberto é branco, mermão, branco não dá, o que ele tem é que me botar na Jovem Guarda, mas ele tem medo porque sabe que eu entro e acabo logo com a banca dele."

Se era difícil encontrar Roberto, era impossível falar com ele, sempre cercado por um monte de gente, secretários, seguranças e puxa-sacos. Tim achava que Roberto não queria chamá-lo porque a Jovem Guarda era um programa de bons moços e ele era o Tim que puxava cadeia e fumava maconha.

Tim sobrevivia graças a biscates musicais na noite e aos cachezinhos que ganhava para cantar no "S'imbora", programa de Wilson Simonal na TV Record escalado pelo amigo e produtor Arnaud Rodrigues. Quando a coisa apertava

procurava os velhos camaradas Erasmo, Jorge e Simonal na saída dos programas e mordia uma graninha.

Almir Ricardi batalhava para pegar a onda da Jovem Guarda e fez parceria com Tim para compor "O durão". E, graças a Erasmo, conseguiram gravar em um compacto na Som Maior, um selo da Fermata. Mas quem cantou foi Almir, e a repercussão foi zero. A primeira gravação que uma música de Tim Maia ficaria praticamente secreta:

"Que situação eu fui me meter, quis bancar o durão só pra aparecer, pensei em ser durão e quem sofreu fui eu.”

Com o domínio absoluto da TV Record nos musicais, a nova TV Bandeirantes precisava de jovens talentos para seus programas. E, entre mais candidatos, Tim foi escolhido pelo produtor Caetano Zamma junto com Os Diagonais, Fábio, Dave Gordon, Sérgio Reis, Rosa Maria, Almir Ricardi Os Megatons para fazer o programa "Quadrado e Redondo", apresentado por Débora Duarte. Foi lá que Tim conheceu uns garotos do barulho.

No camarim, o amigo Dave Gordon — um negão jamaicano que cantava calipsos — apresentou os três jovens paulistas e Tim os cumprimentou em com seu sotaque do Harlem, e eles pensaram que ele era americano. Depois de algumas frases em inglês, Tim achou os dois garotos alegres e simpáticos e a menina uma graça. Chamou-os para um canto e ofereceu-lhes um baseado irmãos Arnaldo e Sérgio Baptista e Rita Lee Jones adoraram, explodiram gargalhadas quando Tim acendeu, deu o primeiro tapa no baseado e passou a falar no mais puro carioquês, temperado por suas gírias de cadeia. Foi o primeiro tapa. No "Quadrado e Redondo" se apresentaram juntos várias com os Mutantes fazendo os backing vocais de 'Til be There", "Fandango' Whiter Shade of Pale", do Procol Harum. Entre tapas e gargalhadas, nascia grande amizade.

Mas a alegria dos cachezinhos durou pouco, os jovens não agradaram e ninguém queria patrocinar o programa. Tim estava de novo a perigo.

Tinha cada vez mais fome e menos dinheiro. Mas sobreviveu, comendo do

bom e do melhor, graças à generosidade de Roberto Luna, cantor de boleros, boêmio e dono da boate Molambo, na Rua Luiz Coelho, onde Juancito trabalhava como crooner e Tim dera algumas canjas com o violão. Luna gostava das baladas de Ray Charles que o negão cantava e, a pedido de Juancito, autorizou que ele fosse incluído na lista dos empregados que jantavam as seis da tarde: garçons, músicos, porteiros e seguranças.

Os cozinheiros caprichavam nos filés e nos peixes — os mesmos que serviriam ao seleto público da casa — os empregados começavam a longa noite felizes e de barriga cheia. Tim geralmente não almoçava, às vezes comia sonhos de padaria ou alguns quibes, por isso jantava dobrado. O gerente chegou a comunicar a Luna o apetite devastador de Tim e o correspondente prejuízo, o cozinheiro estava preocupado, e Tim sequer trabalhava na casa. Mas Luna achou graça, era cantor de boleros e biriteiro, mulherengo e sentimental, simpatizava com o gordinho de voz de trovão. Em época de vacas magras, muito magras, Tim engordava.

No Cave, aos sábados, havia um picadinho musical que começava na hora do almoço e entrava pela tarde. Tim era um dos mais assíduos no palco e na mesa da cozinha. Mas aquele sábado seria especial: uma feijoada em homenagem ao produtor e compositor Carlos Imperial, do Rio de Janeiro, que se dizia o descobridor e mentor de Roberto Carlos, tinha programas de rádio e TV e estava em São Paulo como diretor artístico da TV Tupi carioca, procurando novos talentos para a programação musical.

Tim partiu para o Cave com grande apetite: queria mostrar a Imperial que era o prato do dia, a feijoada completa. Vários jovens cantores e cantoras ensaiaram com o trio da casa e se apresentaram para o gordo Imperial, aboletado numa mesa de pista, de camisa havaiana e chinelos, falando alto e cercado de garotinhas e de amigos cariocas.

Tim cantou um Sam Cooke mais suingado e um Ray Charles ultra-romântico e arrasou. Diante dos outros, era um assombro, um profissional entre amadores. Mas Imperial não se impressionou: Tim era seu velho conhecido

desde o "Clube do Rock", quando ainda se chamava Tião. Sabia que ele cantava muito, mas sabia também que era encrenqueiro, maconheiro e que estivera preso. Tudo de que Imperial não gostava.

O gordo preferiu Juancito, que era branquinho e bem-comportado e cantou duas músicas animadas de Trini Lopez, pop americano com sabor latino. No dia seguinte, ele iria para o Rio de Janeiro com Imperial, para gravar um disco e fazer programas de televisão.

Com o nome trocado para Fábio, já que Juancito era inviável para um cantor de música jovem, o paraguaio foi morar no tríplex da família Imperial em Copacabana e gravou uma música sua em parceria com seu mentor, que tentava surfar na onda provocada por "Lucy in the Sky with Diamonds", dos Beatles, associada ao LSD pelo título e pela letra viajandona. Sem maiores sutilezas compuseram "Lindo Sonho Delirante", apesar de Imperial, que só bebia Coca-Cola, ser radicalmente contra drogas — ele era radicalmente a favor do sucesso, da promoção e do dinheiro. Um profissional. A música foi um fiasco total, apesar de toda a capacidade promocional e dos contatos do gordo com radialistas.

O jovem cantor teria uma segunda chance na gravadora, mas seu produtor sumira. Imperial estava preso na Ilha Grande, depois de mandar pelo correio, inclusive a vários generais e autoridades, um ultrajante cartão de Natal em que aparecia sentado numa privada e desejando "que Papai Noel não faça no seu sapato o que estou fazendo aqui".

Fábio só faria sucesso — e retumbante, nacional, dos grandes — seis meses depois, com a gravação da balada "Stela", feita em parceria com Paulinho, irmão mais novo de Imperial. A música se popularizou pelo efeito da voz ecoando várias vezes quando Fábio cantava "Stella-a-a-a-a" e fez tanto sucesso que depois virou moda nas transmissões esportivas e como vinheta da Rádio Globo-o-o-o-o.

Tim se virava, entre uma canja e um cachezinho, e conseguiu alugar uma casinha de dois quartos em Santo Amaro. Além do fogão e da geladeira velha, a

casa continuou quase vazia: sua mudança se resumia a uma sacola de roupas, outra com discos e fitas, e um violão. Comprou garfo, faca e colher, um copo, um prato e duas panelas, e tomou posse da primeira casa só sua no Brasil. Estendeu a esteira de palha no chão e dormiu feliz.

Mas os tempos estavam duros, receber o aluguel em dia era um sonho impossível da imobiliária arrependida, e encher a geladeira, o de Tim. Uma noite, numa boate, um músico conhecido veio chorar as mágoas, tinha sido despejado, não tinha para onde ir. Com a casa vazia, Tim vislumbrou uma oportunidade de juntar a fome com a vontade de comer e ofereceu-lhe abrigo, esperando uma graninha para ajudar no aluguel.

No dia seguinte, o colega chegou com a mulher e um caminhão de mudanças. Armários, cama de casal, televisão, mesa e cadeiras, sofá. Colocou sua geladeira ao lado da de Tim, quase sempre vazia.

Não foi uma boa idéia. Logo na primeira semana, fustigado pela escassez de grana e o excesso de fome, Tim assaltou a geladeira do casal, que dormia no quarto, e fez um sanduíche com tudo que havia dentro. Voltou a dormir na esteira, de barriga cheia e rindo baixinho com a descoberta de que estava roubando comida na sua própria casa.

No fim de 1967, com uma passagem descolada com a produção do "Show em Simonal", Tim foi ao Rio passar o Natal com a família e ficou sabendo que Roberto Carlos estava na cidade, no Hotel Excelsior.

Na subida do morro do Turano encontrou um pessoal antigo com coisas novas. Um comprimidozinho verde de anfetamina, chamado Dexamil, que qualquer farmácia vendia e deixava a rapaziada ligada a noite inteira. Tim tomou vários, não dormiu e só foi para casa de manhã, tomar banho e trocar de roupa. Trincando os dentes, movido a alta ansiedade, pegou um lotação rumo à praia de Copacabana. Ficou de tocaia no lobby do hotel.

Roberto não apareceu, mas sua mulher Nice passou, saindo para a praia. Alta, bonita e simpática, de pernas compridas e sorriso aberto, Nice não se assustou ao ser abordada por Tim. Rapidamente ele fez o pequeno discurso de

sempre, a Tijuca, os Sputniks, a amizade, o violão, a comida, estava precisando desesperadamente da ajuda de Roberto para gravar um disco. E entregou-lhe um rolinho de fita com duas músicas.

Nice já tinha ouvido falar nele. Roberto dizia que ele cantava muito mas era um doidão, mas ela o achou muito simpático, gostou do seu jeito malandro de falar, se compadeceu de sua sorte e prometeu interceder junto a Roberto.

Dias depois, graças a Nice e a Roberto, que mandou a fita para a CBS e o recomendou ao seu produtor Evandro Ribeiro, Tim era contratado para gravar o seu primeiro disco, com a balada "Sentimentos" e o samba-soul "Meu país" feitos nos Estados Unidos, pensando em Jeannie e sonhando com o Brasil.

"Sei bem que aprendi muito no seu país,
justo no seu país, porém no meu país,
senti tudo que quis,
pois vi como vivem todas as cores,
todas as dores, sem distinção de cor,
o amor existe enfim, no meu país."

Era um samba-soul sincopado, com uma ótima melodia e um arranjo de metais no estilo Motown, tudo imaginado por Tim e passado aos músicos de boca, já que não sabia escrever música. Mas o resultado final foi uma decepção Nos estúdios da CBS, com sua mesa de três canais, Tim começou a gravar e as sessões entraram pela madrugada, com grandes conflitos com os técnicos Tim reclamava que não ouvia na fita nem metade do que era tocado e cantado no estúdio. Acostumados a gravar sambas, boleros e rockzinhos, os técnicos da CBS não tinham noção de como gravar uma bateria soul, com suas batidas secas e seu bumbo pesado, não sabiam extrair brilho e nitidez dos metais, não conseguiam dar solidez e profundidade ao baixo.

Faltava grave, agudo, eco, volume, tudo na sua voz.

O som estava uma merda.

As rádios certamente concordaram e não tocaram, a imprensa ignorou, as

lojas não venderam e Tim foi dispensado da CBS.

Mas, graças a Roberto e Nice, Tim foi finalmente convidado a cantar na Jovem Guarda. Pena que as botas que Roberto tinha lhe dado, com a maior boa vontade, fossem bem menores do que o seu pé, mas mesmo assim Tim as usou na sua apresentação na TV.

Tinha certeza absoluta de que, quando soltasse a voz no meio daqueles galãzinhos suburbanos metidos a cantores, todo mundo saberia que ele era de outro mundo musical, muito melhor e mais sofisticado, que falava inglês e tinha morado cinco anos nos States.

Foi justamente o que provocou o desastre. A maioria absoluta do auditório da Jovem Guarda era de menininhas provincianas, que vibravam com os rocks e baladas de Jerry Adriani e Wanderley Cardoso e cultuavam os "irmãozinhos" Erasmo, Wanderléa e Roberto Carlos. Para elas foi um susto quando aquele mulato gordo de cabelos arrepiados e casaco de couro preto apareceu no palco, ninguém entendeu nada quando ele cantou dois souls em inglês, cheios de gritos e firulas vocais. Para o fã-clube dos cantores-galãs foi mesmo música de outro planeta.

Poucas e apressadas palmas, mais de alívio que de aprovação, marcaram sua saída. No caminho para o camarim, desapontado e furioso, ouviu Roberto anunciando do palco:

"E agora com vocês o meu irmãozinho... o tremendão Erasmo Carlos!”

Enquanto o auditório explodia em uma gritaria ensurdecedora, Tim chorava no banheiro.

O amigo Erasmo fazia o que podia, não só gravou uma boa música de Tim, "Não quero nem saber", no seu disco de 1968, como o chamou para fazer os backing vocais em todas as faixas de seu LP. A música renderia direitos autorais e, como as gravações eram pagas por hora, pela tabela da Ordem dos Músicos, quanto mais os vocalistas erravam, mais a gravação demorava e eles ganhavam.

Depois do estrondo nacional do clássico "Sentado à beira do caminho",

Erasmo surfava na crista da onda com o LP Tremendão, puxado por sua espetacular versão de "Vem quente que eu estou fervendo" e uma audaciosa gravação, com orquestra de cordas, da valsa "Eu sonhei que tu estavas tão linda", de Lamartine Babo. Erasmo era, junto com a nova sensação Chico Buarque, a maior estrela da pequena RGE, e usou todo seu prestígio com Manoel Lebendinger — o dono da gravadora — para conseguir uma segunda chance para Tim.

Desta vez ele gravaria duas músicas suas em inglês, como sempre quis e não o deixaram fazer na CBS.

Caprichou nos arranjos, nos backing vocais, nas interpretações cheias de suingue e sentimento.

Virou noites no estúdio Scatena gravando a bossa- soul "These Are The Songs" e a suingada "What do You Want to Bet?". Depois de muitos esforços e brigas, no final ficou muito insatisfeito com o som da banda e de sua voz. Os caras não sabiam mesmo gravar soul no Brasil. O disco foi ignorado por crítica e público.

Eduardo Araújo era um mineiro alto, magro e muito talentoso, uma das figuras mais interessantes na cena da música jovem em São Paulo. No Rio, dois anos antes, junto com Erasmo Carlos, Carlos Imperial e alguns músicos jockeys de rádios cariocas, Eduardo foi envolvido em uma confusão com menores de idade. E achou melhor dar um tempo na fazenda do pai, no interior de Minas, onde também se abrigou o gordo Imperial, até que as coisas esfriassem.

Elas esquentaram muito durante o retiro forçado da dupla. Sem o que fazer, eles compuseram dezenas de músicas, entre elas o grande clássico do rock brasileiro "Vem quente que eu estou fervendo” e o rock arrasa-quarteirão, "O Bom", que trouxe Eduardo de volta à cena em 1967 com um grande sucesso popular e lhe deu um programa semanal de televisão dedicado à música na TV Excelsior, para pegar a marola da Jovem Guarda, que se chamava O Bom

"Meu carro é vermelho,

só uso o espelho pra me pentear,

botinha sem meia,
só na areia eu sei trabalhar,
cabelo na testa,
sou o dono da festa,
pertenço aos dez mais...”

Eduardo estava fervendo em São Paulo, seu disco com as músicas, com Imperial na fazenda não só era muito bom como fez grande sucesso., além dos dois megahits, tinha vários rocks divertidíssimos, como "Viva” (que ainda não existia no Brasil), "Golpe do baú", "Cantor de iê-iê-iê", “O Bom" e uma surpreendente versão em rock pesado de "Peguei um Ita no norte de Dorival Caymmi.

Desde que o ouvira cantar pela primeira vez, Eduardo era louco pois adorava a sua voz e suas músicas, o seu jeito de cantar soul, fazendo e soltando gritos, se divertia com suas gírias de cadeia e sua simpatia.

Sempre o escalava para participar de seu programa de TV, garantindo-lhe um levadinho, sempre o anunciava com sincero entusiasmo, tinha grande admiração por seu talento, queria aprender com ele. Por isso, no início de 1969, o chamou para fazer as versões em português de petardos de James Brown, Ray Charles, Wilson Pickett, Smokey Robson e outras feras da black music para seu novo LP. Quase todas as faixas do LP seriam assinadas por Tim Maia, nome e sobrenome, que ainda defendera, cachezinho nos backing vocais. Mas o melhor de tudo é que Eduardo gravaria uma ótima música de Tim, a balada soul "Você":

"Você é mais do que sei
é mais que pensei é mais que esperava, baby
Você é algo assim é tudo pra mim é como eu sonhava, baby.”

A gravação ficou muito aquém do que Tim esperava, do que achava que ele mesmo poderia fazer. Apesar do poderoso repertório e das vigorosas interpretações de Eduardo, o disco não decolou, talvez porque fosse de soul mas tivesse o título de A onda do boogaloo, numa desastrada tentativa

da gravadora de emplacar uma nova dança. A música de Tim passou batida e a onda do boogaloo morreu na praia.

Tim era muito grato a Eduardo, gente boa, um amigão, mas a sua gravação de "Você" deixara muito a desejar. Eduardo era cantor de impacto, de porrada, de rock e soul dançante, o romantismo não era a sua praia. Afinal, quando compôs "Você", Tim pensava na voz doce de Roberto Carlos.

Antes mesmo do lançamento do disco de Eduardo, Tim conseguiu falar com Roberto e tentou marcar uma visita para o mesmo dia, para mostrar uma música que era a cara dele. O entusiasmo e a urgência de Tim desencorajaram Roberto, que tentou adiar o problema: seu gravador estava quebrado e não teria como ouvir a fita.

Não fosse por isto. Tim pegou o pesado gravador de rolo que tinha ganhado de Eduardo, botou nas costas e tomou um ônibus para a casa de Roberto e Nice, no Morumbi.

Romântica e apaixonada, Nice adorou a música, pediu para repetir várias vezes, enquanto Tim tocava a gravação de Eduardo e explicava para Roberto como deveria ser o arranjo de cordas e de metais, muito diferente daquele que estavam ouvindo. Roberto também gostou, mas não queria gravar uma música que estava sendo lançada por outro cantor. E pediu a Tim que fizesse uma mais suingada, mais agressiva, para o disco que estava gravando. Ele também estava louco por James Brown, Wilson Pickett, Ray Charles e Smokey Robinson e queria muito funk e soul no seu disco. Queria uma música forte, nada de amorzinho, podia ser sobre um cara que está de saco cheio e não quer mais ficar com a garota, quer lhe dar um esporro, um pé na bunda musical.

"Faz que eu gravo", prometeu Roberto.

Tim ficou puto, mas agradeceu e disse que ia fazer. Afinal, funk, soul, agressividade e esporro eram sua especialidade. Despediu-se, botou o gravador nas costas e Nice mandou o motorista levá-lo em casa.

Não sossegou enquanto não fez "Não vou ficar", já imaginando os ataques de metais e as respostas do coro, a levada do baixo e da bateria, as harmonias da

guitarra, o órgão uivando. Foi correndo, de táxi, para a casa de Roberto e cantou com o violão:

"Há muito tempo eu ouvi calado,
mas agora resolvi falar,
não tem mais jeito,
tudo está desfeito,
e com você não posso mais ficar, não!"

Era uma porrada. Roberto vibrou, começou a cantar junto com Tim, a música era sensacional, chamou Nice para ouvir. Logo aprendeu a letra, que era curta e grossa e ótima. Roberto cantava e Tim fazia as respostas do coro em falsete, imitava o som e o ataque dos metais, ensinava como deveria ser o pancadão do baixo, sincronizado com o bumbo da bateria e a porrada seca na caixa.

A segunda parte, ou a bridge, como dizia Tim, era um pouco mais leve e romântica, num ritmo mais lento, com o órgão Hammond gemendo:

"Pensando bem, não vale a pena,
ficar tentando em vão,
o nosso amor não tem mais condição,
não, não, não, não!"

Mas depois voltava ainda mais pesada e agressiva, com os metais em brasa, as respostas agudas dos vocais e Tim soltando os cachorros:

"Por isso resolvi agora,
lhe deixar de fora do meu coração,
com você não dá mais certo
e ficar sozinho é minha solução,
é solução sim!"

Soltava uma seqüência de gritos e risadas sarcásticas e fechava:

"Não tem mais solução, não, não, não!
não, não, não, não, não, não, não!"

Palavra de rei não volta atrás. Roberto não era bobo e gravou "Não vou

ficar" seguindo as idéias de arranjo e de vocais de Tim. A gravação ficou sensacional, com um Roberto diferente, mais adulto, saindo dos rocks divertidos e das baladas românticas e entrando no mundo negro, brabo e suingado do soul.

O petardo explodiu nas rádios e se espalhou pelo Brasil inteiro; na imprensa, as críticas à superficialidade e juvenilidade de Roberto se transformaram em surpresa e elogios, o público adorou as novidades. Com 28 anos, Roberto estava cantando melhor do que nunca e dava um salto de qualidade e maturidade, não só com "Não vou ficar", mas com os seus novos clássicos "Sua estupidez" e "As curvas da estrada de Santos", escritas com Erasmo, dois mergulhos de cabeça no blues e no soul. A coisa estava preta para Roberto, no bom sentido.

Para Tim, elas começavam a clarear. Com a música estourando de Norte a Sul, conseguiu um bom adiantamento da editora musical sobre seus direitos autorais. Roberto vendia muito, um milhão de discos ou mais, e Tim fazia as contas animado. A merda era que a editora ficava com 30%, para não fazer absolutamente nada a não ser receber a grana da gravadora e distribuir entre os compositores, provavelmente roubando muito nas contas. Assim que gravasse seu disco, faria uma editora musical só para editar as suas músicas, sem ter de pagar nada a ninguém. Ela se chamaria Seroma, as iniciais de Sebastião Rodrigues Maia.

Uma tarde, cruzando a Avenida São João, Tim reencontrou Juancito, já como Fábio, o sucesso do momento com seu megahit "Stela", que estava fazendo o circuito das rádios com o divulgador da gravadora.

“Pô, tu tá estouradaço! Deve estar comendo tudo que é menininha gostosa, mermão!", Tim ria e o abraçava.

Fábio tinha adorado "Meu país". Tim contou que tinha gravado um compacto na RGR mas o disco fracassara, porque era diferente de tudo que tocava nas rádios. E principalmente porque o som tinha ficado uma merda. Mas estava esperançoso. Teria uma nova chance, gravaria um compacto para a

Polydor, no ° e Janeiro, convidado pelo produtor Jairo Pires, que conhecera como técnico de som na CBS, nas turbulentas gravações de "Meu país" e "Sentimentos".

Anunciou que estava voltando para o Rio e mandou direto, na lata, bem no seu estilo:

"Posso ficar na tua casa?”

"Claro, Tim, mi casa es tu casa", disse o paraguaio, "aparece lá". Escreveu o endereço na capa de um disco, mas Tim ficou preocupado:

"Pô, mermão, manera aí, se alguém vê, vai pensar que estou te pedindo autógrafo, vai pegar mal para mim." Os dois estouraram numa gargalhada.

UM DROMEDÁRIO EM BOTAFOGO, 1969, 85KG

Uma semana depois, Tim tocava a campainha no apartamento que Fábio e seu empresário Glauco Timóteo dividiam na Rua Real Grandeza, em Botafogo, no sugestivo número 171. O movimento era intenso, o som sempre em alto volume, menininhas entravam e saíam dia e noite, atraídas pelo sucesso do cantor-galã e pelo charme do empresário conquistador.

Tim chegou com uma sacola de roupas, um violão numa capa de pano e um grande gravador de rolo, que imediatamente ligou para mostrar duas bases já gravadas de seu disco em São Paulo. Explicou que ainda faltava compor algumas músicas e finalizar outras, aquilo era só o começo. Fábio e Glauco ficaram chapados com o som, com a pegada de baixo- bateria funkeado, a guitarrinha R&B, o órgão Hammond gemendo. Tim também ficou besta: o Juancito tinha até secretário, um garotão chamado Betinho, que era um pau-para-toda-obra e um faz-tudo da casa. Quando Glauco o mandou à padaria, comprar pão, presunto, queijo e refrigerantes para o lanche do fim de tarde, Tim emendou:

"Então tu aproveita a viagem e me traz um sonho, tá, meu filho? Daquele bem gordo com bastante creme, traz logo uns três, traz quatro!”

Vários sonhos e sanduíches depois, caía a noite em Botafogo e Tim estava cansado, tanto das sete horas da viagem de ônibus como das emoções de voltar para casa, para alguma casa, para sua cidade.

O apartamento tinha dois quartos, um de Fábio e outro de Glauco, quase sempre acompanhados, onde dormiria o gordinho?

"Tu sabe o que é um dromedário, Tim?", perguntou Fábio.

"Pô, mermão, é aquele camelo de duas corcovas, mas qual é o lance?”

"Pois é, meu amigo", Fábio apontou para o velho sofá da sala, "este é o dromedário, vai encarar?”

O sofá tinha duas corcovas capazes de provocar desvios na coluna, mas Tim não se incomodou, sob seu corpanzil os calombos quase se nivelaram e em cinco minutos ele estava dormindo e roncando feliz.

Logo se adaptou à vizinhança, tornou-se íntimo de Ismael, dono da Padaria Paraíso, onde tinha crédito e fazia basicamente suas refeições, já que a empregada da casa era uma mulatinha alegre e gostosinha, mas cozinhava pessimamente, quando cozinhava.

Tim fora contratado por André Milani, presidente da Philips, sem nem ter sido ouvido. Por dois fortes motivos: primeiro, uma entusiástica recomendação dos Mutantes, e. em seguida, de Erasmo Carlos. O cara tinha que ser muito bom, pensou André, que comandava o time campeão da gravadora da moda.

Por isso mesmo, a fila do estúdio, na sobreloja do velho Cineac Trianon —- um cinema de sessões- passatempo —, era grande e havia muitas estrelas na sua frente. O tempo passava e Tim não gravava, o produtor ainda não decidira sobre o repertório, o estúdio trabalhava 24 horas por dia com três equipes de técnicos para atender a todo o imenso elenco de estrelas da Philips e da Polydor, a fila era imensa. Não havia outros estúdios disponíveis, cada gravadora tinha os seus, só para os seus contratados.

O dinheiro do adiantamento da gravadora se consumia em sonhos, empadinhas, croquetes e fitas de gravação. Sozinho em casa, Tim gravava e regravava vozes e músicas, ensaiava com as bases, imaginava arranjos. O entra-e-sai de brotos continuava, Glauco e Fábio aproveitavam a juventude, o sucesso e a recente chegada da pílula anticoncepcional ao Brasil, que provocara nas meninas o efeito de um festivo estouro da boiada, celebrando o fim dos séculos de medo e opressão. "Era um beber e um dar sem conta", dizia o poeta Vinícius de Moraes nas mesas do Antonio's.

E Tim sempre sozinho, com seu gravador, via com olhos compridos todas aquelas garotinhas gostosas, e mesmo as nem tanto, entrando alegres nos quartos com Glauco e Fábio. Depois ouvia risos, gemidos e gritos, ligava o

gravador e cantava com tristeza e raiva.

A única notícia boa foi o convite de Fábio, contra a vontade de seu produtor-empresário Carlos Imperial, para que Tim fizesse uma participação nos seus shows e garantisse uma graninha. Tim convencera Fábio de que nos Estados Unidos todos os bons shows tinham um opening act, para esquentar o público, e que ele era o homem certo para aquecer, e como!, os muitos shows que Fábio fazia na onda do sucesso de "Stela". Tim cantava "Meu país" e três ou quatro músicas em inglês com o trio que acompanhava Fábio, e o público delirava.

O tempo passava, as gravações atrasavam, as coisas estavam enroladas na gravadora, as garotas entravam e saíam, Fábio e Glauco Se compadeciam de Tim, sem dinheiro, sem disco e principalmente sem mulher.

Chegavam a pedir a algumas mais liberais que fizessem uma gentileza, na amizade.

"Dá um pouquinho pra ele, é um cara legal, vai ser um cantor muito famoso", pediam.

Em vão, elas preferiam esperar que ele estourasse.

E Tim continuava a perigo, louco de tesão para cantar, tocar, comer, foder, sozinho com seu violão e seu gravador.

Fábio e Glauco viajaram com os músicos para shows em Salvador e Recife. Não havia passagem para Tim, que ficou sozinho em casa com uma graninha para as despesas, terminantemente proibido de atacar a empregada. Sua primeira providência foi tirar folga do dromedário e se mudar para a cama de Glauco, depois de testar a de Fábio. Na parede em frente à cama havia um imenso pôster colorido de uma morena estonteante, nua contra o mar azul do Taiti. Nos lençóis e travesseiros ainda dava para sentir o perfume do broto degustado por Fábio. Tim se sentiu mais sozinho do que nunca, pegou no violão e começou a cantar.

Quando Fábio voltou da viagem, Tim ligou o gravador e disse que tinha feito uma música inspirado no pôster:

"*Ah, se o mundo inteiro me pudesse ouvir*
tenho muito pra contar, dizer que aprendi,
que na vida a gente tem que entender,
que um nasce pra sofrer, enquanto o outro ri.”

"Carajo, mermão!", gritou Fábio, aplaudindo "Azul da cor do mar" e abraçando Tim, "tu acabou de fazer a música da tua vida!".

Muito do azul daquele mar era do pôster, muito daquela tristeza era dos risos nos quartos e dos choros na sala, muito daquele momento se transformaria em um de seus grandes sucessos.

Em setembro de 1968, no Rio de Janeiro, o 3° Festival Internacional da Canção lotava o Maracanãzinho e tomava conta da cidade, transmitido ao vivo pela TV Globo. Uma das finalistas era o soul "Juliana", da nova dupla António Adolfo e Tibério Gaspar, que tinha estourado o megahit "Sá Marina" com Wilson Simonal no LP Quem não tem suingue morre com a boca cheia de formiga e emplacava um sucesso atrás do outro. Tibério conhecia Tim da lanchonete Vagão e, quando foi gravar a música com a sua banda Brazuca, às vésperas do festival, lembrou-se do amigo e, sobretudo, de sua voz. E o chamou para engrossar os backing vocais da gravação de "Juliana", no estúdio da Odeon, na Avenida Rio Branco.

E Tim engrossou mesmo. A Brazuca era um grupo montado pelo talentoso pianista António Adolfo e o letrista Tibério Gaspar no formato do Brasil 66 de Sérgio Mendes, com excelentes músicos, como o baterista-galã Vitor Manga e o baixista Luizão Maia, e duas cantoras bonitas, gostosas e que até cantavam bem. No estúdio da Odeon, quando abriram os microfones para a gravação dos backing vocais, todo mundo cantava mas só se ouvia a voz de Tim, quase tão alta quanto a das solistas Julie e Bimba.

Nos quatro apertados canais de gravação, o coro era gravado em um só microfone, não havia como separar a voz de Tim. O técnico tentou muitas vezes, pedindo que ele cantasse mais baixo ou se afastasse um pouco do microfone, em vão: sua voz pairava sempre acima e à frente das vozes das

garotas, mesmo nas partes em que ele cantava em falsete. E assim ficou gravado para a história, o primeiro backing vocal quase solo de Tim Maia.

Depois de várias sessões e incontáveis baseados, Tim conseguira gravar duas faixas com o produtor Arnaldo Saccomani, no estúdio Scatena de São Paulo: uma romântica, de Cassiano e Silvio Rochael, com os Diagonais arrepiando nos vocais como os Four Tops, e um samba-soul dedicado a uma certa Jurema, com letra em inglês, que Tim cantava

“Joo-rei-mah", saudando-a como "the queen of the jungle".

Gravadas as bases, acertou com Saccomani que os arranjos de metais e cordas seriam do maestro Valdir Arouca, capaz de escrever com fidelidade na pauta as frases e acordes que Tim, um analfabeto musical, lhe ditaria, tintim por tintim, com as frases de metais chupadas da gravação de Otis Redding de "Respect" pontuando o ritmo à la Motown em "Jurema" e as cordas românticas de Isaac Hayes em "Primavera". Depois era só os músicos tocarem e os técnicos conseguirem gravar.

No início de 1969, depois de três anos de jornalismo e crítica musical, com 24 anos, fui convidado por André Midani para produzir discos na Philips. Meu primeiro trabalho foi o LP da nova cantora e compositora Joyce, muito talentosa, que foi muito bem-sucedido. Em seguida, fui escalado para realizar um de meus grandes sonhos musicais, que me levara a aceitar o trabalho na gravadora: produzir um disco de Elis Regina.

Procurando novos compositores e músicas para oferecer a Elis, que estava querendo e precisando dar uma modernizada em seu repertório, entrei na sala dos produtores, na Philips, e estava tocando "Primavera". E, como todos que ouviam, fiquei chocado com aquela voz, aquela melodia sinuosa, aqueles vocais dissonantes, aquilo tudo era muito novo e muito bom! Jairo Pires, diretor artístico da Polydor, sorria orgulhoso e contava que era o mesmo cara que tinha feito o "Não vou ficar" de Roberto Carlos, virava o disquinho e tocava "Jurema", com um suingue empolgante, o tal do Tim Maia era mesmo sensacional. As duas músicas escancaravam o talento de Tim como crooner romântico moderno e

como o rei do baile e do suingue. Não havia nada parecido, nada melhor, nada mais novo no Brasil. Peguei um contato dele com Jairo para procurá-lo, torcendo para que ele tivesse outras músicas boas como aquelas para Elis gravar.

Marquei um encontro com ele no estúdio do Cineac, onde estava gravando com Elis, o pianista José Roberto Bertrami, o baterista Wilson das Neves, o guitarrista Luiz Cláudio Ramos, o baixista Luizão Maia e o percussionista Hermes Cortesini. Tim chegou simpaticíssimo, de violão na mão, sentou e tocou duas músicas, a segunda era "These are the Songs", metade em inglês e metade em português, uma parte em soul e outra em bossa nova. Elis e eu gritamos quase ao mesmo tempo: "É essa!”

"Toca de novo", Elis pediu, os músicos em volta prestaram atenção. No meio da música Elis já estava repetindo frases e fazendo contracantos, Tim esbanjava estilo e firulas, enchia a sala com sua imensa voz. Elis estava amando e odiando, invejando e admirando com todas as suas forças, como era seu estilo, competindo sempre.

A música não era difícil, as harmonias eram simples, as frases musicais raspavam o óbvio.

Enquanto Tim tocava mais uma vez, os músicos foram para seus instrumentos e começaram a encontrar os ritmos e acordes. Lendo a letra em um papel, Elis cantava com naturalidade, como se a tivesse cantado sempre. Na terceira repetição, Tim se limitava a fazer frases de resposta, gritos e scats, enquanto Elis dominava a melodia e a cantava do seu jeito, como se tivesse sido feita para ela.

Combinamos uma estrutura básica do arranjo, tantas vezes a primeira arte, tantas a segunda e o final.

Malandro, Tim chegou a propor que ele cantasse sempre a primeira parte, o soul, a melhor, e Elis cantasse sempre a segunda, a mais fraca, uma bossa nova meio chocha e previsível, mas a baixinha não era boba e combinou que eles se alternariam nas duas partes e cantariam juntos no final.

Fui para a técnica, Elis, Tim e os músicos colocaram os fones e gritei

animado no microfone:

"Gravando!”

Cantaram umas três ou quatro vezes, cada vez melhor, na técnica estavam todos eletrizados; mais que um dueto, a gravação estava se transformando em um duelo vocal entre dois monstros, dois estilos, duas escolas muito diferentes, cada um querendo cantar melhor do que o outro. Nas partes em que um solava, o outro fazia frases e comentários musicais ao fundo, depois trocavam, os músicos estavam adorando, era como uma tabelinha de Pele e Garrincha em que um tentava driblar o outro.

A gravação com Elis, que era a maior cantora do Brasil e a grande estrela da gravadora, estourou na mesa do presidente André Midani. E logo se espalhou por toda a companhia, foi recebida com grande entusiasmo no departamento de vendas. André mandou Jairo Pires acelerar as gravações e Tim partiu para São Paulo com os músicos.

Se ainda faltava alguma coisa para Tim era aquele impulso artístico e comercial da gravação com Elis, que também lhe renderia um bem-vindo adiantamento de seus royalties sobre as vendas, que a gravadora esperava que fossem espetaculares. Além de ajudar bastante no lançamento de seu primeiro LP, que ele estava terminando de gravar, enquanto o compacto de "Primavera" tocava o dia inteiro nas rádios do Rio de Janeiro e de São Paulo. A cama estava feita, Tim se livrava do dromedário, agradecia a Fábio e Glauco pela hospedagem e anunciava que estava alugando um apezinho em Copacabana. E comprando um colchão de molas.

A vida artística estava melhorando, mas a sexual continuava dura, duríssima, com Tim estourando de tesão e as garotas que freqüentavam o apartamento fazendo jogo duro. Entre elas, uma moreninha jeitosa e simpática chamada Janete, com quem Tim tinha levado um bom papo mas a quem fizera, ansioso e afobado, uma proposta pouco romântica:

"Vamos dar uma bimbadinha?”

"Nem pensar.”

Tim acreditava que, mesmo preto, gordo e cafajeste, quando fosse famoso, todas aquelas garotas iriam se oferecer para ele. E ele recusaria porque teria outras, muito melhores.

A festa de despedida foi uma caranguejada, preparada por Isaías da padaria, a pedido de Tim, que tentou pagar mas recebeu feliz a cortesia.

Houve fartura de cerveja, maconha e caranguejos, que, dois dias depois, ainda se escondiam debaixo dos sofás e de repente atravessavam a sala andando de lado e assustando os bebuns que visitavam a casa, como imagens apavorantes de um delirium tremens.

A EXPLOSÃO DO SOUL, 1970, 88KG

No final de 1969, com "Primavera" estourando nas rádios, Tim entrou no estúdio com a bola cheia. E o bolso cheio de bolinhas de anfetamina, além do habitual jereré, para varar noites e madrugadas gravando o seu sonhado primeiro LP.

Como o estúdio do Cineac estava sempre ocupado, Tim e Os Diagonais foram mandados para São Paulo e começaram a gravar no estúdio Scatena. Tudo como ele queria: pegava as baquetas e se sentava na bateria para mostrar como eram a batida seca na caixa, o bumbo pesado e a levada sincopada. Depois mostrava ao baixista os desenhos de ritmo e as seqüências de notas, com uma pegada suingada de quem dominava o instrumento, articulava o baixo com o bumbo da bateria, sentava-se com o violão e mostrava ao guitarrista as seqüências harmônicas, pedia ao perplexo organista um som "arenoso, estrelado", sempre reclamando que o som estava uma merda.

Tim se desesperava com a precariedade técnica, tinha provado o taste of honey da tecnologia americana e seu ouvido privilegiado era cada vez mais exigente. Ele não se conformava de não ouvir na fita o que tinha cantado e tocado no estúdio.

Eram apenas quatro canais de gravação, um para a "cozinha" (piano-baixo-bateria-percussão), um para guitarra, órgão e sopros, um para voz, e o resto da orquestra tinha que caber no canal que sobrava. A massa sonora tinha de ser comprimida, perdia peso, presença e definição, Tim achava que nem metade do que ele gravava passava para a fita. Os técnicos reconheciam que a qualidade de gravação que ele exigia era muito melhor do que aquela a que estavam acostumados.

Com Paulinho na bateria, Zé Carlos e Capacete no baixo elétrico, Guilherme na percussão, Cassiano na guitarra, Garoto no vibrafone, Carlinhos

no piano e no órgão e o próprio Tim no violão de cordas de náilon, fazendo a base harmônica, foram abertos festivamente os trabalhos.

Inúmeras sessões de gravação depois, o disco, finalmente, estava pronto, ou quase. Tim voltou ao Rio, para colocar as vozes com Jairo Pires no estúdio Cineac e gravar os arranjos de orquestra passados ao maestro Waltel Branco e OS harmoniosos vocais dos Diagonais, um quarteto formado por Amaro, Hyldon, -amarão e seu irmão Genival Cassiano, que, além de autor de "Primavera", era um grande cantor e mestre das vocalizações sofisticadas.

A complexidade artística e pessoal de Cassiano se harmonizava com seu estilo perfeccionista, seu rigor musical e seu pavio curto, que o levavam a freqüentes conflitos com seus companheiros de trabalho e, naturalmente, com Tim.

Depois de conturbadas noites e madrugadas no estúdio, Os Diagonais encerraram sua brilhante participação, que foi muito além dos vocais.

O grupo fazia muitos shows em Minas e na Bahia, e um dos números que mais divertiam o público era um xaxado de Luiz Wanderley, solado pelo paraibano Camarão, carregando no sotaque e contando as peripécias de um coronel nordestino que contrata um famoso pianista carioca para a festa de casamento da filha. Um dia, eles cantaram de brincadeira num ensaio e Tim adorou. Com o seu arranjo, o "Coroné António Bento" se tornou o primeiro xaxado-soul da música brasileira — e um dos maiores sucessos de seu disco.

"*Coroné António Bento, no dia do casamento,*
da sua filha Juliana, ele não quis sanfoneiro,
foi pro Rio de Janeiro,
convidou Bené Nunes pra tocar,
olêlê, olálá, neste dia Bodocó,
faltou pouco pra virar.”

Camarão emendava na segunda parte, carregando no sotaque cômico:

"Até Zé Macaxeira que era o noivo, dançou a noite inteira sem parar, que é o costume de todos que se casam, ficar doido pra festa acabar.”

O vibrato de Tim vibrava, a zabumba, o triângulo e a sanfona se misturavam com o órgão Hammond e a guitarra picotada de Cassiano, o Brasil nunca tinha ouvido nada igual. Parecia que o xaxado e o soul tinham sido feitos um para o outro — e os dois feitos para Tim Maia.

Faltava apenas gravar os arranjos de cordas do maestro Waltel Branco para as românticas "Eu amo você", também de Cassiano e Rochael, "Azul da cor do mar", "Risos", a canção de Natal de Fábio e Paulinho Imperial, e "Cristina", feita em parceria com Carlos Imperial, em homenagem a uma bunda.

A mulata Cristina tinha mesmo uma bunda fabulosa e era empregada da velha amiga Maria Gladys, dançarina do "Clube do Rock", que se tornara atriz de vários filmes do Cinema Novo e saíra do Grajaú para Copacabana. Tim subia até a cobertura de Gladys, chegava bufando e cantarolava com uma cara safada "vou ver Cristina", que acabou se tornando o refrão da sua música com Imperial.

Era tal o seu fascínio por Cristina e sua fabulosa bunda que ele implorou a Gladys que a convencesse a fazer-lhe uma visita para um "atendimento", estava disposto até a oferecer uma ajuda de custo. Gladys deu força:

"Dá pra ele, boba, tu tá dura mesmo, é rapidinho."

"Deus me livre!", se benzia a musa.

Nem quando ouviu a música pronta ela mudou de idéia.

Enquanto isso, como produtor das trilhas sonoras das novelas da TV Globo, eu corria atrás de boas músicas inéditas para a nova novela de Janete Clair, Irmãos Coragem, dirigida por Daniel Filho e estrelada por Tarcísio Meira e Glória Menezes. Era uma espécie de faroeste que se passava em garimpos no interior de Goiás, na fictícia Coroados, contando a saga de três irmãos. Jairo me sugeriu que fosse ao estúdio, talvez encontrasse alguma coisa no disco de Tim, que estava quase pronto, mas como o quase de Tim se alongava, acabaria saindo só depois do lançamento do disco da novela. Fiquei chapado com o som: há muito tempo não ouvia nada tão bom e tão novo, pela potência, pelo suingue, pela nova linguajem que misturava o xaxado com o soul e Detroit com a Tijuca.

Depois de encomendar músicas a ótimos compositores eu estava com um material inédito, mas ainda me faltava alguma coisa forte, de impacto, para personagem principal, o mocinho. Quando ouvi o "Padre Cícero", feita em parceria com Cassiano, com sua fusão de ritmos, fiquei eletrizado, a música era sensacional, seria perfeita para o tema do "João Coragem" de Tarcísio Meira.

Só que aquele refrão, repetindo o nome do Padre Cícero, e, pior, os gritos de Father Cícer" como um pastor gospel no final atrapalhavam tudo. A música do João coragem não podia falar em Padre Cícero e muito menos em Juazeiro. O resto da letra até que cabia no personagem, tinha um certo clima épico e heróico, seria quase perfeita. Mas a música e o arranjo eram tão bons que valia um esforço de imaginação. Procurei Tim e falei da situação e da oportunidade. E de uma idéia malandra.

Ele topou na hora. Onde cantava "Padre Cícero" ele cantaria “João Coragem", a métrica era praticamente a mesma, seria moleza, regravaríamos os vocais com Os Diagonais e eu apresentaria a música para Janete Clair e Daniel Filho como "João Coragem", de Tim Maia. Com pequenos ajustes, ficou perfeitamente adequada:

"No sertão do mapa, nasce um homem pobre,

porém muito jovem, porém muito jovem, todo mundo vai saber, quem ele é.

Este homem estuda, mesmo sem ajuda, se formou primeiro

e em Coroados [em vez de Juazeiro], todo mundo respeitou, o Padre Cícero [êpa!]

João Coragem!

João Coragem! [respondia o coro]

João Coragem! [gritava Tim]

Daí então tudo mudou, de reverendo, [êpa!]

de garimpeiro a lutador, desperta ódio e amor,

passaram anos pra saber se era bom ou se era mau,

mas ninguém até hoje afirmou.”

Janete e Daniel adoraram, se empolgaram com o balanço da música e a virilidade do novo intérprete. Certamente a canção contribuiria muito na composição do personagem, Daniel já a ouvia junto com as cavalgadas de João Coragem pelo sertão, a música tocaria sempre que Tarcísio aparecesse, e como ele era o galã da novela e aparecia o tempo todo...

Gol de Tim Maia! Dois gols com a mesma bola, já que era uma das faixas mais tocadas do disco da novela, um grande sucesso popular, e a sua versão original do "Padre Cícero" também foi recebida como uma das melhores músicas de seu esperadíssimo primeiro LP, lançado em junho de 1970. Mas logo os jornalistas começaram a notar as "semelhanças" entre a música e o arranjo que tocavam na novela e a que estava no seu disco. Tim não via nenhum problema em uma música com duas letras, era como o terno com duas calças que as Lojas Ducal anunciavam em promoção.

Ou uma variante da máxima de Wilson Simonal: "Em casa de saci, uma calça dá pra dois.”

Com o estouro nacional de Tim Maia, o soul tomou conta da cena. Como sempre, os nacionalistas musicais chiavam, como haviam feito diante de Pixinguinha, da bossa nova, da Jovem Guarda e do Tropicalismo, mas a caravana soul passava, levantando a massa e fazendo todo mundo dançar.

Baseado no R&B dos anos 60, na soul music da Motown e no funk de James Brown, mas já miscigenado com o samba, o xote e o baião, o soul brasileiro nasceu negro e internacional, romântico e suingado, destinado a se integrar definitivamente à melhor música popular do Brasil.

Tim era o carro-chefe, o ponta-de-lança e o arrasa- quarteirão da nova onda, mas, como o próprio nome indicava, o soul era uma grande e generosa alma musical capaz de abrigar diversos estilos e fusões. Como o da grande revelação universitária do ano, o também tijucano Ivan Lins, estudante de Química Industrial e integrante, junto com os alunos de Direito Luiz Gonzaga Jr. e César Costa Filho e o académico de Medicina Aldir Blanc, do MAU (Movimento Artístico Universitário).

Influenciado pela cantora americana The Ima Houston, além de Tim Maia, Ivan se apaixonou pelo soul, que passou a desenvolver à sua maneira, cantando com voz rascante e explorando fusões com o samba e os ritmos nordestinos.

Marcos Valle, de origem bossa-novista, foi outro ilustre compositor branco que aderiu ao soul, com "Black is Beautiful", gravada por Elis Regina, que teria um dos maiores sucessos de sua carreira com o samba-soul "Madalena", de Ivan Lins. Tim acendera o pavio e a bomba musical do soul explodia em todo o Brasil.

António Adolfo e Tibério Gaspar também eram compositores brancos da Zona Sul, de classe média e origem jazzística, que encontraram no soul o caminho para o sucesso, vencendo o 5o Festival da Canção com "BR-3".

Por incrível que pareça, a pacata Tijuca se tornava a capital brasileira da soul music. Além da gravação histórica de Roberto Carlos de "Não vou ficar", outro velho companheiro do bairro também fazia sucesso na onda do soul brasileiro: Jorge Ben, com as poderosas "Agora ninguém chora mais", "Negro é lindo" e "Que nega é essa", desenvolvendo seu estilo multirrítmico que, embora tivesse tanto de funk e soul, seria conhecido como samba-rock.

O Brasil era tricampeão mundial de futebol no México e o povo cantava e dançava do Oiapoque ao Chuí com o "País tropical", de Jorge Ben, cantado por Wilson Simonal, o rei da pilantragem, que rivalizava com Roberto Carlos como o cantor mais popular do Brasil.

Essa turma da Zona Norte, hein?

Outro grande sucesso popular de 1970 foi o pernambucano Paulo Diniz, com o soul de levada caribenha e sotaque nordestino "I Want to Go Back to Bahia". A música era ouvida como um apelo, nos limites da rígida censura, pela volta de Caetano Veloso do exílio, era como se ele cantasse de Londres pela voz rouca de Diniz, com um sotaque arretado:

"I donti wanti stay here, I wanna to go back to Bahia.”

Mas era entre os negros, sob a liderança pra lá de informal mas indiscutível de Tim Maia, que estavam as raízes e os galhos mais frondosos do

soul brasileiro. A começar pelo paraibano Genival Cassiano.

Um ano mais novo do que Tim, Cassiano nasceu em Campina Grande e veio garoto com a família para o Rio. Aprendeu a tocar bandolim e violão com o pai e trabalhava como ajudante de pedreiro antes de se dedicar totalmente à música, em 1964, com a formação do conjunto vocal Bossa Trio, que depois mudou de estilo e de nome e passou a se chamar Os Diagonais.

Um ano antes, o grupo gravara no selo Epic, da CBS, o seu primeiro LP, com versões em samba-soul de clássicos como "Na baixa do sapateiro", de Ary Barroso, a carnavalesca "General da banda", popularizada por Blecaute, e a novidade tropicalista "Batmacumba", de Gilberto Gil. Pouca gente notou o disco, mas Tim gostou muito e ouvia sem parar; logo se tornou amigo de Cassiano.

Apaixonado por conjuntos vocais, como Tim e João Gilberto, Cassiano trazia riqueza, audácia e complexidade harmônica ao soul brasileiro, como Tom Jobim trouxe à bossa nova. Cassiano estava para Tim assim como Tom estava para João. Com Cassiano as melodias se tornam sinuosas, o fraseado se rebusca e se sofistica, o preciosismo sonoro atinge níveis gilbertianos, não pela síntese mas pela exuberância das firulas vocais. Tim se divertia dizendo que era muito difícil cantar com Cassiano, porque enquanto dava uma nota o outro dava cinco.

No final dos anos 60, a Rhodia, gigante francesa dos fios sintéticos, tinha como estratégia de marketing no Brasil produzir luxuosos shows que misturavam moda, música e teatro. Criados pelo italiano Livio Rangan, os shows da Rhodia fizeram história e tiveram Nara Leão, Sérgio Mendes e Jorge Ben em sua primeira edição, que foi apresentada em Roma, Paris, Hong Kong, Beirute e depois em quase todas as capitais brasileiras, em espetáculos beneficentes. Era o momento mais aguardado da gigantesca Fenit (Feira Nacional da Indústria Têxtil), em São Paulo.

Em agosto de 1970, estreou o novo show da Rhodia, "Build Up Eletronic Fashion Show", estrelado por Rita Lee, momentaneamente separada dos Mutantes, depois de grande sucesso no Tropicalismo com Gilberto Gil e Caetano Veloso e muitas brigas com Arnaldo e Sérgio, que ela sacaneava chamando de

Irmãs Baptista, evocando as históricas Linda e Dircinha.

Com 22 anos, linda, loura e levíssima, Rita interpretava uma faxineira desengonçada que sonhava ser uma top model e, claro, conseguia triunfalmente, embalada pela orquestra do maestro Rogério Duprat e as músicas de Jorge Ben, do Trio Mocotó e do quarteto do guitarrista Lanny Gordin, as piadas de Juca Chaves e o sucesso do momento — seu velho amigo Tim Maia.

"Já estou até vendo, meu nome brilhando, e o mundo aplaudindo, ao me ver cantar, ao me ver passar mamãe, papai, I wannabe a star!”

Rita cantava de brincadeira, nascia uma estrela de verdade. Tim foi testemunha e cúmplice. E, claro, pediu Rita em casamento várias vezes.

As viagens foram divertidíssimas, e as viagens dentro das viagens mais linda: com um estoque de ácidos Green Steam, Purple Haze e Califórnia Sunshine, Tim fez a festa. Entre lisérgicos, canábicos e 16 top models lindíssimas, estava feliz como pinto no lixo. Como era previsível, acabou sendo flagrado torrando unzinho com Rita e duas modelos num camarim e foram todos ameaçados de demissão por Livio Rangan.

Um mês depois, após o sucesso do show da Rhodia, Rita Lee e Tim Maia foram as duas grandes revelações do ano, e juntos enfrentaram galhardamente uma prova de fogo: a entrevista de capa do Pasquim, que vendia 200 mil cópias por semana e era o grande porta-voz da esquerda carioca, com seu humor provocativo e irreverente.

Os entrevistadores do Pasquim eram Tarso de Castro, editor do jornal, o cartunista Jaguar, o diretor de teatro Flávio Rangel, o crítico musical Sérgio - abral, a jornalista Marta Alencar e o gaúcho Luiz Carlos Maciel, guru do underground, todos brilhantes profissionais e bebuns militantes nas noites cariocas. Um dos segredos da sinceridade e do sucesso das entrevistas era o porre que o entrevistado tomava com os entrevistadores — quando soltava a língua e os cachorros.

A única exceção entre os bebuns entrevistadores era Maciel, que adorava rock e não discriminava destilados, fermentados, canábicos ou lisérgicos.

Os entrevistadores insistiram muito, mas Tim e Rita só beberam água durante toda a conversa, muita água, porque estavam com a boca seca do baseado torrado no quintal da casa do Pasquim, em Botafogo.

O diálogo entre etílicos e canábicos foi difícil. Além disso, a patota do Pasquim, à exceção de Maciel, era extremamente nacionalista, do samba de raiz, da bossa nova e da MPB de oposição — e considerava o rock e o soul imperialistas e alienados, criticava suas letras sem conteúdo político, apesar da censura implacável, que só liberava metáforas tão sutis que ninguém entendia a "mensagem".

Acusados de copiadores de música americana e de alienação política, os dois anarquistas se fecharam, enrolaram e mentiram deslavadamente. Tim elogiou Cassiano, Ivan Lins e Marcos Valle e esculhambou o poderoso empresário Marcos Lázaro, que queria lhe pagar metade do cachê que ele recebia no Chacrinha. Rita falou bem de Caetano Veloso e Gilberto Gil e disse que suas cantoras favoritas eram Elis Regina, Nara Leão e Elza Soares. E declarou que a década da bebida tinha ficado para trás e que seu maior barato tinha sido a viagem que fizera na véspera, só não disse que tinha sido de ácido.

Em outubro, Tim foi convidado para fazer o show de encerramento do Festival Internacional da Canção (FIC), no Maracanãzinho, transmitido ao vivo para todo o Brasil pela TV Globo. Era a sua consagração como a grande novidade do ano, todo mundo gostava de Tim Maia. Além de um grande cantor, era muito simpático e divertido, estava quase toda semana nos programas musicais da televisão, as rádios do Brasil inteiro tocavam "Azul da cor do mar", "Cristina" e "Coroné António Bento" sem parar. Tim estava começando a ganhar muito dinheiro, podia comprar os instrumentos que quisesse e ajudar sua mãe e sua família.

O FIC, criado por Augusto Marzagão, já estava em sua quinta edição. Chegaram à final como favoritas "O amor é meu país", de Ivan Lins, "BR-3", de António Adolfo e Tibério Gaspar, com Tony Tornado — que Tim conhecera como Tony Checker, fazendo mímica no "Clube do Rock" —, e "Abolição 1860-

1980", com Dom Salvador e o grupo Abolição, todos negros e vestindo batas africanas. As três eram variantes da soul music, a febre musical do momento.

Junto com os amigos Rita Lee e Luiz Carlos Maciel, fui convidado para integrar o júri presidido pelo Chacrinha, que escolheria as vencedoras. Enquanto os jurados votavam, Tim, de smoking e acompanhado pela grande orquestra do festival, cantava "Azul da cor do mar" e "Coroné António Bento", e o Maracanãzinho lotado cantava com ele, o Brasil inteiro ouvia e aplaudia. O júri se divertia.

A MPB politizada que marcou o início da era dos festivais foi inviabilizada pelo AI-5 e abriu espaço para o soul branco de Ivan Lins e António Adolfo e o negro de Tony Tornado e Dom Salvador — deslocando o foco para as questões raciais. Também na onda negra, mas num espírito mais paródico e debochado, com um coral gospel de quarenta vozes, de batas cor de laranja, Erlon Chaves, o maestro negro de Wilson Simonal, levantava o Maracanãzinho com "Eu também quero mocotó", de Jorge Ben.

Por puro espírito anarquista, acompanhei Rita e Maciel votando no festivo "Mocotó", que era um nonsense alegre e suingado, com uma mise-en-scène sensacional, no meio de músicas de festival metidas a sérias. O resto do júri se dividiu entre as duas favoritas do público, o empolgante soul "BR-3", com o gigante negro Tony Tornado sem camisa e os vocais à la Motown do Trio Ternura, e o soul universitário de Ivan Lins, que tinha uma letra meio dúbia de Ronaldo Monteiro de Souza, que tanto podia ser percebida como uma adesão ufanista ao Brasil Grande da era Médici ou como a sua crítica, nos limites permitidos pela censura prévia. Acabou vencendo "BR-3", com "O amor é meu país" em segundo.

O terceiro lugar é que foi a maior surpresa. Embora não estivesse entre as mais populares, por critérios musicais e poéticos talvez fosse mesmo a melhor canção: um belíssimo blues pesado da mineira Suely Costa, com uma letra densa e sofisticada do poeta Tite de Lemos. "Encouraçado" era um comentário metafórico sobre a opressão da época, que recebeu uma arrebatadora

interpretação de Fábio e, maior surpresa ainda, lhe deu o prêmio de "Melhor Intérprete":

"Encouraçado nos meus agasalhos, nessa vaguíssima Avenida, nessa lentíssima espreguiçadeira, no seio desta tarde confortável...”

Ovacionado pelo público, pelo júri e pelos colegas, Juancito cantava emocionado e pensava em Tim, nos bastidores.

Em flashes de memória se via sendo convidado por Gutemberg Guarabyra, diretor artístico do Festival, para defender a música de uma dupla de desconhecidos, se revia mostrando a Tim sem entusiasmo a fita com o play-back da orquestra, e ele dizendo: essa música é boa, Fabiano, é muito boa, você tem que cantar assim, aqui você respira, aqui você reforça o vibrato, vamos lá, olha a dicção, mais uma vez, vamos lá, paraguaio, olha a porra do sotaque, deixa de ser preguiçoso, mais uma vez, vamos lá, comigo:

"Eu, bandoleiro, eu, o proscrito, eu, o fora-da- lei.”

Tim era um mestre rigoroso e incansável, durante horas ensinou o amigo como devia cantar aquela música, tintim por tintim. Uma parte daquela grande e surpreendente vitória era dele, que começava a pagar com juros e correção afetiva a sua hospedagem no 171 da Real Grandeza.

Depois do festival foram comemorar na Cantina Fiorentina, no Leme, ponto de encontro de artistas e jornalistas. Quando saíram do estacionamento do Maracanãzinho, Tim determinou que fechassem os vidros do carro, "vamos fazer uma sauna", disse, acendendo um baurete, "para não desperdiçar nada".

A viagem foi longa e a chegada triunfal, todos alegres, vitoriosos e muito à vontade, foram aplaudidos na entrada. Mas assim que sentaram e o garçom solícito veio tirar os pedidos, Tim ficou transtornado, virou um bicho ameaçado, parecia que tinha visto assombração:

"Não, não, não! Cai fora, mermão, se manda, careca!”

Fábio e Glauco se lembraram de uma outra ocasião com a mesma bronca. Tim tinha uma estranha fobia por garçons carecas, temia-os e odiava-os, expulsava-os aos gritos das mesas, como se fossem aves agourentas. Nem ele

sabia explicar direito por quê, um trauma qualquer perdido na memória, talvez algum garçom careca que o agarrara em criança, talvez um pesadelo recorrente ou pura doideira mesmo. Mas os pobres garçons calvos, como o gentil senhor da Fiorentina, eram tratados como inimigos.

"Ou troca o garçom ou a gente troca de mesa, Fabiano", Tim estava tenso, sério.

Com jeito, Glauco chamou discretamente o garçom perplexo e aterrorizado, inventou uma desculpa pela maluquice do amigo, pediu compreensão e um outro garçom, colocando uma generosa gorjeta no seu bolso. Era a primeira vez que ganhava uma gorjeta para não servir uma mesa.

DINHEIRO, CHOCOLATE E BAURETES, 1971, 90 KG

O pequeno Teatro da Praia não ficava na praia, mas a três quadras da Avenida Atlântica, num beco entre dois edifícios da Rua Francisco Sá, em Copacabana.

Antes de Tim, Elis Regina e Miele tinham feito uma temporada triunfal, o teatro era simpático, aconchegante e com boa acústica, mas tinha seus problemas. Por isso, depois de impressos os cartazes, a estréia de "O som e o sonho de Tim Maia" teve que ser adiada por duas semanas.

Além do show de Tim, o teatro abrigava uma peça infantil nos fins de semana e apresentava às segundas e terças o show Musiquente, com novas bandas de rock como O Terço. Tim não podia deixar montado o seu cenário e nem o seu equipamento de som, a cobra fumou e a cuíca roncou na sala do apavorado administrador do teatro, que foi ameaçado de processo por Tim, que deu uma semana para as produções alternativas desocuparem o palco.

A cena é difícil de imaginar, mas abria a matéria assinada pelo respeitado crítico Macksen Luiz no Jornal do Brasil de 22 de novembro:

"Às sete da manhã Tim Maia já estava na praia de Ipanema, correndo da Joana Angélica até o Leblon e voltando para dar a entrevista.”

Tim se preparava para o show, queria perder peso e melhorar o fôlego. Tinha l,73m, pesava 88 quilos e, com 28 anos, dizia se sentir com o vigor de 20 e uma experiência de 40, embora fosse apenas o seu primeiro show em teatro.

A esperadíssima estréia foi triunfal, fechada para imprensa e convidados, entre eles um muito especial: o maestro Severino Filho, do conjunto Os Cariocas, que Tim idolatrava desde adolescente na Tijuca e que era amigo de seu irmão Altivo.

Inicialmente prevista para duas semanas, a temporada se estendeu por três

meses, sempre com lotação esgotada.

As críticas foram excelentes; a exceção ficou com a Veja, que considerou o show uma decepção:

"Em cena, a pouco extrovertida figura de Tim Maia, fraco no domínio coreográfico, tropeça num texto dificilmente engraçado. O excessivo descompromisso toma conta do espetáculo (...) o repertório repete músicas suficientemente divulgadas do LP (...) o conjunto é de um amadorismo que lembra o início da jovem Guarda e há uma certa disritmia entre a sua vocalização e a do grupo diagonais.”

Na primeira parte, ele se apresentava só com um violão e um banquinho, cantando suas baladas em inglês e alguns hits românticos. Na segunda, entrava a banda formada por Robson Jorge, o Urubu, na guitarra, seu irmão Renato na bateria, Carlinhos Lemos no baixo, mais um percussionista, um pianista e um organista, com Os Diagonais nos backing vocais.

A banda atacava uma abertura empolgante, no estilo das estrelas da Motown, a pouco extrovertida figura de Tim entrava sorridente, agradecia os aplausos e abria a segunda parte do show:

"Tá todo mundo à vontade aí? Porque nós aqui já estamos!”

O público ria e se divertia, mas policiais da 14a DP, que estavam na platéia atraídos pelo sucesso do cantor, não acharam muita graça. Familiarizados com as gírias de bandidos e marginais, sabiam que "estar à vontade" era o código dos maconheiros para dizer que estavam doidões. Depois do show foram ao camarim, não em busca de autógrafos, mas de um flagrante de entorpecentes. Abriram caminho entre os fãs que esperavam na porta do camarim, bateram na porta, polícia!

Apesar do cheiro fortíssimo e dos olhos vermelhos, revistaram Tim e os dois músicos que estavam com ele e não encontraram nem uma bagana. Não dava para negar, mas também não dava para provar nada. A Tim restaram os lamentos por ter jogado na privada um precioso bagulho e aos tiras as advertências e ameaças:

"Desta vez tu deu sorte. Vamos ficar de olho em você.”

Em plena ditadura militar, sob o AI-5 e a presidência do general Garrastazu Médici, fumar maconha ou incentivar seu uso poderia dar penas duríssimas e até levar ao enquadramento na draconiana Lei de Segurança Nacional.

Tim sabia dos riscos, já estivera algumas vezes em cana, mas não podia dispensar os baseados que enrolava caprichosamente e fumava antes e no meio do show, mas não mais no camarim. Descobriu um porão nos fundos do teatro e, com seu talento lingüístico de dar novos significados a velhas palavras, anunciou ao pessoal da banda:

"Olhai, pessoal, eu descobri aqui no fundo, descendo a escada, um "garrastazu" pra se torrar unzinho na limpeza, sem dar bandeira." E passou a usar "garrastazu" para designar esconderijos, mocós e lugares secretos, porque considerava o nome do general-presidente acima de qualquer suspeita, limpeza absoluta.

Não adiantava muito, porque o futum da maconha subia e impregnava toda a área de serviço do teatro, que foi visitado várias vezes por policiais da vizinha delegacia, que sempre encontraram só fumaça. Tim estava ficando cada vez mais paranóico. Com os seus antecedentes, não podia se arriscar a tomar um flagrante, que ele chamava de "fragoroso", e a puxar uma cadeia no auge do sucesso, com a grana entrando, o disco vendendo e o público aplaudindo. Afinal, era tudo que ele sempre quisera, só que queria um bocadinho mais, Tim sempre queria um bocadinho mais, de tudo.

Começaram as gravações do novo LP e, uma tarde, André Midani fez uma visita surpresa ao estúdio acompanhado de executivos da matriz holandesa, interessados em ver de perto aquele fenômeno de sucesso e lucratividade, a máquina de fazer dinheiro que se tornara a Philips do Brasil. A companhia era uma seleção brasileira de música, com Elis Regina, Chico Buarque, Caetano Veloso, Gal Costa, Maria Bethânia, Tom Jobim, Nara Leão, Gilberto Gil, Jorge Ben, Wilson Simonal, Raul Seixas, Baden Powell, Ivan Lins, Hermeto Paschoal

e a fina flor da MPB em seu selo Philips e no selo Polydor, mais jovem e popular, Erasmo Carlos, Wanderléa, Fábio, Rita Lee, Os Mutantes e o fabuloso Tim Maia, que tinha vendido mais de 200 mil cópias e estava gravando o seu segundo disco.

Quando viu aqueles gringos de terno, falando inglês com o chefe, Tim escapou por uma escada de serviço para torrar unzinho no primeiro "garrastazu" que encontrasse. Entrou em um cubículo escuro e úmido, cheio de canos e bombas, e fumou tranquilamente seu baseado. Não só o estúdio como o andar inteiro foram invadidos por um futum de maconha, como nem nas ruas de Amsterdã se sentia. Tim nem desconfiava que o seu "garrastazu" era na central do ar- condicionado. André e os holandeses acharam a maior graça.

De volta ao estúdio, já muito à vontade, cumprimentou todos com simpatia e em ótimo inglês e André o apresentou aos holandeses sorridentes como o maior vendedor de discos da companhia.

Na gravadora, o disco era aguardado com grande expectativa, especialmente pelo pessoal de vendas. Tim era um fenômeno, vendia para homens e mulheres, brotinhos e madames, de A a Z. Críticas entusiasmadas saudavam o grande artista, as prensas da fábrica não paravam. Ele era o sonho de qualquer gravadora, juntava prestígio e popularidade, quantidade e qualidade, podia fazer o que quisesse. Mesmo porque seria impossível obrigá-lo a fazer o que não queria. Só tentar já seria perigoso.

Tim fechou 1970 numa boa, com a grana entrando, o teatro lotando, a proposta de um levado pesado para criar uma musiquinha, um jingle de 1 minuto, sobre algo que ele amava. A Associação Brasileira dos Produtores de Cacau queria fazer uma campanha promocional de seu produto e não poderia ter encontrado um intérprete com mais conhecimento de causa.

Como estava numa roda-viva de trabalho, sem tempo para maiores elaborações, Tim aproveitou toda a base harmônica e várias frases musicais de "país", que certamente o pessoal da agência de publicidade não conhecia, no jingle. Fez uma letra engraçada, gravou com o genial guitarrista Lanny e foi

aplaudido quando apresentou um dos melhores jingles da história publicidade brasileira, que se tornaria um dos seus grandes clássicos:

"Chocolate, chocolate, chocolate,
eu só quero chocolate,
não adianta vir com guaraná pra mim,
é chocolate que eu quero beber.
Não quero chá, não quero café,
não quero Coca-Cola,
me liguei no chocolate, eu me liguei,
só quero chocolate!"

Rita Lee, reintegrada aos Mutantes, voltou a viver grandes emoções com Tim, num festival de rock em Bauru, no interior de São Paulo. Todo mundo louco para dar um tapinha antes do show e Tim esquecera os baseados. A fissura era tanta que, no meio do show, no meio da música, Tim perguntou o público:

"Aqui não é a terra daquele sanduíche esperto, o bauru? Pois é, o b é muito bom mas eu estava querendo mesmo era um... bauruzinho, um baurete" implorava, fazendo o gesto de "empinar pipa" com a mão para a platéia perplexa, ninguém entendeu nada, mas depois do show apareceu um hippie doidão e conseguiu seu baseado, consagrando a palavra baurete, que seria um clássico do seu vocabulário, se integraria às gírias dos músicos e viraria título do LP Os Mutantes e seus cometas no país dos bauretes.

Chocolate passou a ser também o apelido secreto que Tim dava às barrinhas de haxixe marrom, que começavam a chegar ao Brasil com hippies europeus.

Misturava o baurete com o chocolate e oferecia aos amigos:

"Aceita um misto-quente?"

Tim adorava fazer os programas do Chacrinha, não só por se identificar com seu espírito anárquico, a sua animação e popularidade, mas porque lá encontrava as chacretes, deliciosas go-go girls tropicais, com suas bundas e coxas maravilhosas, dançando com ele no palco, enquanto o público fazia a festa

no auditório da TV Globo, disputando os bacalhaus jogados pelo Chacrinha.

Foi lá que ele conheceu a chacrete Marlene Morbeck, um mulherão de 1,80m, que o Chacrinha apresentava como "a Loura Sinistra". Era um colosso de mulher, gostosíssima, e Tim logo partiu para o ataque, propondo-lhe uma bimbadinha e, caso fosse necessário, o casamento. Marlene era fã incondicional de Tim, adorava suas músicas, admirava sua inteligência e seu charme, mas dizia que nunca deu para ele, se tornou uma de suas grandes amigas e confidentes para o resto da vida.

Marlene testemunhou a única vez em que a irreverência do Chacrinha se chocou com a de Tim.

Durante um programa, Tim cantava "Azul da cor do mar" acompanhado pelo auditório, quando o "Velho Guerreiro" mandou que seu assistente, o medonho Russo, fizesse com ele a brincadeira reservada aos galãs que cantavam no programa: um apertão na bunda.

Invariavelmente o galã se assustava e despencava do romantismo, e o auditório — e principalmente o Chacrinha — estourava de rir. Mas Tim não achou a menor graça, ficou puto, jogou o microfone no chão e saiu batendo pé e dizendo que não cantava mais naquela merda.

A produção do Chacrinha voltou a chamá-lo insistentemente para o programa, mas Tim estava irredutível. Um telefonema do "Velho Palhaço" para dona Maria Imaculada acabou resolvendo tudo, pedidos dela eram ordens e logo Tim estava de novo cantando no programa mais popular da televisão brasileira e reclamando do golpe baixo do "velho safado".

O sucesso estrondoso era pouco e Tim queria mais.

Seu segundo disco foi gravado com praticamente a mesma banda do primeiro, as novidades eram os dois jovens guitarristas, o baiano Hyldon, de 17 anos, e um garotão de 16, Paulinho Guitarra. Mas Tim não se contentaria com mais do mesmo, queria mais e melhor no formato baião-soul, com a sacudida

"Festa do Santo Reis", de Márcio Leonardo, e também lançaria um de seus maiores clássicos, "Não quero dinheiro (Só quero amar)", criando uma levada de samba-soul que se tornaria modelo para dezenas de músicas, dele e de outros compositores.

"Vou pedir pra você voltar, vou pedir pra você ficar, eu te amo, eu te adoro, meu amor, a semana inteira, fiquei esperando, pra te ver sorrindo, pra te ver cantando, quando a gente ama não se quer dinheiro, só se quer amar, se quer amar.”

Era também uma oportunidade para alguns acertos de contas e esclarecimentos. Tim fez questão de regravar "Você" e "Não vou ficar", não só para assumir os créditos de autoria, mas para mostrar aos que conheciam as gravações de Eduardo Araújo e Roberto Carlos como as músicas eram melhores na voz do dono. Não foi muito difícil fazer uma gravação da romântica "Você" superior à de Eduardo, mas, em relação a "Não vou ficar", há controvérsias. Além da poderosa performance vocal, Roberto já aproveitara muito bem todas as idéias de arranjo dadas por Tim e sua gravação se tornara um clássico, marcando a sua entrada no mundo negro do soul.

Tim também quis regravar "Meu país", com um novo arranjo e usando todo o tempo e os recursos que não tivera em sua primeira gravação na CBS. Nos novos estúdios Somil, em Botafogo, o pessoal da técnica começava a aprender a gravar soul. Ficou muito bom, mas como ninguém conhecia a gravação original, gerou um pequeno problema: todo mundo ficou achando que era parecidíssima com "Chocolate", um autoplágio, ou quase.

Do amigo Eduardo Araújo, que tanto o ajudara em São Paulo, gravou o vigoroso soul nordestino "Salve Nossa Senhora", em parceria com Carlos Imperial. E, fiel às suas origens bossa-novistas, deu uma interpretação soulful ao já clássico "Preciso aprender a ser só", dos irmãos Marcos e Paulo Sérgio Valle.

Outra ótima novidade do disco era "I Don't Know What to Do With Myself", outro samba-soul de ritmo contagiante, feito em parceria com Hyldon, vocalista dos Diagonais e presença assídua no Vagão.

O bar-lanchonete na Avenida Nossa Senhora de Copacabana, instalado em um vagão de trem cenográfico, era o Divino do soul. Lá, Tim se encontrava com Cassiano, Fábio, Tony Tornado, Hyldon, Glauco, Almir Ricardi, a dupla baiana António Carlos e Jocafi, Erasmo Carlos, Vanusa, as chacretes Cléo, Marlene e Mary Help, e, quando vinham ao Rio, o compositor Márcio Leonardo e sua mulher Rosiclér, uma louraça, esguia e muito alegre, que Tim conhecera em São Paulo e que se tornaria uma de suas grandes amigas e colaboradoras.

Hélio Matheus cantava com o trio da casa e no meio da noite cedia o microfone para que os compositores mostrassem suas novidades. Ali tiveram sua "première mundial" futuros sucessos como "Você abusou", de António Carlos e Jocafi, "Primavera" e "Azul da cor do mar".

A turma era animada e tinha até um jovem soulman chinês de São Paulo, chamado Jacques Wu, que cantava como um negão. O novo apartamento de Tim, na vizinha Figueiredo Magalhães, se tornou uma filial do Vagão.

Foi lá que ele reencontrou a moreninha jeitosa que freqüentava o apartamento de Fábio e Glauco. Janete de Paula, que não chegava a ser bonita, mas era muito alegre e simpática, toda gostosinha, que adorava dançar e balançou seu coração. Como já havia balançado antes o de Glauco e depois o de Fábio, com quem tivera breves romances em Botafogo. O mulato gorducho agora era o Tim Maia, o sucesso do momento, beleza já não era tão fundamental, a fama e a fortuna também atraíam admiradoras. Como Janete.

Mal o namoro começou, Tim insistiu tanto que Janete se mudou para o apartamento dele e, em seguida, para a Rua General Urquiza, no Leblon, iniciando um romance apaixonado e turbulento, movido a uísque, ácidos e baseados, pontuado por incontáveis brigas, rompimentos e juras de amor eterno.

Acompanhando o novo casal, as cachorras Tuia e Tila, duas pastoras alemãs que Tim tratava como filhas.

SWINGING IN LONDON, 1972, 94 KG

Depois de uma briga, para selar mais uma reconciliação, Tim e Janete partiram para Londres.

Desde o final da década de 60, a "Swinging London" dos hippies e dos festivais de rock, da moda psicodélica e do sexo livre, era a capital mundial da juventude e da liberdade e estava cheia de brasileiros que fugiam dos rigores da ditadura.

Lá estavam os exilados Caetano Veloso e Gilberto Gil, o empresário Guilherme Araújo, o artista plástico de vanguarda Hélio Oiticica, o poeta Jorge Mautner, os novos cineastas underground Júlio Bressane, Rogério Sganzerla e Neville de Almeida. Numa casa branca na elegante Belgravia Square, Tom Jobim escrevia a trilha sonora do filme inglês The Adventurers.

Mabel, namorada de Fábio, também estava passando uma temporada em Londres e foi a primeira pessoa para quem Tim telefonou logo ao chegar. Na recepção do hotel, já teve um bate-boca com Janete e nem subiu com a mala. Pegou um táxi e foi encontrar Mabel na butique Gipsy, na Kings Road.

Entrou na loja eufórico, não só por estar pela primeira vez em Londres, mas pelo bolso cheio, pelo sucesso no Brasil e, apesar de tudo, pelo romance com Janete:

"Quanto é que tu tá ganhando aqui?", foi logo perguntando a Mabel, e, sem lhe dar tempo para responder, propôs:

"Eu pago o dobro pra tu largar isso aqui e ficar só com a gente, rodando por aí, na ciceronagem, morou?”

"Good morning, lovely lady", Tim cumprimentou sorridente a moça que parecia ser a gerente da loja e, em seu inglês fluente com sotaque nova-iorquino, anunciou que ela acabava de perder sua funcionária. Ele estava contratando Mabel como sua assessora especial exclusiva.

"Lets go, Mabel, thank you very much, lady", Tim tirou uma maçaroca de notas do bolso e colocou 200 libras na mão de Mabel, mais do que ela ganhava em um mês, diante da lovely lady pasma.

"E só para as primeiras despesas, vamos pegar um táxi e encontrar a Janete no hotel, nós tivemos, humm, um pequeno desentendimento.

Gostei disso aqui, vou ficar um tempo, quero que você alugue um apartamento para nós. E se quiser pode ficar morando com a gente."

Mabel nem pensou em contrariá-lo. No hotel, Tim fumou um baurete, tomou um ácido e ligou para Fábio, no Rio:

"Alô, mermão! Aqui é só festa!", gargalhava. "Olha, já tirei a Mabel da loja, ela vai ficar com a gente direto. Aparece aqui, Fabiano."

Vários amigos receberam telefonemas semelhantes, com Tim às gargalhadas anunciando o aluguel do apartamento e convidando todos a visitá-lo.

Estava se sentindo no paraíso. Fumava-se maconha pelas ruas de Chelsea, nos shows, nas lojas e nos pubs, viajava-se de ácido nos parques, ouvia-se música em toda parte, garotas bonitas passeavam pela feira de Portobello com suas roupas coloridas. Melhor era impossível.

Alguns dias depois, já se sentindo em casa, conheceu na feira de Notting Hill um hippie muito simpático, bem doidão, que vivia numa comunidade macrobiótica, em uma fazenda perto de Londres. Lá eles tinham um laboratório artesanal onde sintetizavam LSD de fungos de cogumelos, que diluíam em água destilada e cujas gotas pingavam em uma folha de papel absorvente.

Eram cem gotas por folha, cada pingo uma viagem — e eles distribuíam em shows e feiras de Rua. De graça, porque não era um empreendimento comercial e sim uma missão político-espiritual que tinha como objetivo a "expansão da consciência", eram devotos do papa lisérgico Timothy Leary. Alguns mais radicais sonhavam em diluir grandes quantidades nos reservatórios de água da cidade, para desencaretar a população toda de uma só vez; outros ativistas se contentavam em abrir as portas da percepção ao maior número possível de pessoas, a transformação individual geraria a revolução coletiva,

acreditavam os mais politizados. Todo mundo viajandão. Naquela manhã gelada Tim ganhou do hippie uma folha com cem pingos.

Chegou em casa e mandou um para dentro. O cara tinha dito que levava uns vinte minutos para bater, mas como depois de meia hora não acontecia nada, Tim tomou mais dois. E foi para a cozinha cortar um bife para fritar à milanesa, uma de suas especialidades. Pouco depois o apartamento foi sacudido por um urro animalesco. Apavorado, Tim saiu correndo da cozinha e gritando que o bife estava rindo para ele.

Era o início de uma bad trip monumental que só terminou muitas horas mais tarde.

Notting Hill era um ponto de africanos, jamaicanos e brasileiros e foi lá que Tim conheceu Sandro, o rei dos ciganos.

De origem italiana, Sandro era um carioca muito louco, que tinha começado em 1966 como empresário da banda Brazilian Bitles, um quinteto suburbano que usava os mesmos terninhos e franjas do Fab Four e gravou o disco Os novos reis do iê-iê-iê. Aproveitando a onda da Jovem Guarda e empresariados por Sandro, fizeram incontáveis shows pelos subúrbios do Rio e por todo o Brasil e chegaram a gravar mais dois LPs com algum sucesso.

Até que um pavoroso acidente de carro quase o matou, deixando-o todo quebrado no hospital por dois meses. Depois de ver a morte de perto, Sandro jogou lar, família e trabalho para o alto e desbundou. Deixou a barba e o cabelo crescerem, trocou os sapatos de couro por sandálias de sola de pneu e o terno e a pasta 007 pela liberdade. Por sexo, drogas e rock-and-roll em Londres.

Sua bagagem era pequena: apenas uma sacola com algumas roupas e a sua velha maleta 007, não mais com contratos e recibos, mas abarrotada de maconha, carregada com tal naturalidade que não despertou qualquer suspeita na alfândega londrina. Em 1971, raios X e cães farejadores eram coisa do futuro, Sandrão era apenas mais um hippie chegando à "Swinging London".

Com quase 2 metros de altura, muito magro e com uma voz de trovão, Sandrão comprou um casaco de pele de carneiro e se instalou no porão de uma

casa em Notting Hill.

Sua primeira providência foi fazer uma política de boa vizinhança. Enrolou diversos baseados e saiu distribuindo pelas redondezas, com um sorriso e um caloroso aperto de mão: "i’m Sandro from Brazil." Acostumados ao haxixe caro e sonolento, os ingleses endoidaram com a potente "manga-rosa" brasileira, que Sandrão comprara a preço de banana numa favela do Rio de Janeiro. Repetiu a distribuição algumas vezes e logo se tornou uma das figuras mais populares do bairro. E da comunidade brasileira de exilados, artistas e doidões, todos hippies como ele.

Inspirado no disco Band of Gypsies, de Jimi Hendrix, Sandrão adotou a identidade de "rei dos ciganos", uma entidade muito louca que ele incorporava diante de ingleses e brasileiros assustados e fascinados, fumando imensos charos ritualísticos, falando em línguas estranhas e fazendo previsões apocalípticas.

O porão onde morava Sandrão tinha uma sala e um quarto com colchonetes e almofadas e recendia a incenso de patchuli. Estava aberto dia e noite para visitas, rituais, consultas e compras. Afinal, era preciso pagar a conta de tanta fartura e generosidade.

Às vezes Sandrão estava com amigos e, de repente, como quem recebe um choque, interrompia o papo e pedia silêncio.

"Dá um tempo, pessoal... O Jimi quer tocar.”

Sentado numa almofada na posição de lótus, Sandrão pegava um violão com apenas três cordas desafinadas, fechava os olhos e se concentrava para receber o espírito de Jimi Hendrix, ansioso para tocar.

"Woman! Woman! No no no no no! Baby baby baby", gritava, castigando as cordas do violão com seus dedos imensos, diante da platéia atônita.

Logo escolheu, entre várias garotinhas que freqüentavam o santuário, uma linda brasileirinha para lhe fazer companhia permanente. A menina tratava Sandrão como um mestre, cuidava da casa e de suas necessidades de cama e mesa, recebia amigos e clientes. Às vezes, quando alguém chegava e Sandrão estava no quarto, escornado de uma viagem de ácido, a gatinha pedia que

voltasse mais tarde, explicando com voz doce de devota que o mestre não podia ser perturbado:

'I’m sorry, Sandro is meditating.”

Alguns meses depois de chegar a Londres, Sandro voltou ao Brasil e repetiu a operação. Embarcou só com uma maleta de mão vazia e desembarcou com ela cheia de maconha. Fez uma festiva distribuição nos parques de Notting Hill e a vida continuou alegre e movimentada no santuário doidão do rei dos ciganos.

Tim Maia não poderia ter encontrado melhor companhia. O porão de Sandrão passou a ser o seu segundo lar em Londres.

Bem instalado num apartamento em Piccadilly, comendo e fumando do bom e do melhor, viajando de ácido de primeira classe, não fosse por algumas bad trips e pelas constantes brigas com Janete, tudo estaria perfeito para Tim. Em êxtase musical, realizou um de seus grandes sonhos, assistindo a um show de Ray Charles no Albert Hall, com Maria Gladys e Janete.

Num sábado à noite, num pub, Tim resolveu acompanhar Janete e Mabel em umas cervejas. A mistura com os vários bauretes do dia e com a rebordosa do ácido da véspera foi fatal: começou uma discussão com Janete, que o acusava de galinhar qualquer garota que aparecesse. Quando ela disse que tinha se vingado com um músico da banda, fosse verdade ou provocação, Tim virou bicho e estalou um tapa no seu rosto; Janete devolveu. Mesa virada, copos quebrados, gritaria, palavrões em português, ingleses apavorados. Em menos de cinco minutos entraram dois policiais de azul-marinho, de cassetetes na mão e pouca conversa:

"Go home! Now!", ordenaram.

Tim e Janete obedeceram, saíram e continuaram o bate-boca pelos três quarteirões do pub até em casa. Quando entraram no apartamento o pau comeu de novo, trocaram tapas e socos aos gritos, derrubando móveis e acordando a vizinhança. De novo a polícia foi chamada e a dupla de bobbies reapareceu.

"You again!", os ingleses estavam perdendo a fleuma.

Tim estava transtornado, com os olhos saltando das órbitas, cuspindo fogo. Que direito aqueles gringos branquelos tinham de se meter numa briga com a sua mulher? Encarou e engrossou, e pior, em inglês. O policial fechou a cara e deu dez minutos para Tim se acalmar, avisou que quando voltasse, se houvesse algum tumulto, o mandaria de volta para o Brasil. Imediatamente devem ter vindo à sua lembrança os seus dias em Daytona e a sua deportação, e ele achou melhor se acalmar.

Acordou mal-humorado, com uma ressaca devastadora, odiando os policiais em particular e os ingleses em geral:

"Isso aqui é uma merda, tô de saco cheio desses gringos, vamos para Paris!”

Entre a decisão-surpresa de Tim e a entrada no táxi se passaram pouco mais de 15 minutos. Janete e Mabel gostaram da idéia, colocaram algumas roupas numa sacola e se lembraram que as três camisas, três cuecas e a outra calça de Tim estavam na lavanderia. Era seu guarda-roupa completo. Ele não ligava para roupas, bastavam ser largas e confortáveis, vestia o que a mão pegava no armário.

A calça e a camisa da véspera jaziam imprestáveis no chão do quarto, imundas de cerveja e comida. Tim não se abalou:

"Então vou assim mesmo. E amanhã compro uma calça e uma camisa em Paris, compro logo uma porrada, compro a loja inteira. Vamos simbora que esses ingleses não estão com nada.”

Domingo em Londres, absolutamente tudo fechado, até os jogos de futebol eram no sábado, poucos táxis circulavam pelas ruas. Mabel conseguiu um pelo telefone e embarcou com Tim e Janete, dando beijinhos e arrulhando como dois pombinhos, rumo ao aeroporto de Heathrow.

Tim vestia um pijama de seda bordô, com bordados dourados nos punhos e na gola e um brasão no bolso, que Janete lhe comprara e ele adorava, se sentia um lorde inglês, "só falta o robe e o cachimbo", ria. Na falta de um robe, jogou uma capa de chuva por cima do pijama, calçou os chinelos de couro e, para

completar o figurino, acrescentou um guarda-chuva preto.

Em Heathrow, sacou a maçaroca de dinheiro do bolso do pijama e comprou as passagens. Estava muito à vontade.

"Não sei o que essa gente olha tanto, com todos esses árabes de camisolão e esses indianos de turbante, é o Brazilian Look, mermão.”

Só perdeu o bom humor quando o vôo para Paris foi chamado pelos alto-falantes. Tim detestava avião e concordava com Tom Jobim, não se podia confiar em algo inventado por brasileiro, mais pesado do que o ar e com motor a explosão. A caminho do portão de embarque, para criar coragem, parou em um bar e comprou três garrafinhas de uísque. Uma tomou no ato e as outras no avião. Foi fatal.

Chegou ao aeroporto de Orly cambaleando, amparado por Janete e Mabel. No táxi foi melhorando e chegou ao hotel de novo animado. Animado demais.

Só subiu ao quarto para torrar um baseado, mas logo desceu, sem a capa e à vontade de pijama bordo e chinelos, ansioso para conhecer o Champs- Élysées. Mesmo acostumada a hóspedes e trajes exóticos, a senhora da recepção nunca vira nada parecido.

Na calçada do Champs-Élysées, cheia de turistas, Tim admirava o Arco do Triunfo e as bandeiras tricolores desfraldadas ao longo da Avenida — respirava fundo o ar de Paris.

O trânsito estava parado, mas o sinal fechado para pedestres. Tim chamou Janete e Mabel para atravessar, pelo meio dos carros, tranquilamente, mas quando o sinal abriu e os carros avançaram, tiveram de voltar correndo para a calçada. O gendarme partiu em direção àquele estranho ser de pijama bordo, apitando e de dedo em riste.

"Monsieur não pode fazer isto!", gritou em francês.

Tim entendeu tudo: um guardinha de trânsito vagabundo estava querendo lhe dar uma esculhambação. E revidou em inglês, com uma chuva de impropérios. O gendarme pegou Tim pelo braço e o ameaçou de prisão.

"Qual é, mermão? Vai tirando essa mão de cima de mim", gritou em

português. Chamou Janete e Mabel, virou-se para o guarda e metralhou: "Por isso é que o Hitler invadiu essa porra, devia ter matado todo mundo", e se escafedeu.

"Isso aqui está uma merda, francês é muito metido", disse ofegante descendo o Champs-Élysées em marcha acelerada, "vamos voltar para Londres, lá que é a nossa casa."

Passaram no hotel para pegar as sacolas e pagar a noite que não dormiriam. A primeira e única visita de Tim a Paris durou apenas algumas horas.

De volta a Londres, numa bad trip de ácido, nova briga com Janete. Dizendo que ela era burra e não falava inglês, Tim duvidou que Janete conseguisse ir sozinha para o Brasil e foi dormir. Janete pegou a passagem de volta e dinheiro, fez as malas e tomou um táxi para o aeroporto.

Quando acordou e não viu Janete, Tim ficou louco, urrando como um animal ferido. Desesperado e com a roupa do corpo, o passaporte e a maçaroca de dinheiro, pegou um táxi para Heathrow.

Chegou um dia depois de Janete ao Rio e não descansou enquanto não a encontrou e a convenceu a voltar com ele para Londres.

Duas semanas depois, o replay: brigaram feio, e Janete pegou o avião para o Rio, Tim foi atrás e voltaram de novo para Londres. Na terceira vez, ela foi e não quis mais voltar. Nem ele. Tudo de Tim, que era quase nada, ficou em Piccadilly para sempre, junto com os aluguéis vencidos e as gigantescas contas de telefone.

A USINA DE SOM, 1972, 96 KG

De volta ao Rio, Tim guardou como um tesouro uma das poucas coisas que trouxera de Londres: duas folhas de papel com cem pingos de LSD em cada, presente de despedida de seu amigo hippie de Notting Hill. Cortou em quadradinhos com uma tesoura e colocou alguns no bolso da camisa. Pegou seu jipe azul sem capota, que dirigia sem carteira de habilitação, e partiu para o Centro da cidade, rumo aos escritórios da Philips, que ele chamava de Flips, na Avenida Rio Branco.

Começaria pela contabilidade, o departamento que considerava mais careta, onde só ia para buscar dinheiro e assinar recibos. Entrou sorridente, cumprimentando todo mundo, galanteando as funcionárias. Foi recebido como um rei, o pessoal da contabilidade sabia melhor do que ninguém que ele era o maior vendedor de discos da companhia, que pagava o salário e garantia o emprego de todo mundo.

Foi direto à sala do chefe, sentou, dispensou o cafezinho e tirou um quadradinho de papel do bolso da camisa:

"Sabe o que é isso aqui?”

Ele mesmo respondeu: "Isto aqui é uma dádiva divina que serve para abrir a sua mente, melhorar a sua vida e fazer você mais feliz. Não tem contra-indicações, não provoca dependência nem queda de cabelo e só faz bem. Chama-se LSD e toma-se assim": abriu a boca e engoliu um quadradinho.

Deixou o chefe da contabilidade boquiaberto, com um ácido lisérgico na mão. E partiu para o jurídico.

Tim detestava advogados, eram uns enrolões que ficavam falando bonito para tentar roubá-lo. Vinham sempre com aquela conversa de fazer um negócio que fosse bom para todo mundo e blábláblá e cada um entrava com a sua parte. Tim achava que sempre entrava com a bunda e a gravadora com o pau. Só

o LSD poderia dar a esses canalhas uma chance de redenção. Ele faria esta caridade. Missionário, repetiu com fervor o texto que dissera na contabilidade. E, diante dos dois senhores de terno e seus sorrisos amarelos, deixou um quadradinho na não de cada um, jogou na boca seu segundo ácido do dia e partiu para a sala de André Midani, que recebeu, agradeceu e disse que ia guardar para uma melhor oportunidade.

Com o disco estourado e o departamento de vendas em festa, Tim era tratado como um príncipe na gravadora. E ficava ainda mais à vontade para reclamar.

Um dia acordou de rebordosa, pegou o jipe e foi para a Flips. Estava puto com a capa do disco, a sua foto estava toda esverdeada. Onde é que já se viu mulato verde?

Entrou na sala de espera de André Midani e teve a agradável surpresa de reencontrar sua amiga Rita Lee, também puta da vida. A gravadora estava enrolando para lançar o seu segundo disco solo Atrás do porto tem uma cidade e ela estava com pressa. Os Mutantes a tinham posto para fora da banda, e ela queria mostrar às Irmãs Baptista que podia se virar sozinha.

Na gravadora achavam que o disco ainda precisava de retoques, davam sugestões absurdas de mudanças, não entendiam nada de rock-and-roll. Rita estava revoltada.

Tim tomou as dores da amiga e, diante do olhar aterrorizado da secretária de Midani, deu um pontapé na porta e os dois entraram na sala da presidência como Bonnie and Clyde. Destruíram prateleiras, quebraram vasos, despedaçaram discos de ouro emoldurados, jogaram o telefone na parede.

Na saída, Tim disse para a secretária paralisada:

"Avisa ao homem que a gente deixou uma lembrancinha pra ele.”

Pegaram o jipe e partiram para Copacabana, torrando um baurete, às gargalhadas.

O ano de 1972 começou animado, com a estréia de seu show no Teatro Opinião, no Shopping Center de Copacabana, o mesmo palco do histórico show

"Opinião", em 1964, com Nara Leão, Zé Kéti e João do Vale.

Tim acrescentou seus novos sucessos ao repertório, investiu pesado em uma boa aparelhagem de som e formou uma nova banda com uns garotos do Méier. Estreou com casa lotada, incendiando o verão carioca.

O Grão era um trio de rock pesado, formado por Pedrinho Periquito na guitarra, Paulinho Macaco na bateria e Barbosa no baixo, que fazia um som na onda do Grand Funk Railroad (que era puro rock, funk só no nome) e foi chamado por Tim para se juntar ao niteroiense Paulinho Guitarra na banda que o acompanharia no Opinião.

Separado de Janete, Tim se mudou para uma casa na quase deserta Estrada da Barra e levou com ele todos os Grãos. Os garotos tocavam o dia inteiro, desde de manhã cedo, sem vizinhos para reclamar. E o mestre não só pagava os táxis de ida e volta como adorava a bagunça, se sentia um iniciante empolgado, como eles. Só não gostava quando saía e na volta os encontrava tocando rocks pesados:

"Pô, eu saio e em vez de vocês ensaiarem ficam tocando esses rocks, isso é música de branco, mermão!”

O show era um sucesso, o disco vendia aos milhares, tudo ia às mil maravilhas. De ruim só as saudades de Janete, que se mudara para um apartamento na Avenida Presidente Vargas, no Centro da cidade. Tim continuava apaixonado, fazendo músicas para ela. Descobriu seu telefone e ligava todas as noites, com voz de veludo, jurando amor eterno, implorando que ela voltasse. Janete fazia jogo duro, estava namorando um músico.

Até que no dia 18 de março, no bar Leminho, na Avenida Atlântica, Janete encontrou Tim casualmente. Depois de rigoroso regime, ele estava 10 quilos mais magro e foi gentilíssimo com ela, que acabou aceitando o convite para visitar sua nova casa na Estrada da Barra.

De madrugada, Janete de Paula, de 24 anos, deu entrada no Hospital Lourenço Jorge, na Barra da Tijuca, com contusões, escoriações e hematomas. E entrou com queixa-crime contra Sebastião Rodrigues Maia na 16a DP por

agressão. A notícia era manchete nas páginas policiais dos jornais e nos programas matinais de rádio.

"Apanhei como nunca, doutor", disse Janete ao delegado Gastão Nascimento, que intimou Tim a comparecer à delegacia e avisou que, se não viesse, seria preso.

No dia seguinte, no horário marcado, Tim apareceu sorridente na delegacia, de braço dado com Janete e negando a agressão:

"Quem não deve não teme, doutor", disse com firmeza ao delegado, diante da imprensa. "O que aconteceu é que nós discutimos muito naquela noite, coisa comum na vida de um casal, a Janete disse que ia embora e quando saía da minha casa levou uma queda e machucou o olho, não foi, Janete?"

De óculos escuros e cabeça baixa, Janete confirmou:

"Olha, doutor, nós voltamos a morar juntos, fizemos as pazes."

Tim e Janete saíram abraçados e entraram no carro sob os flashes dos fotógrafos, o delegado encerrou o caso e, irritado, disse à imprensa que para ele aquilo tinha cheiro de golpe publicitário.

Era hora de entrar no estúdio para gravar o terceiro disco. Os trabalhos começaram animados, mas logo as gravações foram interrompidas porque Tim, finalmente, depois de diversas tentativas, conseguira um visto no consulado americano e ia realizar seu sonho de voltar aos Estados Unidos. E aproveitaria para comprar instrumentos e equipamentos de som, uma Gibson igual à de Carlos Santana para Paulinho, caixas Altec para o retorno, microfones Shure para a voz. O som dos sonhos.

De Nova York, mandou um cartão-postal dizendo que estava adorando, tinha encontrado todo o pessoal e ia comprar os equipamentos. Mas desembarcou no Galeão sem nada, só com Clyde, um pastor alemão branco.

No fim do ano, quando o disco saiu, só duas músicas se destacavam: a sua pedrada funk "Idade" e a romântica "O que me importa", de Cury, uma belíssima balada da Jovem Guarda. A repetição da receita não funcionou: "Canário do Reino" tinha a mesma pegada soul nordestina de "Coroné António Bento" e de

"Festa do Santo Reis", mas não emplacou. "O que você quer apostar?" era uma versão em português da sua velha "What Do You Want to Bet?" e a sua regravação de "These Are the Songs" dava saudades do dueto com Elis. As demais, todas dele, eram inexpressivas e passaram batidas.

Depois de seis meses no estúdio, Tim estava louco para tocar ao vivo. Mas por falta de teatros disponíveis, teve de fazer a temporada de vinte dias de seu novo show às cinco da tarde, no horário alternativo do Teatro Opinião.

"Eu acho que a melhor hora para se tocar é de manhã, às nove da matina, porque à noite todo mundo já está cansado. Como não dava para fazer nesse horário, resolvi fazer as vesperais", disse aos repórteres.

A temporada foi um sucesso e Tim começou a chamar novos músicos e a formar a banda dos seus sonhos. Tinha acabado de comprar um grande terreno no alto da ladeira do Sacopã, onde a Rua mudava de nome para Vitória Régia e proporcionava uma vista panorâmica da Lagoa, do Cristo Redentor e das praias de Ipanema e Leblon. Em volta só havia mato e alguns terrenos baldios. Mandou construir uma casa de madeira — um barracão de dois cômodos — para ser a sede da sua editora musical e a sala de ensaios da Banda Seroma.

Colocou um colchonete e alguns travesseiros no quarto e encheu a sala de guitarras, tumbadoras, bateria, amplificadores, microfones, órgão Hammond, piano elétrico e uma mesa de som. A rapaziada — alguns dos melhores músicos do Rio, como Luiz Carlos Batera, Paulinho Guitarra, Serginho Trombone e o saxofonista Oberdan Magalhães — tocava o dia inteiro. Júnior Mendes, Solange e Viviane faziam os backing vocais como neguinhas da Motown. Dois enormes cachorros viviam soltos no quintal, o pastor alemão Kaleche e Dick, um feroz fila brasileiro do tamanho de um bezerro, com quem Tim tinha grande afinidade. As sessões eram longas, mas nenhum músico saía antes que Tim terminasse o ensaio e prendesse os cachorros.

Em pouco tempo, a banda estava tocando com muito suingue e precisão os arranjos que Tim passava de boca, tocava nos instrumentos e os músicos anotavam na pauta. Entre bauretes e fartos lanches, entre funks, sambas e souls,

foram formatados as levadas e os timbres da banda que acompanharia Tim ao longo de toda a sua vida.

Mas os ensaios tiveram que ser interrompidos porque, na pressa, parte da casa fora construída no terreno do vizinho. O barraco teve de ser demolido, a nova Seroma foi reconstruída no centro do terreno e os ensaios recomeçaram.

Com a banda afiada, Tim começou a fazer shows em grandes clubes de subúrbio, Cassino Bangu, Bonsucesso Atlético Clube, Cascadura, bailões com entradas baratas e público predominantemente negro e jovem, rapazes de cabeleira black power e sapatos de plataformas "cavalo de aço", ternos cor-de-rosa, laranja e vermelhos, com imensas lapelas, fazendo coreografias de grupo ao som do soul, do funk e do charme.

Os DJs Big Boy, Ademir Lemos e Messiê Lima e as equipes de som Furacão 2000 e Soul Grand Prix arrastavam multidões para seus bailões suburbanos.

A pista incendiava quando Tim e a Banda Seroma detonavam hits dançantes como "Chocolate" e "Não quero dinheiro", e, quando as luzes abaixavam e os pares dançavam de rosto colado, Tim cantava com voz de veludo clássicos românticos como "Primavera", "O que me importa" e "Azul da cor do mar".

GOSTOS E DESGOSTOS, 1973, 100 KG

A alimentação era um item fundamental para o bom rendimento dos ensaios da banda e Tim se ocupava pessoalmente da produção. Com seu Altivo, na cozinha da Tijuca, ele tinha aprendido um trivial básico mas bem temperado. Depois, como não podia comer só pizza e hambúrguer nos Estados Unidos, acabou se exercitando na cozinha, quando havia o que cozinhar. Na sede da Seroma, nomeou Paulinho Guitarra seu assistente culinário e ensinou-o a fazer bolos, tortas e salgados, e logo estavam se alternando no forno e no fogão.

Tim gostava de ousar receitas próprias. Como no dia em que chegou com uma caixa de sorvete Kibon de morango, uma lata de leite condensado, uma lata de creme de leite, uma garrafa de groselha e uma Coca- Cola litro. Jogou tudo num pirex e bateu.

"Vai aí, galera?”

Poucos se encorajaram e Tim acabou comendo quase tudo sozinho, e depois deu as sobras para o seu fiel Dick.

Outra de suas receitas favoritas era a vitamina feita com biscoito maizena, goiabada, leite condensado e banana, batidos com leite no liquidificador. O mestre-cuca do soul gostava de fazer, mas geralmente preferia comprar pronta. Como Paulinho morava perto de uma loja de doces conhecida e apreciada por Tim, ele telefonava com as encomendas para o ensaio:

"Traz todas as queijadinhas que tiver. Todas.”

A doceira até já sabia: "Ah, tu quer as queijadinhas do Tim, né?", e embrulhava todo o estoque.

Só Tim Maia poderia transformar em um grande sucesso a mistura de guaraná, suco de caju e goiabada para a sobremesa. E também se divertia usando a gastronomia para sacanear os amigos quando, num telefonema, alguém pedia um endereço ou número de telefone:

"Então anota aí. Tá pronto? Lápis e papel na mão? Então lá vai: duas latas de leite condensado, três cocos ralados, duas dúzias de ovos batidos em neve...", e caía na gargalhada.

Tim sempre adorou comer e, com o apetite estimulado pelos bauretes, vivia em um estado de larica permanente. Mas estava preocupado: seu peso cruzara a perigosa barreira dos três dígitos, com reflexos perturbadores em sua vida sexual:

"O problema do gordo é que se ele beija, não penetra, e, quando penetra, não beija."

Ao saber que Carlos Imperial emagrecera 30 quilos com um tratamento revolucionário em uma clínica em Bonsucesso, pediu o endereço ao ex-gordo e se internou. Quando lhe deram o primeiro caldinho, se assustou: "Êpa! Que negócio é esse?"

Depois de uma semana entre sucos, folhas, papas e caldos, fugiu com a roupa do corpo em um caminhão de entrega de leite. E mandou que seu secretário Celinho Matos fosse imediatamente para a Churrascaria Carreta, em Ipanema, com o talão de cheques. Encontrou Tim cercado de pratos de arroz, feijão e batatas fritas, atracado com dois espetos mistos de carne, frango e porco e bebendo uma Coca- Cola litro. Tinha chegado ao meio-dia e só saiu às oito da noite.

Na primeira entrevista que deu depois do tratamento, cunhou um de seus aforismos imortais:

"Fiz uma dieta rigorosa, cortei álcool, gorduras e açúcar. Em duas semanas perdi 14 dias."

Depois da tentativa de regime, mandou Celinho comprar conjuntos de jogging para ele e toda a banda; tinham de fazer exercício, estar em boa forma para tocar bem, com fôlego e disposição. O máximo que conseguiu foi, durante algum tempo, ensaiar vestido de atleta.

Um dia, Celinho chegou à Seroma e Tim pediu que ele fosse comprar uns sandubas e umas Coca-Colas enquanto eles terminavam de fazer uma música.

Depois do lanche, anunciou, todo dengoso:

"Agora, Celinho Matos, Tim Maia e a Banda Seroma vão apresentar uma nova música para você.”

Quando a música terminou, Celinho a achou muito parecida com alguma outra que conhecia e falou:

"Não sei não, Tim, mas eu acho que essa música é prágio.”

Abraçado com Dick e torrando um baurete, Tim bufou, mas foi didático:

"Meu caro Celinho Matos, a palavra certa não é prágio, é plágio, com pê-ele, plá, plágio, Celinho!" E gritou: "Pega, Dick!”

Como um bólido, Celinho disparou e pulou o muro, com o cachorrão correndo e latindo atrás, e Tim e a banda se torcendo de rir.

A falha no português era perdoável, mas a acusação de falta de originalidade musical merecia um susto.

Tim começou o ano de 1974 feliz, ensaiando com a banda na nova casa alugada no remoto Largo da Barra, onde havia apenas um pequeno armazém e um boteco, e onde quase todas as ruas em volta ainda eram de terra. As gravações do quarto disco começariam em março, era preciso terminar algumas músicas, fazer novas e criar os arranjos. Tim estava muito confiante, havia feito o clássico "Réu confesso", também dedicado a Janete, um sensacional samba-soul que retomava e desenvolvia o formato criado com "Não quero dinheiro" e tinha cheiro de hit:

"Quero te dizer, se algo andou errado, eu fui o culpado, da separação.

Venho lhe dizer, que sou réu confesso, e por isso eu peço, peço o seu perdão.”

E mais: o seu velho companheiro Edinho Trindade, que conhecera nos Tijucanos do Ritmo, tinha aparecido com uma música espetacular, tão boa quanto "Réu confesso" e na mesma levada de samba- soul: "Gostava tanto de você" era outro big hit inevitável:

"Você marcou em minha vida,

viveu, morreu em minha história,

chego a ter medo do futuro,
da solidão que em minha porta bate,
e eu gostava tanto de você,
gostava tanto de você.”

Outras boas músicas, como "Compadre", "Over Again" e as românticas "Música no ar" e "Amores", embora não estivessem no nível dos dois clássicos, entusiasmavam igualmente Tim e os músicos.

A banda cresceu bastante com os teclados de Robson Jorge, Pedrinho Periquito e Cidinho, os baixos de Rubão Sabino e Barbosa, a percussão de Ronaldo nas congas e na tumbadora, Roberto no pandeiro e ganzá e o Dom Mitta no cowbell, e as guitarras de Paulinho e Neco. Os arranjos iam surgindo à medida que tocavam, a qualidade e criatividade dos músicos gerava muitas sugestões de frases musicais, de riffs de metais e de guitarra, de levadas e grooves, de harmonias vocais.

Fez um novo arranjo para a regravação de sua primeira e ingênua parceria com Roger Bruno, dos Ideais, a bossa-soul "New Love".

Cercado pelos melhores músicos que já tivera, em um ambiente de trabalho tão divertido que parecia lazer, entre bauretes e petiscos, Tim ensaiava com prazer na nova casa, para o novo disco. Com dois novos big hits na agulha.

No dia 28 de setembro Tim completaria 32 anos e faria um show na pequena Além Paraíba, no interior do estado do Rio, na região de origem de sua família, fechando as comemorações do aniversário da cidade. Seria um aniversário inesquecível. Para Tim e para a cidade.

Contratado pelo Lions Clube, foi recebido como um príncipe e instalado com os músicos no Grande Hotel, onde começou a sua comemoração dentro das comemorações, que se espalhou por bares e restaurantes e terminou com Tim voltando ao hotel cambaleante. E apagando no quarto.

O pessoal do Lions Clube, em pânico e desespero, foi ao hotel três vezes para tentar levar Tim para a Ilha do Loreto, onde o prefeito, as autoridades locais e 15 mil pessoas já haviam cantado "Parabéns pra você" para ele várias vezes e o

esperavam ansiosos havia mais de duas horas. Na quarta tentativa, foram vitoriosos. Ou quase, porque mesmo depois de um banho frio, Tim estava mais pra lá do que pra cá. Quando finalmente entrou no palco, trocando as pernas, a banda já estava tocando havia quase meia hora. Em vez de "Parabéns pra você", foi recebido com uma vaia estrepitosa.

O som estava pavoroso, não servia para 15 pessoas, quanto mais para 15 mil. Ninguém ouvia nada, nem no palco e nem na Praça. Com Tim bêbado e doidão, as luzes piscando e o povo gritando, foi um erro a banda atacar a introdução de "Primavera", como estava no roteiro original do show. O público além- paraibano não estava para romantismos e explodiu numa vaia tão forte que abafou o som que vinha do palco. Pelo menos não ouviram a enxurrada de palavrões que Tim disparou no microfone antes de sair de cena e deixar a banda tocando na fogueira.

Foi quando o delegado Ricardo entrou no palco e deu voz de prisão a toda a banda. Havia forte cheiro de maconha nos quartos do Grande Hotel. O público continuava a vaiar furioso, e as conseqüências seriam imprevisíveis caso os músicos fossem embora. O delegado achou melhor aceitar a proposta dos suspeitos para que a Banda Seroma improvisasse um show. O público enfim se acalmou e todos puderam voltar ao hotel sãos e salvos.

A essas alturas, Tim já estava longe, roncando no banco traseiro de um táxi, na estrada de volta para o Rio de Janeiro.

Os ensaios, rangos e bauretes na Seroma não paravam de receber convidados. Muitos músicos nem faziam parte da banda, apareciam só pelo prazer de tocar e aprender com bons músicos. Um dos mais freqüentes era um pretinho magrinho de Vigário Geral, todo bonitinho, que tocava piano, baixo e órgão, além de compor e cantar muito bem. Com 20 anos, Carlos Dafé tinha sido fuzileiro naval, isto é, da banda dos Fuzileiros Navais, e depois de dar baixa formou o conjunto Fuzi-9, que o levou aos Estados Unidos e ao Caribe tocando em um navio. Na volta, gravou um compacto na Philips, na onda do soul. O disco não chegou a acontecer, mas, levado pelo divulgador Paulo Murilo, chegou

às mãos e aos ouvidos de seu ídolo Tim Maia, que gostou muito do seu som e mandou chamá-lo.

A primeira visão que Dafé teve de Tim foi assustadora. Ele estava hospedado em um hotel no Lido, ponto de putas em Copacabana, e o recebeu completamente nu, felizmente debaixo de um cobertor com Janete. Ofereceu um uísque e disse que ficasse à vontade, estava contratado. No dia seguinte, Dafé já estava torrando bauretes e tocando entre as feras da Seroma — as musicais e as caninas.

Assim que chegou à Seroma, viu Tim mandar o caseiro comprar "três quilos de filé, um, um e um".

"Mas, Tim, não é a mesma coisa?", ousou perguntar o caseiro.

"O mermão, obedece quem tem juízo. É um pra mim, um pros cachorros e um pra banda."

Mais do que músicos e amigos, Paulinho Guitarra e Dafé se tornariam "carbonos" de Tim, servindo-o como devotos aos pais-de-santo. Compravam comida e bebida, buscavam levados, faziam companhia quando ele precisava, o ajudavam em tudo. Os outros músicos sentiam um pouco de ciúme, mas não tinham a paciência dos dois para enfrentar o turbulento estilo de vida Maia.

A caminho do programa de televisão Almoço com as estrelas, de Airton e Lolita Rodrigues, em São Paulo, Dafé, Paulinho e Luiz Carlos tomaram um ácido, se perderam e acabaram chegando quando o programa já tinha acabado. Tim bufava, feroz:

"Olha aqui, seus putos, eu não vou falar nada agora porque vocês estão muito sensíveis. Mas amanhã vai ser foda, vou esculhambar geral."

Depois esqueceu. Tim não queria mais saber de ácido. Andava com um vidrinho de mescalina orgânica, que não tinha anfetamina e não dava a ligação do ácido, só viagenzinhas suaves e coloridas.

O novo disco, que, como os três anteriores, se chamava Tim Maia e tinha um close dele na capa, caiu como uma bomba nas rádios, lojas e festas. Outra bomba foi a saída de Tim Maia da Polydor, xingando e batendo porta, atraído

pela proposta da RCA Victor de gravar um álbum duplo, naturalmente com um levado irrecusável.

Rompido com a Polydor, só mantinha contato para a divulgação do disco, mas com "Réu confesso" e "Gostava tanto de você" estourando nas rádios e nas paradas, isso não era a sua prioridade. Só pensava no seu álbum duplo.

Tim e a banda tomaram posse do estúdio da RCA, na Rua Barata Ribeiro, em Copacabana, nos fundos de uma galeria escura, entre cabeleireiros vagabundos, fábricas de bolsas e de biquínis e uma academia de halterofilismo. Os técnicos de gravação tremeram com a notícia da chegada de Tim Maia, o diretor artístico recebeu-o na porta como um rei e apresentou-o em todos os departamentos. Estavam abertos os trabalhos do seu sonhado álbum duplo.

Estava cheio de músicas novas, dele e dos amigos, quase todas ainda sem letra, repertório até para mais de dois discos, mas continuava compondo, aproveitando a maré de inspiração e o convívio com músicos tão brilhantes e criativos. Além dos intermináveis ensaios, nas horas vagas Tim visitava amigos músicos, como Rubão Sabino.

Junto com Tibério Gaspar, Rubão tinha alugado uma casinha no Recreio dos Bandeirantes, numa área lindíssima, com praias selvagens e ainda mais deserta e remota do que a Barra da Tijuca. Com Paulinho e Dafé em seu Chevette branco, Tim o visitava frequentemente, gostava da solidão do Recreio e da companhia dos donos da casa. Tomavam uma mescalinazinha e ficavam viajandões, conversando sobre discos voadores com Tibério e tocando com Rubão.

Com o pedido de desculpas de "Réu confesso", Janete parecia página virada e Tim encontrava um novo amor. Geisa era uma moreninha de tipo indígena, muito bonitinha, de 17 anos, que se chamava Maria de Jesus Gomes da Silva e viveu com Tim um romance intenso, turbulento e breve, que terminou com sua fuga para Campos, apaixonada por um jogador de futebol, deixando Tim devastado.

Para tentar fugir da dor, Tim compunha compulsivamente. Estava cheio de

músicas novas, românticas e suingadas, funks e souls misturados com samba e temperados com sabores latinos e caribenhos. A receita do mestre-cuca do soul era infalível. A direção artística e o departamento de vendas da RCA estavam em chamas com as primeiras notícias das gravações.

Gravaram várias bases, com Tim tocando violão e fazendo a voz-guia de músicas que só tinham melodias ou pedaços de letras ou apenas frases desconexas para marcar a cadência. Só uma delas, o reggae-soul "Que beleza", estava com a letra quase pronta. Outras ótimas eram dois samba-souls na seqüência vitoriosa de "Réu confesso" e "Gostava tanto de você", um soul latino de Fábio chamado "Adiós San Juan de Puerto Rico" e um espetacular funk-soul jazzístico de 12 minutos, entre George Clinton, James Brown e Stevie Wonder, temperado com sintetizador Moog, órgão Hammond e clavinet. Uma das favoritas dos músicos era uma balada soul feita para Geisa, entre Barry White e Man in Gaye, com um lindo arranjo de cordas e metais, um certeiro hit romântico.

No final das gravações, como se tocada pela música em um milagre de amor, sua amada Geisa voltava para seus braços. Mas grávida de seis meses do craque de futebol, que era casado e a abandonara.

Mas Tim ficou tão feliz com a volta de Geisa que não só a perdoou como foi muito atencioso e carinhoso durante a gravidez, e, quando o garoto nasceu, foi chamado de Márcio Leonardo, homônimo do compositor de "A festa do Santo Reis".

Estava aos pés de Geisa, a velha chama voltava a se acender e a incendiá-lo de paixão. Geisa ainda estava amamentando quando engravidou de Tim.

Era o seu grande sonho. Se com Léo, que nem seu filho era, ele tinha se descoberto tão afetuoso e paternal, com o nascimento de seu herdeiro, sangue do seu sangue, sua felicidade seria completa.

No final de julho, quase todas as bases já estavam gravadas, cada uma melhor do que a outra. Faltavam só as letras, mas isso não era problema para Tim, qualquer letra serviria, desde que tivesse as sonoridades e cadencias na

métrica certa. O assunto e o estilo eram secundários, bastava que as letras soassem bem. Tomou uma mescalina e foi visitar Tibério no Recreio.

Quando chegou, a mescalina estava batendo e Tibério entrando no banho. Sozinho na sala, folheou um livro sobre a mesa e achou tudo muito interessante.

Quando Tibério saiu do banho, Tim quis mais detalhes e teve muitos: o pai do letrista, um matemático respeitado, escrevera as orelhas do livro, era papo muito sério. Tim voltou para casa com um livro que mudaria a sua vida.

E a de Paulinho também. Dois dias depois, foi chamado por Tim, que precisava lhe falar coisas importantes, importantíssimas. Logo que entrou, Paulinho se surpreendeu ao encontrar Tim compenetrado na leitura de um livro, uma cena jamais vista antes. Aparentemente careta, o que também era espantoso, recebeu o amigo calorosamente, queria dividir com ele uma grande descoberta: finalmente tinha a resposta para tudo, quem somos, de onde viemos, para onde vamos.

Como Tim era ateu praticante e não acreditava em nada, Paulinho pensou que ele estava viajandão quando começou a contar o que tinha descoberto na leitura de Universo em desencanto:

"Nós somos originários de um planeta distante e perfeito e estamos na Terra exilados. Aqui, nós vivemos na animalidade, sujos e magnetizados, sofrendo nesse vale de lágrimas. A única salvação é a imunização racional, que se conquista lendo o livro e seguindo seus ensinamentos. Só assim podemos nos purificar e ser resgatados pelos discos voadores de volta a nosso planeta de origem: o Racional Superior.”

Paulinho estava viajandão e adorou a parte dos discos voadores, mas Tim estava careta e falava sério, como os que dizem que encontraram Jesus. Tibério o levaria a Belford Roxo, na Baixada Fluminense, onde morava o mestre Manoel Jacintho Coelho, sumo sacerdote do Racional Superior, que psicografava os livros do Universo em Desencanto e comandava os rituais de leitura, doutrina e purificação.

O EVANGELHO SEGUNDO TIM MAIA, 1975, 87 KG

No pequeno Chevette branco, Tim e Tibério partiram do paradisíaco Recreio para a calorenta Belford Roxo, na Baixada Fluminense, onde ficava o santuário do Universo em Desencanto. Durante a longuíssima viagem foram conversando sobre os novos caminhos e esperanças que estavam se abrindo para eles. E para outros artistas também. Tibério contou que o grande compositor de marchinhas de carnaval João Roberto Kelly, o respeitado bandolinista Luperce Miranda e o genial Jackson do Pandeiro, que haviam passado por momentos difíceis em suas carreiras, eram assíduos freqüentadores dos rituais e tinham melhorado muito de vida, graças ao Racional Superior, lendo o livro.

Seu Manoel tinha muitos poderes, dominava a farmacologia e o uso medicinal e espiritual de plantas, tinha dons divinatórios, capacidade de reverter feitiços e vibrações negativas, de abrir caminhos. E ainda cantava e tocava violão muito bem.

Tibério tinha levado António Adolfo a Belford Roxo, e o homem lhes dissera que, quando saíssem dali, iriam fazer uma música de grande sucesso, que os tornaria conhecidos até no exterior. E logo em seguida eles tinham feito "Sá Marina", um hit arrasa-quarteirão com Wilson Simonal, que depois foi gravada nos Estados Unidos por Sérgio Mendes e até por Stevie Wonder.

A casa era velha e modesta, com mobiliário escuro e pesado. Ao lado, havia um galpão de teto de zinco, transformado em um pequeno auditório com bancos de madeira, onde os fiéis liam o livro, se imunizavam e melhoravam de vida.

Seu Manoel Jacintho era um mulatão forte e rijo que não aparentava seus 70 anos e tinha quase 2 metros de altura. Todo vestido de branco, imponente como um babalorixá de candomblé, sua figura e seu vozeirão impunham respeito

até a Tim Maia.

Depois de uma longa conversa com o mestre e da leitura de um trecho do» livro, Tim estava tomado pelo Racional Superior. Aquele era apenas o primeiro livro, havia muitos outros a serem lidos e relidos, a conquista da imunização e o resgate pelos discos voadores eram um demorado processo, com regras rígidas de comportamento, disciplina e devoção. Após um ritual de descarrego e desmagnetização feito por seu Manoel, Tim recebeu uma calça e uma camisa brancas e não voltou para casa.

Na gravadora estavam muito preocupados, era o terceiro dia que Tim não aparecia no estúdio nem era encontrado no seu apartamento em Copacabana, na casa do Largo da Barra ou na Seroma, ninguém sabia dele. Tim estava muito longe dali, na Baixada Fluminense, numa casa simples em uma Rua de terra, totalmente careta, se sentindo feliz e em paz como nunca. Todo vestido de branco, lia o livro com fervor em coro com os outros devotos e se convertia ao Universo em Desencanto, sob a inspiração do Racional Superior encarnado em seu Manoel Jacintho.

Em transe místico, lendo o livro sem parar, Tim reuniu a banda e partiu para São Paulo para fazer, ao lado de Rita Lee, Chico Buarque, Maria Bethânia e Elis Regina, o show de abertura do Teatro Bandeirantes.

Rita abriu a noite deslumbrante, em um macacão dourado colante, fazendo quatro músicas com sua banda Tutti Frutti e um som pavoroso. Tim entrou em seguida, nervoso, não conseguia ouvir nada direito, o som era uma maçaroca em seus ouvidos, para o público era pior ainda, só se ouvia a voz de Tim e a guitarra de Paulinho, era como se a Banda Seroma não tivesse metais.

Mesmo assim não reclamou, a não ser por alguns gestos impacientes para a mesa de som, cantou impecavelmente "Réu confesso", "Primavera" e "Gostava tanto de você", acompanhado pelo público. Antes da última música, agradeceu a todos e falou sério:

"Eu estou lendo um livro muito importante que queria recomendar a todos vocês. Se chama, escandiu bem as sílabas, Uni-ver-so em de-sen-can-to e nele

vocês vão saber a verdade sobre quem somos, de onde viemos e para onde vamos." E atacou com a banda:

"Uh, uh, uh, que beleza, que beleza é sentir a natureza...”

Reapareceu no estúdio como um outro homem. De cabelo cortado e de cara limpa, todo de branco, com uma camiseta com estranhas imagens de portas que se abriam para o infinito. Estava tão calmo e cordial que parecia estar brincando quando disse que o disco ia mudar radicalmente, assim como tinha mudado a sua vida, e explicou didaticamente aos músicos perplexos:

"A Cultura Racional não é uma seita ou uma religião ou uma doutrina. É a verdadeira luz da humanidade, é a explicação para todas as perguntas da existência respondidas por uma força sobrenatural chamada Racional Superior pelos livros do Universo em desencanto. Leiam o livro, vocês vão encontrar resposta para tudo.

O álcool, a maconha, o ácido e o cigarro são coisas do demônio, vocês estão magnetizados mas podem se salvar pela imunização racional.”

E começou a distribuir livros aos músicos e técnicos, deu até para a moça do cafezinho e para um mensageiro que fora entregar um envelope. Anunciou aos músicos que estava fazendo novas letras para as bases já gravadas, não mais sobre sexo, drogas e amores, mas dedicadas a divulgar a verdade libertadora do Racional Superior. Dali para a frente só faria música devocional, o gospel racional de Tim Maia.

A primeira a ser adaptada foi o reggae-soul "Que beleza", que já estava quase pronto e falava de natureza e coisas bonitas. Apenas com a troca de algumas palavras e frases, serviria perfeitamente como veículo de uma mensagem de fé e esperança do Racional Superior. Bastava acrescentar o subtítulo de "Imunização Racional" e seria a faixa de abertura do disco.

"Que beleza é sentir a natureza, ter certeza pra onde vai e de onde vem, que beleza é vir da pureza, e sem medo distinguir o mal e o bem, uh uh uh que beleza!”

Assim que gravou as primeiras novas letras, Tim foi correndo levar a fita

para seu Manoel Jacintho. O mestre adorou e, sentindo ali um grande potencial para a divulgação da seita, estimulou Tim a fazer outras músicas ainda mais explícitas sobre a Cultura Racional, falando sobre o livro e seus ensinamentos. O processo de imunização exigia dedicação total, era preciso se libertar do mundo material e fazer de sua música um instrumento da vontade do Racional Superior.

O apartamento da Figueiredo Magalhães estava vazio. Tim doara tudo, inclusive fogão e geladeira, ficando só com um colchonete. Levou seu equipamento de som para Belford Roxo e doou ao Racional Superior. Era um santo homem dedicado a semear o bem, um asceta em busca da pureza e da iluminação pela imunização racional, que o livraria de sua animalidade e de seu magnetismo e o levaria de volta ao seu planeta de origem na nave pilotada por seu Manoel Jacintho.

Tim tinha certeza de que estava no caminho do bem. E queria companhia.

No estúdio, começou a cobrar dos músicos se tinham lido o livro. Alguns tinham folheado, outros mentiram, mas ninguém entendeu nada. Tim foi claro: a banda passaria a se chamar Banda Seroma Racional e para continuar tocando com ele os músicos teriam de se converter ao Racional Superior, participar de leituras em Belford Roxo, andar de branco, não fumar maconha nem cigarro, não tomar ácido nem beber álcool. A carne vermelha estava banida e o sexo era só para procriação. Quem não aceitasse estava fora e quem se convertesse mas fosse flagrado em qualquer transgressão seria expulso imediatamente. Seu Manoel Jacintho ganhava 11 novos devotos, uma seleção carioca de música.

Os músicos bem que tentaram ler o livro, mas era uma doutrina muito louca até para o padrão Maia, um bestialógico absolutamente ininteligível, que de racional não tinha nada, muito pelo contrário. Mesmo assim, mais no emocional do que no racional, alguns mergulharam de cabeça no Universo em Desencanto. Outros, menos crédulos e mais práticos, fingiam que acreditavam porque estavam adorando tocar músicas tão boas em tão boa companhia, e apesar das novas regras tão duras acharam melhor continuar gravando, fazendo shows com Tim e recebendo o seu levadinho.

Alguns músicos ainda davam uns tapas em seus bauretes e tomavam seus gorós longe dos olhos de Tim, porque nos ensaios e gravações a caretice era obrigatória e radical. Logo na chegada, ele farejava bocas e roupas, procurava olhos vermelhos, seria muito perigoso tentar enganar alguém com a sua expertise no ramo.

Acabaram-se as laricas e comilanças. Tim rapidamente perdeu vários quilos, ganhou uma aparência muito saudável e uma energia avassaladora. Com 32 anos, sem fumar nem beber, comendo peixe, frango e saladas, acordando e dormindo cedo, os reflexos em sua voz foram imediatos. Um fôlego e uma potência, uma clareza e uma riqueza de timbres que saltavam aos ouvidos.

Estava cantando como nunca. E com grande disposição para terminar de gravar os seus dois discos, que teriam o título de Racional Superior I e II. Os músicos estavam empolgados com a boa forma vocal de Tim e com a qualidade das músicas e dos arranjos e nem ligavam para as letras estapafúrdias que ele ia fazendo. Tocavam todos os dias, tocavam cada vez melhor e com mais prazer. No fim de agosto, o disco finalmente estava pronto.

Mas a gravadora entrou em pânico, não podia lançar aquelas loucuras, se envolver com uma seita estranha em uma época perigosa de intensa repressão política; era uma companhia americana com longa tradição no Brasil, nunca poderia correr esses riscos. Era um disco musicalmente perfeito, mas, infelizmente, condenado ao fracasso por sua vinculação ao Racional.

A RCA se preparou para a guerra, mas Tim estava na paz. Propôs o cancelamento do contrato e a compra das dez fitas gravadas, com dinheiro dado por seu Manoel Jacintho. Ele mesmo prensaria os discos, distribuiria e venderia, sob inspiração do Racional Superior. Nascia a Seroma Discos, para lançar o álbum duplo que seria vendido nas ruas e nos shows, com o faturamento dividido entre Tim e o Racional meio a meio.

Diante da catástrofe iminente, a diretoria da RCA se deu por feliz com a proposta de Tim de amortizar uma parte do prejuízo, que seria muito maior com o lançamento dos discos e pior ainda se Tim quisesse gravar outros.

Todos estavam mergulhados de corpo e alma naquela aventura, nunca a banda estivera tão unida em torno de Tim e nunca tocara tão bem. Advertido por Manoel Jacintho de que as cores vivas — e especialmente os metais — atraíam magnetismo negativo, Tim mandou comprar duas latas de tinta esmalte branco e junto com os músicos pintou todos os instrumentos, até mesmo o saxofone, o trompete e o trombone, só escaparam as teclas pretas do piano. Apesar de não ser uma tinta especial, talvez por um milagre do Racional Superior, a sonoridade dos instrumentos não foi afetada.

Em "Bom senso", a meio da conversão, Tim fazia seu mea-culpa e a Banda Seroma Racional levava um batidão de "deep funk" marcado por ataques de metais de alta precisão:

"Já senti saudade, já fiz muita coisa errada, já dormi na Rua, já pedi ajuda.”

No samba-soul "Paz interior", cantava com sinceridade e sentimento:

"Já não dependo das loucuras, já encontrei o que fazer, agora sei outra verdade, estou vivendo com prazer de viver.”

No gospel-funk "Rational Culture", Tim encarnava um reverendo americano, com um perfeito sotaque do Harlem, conclamando os infiéis magnetizados a "read the book". Outra favorita dos músicos era a ex- "Adiós San Juan de Puerto Rico", uma levada afro-soul com sabor latino, que virou "Quer queira quer não queira" na versão Racional. A romântica mais bonita do disco se transformou na missionária "Leia o livro". Tim estava feliz e otimista, cantando a expansão do Universo em Desencanto até na África:

"Eu vim aqui pra lhe dizer, que o pessoal de Guiné- Bissau, de Moçambique e Angola, está numa relax, numa tranqüila, numa boa, lendo os livros da Cultura Racional.”

Em "O grão-mestre varonil" saudava, a capella, Manoel Jacintho Coelho como "o maior homem do mundo, que semeou o conhecimento". O mestre retribuía, dedicando atenção especial ao discípulo, que era tão popular e estava possuído por uma fé tão avassaladora que poderia ser de grande importância na

propagação da Cultura Racional e na venda de livros. Quando os discos voadores chegassem, ele iria na janelinha.

O nascimento de seu filho, em 24 de janeiro de 1975, foi a realização de seu maior sonho. O garoto seria criado dentro dos preceitos da Cultura Racional e Tim foi perguntar a seu guru que nome o Racional Superior indicava para que o seu filho crescesse feliz e imunizado.

"Robson, Telmo ou Carmelo", respondeu a entidade pela boca de Manoel Jacintho. Entre Belford Roxo e o cartório de Registro Civil de Copacabana, Tim hesitou entre Telmo e Carmelo. E continuou na dúvida, mas acabou registrando o menino como Carmelo. Continuou na dúvida e quando chegou em casa anunciou:

"O nome do moleque é Telmo, foi seu Manoel Jacintho que recomendou."

O bebé Telmo e Léo, então com um ano, foram desmagnetizados por seu Manoel e, como o pai e a mãe, só vestiam branco e, em vez de cantigas de ninar, ouviam o pai ler o livro. Mas tanta felicidade durou pouco, muito pouco. Três meses depois do nascimento do filho, louca de saudades e de paixão, Geisa deixou o bebé com Tim e voltou para os braços do goleiro, em Campos, levando Léo.

A família, comandada por dona Maria Imaculada, decidiu que, morando sozinho e totalmente envolvido com a seita, Tim não tinha condições de criar Telmo. O neto moraria na casa da avó, na Tijuca, e seria criado pela tia Anna Maria, solteira e enfermeira, e o pai poderia vê-lo quando quisesse. Tim gritou, chorou e esperneou, mas teve de aceitar a decisão da matriarca dos Maia.

O garoto sempre foi chamado de Telmo por seu pai e por todos da casa, mas a indecisão de Tim no Cartório do Registro Civil lhe custaria uma séria crise de identidade, quando entrou na escola. A professora chamava Carmelo Maia e ele não respondia. Claro, ele era o Telmo, seu pai e todos sempre só o chamaram assim. Anna Maria foi chamada na escola e advertida que o menino tinha problemas graves de audição e aconselhada a levá-lo a um otorrino.

Quando pegou a certidão de nascimento de Telmo para inscrevê-lo na

Policlínica, Ana Maria leu: Carmelo Maia.

Além dos músicos, Tim conquistava novos adeptos para a seita, como o velho amigo da lanchonete Vagão, Helinho Matheus. E outros, convertia à força.

Foi assim com Dafé, que tinha conseguido uma boquinha no Hotel Nacional para tocar e cantar no bar todas as noites, defendendo um cachezinho. Como estava difícil encontrar um baurete, foi visitar Tim. Mas logo que saiu do elevador sentiu que havia algo estranho no ar, além do forte cheiro de incenso. A porta estava aberta e havia uma grande movimentação de pessoas vestidas de branco. Dafé pensou que estava entrando em um centro espírita. Tim estava sentado numa cadeira, entre pilhas de livros e pacotes de camisetas, e saudou-o calorosamente:

"Carlos Dafé, que bom que você veio! Foi o Racional Superior que te mandou aqui.”

Levantou-se para abraçar o amigo e anunciou:

"Hélio Matheus, chegou mais um racional. Dafé agora é Dafé Racional. Qual é o número do seu sapato?”

"Trinta e oito", respondeu Dafé.

"Hélio Matheus, compra dois pares de tênis, dois pares de sapatos brancos e duas calças brancas pro Dafé", determinou Tim.

Deu-lhe algumas camisetas, um pacote de livros e uma graninha para o táxi.

"Vende esses livros lá no hotel", recomendou ao novo devoto, "depois volta aqui que eu vou te levar pra conhecer o homem. E leia o livro!”

Mas a gerência do Hotel Nacional não gostou muito de ver aquele neguinho pianista sempre de branco, com um logotipo estranho na camisa, oferecendo aqueles livros esquisitos. Dafé teve de voltar às roupas magnéticas e renegar a fé para não perder o emprego.

O trombonista Lúcio, que freqüentava a casa do Largo da Barra, voltou de uma turnê pela Europa sem saber de nada e foi visitar Tim. Chegou com uma blusa azulona, com um imenso sol amarelo e vermelho, e Tim recebeu-o com

preocupação:

"Ih, Lúcio, tu tá muito magnético, mermão. Vamos dar um jeito nisso."

Entraram no carro de Tim e uma hora depois estavam em Belford Roxo, onde Lúcio entrou em uma salinha e saiu de blusa branca, calça e sapatos brancos, com diversos livros e uma conta salgada para pagar.

Com Raul Seixas, seu vizinho na Figueiredo Magalhães, foi pior: Tim tentou convertê-lo e acabaram em uma discussão acalorada sobre drogas, com Raul ligadão defendendo a cocaína e Tim missionário, advertindo:

"Tu toma cuidado, hein, magrelo. Nego cheira cocaína e fica logo com vontade de dar o cu, cocaína afrouxa o brioco, mermão!"

Seu Manoel gostava muito de samba e de vez em quando promovia um pagode no quintal de sua casa, onde devotos animados cantavam letras sobre a Cultura Racional. Com os dedos trêmulos pelo início do Mal de Parkinson, o mestre não podia mais tocar, mas adorava cantar acompanhado pelo violão de Tim, o pandeiro de Jackson e o bandolim de Luperce, um dos maiores trios da história da música brasileira, em louvor do Racional Superior — ele mesmo. Os não iniciados também podiam freqüentar as festas e compareciam em grande número, atraídos pela quantidade e qualidade das mulheres presentes. Os devotos tinham que ficar só no refrigerante, mas os visitantes podiam beber cerveja, que lá dentro era vendida pelo dobro do preço do boteco.

Para os músicos a vida devocional também tinha seus problemas. Além das chatíssimas sessões de leitura em Belford Roxo, cada vez havia um livro novo para comprar. Eram rearranjos e remixes das mesmas histórias e repetiam as pregações do livro anterior. O pior não era comprar, era ter que ler.

Chato também era ficar horas com Tim olhando fixamente para uma folha de papel em branco, conforme instruções do mestre, para ver a Luz Racional. De vez em quando ele se excitava com o pontinho de luz que aparecia nas retinas cansadas:

"Estou vendo um pinguinho! Estou vendo a Luz Racional!"

No auge da vertigem missionária, Tim recebeu um telefonema dramático

de uma desconhecida, dizendo que era enfermeira do Hospital do Câncer, tinha cinco filhas para criar e levava uma vida muito dura. E lhe disse que "Você fingiu", de Cassiano, e "Gostava tanto de você", de Edinho Trindade, eram dela, eles tinham roubado as suas letras. E começou a chorar.

No dia seguinte, Tim foi ao "Programa Mauro Montalvão", na TV Tupi, falou do livro do Racional e gritou para o público:

"Senhoras e senhores, quero anunciar aqui que a música "Gostava tanto de você" não pertence ao sr. Edson Trindade e nem a música "Você fingiu" pertence ao sr. Genival Cassiano. Essas músicas são da Sra. Neuza Costa, uma enfermeira do Hospital do Câncer."

Quinze dias depois, Tim recebeu uma intimação judicial informando que 'Réu confesso" também era de dona Neuza e convocando-o para esclarecimentos e pagamento de direitos autorais. Ficou louco, chorou de raiva, se sentiu vítima de um crime. Mas não compareceu à audiência.

Uma ótima oportunidade para apresentar o novo disco seria o Festival abertura, da TV Globo. Convidado pelo diretor Augusto César Vanucci para fazer um show na primeira eliminatória, Tim compareceu com a Caravana Racional e seus instrumentos brancos. Vanucci não sabia o tamanho da encrenca e se assustou, tanto com a música quanto com os figurinos. Não havia nada menos apropriado a um festival de jovens compositores do que uma pregação religiosa e ainda por cima com aquele uniforme, o vídeo estourava com tanto branco. Vanucci pediu que trocassem as roupas e a música, o pau comeu. Investido de fúria irracional, Tim gritou xingou, brigou com os seguranças e teve sua entrada proibida na TV Globo.

Passou a tratar os repórteres de magnéticos, mas não deixou de dar entrevistas. Ficou furioso quando uma garota lhe perguntou se o Racional era alguma coisa parecida com a Sociedade Alternativa de Raul Seixas e Paulo Coelho:

"Você está maluca, sua magnética? John Lennon é uma besta e Raul Seixas uma cópia xérox da burrice. Eles são dois quadrúpedes que só querem

justificativa para curtir suas loucuras. É vigarice das brabas! E se alguém voltar falar nisso, a gente acaba o papo já!”

Anunciou que mandaria livros para James Brown e Curtis Mayfield:

"Em português mesmo. O Racional Superior se encarregará de fazer com que eles entendam.”

Nem sempre. Tim acabou mandando também LP e livro para John Lennon, mas recebeu como resposta uma foto do ex-Beatle inteiramente nu, com um bilhete:

"Dear freak, I don't understand Portuguese. What about LISTEN to this photo?

John Lennon.”

Tim ficou puto. Disse no jornal que o Racional Superior tinha dado só mais nove anos de vida a Lennon, que estava marcado para morrer em 1984, só esqueceu de avisar a Mark Chapman.

Quando os discos chegaram à imprensa e às emissoras de rádio ninguém entendeu nada. "Que beleza" ainda tocou um pouco no Rio e em São Paulo, mas o resto foi execrado pela crítica e, nas poucas lojas que aceitaram ficar com o disco em consignação, os fãs dançantes e românticos de Tim Maia se assustaram com a capa esotérica e os títulos das músicas. Perda total.

Tim percorria a cidade divulgando o livro e o disco. Com Paulinho, foi a Niterói e São Gonçalo e até mesmo os pais do músico tiveram de participar da caravana, com Tim batendo de porta em porta:

"Eu sou o Tim Maia Racional", se apresentava, como se precisasse. Simpático e sorridente, fazia uma pequena pregação e oferecia disco e livro.

Os shows, sem os sucessos profanos de Tim, se transformaram em campanha de divulgação da Cultura Racional e eram acompanhados quase que exclusivamente por devotos que vinham em caravana e na saída compravam o disco.

Mas Tim estava se sentindo muito melhor, mais leve em todos os sentidos, estava na leitura do quinto livro e caminhava a passos largos para a imunização.

Sentia uma grande força que o impulsionava a dedicar sua voz e seu talento para divulgar a sua fé pelas ruas, em shows e programas de televisão, cantando e vendendo livros como os Hare Krishna.

Todos de branco, de camisetas com o logo do Racional, Tim e os músicos percorriam as ruas do Centro da cidade e de Copacabana tocando, cantando e pregando a Cultura Racional, vendendo discos e livros em banquinhas na calçada e aos motoristas dos carros parados no sinal. A música era tão boa que talvez Tim tenha feito diversas conversões nesse período.

A Caravana Racional tinha sempre mais de cem pessoas e só conseguia fazer shows de graça. Como na sua histórica apresentação em Belford Roxo, em Praça pública, nas comemorações do 13 de maio de 1975, dia da libertação dos escravos — a primeira aparição oficial da Banda Seroma Racional, com seus instrumentos todos brancos.

Em seguida, graças ao Racional Superior, recebendo um cachê normal, foram inadvertidamente contratados pela Prefeitura de São Paulo para fazer um show no Parque da Luz. O público, que esperava os sucessos de Tim Maia, não entendeu nada e, cansado de esperar em vão por suas músicas, debandou.

Ninguém mais queria contratar aqueles malucos. Em junho de 1975, na obscura Casa Unidos de Portugal, para uma platéia quase só de racionais, finalmente um levadinho: foi um dos raros shows pagos desta fase.

Foi quando a linda repórter e apresentadora do "Fantástico", Márcia Mendes, que Tim adorava, produziu uma grande matéria com ele e a Banda Seroma Racional no terreiro de seu Manoel Jacintho, em Belford Roxo, que ela já havia freqüentado brevemente. Tim galanteou-a durante toda a entrevista, cantou e falou como um iluminado e celebrou o poder e a sabedoria de seu guru. Segunda-feira a cidade não falava de outra coisa.

Em julho, Tim foi mais longe: alugou uma casa em Belford Roxo, para estar mais próximo de sua Meca e de seu papa. E convidou os músicos a morar com ele.

A essas alturas, por maior que fosse o amor à música e a fé no Racional

Superior, diante da falta de perspectiva de grana, a banda debandou. Ficaram apenas Paulinho e o tecladista Dom Pi, e entraram o baterista Geraldo, o baixista Valdeci, o percussionista Agenor e as vocalistas Elza e Terezinha, todos de Niterói, à exceção de Pi, que era de Barra Mansa.

Com a nova banda, fez um show que o emocionou muito, no presídio de Niterói, sempre pela causa da Cultura Racional: o diretor também era um adepto do Universo em Desencanto. No pátio da cadeia, sob o sol a pino, Tim sentiu o impacto e voltou no tempo, puxando sua etapa de dez meses na Frei Caneca. Os presos deliraram, Tim foi às lágrimas, aquela era a verdadeira Luz Racional. Mas não perdeu o humor e o espírito de molecagem: na saída, cochichou aos guardas, apontando para Celinho Matos, que ficara um pouco para trás, que ele não estava com o grupo e devia ser um detento tentando escapar. E foi embora às gargalhadas. Sem documentos, Celinho só conseguiu sair uma hora depois, com a chamada e contagem dos presos.

Tim podia ser meio maluco mas não era burro. Estava morando em Belford Roxo, trabalhando como um louco, vendia discos na Rua e cantava de graça na televisão, fazia pouquíssimos shows e mesmo assim só para racionais, não fumava, não bebia, não fodia e não via a cor do dinheiro. Sua imunização não devia estar funcionando, já lera sete livros mas a sua vida só piorava, e ele se desencantou definitivamente com o universo de seu Manoel Jacintho.

No dia 25 de setembro de 1975, Tim acordou com uma vontade louca de comer uma carne sangrenta, tomar um goró e fumar um baseado. Teve uma desiluminação e abandonou a seita no seu velho estilo, quebrando tudo. Voltou para o apartamento da Figueiredo Magalhães, tirou e queimou a roupa branca e, nu e furioso, foi para a janela e começou a gritar para a Rua, em volume máximo, que seu Manoel Jacintho era um pilantra, um ladrão e um tarado que comia todo mundo. E convocou a imprensa para dizer que tinha sido enganado e roubado pelo ex-guru:

"Logo vi que o negócio dele era umbanda e baixo espiritismo. Esse Manoel Jacintho não me engana, ele passou 15 anos treinando com o bruxo Seu

Sete da Lira e era dono de uma propriedade enorme em Nova Iguaçu, que tinha até motel para extraterrenos. Ele tomava guiné-tatu, uma raiz que deixa a pessoa querendo sexo três dias sem parar, pode ter até 90 anos que a bandeira levanta. Ele era o rei da guiné-tatu e comia todas as garotinhas, botou uma ovelha em cada casa. E ainda dizia que mulher magnetizava!”

A banda respirou aliviada, ninguém agüentava mais tanta caretice, por tanto tempo. Principalmente Tim, que voltou feliz à devassidão e mandou destruir os milhares de discos que sobraram, não queria nem ouvir falar em nada que lembrasse o Racional Superior. Estava imunizado.

DANÇA E ROMANCE, 1976, 90 KG

Desencantado com o universo Racional, Tim estava sem disco, sem shows e sem um puto no bolso. A grandiosa Banda Seroma Racional estava reduzida a Paulinho Guitarra, ao tecladista Dom Pi e ao baixista Carlinhos Simões, com o próprio Tim tocando bateria e cantando nos ensaios. Quando aparecia um showzinho, ele chamava o baterista Paulinho Braga e voltava ao seu repertório profano, dançante e romântico. O público das quadras e dos salões dos clubes de subúrbio delirava quando ouvia de novo "Réu confesso", "Não quero dinheiro", "Chocolate", "Gostava tanto de você" e "Coroné António Bento". Tim cantava com entusiasmo juvenil e se lembrava dos tempos do "Clube do Rock" com Imperial, Roberto e Erasmo.

A coisa estava feia. Tim começou a empenhar instrumentos na Caixa Econômica — guitarras, baixo, saxofone, a flauta que comprara nos Estados Unidos, foi tudo para o prego. Com a primeira grana que entrava ele ia lá e resgatava. Comemorou o ano novo e a vida nova como nos velhos tempos, fumando, comendo e bebendo como quem passara um ano de dieta e de cara limpa. Para o disco da retomada, terceiro lançamento da Seroma depois dos álbuns Racionais, teve uma idéia não muito adequada para o seu reencontro com o povão: um disco todo em inglês.

Entre românticas e dançantes, escolheu suas melhores músicas com letras em inglês, ensaiou exaustivamente durante um mês com o quarteto e em três semanas gravou tudo no estúdio Somil, em Botafogo. Não podia perder tempo, que no caso era dinheiro, já que era ele quem estava pagando músicos, técnicos e estúdio.

O LP estava finalmente pronto e a Seroma praticamente quebrada. Com uma foto de Tim feita por Paulinho com uma câmera xereta, as capas chegaram da gráfica e foram recebidas festivamente. Mas os discos ainda demorariam um

pouco: se mal havia dinheiro para o rango e os bauretes, muito menos para a prensagem do vinil, a ser feita na Tapecar de Bonsucesso.

Foi quando caiu do céu o contrato oferecido por Pedrinho da Luz, que substituiu Jairo Pires na direção artística da Polygram, novo nome da velha Polydor, com um levado que lhe daria alguns meses de sossego. E bancaria a prensagem do disco em inglês da Seroma.

Para o novo disco, Tim já tinha algumas músicas prontas, fez novas letras, compôs duas com Hyldon e Dom Pi e iniciou os ensaios na Seroma.

Novos músicos se juntavam à banda, como o guitarrista niteroiense Zé Maurício, velhos amigos voltavam, como o vocalista Júnior Mendes, Dafé reaparecia todo colorido de vez em quando e até Periquito do Grão tocava em alguns shows. A banda era um bonde musical de alta rotatividade, onde sempre cabia mais um. Por sugestão de Paulinho, grande admirador da 103rd Street Band, Tim rebatizou a banda como o nome da sua Rua: Vitória Régia.

A Seroma se tornava uma embaixada musical de Nikit, como Tim chamava Niterói, no Rio de Janeiro. O baixista António Pedro, da mesma praia, abandonou a última formação dos legendários Mutantes, já sem Rita Lee, e começou a freqüentar a Seroma. Apesar de sua história roqueira, o baixão pesado e competente do branqueio agradou ao rei do soul, que decidiu montar a banda com dois baixos, o soul de Carlinhos e o rock de António Pedro. A novidade agradou, a pulsação da banda ganhou em suingue e diversidade, e Tim se empolgou: dois baixos exigiam, no mínimo, três guitarras — a de Paulinho e as dos novos niteroienses Paulinho Roquete e Zé Maurício. Na bateria, pulsando reto e seco junto com os dois baixos, sem firulas e sem atrasar nem adiantar o ritmo, César Bom Cabelo, que Tim chamava de Bonca, assim como chamava Roquete de Ronca.

Os backing vocais seriam exclusivamente masculinos. O garotão niteroiense António Cláudio, que tinha um vozeirão soul e cantava no conjunto Os Lobos, impressionou Tim, que o convidou para se juntar a seus fiéis Júnior

Mendes e Gastão Lamounier. Menina não entrava no estúdio, pelo menos para cantar naquele disco. Quando os arranjos exigiam timbres agudos, os meninos abriam as vozes em falsete, sob a regência implacável de Tim.

Com dois baixistas e três guitarristas, Tim também podia se exercitar na arte da provocação criativa, em benefício da excelência da banda. Adorava gritar, no meio de uma música, que um guitarrista ou um baixista estava tocando melhor do que o outro. Debochava do suingue dos brancos e beliscava os negros e mulatos: "Tocando assim tu nunca vai comer uma loura." A banda crescia e rugia. Semeando a discórdia e despertando rancores, Tim estava feliz com a eficiência de seu método e com a performance do grupo. Inspirado, compunha nos ensaios as músicas do novo disco.

Às vezes parava o ensaio, ia para um canto e começava a marcar o ritmo numa frigideirinha ou num agogô, balbuciando alguma coisa.

Chamava Paulinho, pedia um acorde, continuava solfejando mudo, pedia outro acorde, não gostava, pedia um novo, seguia compondo e resmungando. Depois anotava em um papel, qualquer papel que estivesse a seu alcance, e voltava a ensaiar. Era o método Maia de composição instantânea.

No fim da tarde, em dois carros, partiam para o longínquo Recreio dos Bandeirantes. Para jogar futebol na praia e dar um mergulho, Tim inclusive!

O cracão do soul gostava de jogar no ataque. Sua posição era centroavante imóvel, em perpétuo impedimento na cara do gol, esperando alguma bola chegar de algum lugar. Apesar do esforço de jogadores mais habilidosos como Dom Pi, que lhe dava passes açucarados, era raro o ponta-de-lança tijucano golear, embora se divertisse muito sacaneando adversários e companheiros indistintamente.

Para facilitar a locomoção da banda na rota Nikit- Seroma, Tim comprou um velho fusquinha 66 vermelho do vocalista António Cláudio. O carro estava aos pedaços e enguiçava com regularidade, geralmente na ponte Rio-Niterói ou no túnel Rebouças. Chamado por Tim de Perereca, o fusquinha viveu uma trepidante carreira e protagonizou muitas aventuras.

Como não tinha nenhuma documentação, perdida por António Cláudio, a viatura era totalmente ilegal e, pela aparência bagaceira e a pinta dos passageiros, despertava logo suspeitas de guardas de trânsito. Convocado a buscar uma lasanha em Copacabana, Zé Maurício perguntou a Tim o que devia fazer se fosse parado pelos homens.

"Muito simples", Tim o tranqüilizou e gritou: "Pi, pega uma capa de disco aí."

Entregou a capa a Zé Maurício e deu as instruções:

"Tu bota a capa do disco no vidro traseiro do carro. Na contracapa está a foto de vocês, eles vão saber que vocês são da banda. Pode confiar, mermão, esses guardinhas são todos meus fãs."

"Isso não vai funcionar, Tim", o músico estava temeroso.

"Claro que vai, mermão, sempre funciona. E vamos logo que minha barriga está roncando de fome."

Não deu outra. O fusca todo amassado e com pneus carecas, tripulado por três cabeleiras black power, foi parado a poucas quadras da Lasanha Verde, em Copacabana, onde ia buscar três lasanhas, uma para Tim e duas para o resto da banda:

"Documentos."

Zé Maurício apresentou a carteira de motorista, o guarda aprovou e pediu os papéis do veículo:

"Ih, seu guarda, a gente não tem o documento não. Nós somos músicos Tim Maia e viemos comprar uma lasanha pra ele."

"Tim Maia? Vocês?", a autoridade estava incrédula.

"É, nós somos músicos, estamos ensaiando com ele", explicou Zé Maurício e o guarda fechou a cara.

Foi quando Pi pediu a Carlinhos que pegasse a capa do disco e mostrou a contracapa ao guarda. Ele olhou a foto, depois os suspeitos, voltou à foto e aliviou:

"É, parece que são vocês mesmo. E essa capa é para quê?”

"Essa capa é pro senhor", ofereceu Pi, "depois o senhor passa lá no estúdio para pegar o disco".

O homem da lei sorriu:

"Ótimo, eu sou fã do Tim Maia. Eu vou passar lá mesmo. Vou liberar vocês, mas não dêem mais mole, porque outros colegas podem não ter a minha compreensão e isso pode criar problemas para o Tim. Do jeito que está o carro vai ser rebocado. Falem para ele passar no Detran para resolver isso.”

Na Seroma, além da lasanha, Tim saboreou a vitória de seu prestígio e popularidade:

"Não falei que funcionava? Pode confiar no Tim Maia do Brasil, mermão!”

O Perereca acabou pegando fogo, com Tim ao volante, ao ser forçado a subir a ladeira do Sacopã carregado de instrumentos. Sem nunca ter seu óleo trocado ou jamais ter passado por uma lubrificação, o castigado motor fundiu, e uma faísca incendiou o heróico fusca.

Na Seroma, tudo funcionava a pleno vapor, e bota vapor nisso. Das nove da manhã às oito da noite, o som rolava direto, só parava para os lanches.

No fim de mais um ensaio, a banda já se preparava para voltar a Nikit e Tim dormia escornado num colchonete, quando as luzes ameaçadoras do giroscópio de um carro de polícia cortaram a escuridão da Lagoa.

Como se a luz fosse o som de um alarme, Tim acordou esperto:

"Sujou, rapaziada. Levem os blocks para o canil do Antão.”

Enquanto os estoques de maconha eram escondidos, do outro lado do muro o policial gritou:

"Ô Tim Maia!”

O tom não era ameaçador, mas nunca se pode confiar em canas. Tim achou melhor ser simpático:

"Ô mermão, quem é?”

"É o cabo Jorge.”

"Que cabo, mermão?”

"Sou eu, o cabo Jorge", e levantou a capa do disco por cima do muro. "Eu vim buscar o disco.”

Tim abriu o portão aliviado e sorridente e gritou para dentro:

"O Pi, pega um disco lá pro nosso cabo Jorge.”

"Pode ficar tranqüilo, Tim Maia, nós vamos ficar patrulhando a Rua aqui pra você. Boa-noite.”

Assim que recebeu o adiantamento da Polygram, em vez de pagar as dívidas, Tim convocou a banda para uma excursão à Rua da Carioca, no Centro, para uma visita a uma loja de instrumentos que ele chamava carinhosamente de Paulo Ladrão.

"A gente está precisando comprar umas percussões. Tá muito fraco de percussão aqui. Vamos ao Ladrão.”

Além de exorbitar nos preços, o Ladrão era um ativo contrabandista e um técnico competente no conserto de instrumentos, e levava na esportiva quando Tim o chamava pelo apelido familiar. Orgulhava-se de cobrar caro e de ser chamado de ladrão pelo Tim Maia. Como dona Pata e seus patinhos, Tim e os músicos entraram na loja alegremente e fizeram a festa: tumbadoras, reco-recos, afoxés, pandeiros e até uma minibateria para o Márcio Leonardo.

Quando Pi se preparava para dar a partida no carro, estacionado na contramão em plena Rua da Carioca, uma surpresa tão desagradável quanto previsível. Um fusca com dois PMs, um negão mais jovem ao volante e um coroa mais graduado ao lado. Pi não tinha sequer certidão de nascimento, quanto mais carteira de motorista.

"Documentos.”

"Eu não tenho documento não, chefe, estou dirigindo aqui pro Tim", respondeu o Pi.”

O coroa não tinha visto Tim no banco traseiro, não gostou da resposta e nem da cara de Pi e falou grosso:

"Não sei quem é Tim, quero saber é dos documentos, senão vai todo mundo para a delegacia.”

Com Márcio Leonardo no colo, Tim ficou possesso e enfiou a cara pela janela:

"Olha aqui, mermão! Tem uma criança aqui!”

O PM ameaçou prender Tim por desacato. O negão que estava dirigindo o carro da Polícia e era fã de Tim tentava apaziguar o superior, mas o coroa não queria conversa, começou a juntar gente em volta do carro. O homem estava fervendo:

"Não me interessa se é o Tim Maia, vamos todos para a delegacia!”

O policial se mantinha irredutível, o negão se lamentava com os músicos:

"Pô, vou sair no jornal como o cara que prendeu o Tim Maia. Vou ficar malvisto no bailão.”

O PM mandou Pi manobrar o carro para sair da contramão, ir até a próxima esquina e voltar. Foi o tempo do negão apelar aos mais nobres sentimentos do superior, sugerindo que pegaria mal prender um artista querido como Tim Maia por uma contramãozinha banal.

Quando Pi estacionou, depois de implorar a Tim para que pedisse desculpas — além de tudo o carro não estava com a documentação em ordem —, o negão sorriu discretamente e fez um sinal de positivo. O coroa parecia bem mais manso. Foi uma das raras ocasiões em sua vida que Tim pediu desculpas, recebendo em troca desculpas oficiais e uma confissão de admiração do oficial.

"O Pi, pega lá duas capas de disco. Não, pega três, uma pro delegado também!”

Tim começou vida nova comprando um carro novo. Estava voltando para casa, com uma Brasília vermelha cheirando a tinta, com apenas uma licença provisória no pára-brisa, quando foi parado por dois policiais na Figueiredo Magalhães.

Eram velhos conhecidos de outras infrações e dos correspondentes levados.

A documentação era legal, mas como Tim não tinha carteira de habilitação e sempre estava com a vistoria atrasada ou outra ilegalidade qualquer, acabava funcionando como uma espécie de caixa automático para os PMs. Só que desta vez ele estava com uma trouxa de maconha escondida na cueca, e, pior, sem nenhum dinheiro para o levadinho dos homens as coisas poderiam se complicar. Parado no meio da Rua, no trânsito das cinco da tarde em Copacabana, tirou a chave da ignição e deu para o guarda:

"Então fica com o carro pra você, mermão.”

E saiu batido para casa, com medo de um fragoroso. Às sete da noite deu na televisão que a polícia estava atrás de Tim Maia, mas desta vez só para entregar os documentos que ele tinha esquecido no carro. Recebeu as chaves e os policiais com muita simpatia, e, na falta de um levadinho, deu a cada um uma capa de disco autografada, naturalmente vazia, e eles partiram satisfeitos.

Suas relações com os homens da lei continuavam intensas. Depois de uma gravação, estava voltando para casa com dois músicos, todos sem dinheiro e loucos para tomar uma cerveja, quando viu a mesma dupla de policiais na Figueiredo Magalhães. Parou o carro, saltou e dirigiu-se a eles, simpático e sorridente. Em alguns minutos de papo, tinha convencido a dupla a, lhe emprestar dez cruzeiros. Foi a primeira vez na história que um guarda de trânsito pagou uma cervejinha a um infrator contumaz.

Era hora de ampliar as instalações da Seroma na Rua Vitória Régia. Tim chamou Tibério para ver as obras e mostrou orgulhoso o segundo andar sendo construído sobre o barraco-estúdio de madeira:

"Olhaí, Tibério Gaspar, eu vou seguir o exemplo dos três porquinhos e fazer a casa de concreto armado. É fácil, o telhado e as paredes são pré-fabricados, já vem com janela e tudo, tanto que nem precisei chamar pedreiros nem nada disso, estou fazendo a obra com um pessoal que o caseiro arranjou e até o Dom Pi e o Paulinho estão ajudando, eles levam jeito para construção.”

Como o pessoal não era muito especializado, as colunas de sustentação ficaram bastante irregulares e resultaram em um preocupante desnível do piso.

Bastava colocar uma laranja no chão e logo ela deslizava para o outro lado. Todo mundo ficou com medo da vibração quando o som fosse ligado.

Mas Tim estava tranqüilo, numa relax, numa boa, a vista da Lagoa, de Ipanema e do Leblon era inspiradora. Só quando a escada de madeira foi retirada ele se deu conta de que tinha esquecido de mandar fazer uma de concreto, como a dos três porquinhos: não havia como subir ao segundo andar. A arquitetura de resultados de Tim não perdia tempo furando pisos ou paredes.

Aproveitou a madeira e mandou fazer também uma varanda no segundo andar. Na festa de aniversário de Márcio Leonardo, a varanda desabou fragorosamente com sua irmã Luzia, deixando-a desmaiada por alguns minutos, mas sem nada quebrado. Apavorado, Tim deu por encerrada a sua carreira arquitetônica.

Do alto do Sacopã, via-se também a mansão vizinha do governador Chagas Freitas, onde chegavam os acordes da banda e a voz de Tim. E eram muito bem recebidos, pelos filhos, pela mãe, dona Zoé, e pelo próprio governador, todos fãs de Tim Maia. E tanto que, na festa de 15 anos de sua neta, Chagas Freitas mandou um filho subir a Rua e contratar um show de Tim Maia.

Tim adorou, se sentiu prestigiadíssimo:

"Olhaí, rapaziada, nós vamos tocar na casa do homem. Eu tô fazendo uma farda, vai ter muito general. Eu também mandei fazer uma farda com uns 'macarrão' dourados no ombro.”

Acabou fazendo mesmo uma bata, que combinava mais com sua cabeleira afro-power. Na véspera da festa deu instruções:

"E atenção, atenção: quem quiser fazer 'maquiagem', vem antes aqui. A gente desce com todo mundo já 'maquiado'. Eu quero todo mundo comportado, as roupinhas bonitinhas, aquele lamezinho, ok?”

"Olha, gente, chegando lá não pode ter aqueles papos de 'morou?' e 'ô xará'. Tem que ser papo tipo: 'sem sombra de dúvidas' e 'perfeitamente'.”

Mandou entregar um arranjo de flores na casa da aniversariante, junto com um disco autografado. Quando chegou, foi aplaudidíssimo pela fina flor da

sociedade carioca, mas quando começou a cantar, deu uma microfonia estridente e ele teve que parar. Virou-se e falou em off, para o trombonista Lúcio, mas tão alto que entrou pelo microfone do instrumento e todo mundo ouviu: "Porra, mermão, já começou? Até na casa do governador o som é uma merda?”

As senhoras presentes se assustaram um pouco, mas a banda estourou de rir lembrando das lições de etiqueta Maia.

No novo disco da Polygram, a volta aos bons tempos de dança e romance. Saía o Racional e entrava o sensual. Uma nova causa substituía o Universo em Desencanto: a África, sua miséria e sua fome, a diáspora negra, tema da faixa mais forte do disco, o empolgante funk-soul "Rodésia":

"Não me leve a mal, tudo está legal, tudo menos na Rodésia.”

A Rodésia não era Moçambique, Angola e Guiné-Bissau e não estava numa legal, numa tranqüila nem numa boa. Numa guerra civil sangrenta chamava a atenção do mundo para o inferno africano, devastado pela colonização e pelas guerras tribais. Zimbábue, o novo nome da Rodésia independente, era uma canção guerreira de Bob Marley lançada na época, que provocou grande impacto e inspirou Tim.

Mas talvez a melhor de todas, a mais suingada, seja a sua celebração da família, numa levada stevewonderiana arrebatadora, cheia de baixos e clarinetes, cantando uma visita de Márcio Leonardo e Telmo à Seroma. Embora registrado como Carmelo, o garoto continuava sendo chamado de Telmo pelo pai:

"O Márcio Leonardo veio na Seroma pra brincar!

o Márcio Leonardo veio na Seroma pra tocar, seu violão, o seu piano.

Telmo! Tell me what to say?

Telmo! Tell me what to do, cause I don't know!”

Como a parte de Márcio Leonardo era em português, para não haver ciúmes Tim fez questão de cantá-la com um sotaque de negão americano, pronunciando "violão" e "piano".

Na contracapa do LP, toda a banda na Seroma, inclusive o pequeno Márcio Leonardo e seu "violão" e os cachorros, em foto assinada pelo caseiro.

O ano de 1976 marca não só a volta de Tim ao mundo profano em grande estilo, como o lançamento de dois discos que fariam história na música brasileira. O instrumental Maria fumaça, da nova Banda Black Rio, formada por Oberdan Magalhães com a maioria dos músicos que tocavam na Vitória Régia, integrando James Brown à gafieira. E o antológico África Brasil, de Jorge Ben, com o sucesso "Xica da Silva", feita para o filme de Caca Diegues, o clássico da afro-brasilidade "Umbabarauma, o ponta-de-lança africano" e a rebelde "Zumbi". Junto com os discos de Tim Maia, eles definem o surgimento de um fenômeno socio-musical-comportamental que foi chamado de Black Rio pela imprensa carioca.

Era a explosão de um processo que começara no início dos anos 70, com os discotecários Ademir Lemos e Big Boy lotando o Canecão com os "Bailes da Pesada", movidos a música black americana, que reuniam milhares de jovens e logo se espalharam pelos clubes da Zona Norte e dos subúrbios, embalados pelas equipes de som como a Soul Grand Prix, de Dom Filó, e a Black Power.

Enquanto a juventude caprichava nos figurinos inspirados nos negros americanos e criava suas próprias coreografias individuais e de grupo, eram projetados slides de cenas de filmes como Shaft e de grandes atletas negros como Muhammad Ali e músicos como Wilson Pickett. Cabeleiras afro, roupas de cores vibrantes, calças folgadas que se estreitavam na boca, sapatos de solas altas e multicores enchiam a pista. "Sex Machine", de James Brown, era o hino de todos os bailes.

Logo a paranóica polícia política da ditadura detectava um perigoso potencial subversivo na reunião de tantos jovens tão descontraídos, e assim vários chefes de equipe de som foram parar no DOPS para averiguações. Os milicos não acreditavam que aquela garotada só queria imitar negão americano e se divertir.

Depois de sua primeira viagem à África, Gilberto Gil comentava o choque cultural que provara na Nigéria: lá, tinha se sentido branco. E mergulhou na negritude para emergir com o vigoroso LP Refavela, que saudava "o Black Rio,

o black jovem, a nova dança no salão" e estourava um sucesso nacional com "Ilê Ayê", de Paulinho Camafeu, uma polaróide sonora do momento:

"*Somo criolo doido, somo bem legal, temo cabelo duro, somo black pow.*”

As gravadoras começavam a apostar uma grana preta na onda negra, lançando discos das equipes de som com sucessos internacionais e tentando chegar ao novo mercado com discos de Gerson King Combo, União Black, Alma Brasileira, Robson Jorge, Rosa Maria e Tony Tornado. Mas nenhum foi bem-sucedido, o público dos bailões rejeitava as sonoridades nacionais e só enchia a pista quando tocava Tim Maia.

Por conta das boas vendagens de "Rodésia", Tim conseguiu descolar mais um adiantamento da Polygram e finalmente pôde mandar prensar o seu querido álbum em inglês na Tapecar. As capas já estavam quase amarelando quando os discos chegaram e Tim se viu diante de um pequeno problema: como e a quem vendê-los? Não teria sequer os devotos e o público cativo do Racional para ajudá-lo. Com a colaboração de alguns músicos e do caseiro da Seroma, distribuiu o disco precariamente nas rádios e na imprensa do Rio de Janeiro, que o ignoraram. As lojas não queriam ficar com ele nem em consignação.

Uma das raras apresentações desse repertório foi no Museu de Arte Moderna, nos primeiros dias de 1977, com uma banda menor, para um pequeno público e por um diminuto cachê.

Em março, Tim quase congelou ao receber uma ordem de prisão, assinada pelo juiz da 8a Vara Cível.

Havia alugado um apartamento na Rua Prudente de Moraes, em Ipanema, em 1972, e sumira depois de cinco meses, sem jamais ter pagado um aluguel, deixando o apartamento devastado. A proprietária ganhou a ação de despejo e Tim foi condenado a pagar os aluguéis, as multas e os danos no imóvel.

Mas como nem assim pagou, a locadora entrou com uma ação executiva para penhorar judicialmente seu carro. Assim que soube que o carro

estava penhorado, Tim o vendeu correndo a um incauto. O juiz estava furioso e ameaçava prendê-lo. Com os juros, multas, custas judiciais e advogados, era uma pequena fortuna, mas Tim achou melhor pagar tudo de uma vez, sem reclamar.

Em julho, outra porrada, muito mais pesada e dolorida, porque não acertava só o bolso, mas o que ele tinha de melhor e mais o orgulhava: sua música.

Voltava à cena dona Neuza Costa, a funcionária do Instituto Nacional do Câncer, que acusava a ele, Cassiano e Edson Trindade de se apropriarem de poemas dela em suas músicas.

Tim não compareceu a nenhuma audiência nem contestou nada, só soltava uma enxurrada de palavrões quando alguém ousava tocar no assunto. Por isso foi julgado à revelia e condenado pelo juiz da 20â Vara Cível a ressarcir a autora por perdas e danos, pagar honorários de advogados e as custas do processo. E pior, uma humilhação suprema que Tim Maia jamais cumpriria: acrescentar o nome dela na parceria. Preferia nunca mais cantar a música.

DISCO NIGHTS, 1977, 101 KG

Com a inauguração da New York City Discotheque, em Ipanema, e da Frenetic Dancing Days, no Shopping da Gávea, a febre disco chegou ao Brasil, esquentando o inverno carioca e o iniciozinho da abertura política. O filme Embalos de sábado à noite, estrelado por John Travolta e com os Bee Gees na trilha sonora, era um sucesso estrondoso, o batidão disco de Gloria Gaynor, do Chie, do KC and the Sunshine Band e do Kool and the Gang tomavam conta das paradas e enchiam as pistas do mundo. As equipes de som trocaram o fuink e o soul pela nova onda sonora: a Zona Norte e a Zona Sul dançavam no mesmo ritmo. Mas também rejeitavam quase todos os discos brasileiros.

Assim como Barry White e Stevie Wonder, que foram naturalmente absorvidos pela onda disco, a nova moda acabou beneficiando Tim Maia, que continuou enchendo as pistas da cidade. E logo incorporava levadas, batidas e sonoridades disco ao seu funk- samba-soul, tornando-o ainda mais dançante, da Zona Norte à Zona Sul, nas discotecas e nos bailões.

A nova onda musical trouxe muito sucesso para Tim, mas problemas na mesma proporção. Ou mais. Assim como os shows de rock e os bailões black eram movidos a cerveja e maconha, as drogas da moda nas discotecas eram a vodca e a cocaína, que começava a invadir as noites cariocas. Tim logo aderiu e passou a incorporar doses cavalares de pó e de álcool ao seu metabolismo, além dos bauretes habituais. As conseqüências foram desastrosas e teriam efeito devastador em sua voz, sua carreira e sua vida.

Apesar do grande sucesso, Tim continuava endividado. Gastara os adiantamentos da Polygram com o disco em inglês e em carros, instrumentos, advogados, multas e indenizações; estava devendo mais do que antes. Era constantemente visitado por cobradores e oficiais de Justiça e estava com o apartamento da Figueiredo Magalhães sob penhora.

Foi quando a Providência Divina fez de Guto Graça Mello, diretor artístico da Som Livre e grande fã de Tim, seu mensageiro, com um levado salvador. Gravaria um disco onde quisesse e o entregaria pronto à gravadora, sem interferência de ninguém, um prato feito musical, tudo como ele queria.

Mais animado do que nunca, começou a ensaiar o novo disco na tranqüilidade e no isolamento da Seroma, sem hora para começar nem terminar, cercado de bons músicos e movido a bauretes e petiscos: tudo que amava. O título já dizia tudo: Verão carioca. Duas das melhores músicas eram "Pense menos", m parceria com Paulo Ricardo, e "Não esquente a cabeça", com Carlinhos Simões, que mostravam bem o seu estado de espírito.

Tim só não contava com o início da construção de uma casa no terreno ao lado, que começou com duas britadeiras quebrando pedra o dia inteiro e chegou a ter 12 em atividade, marcando o ritmo dos ensaios. Era impossível manter um andamento das músicas diferente daquele, que fazia tremer o chão e entrava pelas paredes. A solução foi usar o tá-tá-tá-tá-tá-tá das britadeiras como um metrônomo e adaptar o andamento das músicas a elas. São essas britadeiras invisíveis que podem ser "ouvidas" em seu LP, que talvez por isso não foi o grande disco que Tim e Guto esperavam. Apenas algumas músicas boas, como a dançante "Venha dormir em casa", mas nenhuma arrasa-quarteirão, padrão Maia. Na contracapa, Tim explicava e justificava tudo:

"Agradecimento ao pessoal da Vitória Régia (Paulinho Guitarra, Pi, Paulinho Roquete, Carlinhos) que participou ativamente de todos os ensaios — apesar das 12 britadeiras da construção vizinha —, a Márcio Leonardo, Telmo e à minha mãe Maria Imaculada Maia.”

Além das britadeiras, a gravação do disco passou por muitas peripécias e sobressaltos. Com a banda ensaiada e afiada, Tim partiu para São Paulo para fazer uma apresentação no programa do Chacrinha, na TV Tupi. Para aproveitar as passagens e a hospedagem por uma noite no Hotel San Raphael, avisou à banda que ficariam mais dois dias em São Paulo, para gravar o disco no Estúdio Gazeta, "o melhor do Brasil". Já estava tudo acertado — ele tinha telefonado do

Rio marcando os horários —, gravariam o disco todo de uma enfiada, em dois dias, todos juntos, como se fosse ao vivo. A banda estava preparada.

E assim foi, ou quase. Em dois dias, todos juntos no estúdio, com painéis separando os instrumentos para evitar vazamentos de som, gravaram as 11 bases e algumas vozes de Tim, mas não deu para finalizar tudo e mixar, como ele queria. O horário terminara, outros músicos esperavam ansiosos para entrar. E, pior, Tim pagara o estúdio em dinheiro, antes de começar a gravar. Estava zerado.

Réu confesso de ter faltado a diversos shows, muitas vezes Tim foi vítima de empresários e produtores trambiqueiros, que se aproveitavam de sua má fama para tentar explorá-lo. Para se proteger deles, criou uma senha de retirada, caso o contratante não aparecesse com 50% do levado em dinheiro vivo antes do show. Bastava gritar ou sussurrar "estratégia" que o pessoal nem tirava os instrumentos das caixas e começava a andar acelerado para o ônibus.

Assim que voltou com os músicos ao Hotel San Raphael, não deu outra:

"Estratégia!”

"Aí, rapaziada, é o seguinte: embala tudo que a gente vai fazer um show", Tim deu a senha para a retirada.

Foi o que ele disse na recepção enquanto os músicos faziam uma confusão proposital na saída para esconder as sacolas de roupas misturadas com as caixas de instrumentos. Deixou a chave do carro alugado na recepção, pago com um cheque sem fundos, e partiu.

Como era tarde e precisavam dormir em São Paulo, seguiu a sugestão de um motorista e foi com a banda em dois táxis para um muquifo numa zona distante e perigosa, mas a salvo dos cobradores do San Raphael. Sob protestos, os músicos passaram a noite amontoados em dois quartos de um puteiro piolhento.

De manhã, novo problema. Alguns músicos ameaçaram se amotinar quando Tim disse que não voltaria para o Rio de avião e queria que pelo menos parte da banda o acompanhasse na viagem de volta no seu carro novo.

"Que carro novo, Tim?”

Na esquina do hotel, uma agência vagabunda de carros usados exibia um Ford Galaxy reluzente, em estado de novo, pouquíssimo rodado, de um único dono, a preço de promoção. Tim adorou o carro, era grande e confortável como ele gostava. O vendedor ficou encantado em conhecer Tim Maia, ganhou uma capa de disco autografada e 50% do pagamento com a mesma assinatura em um cheque voador.

Na estrada desde as dez da manhã, com Tim dirigindo a 60 quilômetros por hora, os músicos dormiam amassados no carrão quando desabou um temporal, e o Galaxy enguiçou na serra nas proximidades de Resende. Entre conseguir uma carona, encontrar um mecânico e o carro voltar a rodar, passaram-se mais de cinco horas. Só conseguiram chegar em casa às duas da manhã, com Tim praguejando contra a agência de automóveis que lhe "vendera" uma bomba.

Em setembro de 1977, Tim sofreu um duro golpe e a Vitória Régia um grande desfalque, com a saída de Paulinho Guitarra, depois de um show caótico no Instituto de Educação, na Tijuca. Dos três shows anunciados, foi o único a que Tim compareceu, completamente enlouquecido. As normalistas e suas famílias lotavam a platéia: "Estou muito honrado de tocar para essas galinhas", gritou Tim, era apenas a abertura do show.

Foi o grão que faltava. Paulinho não agüentou mais tantas loucuras, estratégias e cachorradas e foi tocar com Cassiano.

Tim estava fazendo um lanche com Gastão Lamounier na sua velha e querida Padaria Paraíso, na Rua Real Grandeza, quando viu parar um carro e saltar um bicho muito louco, de cabelos arrepiados. Reconhecido por Gastão, o guitarrista piauiense Renato Piau foi convidado a entrar e lanchar.

Piau estava durinho, durinho, tinha até vendido sua guitarra, e aceitou deleitado o sonho que Tim lhe ofereceu:

"Está uma delícia, eu como sempre aqui.”

Tim não o reconhecera e Piau se reapresentou. Já estivera com ele antes,

levado por Hyldon, logo que chegara de Teresina e começara a tocar com Os Selvagens, substituindo Michael Sullivan. Depois, em um show em Niterói e no apartamento da Figueiredo Magalhães, queimando um fumo violento.

Enquanto Piau mastigava seu sonho, Tim foi direto ao assunto:

"Vem cá, tu não quer tocar comigo em São Paulo? Estou precisando de um guitarrista, porque o meu se mandou.”

Assim, na lata, sem nunca ter ouvido Piau tocar.

"Claro que eu quero tocar com você, Tim", gaguejou Piau, "o problema é que eu estou sem o instrumento...”

"Então não tem problema, vamos lá para a Seroma que tem tudo que é instrumento. Vambora, mermão.”

Piau era cantor e guitarrista dos Brasinhas, em Teresina, quando ouviu pela primeira vez, em 1971, Tim Maia cantando "Cristina" e "Coroné António Bento". Teve um impacto semelhante ao de Tim, Roberto e Erasmo ao ouvir João Gilberto cantando "Chega de saudade". Ficou louco com aquele som, era tudo que ele queria, aquilo mudou sua vida. Pegou um ônibus e dias depois desembarcava com sua guitarra no Rio de Janeiro. E agora estava ali, com seu ídolo, subindo a ladeira do Sacopã, na Lagoa, rumo à legendária Seroma.

No estúdio, Tim passou na guitarra para Piau todos os arranjos do show. Depois de alguns ensaios com toda a banda, Piau estreava com seu ídolo em um show, não em São Paulo, mas no Carioca Esporte Clube, no Jardim Botânico. Uma estréia muito especial: movida a chá.

Tim preparou um poderoso chá de cogumelos psicodélicos e serviu para toda a banda. O show foi em clima viajandão aos olhos dos músicos os instrumentos ficavam enormes, distorcidos, fosforescentes, derretiam em suas mãos —, Tim e a banda se divertiram muito, mesmo com algumas músicas saindo muito mais lentas e outras muito mais rápidas do que o habitual.

Para comemorar a estréia, Tim chamou Piau para jantar no apartamento que dividia com Dom Pi, no Jardim Botânico, próximo à entrada do túnel Rebouças.

Piau só estivera com o discreto e educado Pi em alguns ensaios e no show. E se tornou seu admirador nessa noite, depois que o viu travar uma acalorada discussão com Tim, com uma coragem quase suicida para confrontá-lo em sua fúria e fazê-lo pensar por alguns momentos. Voltar atrás ou pedir desculpas estava fora de cogitação para Tim; só fazê-lo refletir um pouco já era muito. Além de músico talentoso, Pi era habilidoso e inteligente, conseguia sustentar uma discussão com Tim de igual para igual e dividir um apartamento com ele em relativa harmonia.

Todo o bate-boca era porque Tim não se conformava com o fato de Pi não conseguir umas meninas para aplacarem a sua solidão. Pi havia ligado para duas ou três cafetinas conhecidas, para um serviço de acompanhantes, mas não havia ninguém disponível ou com disposição para atender Tim Maia carente e nervoso.

"Vai buscar na Vieira Souto, meu filho", Tim queria que Pi pegasse o carro e trouxesse uma ou duas garotas que faziam ponto na praia de Ipanema.

Como Pi se recusava terminantemente e não haveria ninguém para aplacar a sua solidão, Tim aplacaria pelo menos a sua fome. Foi para a cozinha e preparou uma macarronada à Soriene.

"É o nome da minha cantina, Piau", começou a chamá-lo assim, alongando o "li" final, à italiana, como se ao entrar para a banda Piau ganhasse uma nova identidade, bem mais chique.

Nem Piau e nem ninguém jamais conseguiu encontrar uma cidade italiana e nem mesmo uma cantina com o nome de Soriene. A receita era uma exclusividade Maia — o macarrão com tudo que houvesse na geladeira.

Para sobremesa, anunciou o "creme". Abriu duas latas de leite condensado, jogou meia lata de Nescau, mexeu e pronto:

"A Cantina Soriene apresenta o creme.”

Piau, ou Piauli, se tornava titular da Vitória Régia e também assumia parte das múltiplas funções de Paulinho, dividindo com Dom Pi as responsabilidades de assistência completa, geral e irrestrita a Tim, incluindo contratos, levados, transportes, rangos e eventualmente garotas.

Tim deu por encerrada a breve e malfadada carreira do seu LP em inglês, encheu o quarto de empregada com as caixas de discos encalhados e mergulhou na produção de seu primeiro LP para a Warner, nova gravadora de André Midani, que estava se instalando no Jardim Botânico.

O rei do soul não considerava a discoteca música de branco, das cocotinhas da Zona Sul; para ele, ela não era oposta, mas complementar ao soul negro da galera da Zona Norte. Tim se sentia muito à vontade ao lado de Kool and the Gang e do Chie:

"Faço música de preto. E os pretos precisam se convencer de que chegaram ao mundo dos brancos acidentalmente, em navios negreiros. Olha só isso que chamam de movimento Black Rio: os negros não passam de xérox dos americanos, que, por sua vez, imitam os brancos. Não sacam que o negócio é voltar para a África."

O Tim Maia Disco Club seria um dos melhores discos de sua vida e marcaria sua entrada triunfal na onda da disco music e o início de sua colaboração com o tecladista e arranjador Lincoln Olivetti, um dos mais talentosos estilistas do Brasil, com quem faria muitas das melhores gravações de sua carreira.

A seleção carioca do soul entrou em campo com sua força máxima, com Paulinho Braga na bateria, Jamil Joanes no baixo, Robson Jorge no clavinet, Piau, Hyldon e o jovem Pepeu Gomes na guitarra, Sidinho e Djalma Corrêa na percussão, os trombonistas Edmundo Maciel e Darcy, Paulinho Trompete 1 e Paulinho Trompete 2, os saxofonistas Jorginho, Juarez e Aurino, no naipe de metais, sob a batuta, o piano Fender Rhodes e o órgão Hammond de Lincoln Olivetti.

No estúdio Levei, em Botafogo, Piau viveu momentos de grande emoção e suspense, durante a gravação da sua "Pais e filhos", feita em parceria com Arnaud Rodrigues. Com a base gravada, Tim chamou o maestro argentino Miguel Cidras para escrever o arranjo de cordas, segundo as suas orientações. No estúdio, quando o maestro abaixou a mão e os violinos tocaram, Tim não

gostou do que ouviu, não era nada daquilo que esperava. Em certas partes as cordas faziam a mesma melodia que ele cantava, se confundiam com sua voz, quando deveriam ser em contracanto.

Quando a música terminou, o produtor Guti Carvalho, pelo microfone da técnica, chamou o maestro para vir ouvir o resultado. Tim soltou os cachorros:

"Pô, Guti, já te falei pra não chamar esse cara, mermão. Ele faz esses arranjos quatro-quatro-meia e assim não dá pra cantar.”

Guti esquecera o microfone aberto e não só o maestro como toda a orquestra ouviram a esculhambação em alto volume. Miguel era um lourão corpulento, sanguíneo e cabeludo e, botando fogo pelas ventas, invadiu a técnica berrando em portunhol:

"Hijo de uma puta! Yo te fuedo Tim Maia!”

Não era para menos, quatro-quatro-meia, na língua de Tim, era o que nem chegava a cinco, era pior do que mais ou menos.

Miguel agarrou Tim numa gravata e derrubou-o como um touro de rodeio, enquanto Guti e Piau tentavam desapartar. O gringo estava furioso e Tim, de língua de fora, sufocava, esperneava e gritava "tira esse cara daqui!".

A muito custo o cara foi tirado dali e a gravação encerrada. Foram todos para uma salinha que André Midani havia cedido na casa da Warner para ser o escritório de produção durante a gravação do disco. Um "garrastazu" oficial.

O clima estava pesado, mas foi logo aliviado com a visita do amigo Maurício do Valle, o querido Maurição, um grande ator baiano que se celebrizara como o "António das Mortes" de Glauber Rocha e que também gostava de dar seus tirinhos fora da caatinga e das telas. Maurição foi recebido como um mensageiro da alegria, apresentou um gordo papelote de pó de primeira, e a festa começou. Mais à vontade, Tim decidiu:

"Ó Guti, esse Miguel é mesmo muito quatro-quatro-meia, mermão. Manda trazer o Lincoln Olivetti pra escrever essas cordas.”

Com Lincoln, vieram uma nova riqueza nos arranjos, um fraseado mais sofisticado de metais, o batidão disco se incorporava à levada do funk-samba-

soul com naturalidade, com a massa de cordas se desenvolvendo em espirais vertiginosas. Melhor e mais dançante do que aquilo, só o Earth, Wind and Fire. O disco abria com três clássicos, em seqüência, feitos para dançar. "A fim de voltar" e "Acenda o farol", duas discos empolgantes, que emendavam com o funkão pesado "Sossego", uma de suas obras-primas, com seu groove hipnótico e seus riffs de metais em brasa. A letra era uma síntese absoluta, um haicai carioca:

"Ora bolas, não me amole,
com esse papo de emprego,
não tá vendo, não tô nessa,
o que eu quero é sossego!"

Era só isso, e tudo isso. Não precisava mais nada, estava dado o recado. Não havia festinha, boate, bailão ou discoteca em que a pista não estourasse quando Tim pedia sossego ou dizia que estava a fim de voltar ou mandava, se o pneu furasse, acender o farol.

"Sossego" foi uma das músicas mais tocadas do ano, um dos grandes sucessos da trilha sonora da novela Pecado Rasgado e do filme Nos Embalos de Ipanema, de António Calmon.

Tim estourava no Brasil inteiro, fazia um show atrás do outro sem faltar a nenhum, mas os problemas continuavam. No ginásio do Guarani, em Campinas, não foi nem o caso de estratégia. Foi muito pior. Ansioso para fazer um show legal para o povão que lotaria o ginásio, cantar os seus sucessos e experimentar as novidades com a Vitória Régia, Tim esperava o empresário que pegaria os músicos às 23 horas. Com o levado, naturalmente.

Uma da manhã e nada. Tim pronto, a banda inquieta, tensão no hotel. As duas da madrugada finalmente o homem apareceu, transtornado. Alguma coisa dera muito errado: menos público que o esperado, roubo da bilheteria, calote de um patrocinador. O empresário tentou ser meio correto e ofereceu pagar metade do cachê a Tim — para não fazer o show.

Tinha seus motivos, mas Tim insistiu, já que havia feito a viagem e estava

esperando até aquela hora, louco para cantar, concordou em receber metade do cachê — mas faria o show inteiro.

No ginásio, os ânimos estavam exaltados. Por volta de uma da manhã, como Tim Maia não aparecia, o público começou a vaiar e a gritar pela devolução do dinheiro, choveram garrafas, brigas estouraram, a polícia interveio, mas os mais furiosos resistiam.

Às duas e meia, quando Tim e a Vitória Régia chegaram, o chão estava coberto por cacos de vidro, o povo gritava furioso, o empresário implorou que ele não entrasse no palco. Tim mandou ligar o som e que a banda atacasse a introdução de "Sossego". Entrou sob uma gritaria infernal, e, mal começou a cantar, uma garrafa jogada da arquibancada explodiu a seus pés. Outras se seguiram, sobre os músicos, os instrumentos e equipamentos, nem foi preciso gritar "estratégia". Todos fugiram para o camarim aterrorizados, choviam garrafas sobre o palco, a turba gritava: "Quebra!", "Mata!", "Toca fogo!".

Enquanto os bombeiros tentavam esfriar a massa enfurecida com jatos de água, protegidos por um batalhão de choque da PM Tim e os músicos embarcaram num camburão, o único meio seguro de levá-los vivos de volta ao hotel.

Foi a única vez que Tim ganhou para não fazer um show e ainda andou no banco da frente de um camburão.

Logo depois de sobreviver à turba em Campinas, Tim e a banda foram a São Paulo, para uma apresentação no maior bailão black do Brasil — o Chie Show 9 que todo sábado reunia mais de 10 mil pessoas no ginásio do Palmeiras.

Como Tim detestava avião, tiveram de encarar a estrada. No microônibus alugado pelo empresário, o motorista foi instruído a não passar de 60 quilômetros por hora e os músicos congelaram quando Tim entrou com um convidado especial: o seu fiel, feroz e enorme Dick, o fila brasileiro, que, talvez nervoso pelo ambiente em movimento, começou a latir e a soltar peidos fedorentíssimos. No último banco, abraçado com Dick, Tim se divertia com o terror dos músicos e anunciava que ia torrar unzinho, para ajudar a disfarçar a

fedentina.

A apresentação no Chie Show foi um grande sucesso.

O cachê foi pago em dinheiro, Tim não reclamou do som e saiu ovacionado e feliz, ouvindo seu nome gritado por 10 mil vozes, se sentindo um Muhammad Ali.

De volta ao Rio, na festinha de aniversário de Bruno, filho de Chico Anysio, na discoteca Papagaio, Tim foi convidado a fazer uma música para o novo personagem que Chico lançaria na televisão, aproveitando a abertura política e cutucando o novo presidente Figueiredo: seria sua ex-professora "Salomé", que lhe telefonaria de sua casa em Passo Fundo e o chamaria de João Batista. A festinha foi ótima, Tim se empapuçou de doces e salgadinhos, o garoto do Chico Anysio era muito esperto e engraçado, o novo personagem foi um sucesso estrondoso na televisão, mas a música de Tim e Piau nunca foi ao ar.

Com o playback pronto, foi gravar a voz na TV Globo, e como o técnico não tinha o microfone que ele queria, fechou o tempo. Antes que Tim se atracasse com a vítima, foi arrastado por Piau para a Padaria Século 20, em frente à emissora, para tomar um café e esfriar, ou esquentar, a cabeça.

O horóscopo de Zora Yonara não lhe devia estar propício nesse dia. Quem também estava na padaria era o grande percussionista Chico Batera, que ouviu Tim esbravejando que em sua casa tinha dois microfones muito melhores do que aqueles da TV Globo.

"Então vende um e me paga aquele dinheiro que tu me deve", Chico aproveitou a deixa para tentar receber pelo aluguel atrasado de uma bateria.

Tim ficou possesso:

"Tu não é percussionista porra nenhuma, tu é alugador de instrumento! Quer me cobrar vai lá na Seroma, no horário comercial. Não fode, ô Chico Batera!”

No dia seguinte, no horário comercial, Chico foi à Seroma. Encontrou Tim sentado com um baseadão, numa tranqüila, numa relax, numa boa:

"Ô, Chico Batera, vir aqui me cobrar é fácil. Eu quero ver é você me dar

um carro novo, com toca- fitas para eu ouvir meu disco. Me dar um tapa na cara é fácil, quero ver é você me dar uma moto nova.”

Diante da argumentação incontestável, Chico deu a causa como perdida, assumiu o prejuízo e saiu como entrou, sem dizer uma palavra.

Não era só com fornecedores, empresários e funcionários, as relações de Tim com a sua imensa família também nunca foram muito tranqüilas. Alternava brigas e discussões com demonstrações de carinho, generosidade e afeto, algumas bem práticas, como quando socorreu um parente muito próximo, que passava por grandes necessidades. A pedido de sua mãe, Tim cedeu-lhe um pequeno apartamento que acabara de comprar na Rua Sampaio Ferraz, no Estácio. Totalmente grátis, só tinha que pagar uma merreca de condomínio e IPTU.

Três anos depois o apartamento foi a leilão judicial, o IPTU e o condomínio jamais tinham sido pagos. Através de um advogado, Tim acabou comprando dele mesmo o seu próprio apartamento. E pagou os atrasados, com juros, multas, correção monetária, custas judiciais e comissão do leiloeiro.

Ficou furioso com o prejuízo e sabem Deus e o Diabo o que não disse ao parente inadimplente. Só não conseguiu expulsá-lo da boca-livre imobiliária por intercessão de sua santa mãe, como contou em diversas entrevistas.

Mais dois anos de canos e o apartamento foi de novo a leilão. E de novo foi arrematado por Tim, como esperava, tinha certeza, o inquilino familiar.

Quando aconteceu pela terceira vez, foi demais até para Tim Maia, que decidiu que deixaria o cafofo ir a leilão só pelo prazer de ver o cara despejado. Mas acabou pagando os débitos e conseguindo com um advogado uma ordem de despejo judicial para botar para fora o caloteiro. Mesmo assim levou quatro meses para retomar o apartamento que comprara três vezes.

REENCONTROS E DESENCONTROS, 1979, 105 KG

Ano novo, gravadora nova, disco novo. E um substancial adiantamento. Desta vez as gravações seriam na EMI-Odeon, em Botafogo, de onde se tinha uma vista panorâmica do Cemitério São João Batista.

Tim não simpatizou muito com a vizinhança, mas tinha adorado o estúdio novo em folha, com equipamentos ingleses de última geração. Dois meses antes, ele estivera ali gravando com Fábio a sua balada "Até parece que foi sonho", com letra de Paulo Sérgio Valle, para dar um gás na carreira do amigo, que estava recomeçando na Odeon.

O compacto tocou bem no rádio e logo Tim recebia um novo apelo de seu velho Juancito, o Fabiano, para repetir a dose e gravar com ele "Velho camarada", de Cassiano e Hyldon, que o produtor Augusto César, o Carneirinho dos Fevers, acreditava que podia alavancar a sua carreira.

Mas Tim deu trabalho. Queria ajudar o amigo a perigo, mas não estava a fim de dar moleza para nenhuma gravadora. Finalmente concordou em gravar "Velho camarada", mas disse que não iria cantar, só tocar flauta. OK. Era melhor do que nada. No estúdio, quando ouviu o playback da banda, não resistiu, largou a flauta e soltou a voz num memorável dueto com seu velho amigo, ex-hospedeiro e eterno pupilo. A estrela de Fábio, que estava nas sombras, voltava a brilhar.

Depois de gravado o dueto, Carneirinho e Fábio chamaram Hyldon para uma participação: o refrão de seu clássico "Na Rua, na chuva, na fazenda" se encaixava com perfeição no final da música, parecia ter sido feito sob medida como uma continuação de letra e melodia. Fábio só cantava os quatro primeiros versos, dali em diante Tim tomava conta da música e solava direto até o final.

Assim que foi distribuído, o compacto estourou nas rádios, o público

voltava a ouvir a voz de Fábio, junto com Tim Maia e Hyldon, numa bela canção sobre amor e amizade.

O disco era um grande sucesso nacional — o comportamento de Tim no estúdio fora impecável —, e Carneirinho sentiu firmeza para convencer a companhia a lhe oferecer um contrato para três LPs. E, além de um levado pesado, liberdade absoluta. Tim assinou o contrato e, antes de começar as gravações, avisou que estava proibida a presença de estranhos — como o diretor artístico e o presidente da gravadora — no estúdio.

Com forte inspiração nos timbres e frases do Earth, Wind & Fire e arranjos e teclados de Lincoln Olivetti, a Vitória Régia entrou em campo com Robson Jorge numa guitarra e Piau na outra, Paulinho Braga na bateria, Jamil Joanes e Valdeci se alternando no baixo, Dom Pi no piano e o naipe de metais com Serginho Trombone, Paulinho Trompete e Oberdan suando para tocar as frases suingadas e velozes que Lincoln escrevia.

Como um time de futebol de craques, acostumados a jogar juntos, mesmo com o desfalque do meio-de-campo Paulinho Guitarra, a Vitória Régia jogava por música. Era um time de estrelas capitaneado pelo Pele do soul, que agora também tinha um grande técnico para armar jogadas sensacionais que se fechavam em golaços musicais.

Normalmente, o arranjador servia apenas para escrever na pauta as notas e acordes ditados por Tim para cada instrumento. Lincoln seria o primeiro a desfrutar de relativa liberdade criativa, desde que não contrariasse a vontade do chefe. Lincoln tinha idéias musicais próprias e brilhantes, que quase sempre antecipavam, complementavam e ampliavam as de Tim. A dupla de craques se esbaldava na fusão explosiva de disco-funk-samba- soul iniciada com o Tim Maia Disco Club.

"Reencontro", uma balada romântica e suingada na onda do Earth, Wind & Fire, dos vocalistas Júnior Mendes e Gastão Lamounier, logo pintou como um possível hit de rádio e deu nome ao disco. Mas a favorita dos músicos era a linda "Lábios de mel", de Edinho Trindade, com Tim dando um show de bola

embalado pelo arranjo de Lincoln. Outra boa balada, temperada por frases de metais, era "Eu só quero ver", do guitarrista americano Gabriel O'Meara em parceria com Ana Cristina Cajueiro. A dupla Lincoln e Robson Jorge contribuiu com uma das melhores do disco, a ultra-suingada "Foi para o seu bem".

Tim se deu ao luxo de compor e gravar duas faixas instrumentais, românticas e apaixonadas, uma para sua querida e saudosa Geisa, a mãe de Telmo, solada pelo trompete de Paulinho, e outra para uma garota linda, leve e loura, que acompanhava a banda em ensaios e shows e era desejada por todos, especialmente por Tim, que lhe deu o codinome e a música "Garça dourada". São as suas melhores canções do disco, já que "Pra você voltar" e "Pára com isso" não chegam a empolgar. O "Boogie esperto", que abre o LP, é o velho e clássico boogie americano, acariocado e assinado por Tim e Hyldon.

Assim que chegou às rádios, "Reencontro" se tornou uma das mais pedidas pelos ouvintes e começou a disputar o primeiro lugar na preferência popular com "Não chore mais", a versão de Gilberto Gil de "No Woman, No Cry", de Bob Marley. Euforia na gravadora, o disco era ótimo e fora entregue no prazo, as rádios haviam recebido entusiasticamente o primeiro single, a música tocava sem parar, o departamento de vendas estava excitadíssimo.

O diretor de marketing Roberto Augusto, novo golden boy da indústria do disco, tinha planos grandiosos e uma ótima verba para o lançamento. Reuniria a mídia, o mundo musical e os formadores de opinião, em duas festanças, no Rio e em São Paulo, com decoração e bufe luxuosos, num lançamento digno de uma grande estrela, que impulsionaria as vendas e espalharia o sucesso do rádio. Não havia como errar; um disco tão bom e tão bem promovido seria "disco de ouro" na certa. Ou quase.

Quando, como prova de confiança da companhia no potencial de seu disco, Roberto Augusto mostrou orgulhosamente seu plano de marketing e disse a Tim quanto gastaria no lançamento — quase o mesmo que custara a gravação —, o homem virou bicho.

Xingou Roberto Augusto, a EMI-Odeon e seus familiares até a quinta

geração.

"Bota essa pacoteira na minha mão que eu trabalhei muito mais e mereço muito mais! Não vão dar o meu dinheiro pra pagar jabá pra disc jockey, não! Ladrões filhos-da-puta! Burros!!!", gritava enfurecido.

Pelas leis do marketing Maia, com aquela bolada na mão, a melhor promoção seria investir parte numa grande turnê, com um bom som e uma banda bem paga, e embolsar o resto. E não foi à entrevista coletiva nem à festa no Rio. A de São Paulo foi cancelada.

Roberto Augusto apresentou seu pedido de demissão na EMI-Odeon; em nenhuma hipótese trabalharia com Tim Maia. Mas o presidente da gravadora achou melhor manter seu eficientíssimo marqueteiro e dar um pé na bunda daquele doidão encrenqueiro.

Tim recebeu o envelope fatídico com o cancelamento de seu contrato e telefonou para Carneirinho se lamentando, sentindo-se vítima de uma grande injustiça:

"Pô... sartaram comigo, me mandaram embora, mermão, vê se dá um jeito aí."

Não havia jeito. A gravadora abandonou o disco e o cantor à própria sorte, e o sucesso certeiro e retumbante se transformou em silencioso e imprevisto fracasso.

Na virada para 1980, a onda disco morria na praia e as guitarras do rock voltavam a roncar. Rita Lee se tornava uma grande estrela e seus shows lotavam ginásios no Brasil inteiro. Surgiam os novos e talentosos Lulu Santos, Ritchie, Lobão e Marina Lima. Para Tim Maia não fez a menor diferença, o chefão do soul continuou enchendo qualquer pista.

A maior e mais bonita pista da cidade era a do Noites Cariocas, no alto do Morro da Urca, com uma vista deslumbrante do Rio de Janeiro iluminado, onde às sextas e sábados a Zona Norte se juntava à Zona Sul e a multidão de jovens dançava até o dia clarear.

O Noites abriu a nova década com um espetacular réveillon produzido por

Joãozinho Trinta com o tema "Jardins suspensos de Iemanjá" e anunciou uma programação musical exclusivamente brasileira e dançante, tanto nos shows ao vivo quanto nos hits detonados pelo DJ Dom Pepe nas picapes, com a Banda Black Rio tocando para dançar, antes e depois do show. Seria a casa da Música Pra-pular Brasileira, expressão inventada pelo poeta Júlio Barroso, criador da Gang 90, para a poderosa música dançante que ia de Jackson do Pandeiro a Zé Ramalho, de Rita Lee a Alceu Valença, da Orquestra Tabajara à Black Rio, de Jorge Ben a Tim Maia, uma grande música que não ficava devendo nada a seus similares estrangeiros.

O nome de Tim foi aclamado por todos na primeira reunião de produção para definir a programação do Noites. O tamanho do local dava possibilidades de oferecer-lhe um bom cachê, porque certamente seu show esgotaria os 4 mil ingressos. O pessoal da produção estava excitado. Só o gerente Djalma manifestou alguma apreensão, pela fama de Tim de faltar aos shows.

Como diretor artístico e dono da casa, bati o martelo: Tim era meu amigo há muitos anos e não faria uma sacanagem dessas comigo. Se o som estivesse bom, o cachê fosse pago em dinheiro antes do show e houvesse um "garrastazu" para ele torrar um baurete, não haveria nenhum problema, foi o que assegurei, temerariamente.

Dois dias antes do show, metade do cachê combinado foi pago a Tim em erva viva. Foi contratado o melhor som da cidade, com os técnicos indicados por ele. A noite do show estava quente e estrelada, os ingressos se esgotavam rapidamente, a fila para os bondinhos dava voltas pela Praia Vermelha. Eram dois bondinhos italianos, modernos e envidraçados, que levavam 75 passageiros de cada vez e em cerca de quatro minutos chegavam ao alto do morro.

Meia-noite, a casa fervia, a pista pulava feito pipoca, a Vitória Régia estava pronta, o som em ponto de bala, só faltava Tim Maia.

Depois de vários telefonemas nervosos, com Tim dando cada vez uma desculpa diferente, o produtor Nelson Ordunha, o Duda, que era habilidoso e tinha larga experiência com doidões, foi enviado com urgência ao apartamento

de Tim na Rua Marquês de São Vicente, na Gávea, a uns vinte minutos de carro da Urca. Conhecendo Tim, Duda passou pela bilheteria e encheu uma sacola de supermercado com os 50% restantes do cachê em dinheiro vivo.

Na Gávea, encontrou Tim de cuecas samba-canção, camisa pólo e chinelos, muito à vontade. Recebeu-o com simpatia e cordialidade, ofereceu-lhe um baurete, uma carreira de pó ou uma dose de uísque, ou tudo junto. Mas Duda tinha pressa e foi logo entregando a sacola com o levado e dizendo que a casa estava superlotada e nós estávamos esperando por ele ansiosamente.

Tim estava meio chapado, meio travado e meio alcoolizado, e Duda avaliou que as chances de ele ficar completamente inviabilizado para um show eram grandes. Tim olhava com ternura os pacotes de notas espalhados em cima do sofá, alisava-os como se fossem um bicho, tomou mais uma dose de uísque, vestiu uma camisa de cetim azul e uma jardineira de lamê prateado e entrou no carro de Duda como um boi que vai para o matadouro.

"Se passar de 60 eu salto dessa porra e não tem show nenhum", rosnou.

Pela cidade semideserta, o carro de Duda navegava lentamente pela madrugada carioca e Tim tomava pequenas doses de uísque num copinho.

No Morro da Urca lotado, eu roía as unhas e rezava trancado no escritório, enquanto a multidão urrava: "Tim Maia! Tim Maia! Tim Maia!”

Passava de uma da manhã quando finalmente Djalma ligou da estação do bondinho na Praia Vermelha. Mais esperado que um Messias, o homem tinha chegado com Duda, de macacão prateado e garrafa de uísque na mão.

Essa era a ótima notícia. A péssima era que Tim estava dizendo que não entrava no bondinho nem amarrado, só com anestesia geral.

Duda e Djalma ofereceram tudo, drogas, mulheres, dinheiro, um bondinho só para ele, que subiria de olhos vendados, como os cavalos dos picadores nas touradas, para que não se apavorassem com o touro. No caso, com a paisagem deslumbrante 200 metros abaixo.

Embalado por uma brisa leve, o bondinho balançava suavemente nos cabos de aço, aguardando seu ilustre passageiro, enquanto no alto do morro a

multidão gritava por Tim Maia. Apavorado, pedi que a Vitória Régia fosse para o palco. Quando o batidão de "Sossego" encheu o ar, o público delirou, mas o groove rolava e nada de Tim Maia, o povo gritava por ele ainda mais forte.

Tim não queria subir de jeito nenhum. Desesperado, telefonei para a estação e mandei chamá-lo:

"Pelo amor de Deus, Tim, pela nossa amizade, pelos nossos filhos, se você não estiver aqui em três minutos o povo vai quebrar tudo, vão destruir a casa, ouve só", estendi o telefone na direção da pista para que ele ouvisse a banda tocando e o furor do povo gritando por ele.

"O Nelsomotta, como você é meu amigo, eu vou fazer esse show pra você, mas vamos fazer o seguinte: como esse bondinho não vai agüentar o meu peso, em vez de eu subir, você manda o povo descer que eu faço o show aqui na Praça."

Soltou uma gargalhada, tomou mais uma talagada de uísque e entrou no bondinho de olhos fechados, se divertindo com o susto que me dera, amparado por Duda e Djalma e cercado por quatro seguranças. Cinco minutos depois Tim entrava no palco e o topo do Morro da Urca quase entrava em erupção. Com Tim Maia, não havia sossego.

De novo, a convite da Polygram, Tim retornou ao estúdio Transamérica para gravar um disco.

Com praticamente a mesma banda e arranjos de Lincoln, gravou um repertório pouco inspirado, mas estourou um big hit nacional com "Eu e você, você e eu (Juntinhos)", que se tornaria um de seus grandes clássicos. O estrondoso sucesso da música no rádio o levou a todos os programas populares de televisão e choveram convites para bailes, festas e shows.

Um deles foi de um rico empresário de São Paulo, de origem árabe e presidente de uma escola de samba, ativo colaborador das campanhas eleitorais de Paulo Maluf. Tudo combinado e contratado, no dia do show, a uma da tarde, chegou um emissário do homem, esbaforido, com uma sacola cheia de dinheiro. Entregou-a a Tim e disse que estava indo para o aeroporto e esperaria por eles lá.

Tim achou tanta afobação meio suspeita, disse que ia mandar a banda para o aeroporto e começou a fazer contas com seu secretário Celinho Matos:

"Se a gente for de carro, devagarzinho, chega em São Paulo lá pelas dez horas. Vai para o hotel, toma um banho e dá tempo até para um cochilo antes do show, que é à meia-noite. Vai contando o dinheiro aí, Celinho", entregou-lhe a sacola.

Eram vários pacotinhos de notas pequenas, e cada um deveria ter cem cruzeiros, mas o primeiro que Celinho contou tinha só 90. O segundo também, e o terceiro, o quarto, todos tinham sido garfados em 10%.

"O quê? Montinho artilheiro?" Tim ficou possesso quando Celinho lhe contou que o levado estava malhado.

"Tão pensando que eu sou otário? Pô, o 171 aqui sou eu! Não vamos porra nenhuma, mermão!", gritou, mandando avisar à banda para ir todo mundo para a casa dele.

Quando o pessoal chegou, Tim relatou o golpe e anunciou que não faria o show e que usaria o dinheiro para convidar todos para uma comemoração no Barbarella, famosa boate de putas em Copacabana.

Para os que se animaram a acompanhá-lo, Tim pagou uma rodada de garotas e de uísque, brincou com todo mundo, bebeu, cantou e dançou.

No dia seguinte, recebeu um telefonema ameaçador de São Paulo. O empresário estava uma fera, tinha ótimas relações na polícia e não costumava ser paciente com quem tentava enganá-lo.

Mas Tim não se intimidou e falou que tinham tentado lhe aplicar um 171. Provavelmente familiarizado com comissões de 10% e com o estilo de sua turma, o homem admitiu que provavelmente Tim tinha razão e pediu desculpas. Daria um corretivo no mensageiro trambiqueiro.

E fez mais: foi pessoalmente ao Rio, pagou a Tim a diferença, com juros e multa, ofereceu-lhe um novo cachê e ainda o convidou para ir um dia antes do show para São Paulo e passar a noite em uma de suas fazendas.

Mas Tim declinou o convite rural e se contentou com um tratamento

urbano nababesco, devastando o room service e o frigobar da suíte presidencial de um grande hotel de São Paulo. A noite, na Praça, incendiou a multidão com um show sensacional e agradeceu em cena várias vezes ao generoso contratante e ao seu grande candidato.

Se, como contratado, Tim era bastante atípico, como contratante também tinha estilo muito peculiar. Depois de tentar pagar os bons serviços do baixista Jamil Joanes com um suspeitíssimo cheque de Londrina, Paraná, recusado pelo músico, achou absolutamente natural pagá-lo com 200 gramas de maconha, que tirou de uma grande lata debaixo da pia e embrulhou em papel laminado, embora Jamil sequer fosse um fumante eventual.

"Mas, Tim, como é que eu vou pagar supermercado, luz, telefone?”

"Isso vale muita grana, mermão! Leva pra tu e vende caro, que esse é do Rio.”

Para Tim era assunto encerrado, serviços pagos, estilo Maia.

Jamil saiu sem dinheiro e sem maconha.

A década de 80 começava com uma nova série de programas de televisão de estrondoso sucesso de público e crítica. "Grandes Nomes" era dirigido por Daniel Filho e tinha Guto Graça Mello na produção musical e Luiz Carlos Maciel e Maria Cármen Barbosa nos roteiros.

Os programas eram gravados ao vivo no Teatro Fênix, no Jardim Botânico, com uma platéia de estrelas da TV Globo e amigos.

O artista apresentava seus maiores sucessos e recebia convidados para duetos inéditos, tudo gravado ao vivo, como se fosse um show, muito bem ensaiado.

Desde o primeiro programa — "Simone Bittencourt de Oliveira" — a resposta do público foi espetacular e cresceu com os memoráveis "Rita Lee Jones", "Elis Regina Carvalho Costa", "Paulo César Baptista de Faria" (Paulinho da Viola), e chegou a seu ponto mais alto com o maior dos grandes nomes, "João Gilberto Prado Pereira de Oliveira".

É claro que Sebastião Rodrigues Maia não poderia faltar em qualquer lista

de maiores e melhores da música brasileira. Foi o que pensou, junto com a torcida do Flamengo, Tibério Gaspar, que estava numa fase de maré baixa e vislumbrou uma oportunidade de ajudar o amigo e ao mesmo tempo defender um levadinho. Tim adorou a idéia, e Tibério foi falar com Daniel.

A equipe já havia sugerido e insistido, disse Daniel a Tibério, todo mundo queria Tim, mas ninguém queria assumir o risco dele não aparecer.

Tibério garantiu que Tim estava numa tranqüilo, numa boa fase, tranqüilo e que se responsabilizaria por ele. Daniel resolveu arriscar e prometeu a Tibério um cachezinho para ajudar Maciel e Carminha no roteiro, mas principalmente para garantir que Tim fosse ao show.

Tibério chegou exultante:

"Falei com o Daniel, bicho, está tudo certo!”

Tim não demonstrou o menor entusiasmo, muito pelo contrário, fez um muxoxo:

"E ... mas quanto é que tu vai levar nisso?”

Desconcertado, Tibério gaguejou:

"Pô... nem sei ainda, eles vão me pagar um cachê de redator...”

"Quer dizer que tu não sabe quanto vai ganhar, mermão?", Tim provocou.

"Pô, Tim, você está preocupado com o que eu vou ganhar? Quem vai pagar é a TV Globo, você sabe que eu estou precisando trabalhar e essa graninha vai quebrar o maior galho, pô, você sabe que eu batalhei por essa parada.”

"É... mas tem que saber quanto é que tu vai ganhar, mermão", Tim debochou.

"Quer saber de uma coisa?", Tibério estourou. "Parei! Vou ligar pro Daniel e desfazer a parada. Vamos esquecer esse papo", e saiu fora.

A série foi um dos maiores sucessos do ano, ganhou vários prêmios internacionais e fez história na televisão brasileira. Dos grandes nomes da MPB, o único a não ter o seu programa foi Sebastião Rodrigues Maia.

NUVENS, GUARANÁ E GOIABADA, 1981, 116 KG

Com passagens turbulentas pela Polygram, CBS, RCA, Warner e Odeon, Tim se tornara persona non grata em todas as "cinco irmãs" que dominavam o mercado discográfico brasileiro e mundial. Só mesmo a Seroma se interessou em lançar seu novo disco, por decisão de seu presidente, Sebastião Rodrigues Maia.

"A única que paga aos sábados, domingos e feriados depois das 21 horas", era o slogan que Tim enunciava sempre que falava o nome de sua editora. Era mais engraçado do que verdadeiro, já que ele administrava a contabilidade da Seroma com estilo próprio, e pagamentos e pontualidade não eram o forte da casa, em qualquer horário.

Logo que gravou seus primeiros discos e fez sucesso, Tim percebeu que a grana mais fácil da indústria musical eram as editoras que ganhavam. Para ser gravada e receber direitos autorais, a música precisava estar editada. E o que fazia a editora, além de imprimir uma folha com a partitura da música? Nada, além de recolher o dinheiro nas sociedades arrecadadoras de direitos autorais e nas gravadoras, cobrar uma "taxa de administração" de 10%, embolsar 40% do arrecadado e pagar o que sobrava ao compositor. E com atraso de quatro meses — que em tempo de inflação alta fazia muita diferença: a editora investia o dinheiro e fazia um ganho extra em cima dos autores que recebiam sem juros nem correção monetária. E as contas eram as que as arrecadadoras e gravadoras apresentavam, não havia como comprovar nada, era pegar ou largar.

Tim foi dos primeiros compositores brasileiros a perceber a exploração indecorosa, que enriqueceu muitos editores e levou à miséria muitos compositores. Decidiu tomar providências e criou a Seroma Edições Musicais, não só para editar as suas músicas, mas para também ter os direitos de todas as canções que gravasse: quando escolhia uma música, avisava logo ao compositor que tinha que editá-la na Seroma, do contrário não gravaria.

Se as editoras "tradicionais" levavam quatro meses para pagar, pode-se imaginar como funcionava, sob a administração de Tim, a contabilidade da Seroma. Em princípio, os critérios de pagamento dos direitos eram imperiais: ele pagava a quem queria, quando queria, ou por generosidade ou sob pressão, mas sempre pelos seus critérios.

Um exemplo: o compositor Edinho Trindade, autor do clássico "Gostava tanto de você", um colossal sucesso. Como Edinho era um bebum irrecuperável, às vezes Tim não lhe pagava os direitos autorais para "protegê-lo" da bebida... mas o deixava morar no quarto de empregada de seu apartamento e ia dando o dinheiro aos pouquinhos.

Outro: um músico que fosse parceiro em uma canção gravada por Tim Maia e editada pela Seroma, se aprontasse alguma ou saísse brigado da banda, jamais veria a cor de um centavo, por maior que fosse o sucesso da sua música. Já com os que lhe eram fiéis, Tim era mais generoso do que os números das gravadoras e editoras autorizavam.

Os pagamentos eram sempre em dinheiro vivo, em montinhos, pacotinhos, distribuídos de acordo com as circunstâncias e o humor de Tim: quem estava precisando mais, quem reclamava mais, quem tinha vacilado, quem tinha ajudado, quem merecia mais ou menos. As distribuições não guardavam muita relação com o sucesso das músicas ou com a vendagem dos discos; muitas vezes um compositor recebia muito mais do que deveria, enquanto outros recebiam muito menos por músicas que tocavam mais no rádio e vendiam mais discos. Às vezes, quando um show saía muito bom, pagava o cachê dobrado aos músicos.

Como editor musical, Tim prosperava, não tinha quase despesas e, como jamais pagou impostos, tudo era lucro. Ao longo do tempo foi formando uma carteira com dezenas de títulos, entre eles muitos grandes sucessos, que davam ao seu catálogo um valor respeitável no rico mercado editorial. Mais que um levado, era um legado para seu filho.

Se, como editora, a Seroma era uma empresa muito rentável, graças à sua peculiar administração, como gravadora foi um desastre absoluto e deu

incalculáveis prejuízos a Tim com seus primeiros lançamentos: os dois LPs do Racional Superior e o obscuro disco em inglês de 1978. Gastou o que tinha e o que não tinha com estúdio, músicos, prensagem e capas, vendeu muito pouco e algumas lojas não pagaram. Mas, com as portas das gravadoras fechadas e o caixa vazio, não lhe restava outro caminho senão fazer seus discos em seu próprio selo: era independência ou morte.

Com 39 anos e 116 quilos, Tim estava em plena forma, musical por supuesto. Sua experiência em gravações e os novos estúdios de 16 canais o animavam para o desafio de produzir, gravar, prensar, imprimir as capas, promover, distribuir e vender (e receber) um disco independente no Brasil, em 1981. Sem jabá de rádio, sem marketing e sem festas, entregue à sua própria sorte e ao seu talento.

Começaria produzindo um compacto com duas músicas, que era baratinho e serviria para fazer o caixa que bancaria a espartana produção do LP. Quando terminou a gravação, Tim teve certeza de que a música seria um sucesso e colocou a romântica "Amiga", de Edinho Trindade e Cleonice, como lado A do single. Mas o grande estouro — um dos maiores de sua carreira — seria o lado B: "Do Leme ao Pontal" caiu como um raio nas rádios do Rio de Janeiro e se espalhou por todo o Brasil, incendiando o verão e se tornando um dos maiores sucessos do ano e um dos grandes clássicos de Tim Maia.

Os metais da Vitória Régia vibravam na introdução, a levada dançante crescia irresistível, em clima festivo, e Tim e o coro saudavam as praias do Rio de Janeiro:

"Do Leme ao Pontal, não há nada igual, do Leme ao Pontal, não há nada igual.”

Quando o público já estava hipnotizado pelo refrão, Tim fazia um breque, não perdia tempo com as óbvias Ipanema e Leblon, e celebrava algumas das praias mais feias e sujas da cidade:

"Sem contar com Calabouço, Flamengo, Botafogo, Urca, Praia Vermelha!”

O ritmo voltava e ele emendava com o refrão gastronômico; do Oiapoque ao Chuí o Brasil cantava em coro:

"Tomo guaraná, suco de caju, goiabada para sobremesa...”

A mistura era indigesta mas funcionava, rapidamente o disco vendeu mais de 20 mil cópias e garantiu o dinheiro para a gravação e a primeira prensagem do LP.

Em ótima fase criativa, vindo de três discos de alto nível, apesar de todos os problemas extramusicais, Tim estava inspirado e animado.

A Vitória Régia entrou no estúdio com o baterista Luiz Carlos, o baixista Rubão Sabino, o guitarrista Beto Cajueiro, o tecladista Pedro Carlos Fernandes e o naipe de metais com Paulinho Trompete, o saxofonista Marcelo e o trombonista Simões. Os ensaios começaram a pleno vapor na Seroma.

Com suas novas músicas e as parcerias feitas nos ensaios com Beto Cajueiro, Robson Jorge, Pedro Carlos e Rubão, a regravação de um clássico do amigo Hyldon e uma nova lindíssima de Cassiano que dava título ao disco, Tim montou um repertório sensacional para o LP Nuvens. Por tudo, estava à altura dos melhores discos de sua carreira, como os dois primeiros, o Racional I e o Tim Maia Disco Club. Desta vez, como a grana era curta, não teve nem maestro para ditar as notas. Ele mesmo criou e passou de boca para a banda os arranjos eficientíssimos, mostrou que tinha aprendido muito com Lincoln Olivetti, mas que também tinha muito a ensinar.

Um disco impecável do início ao fim, que abre romântico e suingado com "Nuvens", uma bela e sinuosa melodia de Cassiano e Deny King, com harmonias bossa-novistas pontuadas por guitarrinhas funk e riffs de metais.

Na seqüência, a maior surpresa do disco: um grande samba, clássico e direto, sem firulas e sem frases de soul, pura alma brasileira, que poderia ser assinado por um Ismael Silva ou um Ataulfo Alves. Em música e letra, "Outra mulher" vem da melhor tradição do samba carioca; no arranjo, a inovação é a pegada forte das guitarras e os metais funk- gafieira da Vitória Régia. Uma das grandes gravações de Tim Maia, o sambista:

"Ao passar dos anos lentamente, vi que você era outra mulher, ah, você mudou sensivelmente, parecia até uma qualquer.”

"Ar puro", em parceria com Robson Jorge, é um vibrante manifesto ecológico em funk-soul, num tempo em que ninguém falava nisso no Brasil, além de Tom Jobim. A levada dançante envolve as ameaças de destruição do planeta, e Tim acusa, sem parar de dançar:

"Se virou cinza, foi você quem quis
se virou chama, foi você quem fez...
mas eis que estão matando o verde e o que irá sobrar?
sujando os mares e os rios, poluindo o ar...”

O pancadão dançante "A festa" não poderia mesmo ter outro título, com sua levada alegre e contagiante e as palmas, a zoada e os risos dos músicos e das garotas dos backing vocais, uma festa inventada por Tim no estúdio, movida a suingue e malandragem. Alternando com o refrão, Tim faz raps curtos, entremeados por risos e gargalhadas, recita num tom libidinoso de Lobo Mau da Chapeuzinho Vermelho:

"Tem docinhos e salgados,
muito chope pra rolar,
muitas louras e morenas,
oba! vou aproveitar!”

No lado B, outra surpresa, uma das músicas mais tristes e pungentes de Tim Maia. Sem perder o suingue, ele abre o coração na confessional "Ninguém gosta de se sentir só" e, numa exceção às suas regras, revela uma praga de mãe e faz uma autocrítica:

"Minha mãe sempre dizia,
vai chegar o dia que você vai ficar só,
porque tenho um gênio forte,
sou um pouco abusado,
e tenho fama de brigão.”

Mas toda essa tristeza dura pouco, pouco mais de três minutos, logo

substituída pelo ataque de metais que anuncia o groove funkeado e a explosão de alegria de um de seus grandes clássicos, "Haddock Lobo esquina com Matoso", uma viagem sentimental às noites do Divino, aos sonhos de juventude de uma turma de garotos pobres que gostava de música, na Tijuca do fim dos anos 50.

"Haddock Lobo, esquina com Matoso,
foi lá que toda a confusão começou!
Erasmo era um cara esperto,
juntou com Roberto,
fizeram coisas bacanas...”

Tim dá uma risadinha desdenhosa e comenta, como se piscasse um olho:

"Eram lá da esquina...”

Fugindo de seus hábitos, o compositor foi modesto: confusão é muito pouco para o furacão que transformaria radicalmente a música brasileira depois que Roberto e Erasmo Carlos, Jorge Ben e Tim Maia se encontraram no Divino.

O talento de Tim, maduro e eficiente, brilhava do início ao fim do LP. O repertório, os arranjos, a gravação e a produção fariam qualquer executivo discográfico babar de inveja e cobiça. Era um disco perfeito, feito para tocar no rádio, arrebentar nas lojas e abarrotar os cofres da gravadora. Mas, "distribuído" pela Seroma, quase de mão em mão, Nuvens foi para o espaço, jamais chegou ao grande público. Um dos melhores discos de Tim Maia se tornou um dos seus menos vendidos e mais desconhecidos.

Por todos os motivos, ele levava muita fé no disco e ficou bastante surpreso e abalado com o insucesso. E começou a refletir criticamente sobre as vantagens e desvantagens da independência musical: "É como quando você está com aquele tesãozinho e pensa em chamar uma puta, mas não quer gastar dinheiro. Você não chama a puta, toca uma punhetinha, goza e não paga nada — mas também não come ninguém. A produção independente é mais ou menos isso.”

No início de 1982, Tim saiu do muquifo no Jardim Botânico e se mudou para um bom apartamento de dois quartos na Gávea. Era no quarto andar de um

prédio novo com playground e piscina, na Rua Marquês de São Vicente, com os quartos dando para a floresta. Na varanda, em um poleiro, um gavião que só comia carne crua e, em homenagem aos predadores artísticos, foi batizado por Tim como Empresário.

Assim que tomou posse do imóvel, construiu uma bem- sucedida parceria com o porteiro Severino. Logo na primeira noite, reunido com dois amigos dando uns tecos numa cocaína, acabou a bebida e Tim não se acanhou. Pediu ao porteiro que fosse ao boteco e comprasse duas garrafas de vodca, uma era de gratificação para ele. A partir dessa noite nunca faltou bebida na casa de Tim, e o porteiro passou a ser encontrado pelos moradores madrugadores dormindo debaixo da mesa, completamente bêbado, até ser flagrado pela síndica e demitido.

A comemoração do 41° aniversário de Tim foi em grande estilo, com uísque 12 anos e uma paixão gastronômica — o famoso Angu do Gomes, que levou sua carrocinha da Praça Quinze, no Centro da cidade, para o meio da sala do apartamento de Tim. Entre os convidados, suas irmãs Luzia e Anna Maria, as chacretes Marlene "Loura sinistra" Morbeck e Cléo Toda Pura, a amiga Maria Gladys, que detestava angu, Júnior Mendes, Fábio e os músicos e suas famílias. Quando os últimos convidados chegaram, o anfitrião já tinha se empapuçado de uísque, angu e bauretes e roncava no quarto.

Tim não gostava de participar de discos dos outros, desde o dueto com Elis Regina que ajudou a lançá-lo. Fiel a seu estilo de não colocar azeitona em empada alheia, recusava todos os convites. As únicas exceções foram o histórico reencontro com Erasmo Carlos em "Além do horizonte", no LP Erasmo convida, e depois no "Velho camarada", com os amigos Fábio e Hyldon, que, além de sucesso no rádio e na TV, lhe renderam apreciáveis levados.

Com muita vontade de gravar e nenhuma gravadora disposta, sem dinheiro para bancar um disco independente, Tim passou a aceitar os convites — e os cachês — para participações em discos alheios, que iam dos Fevers à dupla Edu Lobo e Chico Buarque, passando por Ivan Lins e Sandra de Sá.

Louco por soul e por Tim, Ivan fez um disco reunindo da nata da MPB, como Elis Regina e Paulinho da Viola, a gringos ilustres como George Benson e Patti Austin, e convocou Tim para o baião- funk "Formigueiro", em parceria com Vitor Martins, ainda do tempo da censura e das metáforas políticas: "Avisa o formigueiro, vem aí tamanduá.”

Chico e Edu haviam composto para o Teatro Guaíra o belíssimo bale Grande Circo Místico e precisavam de uma voz grave, poderosa e imponente para cantar a música "A bela e a fera":

"Oh bela, gera a primavera,
aciona o teu condão,
oh bela, faz da besta-fera um príncipe cristão,
recebe o teu poeta, oh bela, abre teu coração,
abre teu coração, ou eu arrombo a janela.”

"Ô Edulobo, quando você falou em besta-fera eu vi logo que ia sobrar pra mim", Tim soltou uma gargalhada e aceitou deleitado o convite.

Chegou muito alegre ao estúdio, foi muito simpático e cordial, cantou com perfeição, mas recusou-se terminantemente a cantar uma frase do refrão como Edu tinha escrito, insistindo em mudar a última nota. Era uma blue note, uma nota torta, intencional, muito usada em jazz, e, por mais que Edu insistisse e mostrasse no piano que a nota que Tim preferia não cabia no acorde, ele foi definitivo:

"Não adianta, Edulobo, o povo não entende blue note." E cantou a nota que queria. Foi uma das melhores faixas do disco.

Já quando o produtor Carneirinho o convidou para gravar "Frente a frente", de Michael Sullivan e Miguel Plopschi, no disco dos Fevers, Tim fez jogo duro para aumentar o levado:

"Porra, mermão, já tão me chamando de 'Tim Maia Participações', fica parecendo firma.”

E foi direto ao assunto:

"Posso até fazer, mas tem um 'cacau', né?”

Com o "cacau" na mão, gravou sem maiores problemas. Foi a melhor faixa do disco.

Sandra Sá era uma pretinha de Pilares, que freqüentava blocos de carnaval e bailes funk desde pequena e surgira como um furacão no Festival MPB- 80 da TV Globo, arrebatando o público com seu funk "Demônio colorido". Era uma grande revelação de cantora, uma das raras negras, fora do universo do samba, a se destacar num mercado musical dominado por brancas, de Elis Regina a Rita Lee, de Gal Costa a Maria Bethânia, de Simone a Elba Ramalho. Mas seu maior ídolo era Tim Maia e sua maior alegria era ser chamada pela imprensa de "Tim Maia de saias".

Talvez por isso, três anos depois do festival, Sandra tenha pensado que era uma brincadeira, uma pegadinha de seu amigo Júnior Mendes, quando ele lhe mostrou "Vale tudo", dizendo que Tim havia feito a música para ela. Tímida e insegura, recém-saída da faculdade de Psicologia e começando na carreira, Sandra demorou a acreditar que era verdade. Só teve certeza quando Júnior ligou para Tim e passou o telefone para ela.

Foi uma longa conversa, movida a música e gargalhadas. Sandra não sabia como agradecer o presente, "Vale tudo" era tudo que mais valia para ela no momento: um big hit certeiro. O papo acabou desembocando no convite para que Tim gravasse junto com ela, seria o carro-chefe do LP que Sandra estava fazendo na pequena RGE, com produção de Durval Ferreira.

Acertado o cachê com Durval, Tim entrou feliz e bem-disposto no estúdio. Lincoln Olivetti escrevera um espetacular arranjo para ser tocado pela Banda Black Rio, na tonalidade que Tim lhe passara: a dele.

Quando a banda tocou, Sandra quase chorou com a levada irresistível e com os ataques dos metais; ficou só ouvindo, demorou para começar a cantar e o fez com grande esforço. O tom do arranjo estava muito agudo para o contralto dela, claro, havia sido escrito para o tenor de Tim. Mas ela jamais ousaria pedir que Lincoln regravasse o arranjo e que Tim abaixasse seu tom e cantasse no dela. Ele era o convidado, o rei, o ídolo, que já tinha lhe dado aquela grande

música.

Era tudo ou nada, restava a Sandra arrebentar as cordas vocais e estourar a garganta, mas chegar às notas altas, no vale tudo com Tim Maia. De madrugada, com as vozes finalmente gravadas, já completamente rouca, Sandra ainda se divertia com Tim, que queria gravar uma barulheira de copos, risos e conversas para fazer ambiente para a festa de "Vale tudo".

Sandra ficou sem falar por alguns dias, completamente afônica. Mas, assim que a música chegou às rádios, se tornou um sucesso instantâneo que logo se espalhou para todo o Brasil. O "Fantástico" exibiu um clipe da dupla com um grupo de bailarinos em ambiente funk-punk, todo mundo de couro preto e maquiagem carregada, como punks de novela, Tim e Sandra inclusive.

Juntos, eles fizeram uma apoteótica apresentação no Chie Show, no ginásio do Palmeiras, e depois foram chamados para dividir duas noites no Anhembi, também em São Paulo. Na primeira, com os 4 mil lugares lotados, tudo deu certo e a dupla saiu do palco ovacionada. Já na segunda noite...

Sandra abriu o show com o público vibrando, Tim entraria no final, dividindo o "Vale tudo" com ela e seguindo com o seu show. Já nas últimas músicas de seu set, Sandra recebeu a mensagem fatal: Tim não viria. E, pior, a produção desesperada pedia que no final ela dissesse ao público que ele estava afônico e se desculpasse.

Sandra fechou o set com um "Vale tudo" apoteótico, deixou o público cantando e aplaudindo e caiu fora rapidinho, sem falar nada. Já no carro que a levava de volta para o hotel, mandou o motorista acelerar quando ouviu um urro coletivo estremecendo o auditório.

NA CRISTA DA ONDA, 1983, 120 KG

Apesar da dolorosa decepção com Nuvens, um grande disco que o público não conhecera, nem tudo estava perdido. Mais uma vez, o seu fiel Jairo Pires entrava em cena e chamava Tim para gravar um LP no seu selo semi-independente Lança, bancado e distribuído pela boa e velha Polygram. Na última vez em que estivera nos escritórios da gravadora, na Barra da Tijuca, Tim deixara um rastro de terror, ameaçando soltar dois cachorros enormes e ferozes em cima do diretor artístico Pedrinho da Luz.

Enquanto Tim reclamava das vendagens do seu disco e começava a preparar um novo LP, os jovens músicos Gilson Mendonça e Michel lamentavam a falência e o fechamento da agência de publicidade onde faziam jingles, e tomavam providências: seriam compositores profissionais, fariam músicas para cantores de sucesso, ganhariam dinheiro com isso.

Desde garotos eles eram amigos do baixista Chumbinho e do baterista Luiz Carlos, que tocavam com Tim Maia. Começariam fazendo músicas para ele, que adoravam, e os amigos facilitariam o contato.

As músicas fluíam com naturalidade, mas na hora de fazer as letras não saía nada. Gilson ouviu com atenção todos os discos de Tim, fez pesquisas, leu entrevistas, conversou com músicos, queria saber de que ele gostava, como gostava. Era como se estivessem fazendo uma música para um cliente, em cima de um roteiro — afinal, eram dois publicitários. E assim foi criado um dos maiores sucessos e grandes clássicos de Tim Maia, "O descobridor dos sete mares".

Quando Michel chegou com a melodia alegre e carnavalesca, numa levada empolgante, Gilson teve a idéia de fazer a letra como uma espécie de continuação do sucesso "Do Leme ao Pontal", só que em plano nacional: uma viagem pelas praias famosas do Brasil, perfeita trilha sonora do verão. Pediu à

sua mãe que marcasse no mapa as principais praias, escolheu os nomes mais sonoros e combinou-os na métrica e no ritmo da melodia. Simples assim.

Não haveria pista que não enchesse, nem ninguém que ficasse parado quando soassem os metais da Vitória Régia na introdução e todos cantassem juntos com Tim Maia:

"Uma luz azul me guia,
com a firmeza e os lampejos do farol,
e os recifes lá de cima,
me avisam dos perigos de chegar, Angra dos Reis e Ipanema,
Iracema, Itamaracá, Porto Seguro,
São Vicente, braços abertos sempre a esperar."
E explodia o refrão:
"Pois bem, cheguei!
quero ficar bem à vontade,
na verdade eu sou assim,
descobridor dos sete mares, navegar eu quero!"

Depois, quando virou um hino do verão, todo mundo pensaria que a música era de Tim Maia, e das melhores, mas era só uma das sete canções que Gilson e Michel haviam lhe mostrado quando o visitaram pela primeira vez no apê da Gávea, levados por Luiz Carlos.

Entre um baurete e outro, ele ouviu tudo com interesse, cantarolando alguns refrões e batucando o ritmo: "Legal, legal, tá muito bom, mas é claro que eu não vou gravar tudo. Senão vou ter que gravar 'Tim Maia interpreta Gilson e Michel'. Vou gravar umas três e olhe lá."

Outra escolhida foi a romântica e nostálgica "Neves e parques", criada sob medida para Tim Maia. Quando Gilson soube que Tim tinha vivido, sofrido e sido deportado dos Estados Unidos, imaginou-se na pele do gordo, no Central Park coberto de neve. Mas estava num ônibus calorento da Viação São Geraldo, voltando de Porto Seguro, onde não havia água encanada nem luz elétrica, rumo ao Rio. Quando chegou, a letra estava pronta.

"Vivendo muito tempo num lugar estranho
a gente tem medo de pensar
que não volta pra casa nunca mais...”

Tim achou linda, "essa música me lembra minha passagem pelos Estados Unidos". A dupla acertara no coração de sua memória. Só não gostou do verso que dizia "um dia desses eu morri mais uma vez": "Morrer não, mermão! Quer morrer, tu morre. Eu não! Vou trocar para "sofri mais uma vez".

A expectativa máxima de Gilson e Michel era emplacar uma música com Tim Maia, mas saíram com a promessa de três gravações, depois cumprida. Tão bom quanto estrear como compositor com Tim Maia gravando suas músicas era o privilégio de testemunhar, todos os dias, das três da tarde às três da manhã, no estúdio da Polygram, todo o processo de gravação do disco.

A banda chegava antes para passar o som. Tim aparecia às cinco da tarde, sempre alegre e bem- disposto. O problema era a porta. Uma pesada porta de ferro à prova de som, que isolava a sala de gravação da técnica. Toda vez que alguém a batia, Tim reclamava, fazendo voz cômica de bebê chorão, mas sofrendo de verdade:

"Ô mermão, não bate isso não. Esse som é igualzinho ao da cadeia onde eu fiquei preso nos Estados Unidos.”

O disco, lançado pleonasticamente pela Lança, teve todos os jabás e verbas e promoções da poderosa Polygram. Foi um sucesso estrondoso de público e crítica, de rádio e de televisão, arrebentou nas lojas, Tim Maia estava de novo na crista da onda. E não só pelo carnaval-funk do "Descobridor dos sete mares", mas tanto ou mais pelo estouro nacional de um de seus maiores clássicos românticos, "Me dê motivo", da nova dupla Michael Sullivan e Paulo Massadas.

Para Tim, que se dizia formado em "tratamentos capilares, dificuldades em sofrência e cornologia", a música era "a expressão máxima da cornitude". Começava com um longo recitativo amoroso, numa voz grave e sombria: "... até que a mulher que a gente ama vacila e põe tudo a perder", Tim respirava fundo e soltava o grito lancinante:

"Me dê motivo, pra ir embora, estou vendo a hora, de te perder...”

Além dos dois megahits, o LP estava cheio de boas músicas, como a romântica "Neves e parques" e a elegante "Rio, mon amour", de Cassiano, com destaque para "Terapêutica do grito", um animadíssimo funk-samba de Tim, com a sua receita para a perfeita saúde mental:

"Eu falo, eu berro, eu grito
quando eu quero!
todo mundo gritando!”

E é assim mesmo que a faixa termina, com uma gritaria ensurdecedora no estúdio do Dr. Maia.

A casa de Tim também estava sempre cheia de músicos, amigos, traficantes, putas, crianças, parentes e até desconhecidos, que apareciam por algum motivo e, conforme o humor do dia, eram convidados a ficar e tomar um uisquezinho.

Como o cobrador de uma imobiliária que terminou bêbado, sentado no chão da sala e banhado em lágrimas, contando que tinha sido traído e abandonado pela mulher. Doutor em cornologia e sofrências, Tim o consolava: "Não liga não, mermão, não é só você não, todo mundo é corno, eu sou corno...”

Foi interrompido pela campainha, abriu a porta para Gilson e sua mulher Claudete e continuou: "...o nosso amigo Gilson Mendonça é corno, não é, Gilson? Todo mundo aqui é corno!”

O tom não admitia contestação. Gilson achou melhor assumir a cornitude solidária e aceitar um uísque.

Tim exigia solidariedade incondicional dos músicos e compositores que gravava. Uma noite, depois da gravação, pediu para Gilson seguir o seu carro até a Gávea, porque não estava se sentindo muito bem. Provavelmente foi melhorando ao longo do caminho, porque passou direto pela Gávea e seguiu pela praia do Leblon. Num velho fusquinha, Gilson e Claudete seguiram o carrão de Tim por Ipanema, Copacabana, Botafogo e Flamengo até a Praça Mauá, onde parou e sumiu dentro de uma boate. Gilson e Claudete entraram em seguida,

para ver se ele estava bem. Não podia estar melhor. Já abraçado com uma puta e pedindo um uísque duplo, recebeu o casal com naturalidade, ofereceu-lhes um drinque e convidou- os a sentar à mesa. A noite estava só começando para Tim Maia.

O LP teve sucesso fulminante. Jairo Pires estava feliz, a Lança deslanchava, ganhava a confiança de sua parceira Polygram. Tim estava nadando em dinheiro. O disco lhe rendeu uma fortuna em royalties e em direitos das músicas, todas editadas na Seroma. Com a bola cheia, campeão de vendas, pediu um adiantamento monstro à Lança para gravar mais um disco, que consumiu todos os lucros da gravadora com o primeiro elepê, e comprou, à vista, um apartamento duplex no Rio Comprido e outro no condomínio Barra Palace.

Para Carlos Dafé, a coisa estava preta, no mau sentido. Com pouco trabalho, muita birita e uma pavorosa dor de corno, o neguinho estava no sufoco, mas não entregava os pontos. O amigo Tim estava na crista da onda, começando a gravar um novo disco pela Lança e precisando de boas músicas. Dafé tinha transformado um fim de caso doloroso em uma bela balada de abandono, cheia de soul e sentimento, daquelas que Tim, mestre da cornitude, adorava.

Gravou "Sufocante" com piano e voz em uma fita cassete e foi levar no apartamento da Gávea. A casa, como sempre, estava cheia, com produtores do "Fantástico" conversando, uma criança tocando violão e outra batucando com baquetas nos móveis, cachorros circulando. Da cozinha, onde preparava um milk-shake para os garotos, e para ele, é claro, Tim gritou para Dafé deixar a fita em cima da mesa e continuou a liquidificar o sorvete com Nescau.

Eram várias pilhas de fitas cassete sobre a mesinha; afinal, quem não queria ser gravado por Tim Maia no auge do sucesso? Dafé não era exceção, mas, escolado nas manhas Maia, colocou a fita em um lugar estratégico, nem muito aparente que parecesse exibida nem tão discreta que ficasse escondida. E marcou bem a posição para, na próxima visita, conferir se Tim tinha ouvido.

Um mês depois voltou e a fita continuava exatamente no mesmo lugar. O sino de uma igreja vizinha começou a tocar melancolicamente a ave-maria. Tim

ficou meio sentimental e sorumbático:

"Ih, Dafé, essa hora sempre me dá um aperto... uma deprezinha, sabe? Deve ser porque eu fui sacristão e fiquei com essa coisa da hora sagrada...”

"Eu também, Tim", Dafé aproveitou a deixa e baixou os olhos e a voz, "mas por outros motivos... eu me sinto triste porque é a hora em que eu ia buscar a Neuza, minha namorada, aquela que trabalhava junto com o teu irmão...".

"Porra, mermão", Tim rosnou, lúbrico, "não vai dizer que tu perdeu aquela morena gostosa, aquele colosso de mulher? Já sei, ela te corneou, né? Como é que tu foi perder essa mulher, Carlos Dafé?”

Bola quicando na área, o escurinho se deslocou, matou no peito e chutou em gol:

"Quer que eu te conte a história, Tim? Então dá licença." Levantou, pegou o cassete, colocou no gravador e apertou a tecla play. A voz rascante, quebrada de dor, invadiu a sala:

"Foi sufocante pra mim eu te perder, foi sufocante pra mim te ver com outro...”

Era a cara, os cornos, de Tim Maia. Disse que ia gravar imediatamente e leu um esporro em Dafé: "Pô, mermão, como é que tu não me mostra uma música dessas!”

Seguindo preceitos básicos da psicologia Maia, se Dafé ousasse dizer que a fita estava com ele havia mais de dois meses, com certeza Tim não gravaria mais.

O silêncio foi de ouro: a música acabou sendo o título do disco e Dafé botou a mão numa graninha salvadora.

A grande homenageada de Sufocante era dona Maria Imaculada, inspiradora da sacudida "Mama Super Mama":

"Minha mãe fica na maior, ela está comigo em Paris ou Nova York, ela já faz parte do meu passaporte.”

Mas, ao contrário das altas expectativas e dos investimentos da gravadora, o disco teve apenas um breve sucesso de rádio com "Bons momentos", de Gilson

e Michel, e não decolou nas vendas. As lojas começaram a fazer devoluções de grandes lotes, nenhuma outra música emplacou nas rádios. Tim se recusava a fazer qualquer divulgação, e Sufocante acabou sufocando apenas a Lança, que, com uma dívida impagável com a Polygram, transferiu seu acervo para a credora e fechou.

Uma noite Tim ligou nervoso para Tibério Gaspar; estavam tentando assaltá-lo. Um homem queria subir para lhe entregar um buquê de flores e tinha sido barrado pelo porteiro, mas ele e um comparsa continuavam rondando. Tim jamais ligaria para a polícia, ainda mais com tanta brizola e maconha pela casa, e implorou a Tibério que fosse para lá:

"E não é percepnóia não!”

Para enfatizar o perigo real, Tim usava a fusão de percepção com paranóia para o sentimento de pânico que se apossava dele com tanta freqüência. Tibério estava cansado e achou que, como sempre, Tim só queria companhia. Disse que iria, como Tim dizia que compareceria aos shows. Cinco minutos depois, ele de novo no telefone, mais nervoso ainda, falando sério:

"Pelo amor de Deus, Tibério Gaspar, a coisa tá feia, mermão, vem me dar uma ajuda aqui.”

Por via das dúvidas, Tibério pôs no bolso um Smith & Wesson .32 e partiu para a Gávea. Parou o carro na esquina, passou em frente ao prédio como quem não quer nada e viu dois homens, um com um buquê de flores e outro encostado em um carro, com um terceiro sentado ao volante. Não era percepnóia mesmo. Tibério achou melhor ir correndo à 12a DP e voltou com três tiras bem armados, que prenderam dois bandidos, um com uma 9mm e outro com uma 765, mas não conseguiram impedir que o terceiro fugisse com o carro. No dia seguinte deu em O Dia, com a foto dos bandidos presos: "Assalto com flores.”

Tibério foi recebido por Tim como um herói, mas não só ficou em cativeiro até o dia clarear como teve a idéia pouco feliz de deixar o Smith & Wesson para que, na eventualidade de alguma ameaça, Tim se sentisse mais seguro. E o resto do mundo ameaçado.

De volta ao estúdio, Tim estava transtornado, não falava de outra coisa: "Como é que pode? A gente tá em casa e mesmo assim tá correndo risco.”

Falava um pouquinho da música e voltava ao assunto:

"Podiam ter me matado, por isso é que a pessoa tem que saber defesa pessoal, tem que se defender.”

Deixou a gravação por conta dos músicos e só fumava, bebia e refletia. Por volta de duas da manhã, tomando uísque num copinho de plástico, soltou a pérola oriental:

"Ô Gilsomendonça, o chinês é que é esperto. O chinês inventou o jiu-jítsu, o judô, foi misturando com caratê, artes marciais, defesa pessoal, e acabou inventando a pólvora. E depois fez logo o revólver, que ele não é maluco, mermão!”

Na sua primeira crise de percepnóia, Tim esvaziou o tambor do Smith & Wesson na sala e na mata. Era ali que estavam escondidos os caras que queriam assaltar sua casa e seqüestrá-lo. Designou o cantor Paulo Bagunça, líder da banda Tropa Maldita, que morava na Cruzada São Sebastião, no Leblon, mas estava trabalhando com Tim, para vigiar a mata em frente à janela do quarto. E Edson Trindade, velho companheiro e bebum irrecuperável, hóspede do quarto de empregada, se encarregava da janela da sala.

"A moita mexeu, Paulo Bagunça?", perguntava de cinco em cinco minutos. "Mexeu alguma coisa aí, Edinho?”

Até que alguém se cansava e dizia que tinha visto alguma coisa mexendo, Tim disparava dois ou três tiros e o perigo estava conjurado.

Mesmo no quarto andar ele não se sentia seguro, achava que os meros três ou quatro metros que separavam a janela e a mata poderiam ser facilmente vencidos pelos bandidos. Seriam recebidos a bala, prometia o xerife do soul.

Alguns dias depois do assalto com flores, no fim da tarde, Tibério recebeu outro telefonema dramático. Bandidos estavam tentando invadir o apartamento de Tim por uma escada Magirus roubada dos bombeiros. Tibério disse que estava indo, mas, no estilo Maia, só trocou o canal da televisão e abriu mais uma

cerveja.

Enquanto isso, na Rua Marquês de São Vicente, antes que fossem alvejados por Tim, apavorados funcionários da Light, que subiam por uma escada para consertar um transformador, acharam melhor descer correndo e dar um tempo.

Finalmente, algum amigo, ou quase, fez a cortesia de sumir com a arma, e o gatilho mais rápido do soul silenciou.

Mas o telefone do Dr. Nelson, advogado e pai de Gilson, não parava de tocar depois que ele fora apresentado ao grande Tim Maia, que gravava músicas de seu filho, e gentilmente se oferecera para ajudá-lo em seus problemas jurídicos.

No primeiro processo — eram vários — o advogado fez um acordo com os credores, uma agência de automóveis, com um bom desconto e a promessa de seu cliente quitar a dívida de uma vez, para evitar maiores prejuízos. Tim seguiu a orientação do advogado e mandou um cheque com o valor acertado para o escritório do credor, naturalmente sem fundos. O Dr. Nelson desistiu da representação de seu constituinte, mas tempos depois foi acordado de madrugada por Tim, muito nervoso no telefone:

"Dr. Nelson, estão querendo invadir a minha casa!”

"Então chama a polícia.”

"Mas é a polícia, doutor!”

"Então chama os bandidos", e desligou.

Criado pelo ator e agitador cultural Perfeito Fortuna — companheiro de Regina Casé, Luiz Fernando Guimarães, Evandro Mesquita, Patrícia Travassos e Hamilton Vaz Pereira no grupo Asdrúbal Trouxe o Trombone —, o Circo Voador não tinha feras nem engolidores de fogo nem trapezistas, só bichos muito loucos fazendo aulas de teatro e shows de rock que entravam pela noite.

Depois de incendiar o verão de 1982, na praia do Arpoador, os moradores da área finalmente puderam dormir com a mudança do Circo para a Lapa, em um grande terreno ao pé dos Arcos. Armada a lona, a jovem produtora Maria

Jucá iniciou uma intensa programação musical com a série Rock Voador e as domingueiras dançantes com a legendária Orquestra Tabajara.

Logo o Circo se tornou um ponto de encontro de jovens da Zona Sul e da Zona Norte e o palco principal do novo rock brasileiro, que começava a estourar com a Blitz, os Paralamas do Sucesso, Kid Abelha, Lulu Santos, Lobão e dezenas de grupos underground, que encontraram no Circo seu habitat natural, com Público jovem, entrada barata e cerveja em lata.

Rock é rock, funk é funk, Jucá sabia, são músicas e platéias muito diferentes. Mas como era louca por Tim Maia, e ele estava na crista da onda, pensou que seria uma ótima oportunidade para ampliar os horizontes musicais do Rock Voador. Apesar de todo o sucesso, Tim raramente fazia shows fora do circuito dos bailões de subúrbios e da Zona Norte, e, para convidá-lo, Jucá foi vê-lo no enorme Cassino Bangu. Depois de um show apoteótico, o convite foi feito e aceito instantaneamente, mas Jucá fez o longo caminho de volta preocupada: não havia nada mais diferente do que aquela galera do Cassino Bangu e a rapaziada que freqüentava o Circo.

Preocupações desnecessárias: na noite de estréia, Tim não só chegou na hora como fez um show arrebatador para uma platéia de mais de 3 mil fãs ensandecidos de toda a cidade, recorde de público, de animação e de aplausos. O Circo seria o seu segundo lar.

No fim do ano, a pedidos, voltou para mais dois shows. O primeiro foi triunfal, as comemorações no camarim entraram pela madrugada, com participação de porteiros, camareiras, seguranças e amigos. E continuou na Barra.

No dia seguinte, no fim da tarde, Jucá recebeu o temido telefonema de Paulo Bagunça:

"Olha, não vai dar pra ir, não tem condições técnicas, o homem não dormiu até agora.”

Em desespero, Jucá partiu para a Barra da Tijuca. A gatinha esperava adoçar a fera, afinal, tudo tinha corrido muito bem nos outros shows, tinham

ficado muito amigos. Com a coragem suicida da juventude, Jucá encontrou Tim de bermuda e chinelos e foi recebida aos gritos:

"Nem vem que não tem! Tá pensando o quê? Não vou mesmo! Nem adianta falar, tá perdendo tempo!”

Tim foi para o quarto, certamente para cheirar mais uma, e voltou com uma caixa. Entregou a Jucá e voltou para dentro.

Eram vários álbuns de fotografias hardcore de mulheres transando com mulheres, dos mais variados tipos, raças e idades, nos mais diversos ângulos e posições. Jucá engoliu em seco e, apavorada, telefonou para sua amiga Kika Seixas, que morava perto.

Mulher de Raul Seixas, Kika tinha vasta experiência com doidões e tentou tranqüilizar a amiga, sem saber direito o que a apavorava. Com Tim de volta do quarto, Jucá não podia falar nada do álbum e das fotos: "Tá falando com quem aí?", rosnou.

Jucá disse a Kika que estava tudo bem, que não precisava de nada e agradeceu. Mas Kika insistiu: "De jeito nenhum, amiga. Já estou indo praí te ajudar, eu estou acostumada com o Raul.”

Perto de Tim Maia enlouquecido, o terrível Raulzito era um anjo, Jucá não pôde dizer a Kika. E desligou.

Tentou dizer a Tim que estava tudo bem, que não precisava fazer o show e que já estava indo embora, mas ele insistiu, aos berros, que ficasse. O melhor era tomar uma cerveja, levar um papo de doidão e esperar que o clima melhorasse para cair fora.

Tim foi de novo para o quarto. Quando voltou, a campainha tocou e ele abriu a porta para Kika.

Era sua noite de sorte, pensou. Jucá e Kika eram duas gatinhas muito gostosinhas, bronzeadas pelo sol de Ipanema, freqüentadoras do Baixo Leblon e da praia do Posto Nove. Moderninhas, malandrinhas e extrovertidas, eram o número que ele calçava.

Logo que Kika sentou ao seu lado, Jucá disse que não precisava ter vindo,

tentou mostrar que estava tudo tranqüilo, tirou os sapatos e disse para a amiga descalçar os seus e ficar à vontade.

Ao ver os pezinhos das meninas, os olhos de Tim quase saltaram das órbitas. E foi para o quarto dar mais um realce.

Como um raio, Jucá catou seus sapatos, puxou Kika e correu para a porta. Descalças, desceram correndo os 12 andares do Barra Palace, enquanto Tim berrava no elevador.

No dia seguinte, o Jornal do Brasil mostrava a foto de uma multidão na entrada do Circo Voador e a faixa pintada por Maria Jucá:

"O Tim Maia está louco. O Tim Maia está rouco. Não tem show.”

CHEGA DE MÁGOA, 1988, 128 KG

Em 1985 o Brasil entrou em transe. Primeiro, com a eleição de Tancredo Neves no Colégio Eleitoral, em janeiro, marcando formalmente o fim da ditadura; depois, com a sua longa agonia e morte e o início da autoproclamada "Nova República", presidida pelo vice José Sarney. E, pior, a ditadura entregara o país quebrado, com a dívida externa estourando e a inflação chegando a 10% ao mês.

A agonia pública de Tancredo paralisou e comoveu o país. Depois de sua morte, em abril, chuvas devastadoras provocaram grandes enchentes no Nordeste, deixando milhares de desabrigados. A solidária e combativa classe musical, que havia participado ativamente da campanha "Diretas já", decidiu juntar seus talentos em um disco histórico, no mesmo formato do "We Are the World" dos americanos, que arrecadara milhões de dólares para os famintos da Etiópia.

As estrelas brasileiras se reuniriam para gravar "Chega de mágoa" e o resultado das vendas seria doado aos irmãos nordestinos, flagelados não mais pela tradicional falta, mas pelo excesso de água.

Gilberto Gil fez a música, que começava como marcha- rancho e virava um reggae animado, e também parte da letra, completada por Chico Buarque e Milton Nascimento, com palpites de Djavan, Fagner e Erasmo Carlos. Mas, no espírito da época e do projeto, foi decidido que seria assinada como "criação coletiva".

O Sindicato dos Músicos, que assumiu a coordenação da produção do disco, convocou 155 cantores e instrumentistas para três sessões de gravação em um estúdio na Barra da Tijuca. O maestro Dori Caymmi foi escolhido para escrever o arranjo e reger a orquestra e o coro. Com uma tiragem inicial de 500 mil, o compacto seria vendido em todas as agências da Caixa Econômica,

patrocinadora do projeto.

Na gravação do disco americano, o maestro Quincy Jones pediu a Bob Dylan, Michael Jackson, Stevie Wonder e outras estrelas que pendurassem seus egos nos cabides antes de entrar no estúdio, mas entre os brasileiros a recomendação não foi necessária. Com humildade e objetividade, os artistas decidiram que os solos deveriam ser dos nomes mais populares no momento, já que o objetivo final era atrair o maior número de compradores para o disco.

Sem maiores controvérsias, foram escalados António Carlos Jobim, Milton Nascimento, Rita Lee, Gal Costa, Djavan, Gilberto Gil, Maria Bethânia, Fagner, as duplas formadas por Elba Ramalho e Gonzaguinha, Caetano Veloso e

Simone, Chico Buarque e Fafá de Belém e Roberto e Erasmo Carlos, com Elizeth Cardoso representando a velha guarda e o duo Paula Toller, do Kid Abelha, e Roger Moreira, do Ultraje a Rigor, a ala jovem. E, naturalmente, Tim Maia.

Depois da introdução com o piano soberano de Tom Jobim, Milton começava emocionado, acompanhado por Wagner Tiso, cantando as palavras de Tancredo Neves como herança das esperanças da Nova República:

"*Nós não vamos nos dispersar,*

juntos é tão bom, saber que passado o tormento,

será nosso esse chão."

O ritmo entrava e Djavan iniciava as invocações:

"Água, dona da vida, ouve essa prece tão comovida."

Rita Lee pedia com doçura:

"Chega, brinca na fonte, desce do monte, vem como amiga."

E as 150 vozes famosas atacavam o refrão como uma torcida em um estádio, cada um com seu estilo, no seu ritmo pessoal, todos entusiasmadíssimos. O coro de estrelas soava tão desencontrado que ficava difícil entender a letra:

"Quero água de beber, um copo d'água,

marola mansa da maré, mulher amada,

depois da chuva, o sol da manhã."

Seguiam-se os solos de Gal Costa e das duplas Elba Ramalho e Gonzaguinha, Chico Buarque e Fafá de Belém, Simone e Caetano Veloso.

As jovens vozes de Roger e Paula entravam harmonizadas em terças:

"Depois da chuva o sol da manhã."

Com a autoridade de uma rainha, Maria Bethânia consolava:

"Chega de mágoa, chega de tanto chorar."

A "Divina" Elizeth Cardoso cantava sozinha o refrão inteiro, com Gil fazendo as respostas. E, privilégio exclusivo da grande dama da canção, voltava para solar mais um verso:

"Depois da chuva o sol da manhã."

O coro voltava com força total ao início da letra. Mal acabava o primeiro verso e uma voz de trovão estremecia o estúdio com uma fulminante frase de resposta. Daí para diante só deu Tim Maia, que tomou conta da gravação, respondendo à la Motown, com gritos e yeahs-yeahs, a cada frase cantada pelos colegas, durante toda a parte final da música. Nenhuma voz é mais ouvida, mais vezes ou mais alto do que a dele.

Em evento tão coletivo, solidário e politizado, era a única função possível para um anarquista musical: solto, fazendo o que lhe desse na telha, movido a uísque, brizola e bauretes, que ofereceu generosamente no estúdio. Inclusive à "Divina" Elizeth, que recusou como uma prima-dona:

"Tirem esse elefante daqui!"

Tim estourava um sucesso atrás do outro, o povão o amava, os músicos o adoravam, os grandes nomes da MPB o cultuavam. O Brasil se divertia com Tim Maia.

Caetano o homenageava em "Eclipse oculto":

"Quero que tudo saia como o som de Tim Maia."

E depois, em "Podres poderes", junto com Jorge Ben, fechando a sua corrosiva crítica política:

"Eu quero aproximar, o meu cantar vagabundo,

daqueles que velam, pela alegria do mundo, Tins e Bens e tais."

Tudo corria às mil maravilhas para Tim. Para alguns de seus amigos, nem tanto. Seu velho camarada Juancito, o Fabiano, estava no desvio, rumo ao fundo do poço. Abandonado pela mulher, sem carro, sem casa, sem dinheiro e sem trabalho, cheio de birita e de medo. O ex-ídolo pop estava triste e envelhecido, morando de favor num quarto de empregada, esquecido pelas rádios, pelas gravadoras e pelo público. Mas não por Tim Maia.

Assim que soube da situação do amigo, pegou seu Monza prateado e rumou para o endereço que lhe deram, no Jardim Botânico. Estacionou, buzinou e gritou "Fábio! Fabiano!" várias vezes, com sua voz de trovão, sem se importar com o relógio marcando seis da manhã.

Fábio acordou assustado, com a dona da casa o chamando, dizendo que o Tim Maia estava lá embaixo fazendo um barulhão. Enfiou uma calça e desceu correndo, sendo recebido com um abraço de urso e um sorriso do gato de Alice.

"Entra aí, Fabiano, vamos conversar.”

Saíram para dar uma volta pela Lagoa com o dia amanhecendo e o sol prateando as águas escuras.

Fábio estava surpreso e constrangido, de cabeça baixa, comovido. Tim quebrou o gelo, com a sutileza habitual:

"Não precisa nem falar que eu já sei de tudo. Eu te avisei, mermão, essa mulher ia foder com a tua vida...”

Era o que ele sempre dizia de todas as mulheres de todos os amigos, embora o casamento de Fábio tivesse durado quase dez anos.

O fato era que estava fodido.

"A partir de agora a sua vida vai mudar, mermão", Tim anunciou sorridente, "vamos passar na tua casa para pegar as tuas coisas. Eu estou com mais de quarenta shows vendidos e você vai viajar comigo, vai ser o meu opening act, ganhando um levadinho e fumando do bom e do melhor.”

Pegaram duas sacolas com as roupas de Fábio e foram para o apartamento de Tim. Logo ele estava ligando para o secretário Celinho e avisando que a Vitória Régia teria mais um integrante, agora seriam 13 viajando. Ofereceu um

café com leite, enrolou um baurete e convidou Fábio para ser mais do que um opening act cantando algumas músicas; queria que o paraguaio fosse o seu Smokey Robinson: "Tu vai fazer o meu meio-de-campo, sabe como é? Como o Smokey Robinson, um cara que é músico mas também cuida de negócios, sacou? Um cara que organiza os lances, que segura as ondas e acerta as paradas, então tu vai ser o meu Smokey Robinson paraguaio.”

Uma das primeiras tarefas de sua nova função foi acompanhar Tim à gravadora RCA, em Copacabana, para pegar um adiantamento de 40 mil dólares.

Depois de rápidas negociações com o presidente Manolo Camero, Tim acertara um contrato para gravar um disco e receberia o dinheiro na assinatura. Em dólar cash.

Foi recebido como uma estrela, com champanhe e fotógrafos, mas não estava para muita festa, queria ir direto ao assunto. Tirou contrafeito a clássica foto da assinatura do contrato, dispensou o champanhe e fez uma única declaração à imprensa:

"O segredo do meu sucesso é o equilíbrio: metade das minhas músicas é esquenta-sovaco e metade é mela cueca", fazendo ansiosos sinais de "então vamos lá" para seus contratantes.

Entraram na sala de Manolo, que mandou uma secretária ao caixa buscar o dinheiro. Tim recebeu a pacoteira e colocou, sem contar, numa pasta 007 de alumínio, comprada especialmente para a ocasião.

Fechou a pasta e saiu. No elevador cochichou para Fábio: "Fica tranqüilo que depois eu vou te dar um levadinho.”

A RCA ficava em um edifício na Rua Santa Clara, quase na esquina com a Avenida Atlântica. Saíram andando pela calçada, respirando o ar da manhã, sob o sol da primavera carioca. Tim feliz com o peso da maleta, Fábio se sentindo muito mais leve.

Caminhando pela Avenida Atlântica, com a maleta na mão, Tim ficou maravilhado com o que viu na vitrine de uma loja de automóveis: uma enorme caminhonete Brasinca, parecia um camburão prateado. Ficou louco, entrou na

loja nervoso, o vendedor o reconheceu e o recebeu sorridente, oferecendo um cafezinho:

"Eu quero é aquele carro ali, é pra levar agora, quanto é?”

"O senhor não quer dar uma volta para fazer um teste? O senhor vai ver que é um excelente carro, muito potente...”

"Meu amigo", Tim interrompeu-o, "eu quero é comprar o carro agora, vou pagar em dólar, em cash.”

Assim que o vendedor disse o preço, Tim fez algumas contas, colocou a maleta em cima do capo e tirou dois pacotes de notas.

"Tá aí, não precisa troco, agora me dá a chave e a papelada", disse, oferecendo os maços de notas ao vendedor perplexo. Falava num tom que não admitia contestações.

"Bem...", o vendedor gaguejou, "eu vou buscar as guias de transferência para o senhor preencher, vou precisar do seu CPF e do espelho do seu Imposto de Renda...”

"Que mané espelho, mermão?", Tim cortou, "não tenho nada disso, estou pagando em cash, depois tu troca no doleiro, e traz logo a papelada porque eu estou com pressa.”

Fez uma careta e rosnou ameaçador:

"E estou começando a ficar irritado.”

Apavorado, o rapaz sumiu por uma porta. Tim estourou numa gargalhada: "Beleza de carrão, hein, Fabiano? Quem diria, hein? Nós em São Paulo, num frio fodido, sem um puto no bolso...”

O vendedor voltou com o gerente e iniciou-se uma breve negociação que terminou com a chave na mão de Tim, os dólares numa gaveta e um problema para a contabilidade da agência.

Saiu dirigindo feliz pela praia de Copacabana, com as janelas abertas e o vento batendo na cara. O carro era alto e forte, impunha respeito. Tim gostava de carros e de cachorros grandes.

Seu grande inimigo era o avião. Mas quando havia shows em Fortaleza e

São Luiz, com um levado bom, tinha de encarar. No dia de uma dessas viagens, Fábio seguiu as suas instruções, comprou várias garrafinhas de Black Label e foi para o apartamento de Tim. O homem estava nervoso, irritado, abriu uma garrafinha e esvaziou-a rapidamente, alternando com goles de água de uma garrafa tirada da geladeira. Partiu para o Santos Dumont como quem vai para o matadouro.

A caminho do aeroporto, no banco de trás do táxi, com a garrafinha de uísque numa mão e a de água na outra, avisou que dariam uma passada na Tijuca, para pedir a bênção à sua mãe, dona Maria Imaculada. Tim não viajava de avião sem antes receber a sua bênção. Fábio ficou esperando no carro, Tim subiu cambaleando e desceu de volta calmo e sorridente.

No carro, explicou a origem do seu pavor de voar. Contou que, uns 15 anos antes, na época do lançamento de seu primeiro disco, andava de avião numa boa, até que, numa noite fatídica, encontrou um grupo de samba num Samurai da Vasp e um deles o convidou para dar um teco numa cocaína no banheiro. Tim ainda não estava acostumado a cheirar, já fumara vários bauretes ao longo do dia e tinha feito um lanche pesado, esticou uma fileira grossa na tampa da privada e aspirou fundo pelo canudo.

No exato momento em que o pó entrou queimando por sua imensa narina, como um castigo de Deus, o avião começou a sacudir e a tremer, as luzes se apagaram, "atenção, senhores passageiros, estamos atravessando uma zona de alta turbulência". No meio da tempestade, entre raios e trovões, o avião corcoveava no céu, desabava no vazio, mulheres gritavam, gente rezava alto. Tim preso no banheiro, sentado na privada, travado e enjoado, se sentindo dentro de um liquidificador escuro. Seu coração disparou, não conseguia respirar pelas narinas entupidas, começou a sufocar. Quando a turbulência amainou e conseguiu abrir a porta, desmaiou. Desembarcou direto em uma ambulância.

"Pensei que ia ter um infarto, mermão, que ia empacotar ali mesmo", 15 anos depois Tim ainda se lembrava em todos os detalhes da noite de terror.

Resultado: chegou à sala VIP do aeroporto suando frio, com as mãos

tremulas e os olhos esbugalhados.

Mal entrou, um senhor simpático levantou os braços e saudou-o com entusiasmo: "Grande... Timóteo!”

"Puta que pariu, mermão, eu, o Tim Maia do Brasil, e vem um corno me chamar de Agnaldo Timóteo, logo o Timóteo, porra!", reclamou aos berros.

O admirador equivocado se ofendeu, era militar, coronel do Exército, sacou a carteira e ameaçou prender Tim. O embaixador paraguaio, como parte de suas funções de Smokey Robinson, afastou Tim da cena e foi parlamentar com o homem. Furioso, contido por um funcionário e um passageiro, gritava "moleque!" de dedo em riste e queria partir para cima de Tim. Fábio pediu desculpas sentidas, dizendo que Tim estava muito nervoso, sofria de aerofobia e tinha que viajar para visitar a mãe que estava doentíssima. "Eu vou tirar ele daqui agora", prometeu.

Com a ajuda de um funcionário e de uma aeromoça conseguiu sair por uma porta lateral e embarcar com Tim imediatamente, antes mesmo de o vôo ser chamado. Sentaram na primeira fila do avião vazio, e Tim abriu mais uma garrafinha. Fábio se arrependeu de ter comprado oito e só ter bebido uma. Alguns minutos depois, Tim vociferava: "Porra, Fabiano, não tem ninguém nesse avião? Cadê os caras, mermão?”

O comandante veio se apresentar cordial e sorridente. Estava acostumado a acalmar passageiros nervosos, até os famosos têm medo. Tim olhou-o de alto a baixo e perguntou, com desdém:

"É você que vai levar esse negócio? Hummm... Tu usa peruca, não é?”

O sorriso congelou no rosto do pobre homem. Uma aeromoça veio em socorro com copos de água e suco numa bandeja.

"O minha filha, eu não quero saber de suquinho, quero é que essa porra levante logo. Esse avião voa ou não voa? E cadê o resto do pessoal?”

Finalmente entraram os passageiros. Tim abriu a última garrafinha com a mão tremendo e suando. O avião parado na pista. Grunhiu alto: "Essa porra não vai levantar, Fabiano? Alô, alô, comandante, vamos ou não vamos, mermão?",

gritou para a cabine.

Como se tivesse ouvido a pergunta de Tim, uma voz gentil saiu dos alto-falantes:

"Atenção, senhoras e senhores passageiros, aqui fala o comandante Mesquita. Queremos nos desculpar pelo atraso na decolagem, devido à dificuldade de desengatar o trator que puxou a aeronave até a pista...”

"Levanta com trator e tudo, mermão!", gritou Tim para a cabine. Passageiros furiosos começaram a protestar e alguém gritou: "Tira esse homem daqui, ele vai derrubar o avião." Tim levantou e soltou uma rajada de palavrões, provocando uma gritaria infernal na aeronave, que só decolou depois que, por ordem do comandante, ele foi retirado à força e escoltado até o salão do aeroporto.

As gravações, no estúdio da RCA, em Copacabana, foram sacudidas por constantes conflitos criativos entre Tim e o produtor Michael Sullivan, conhecido no meio musical como Porquinho, mas que Tim só chamava de Evanilton, seu nome de batismo. Só o chamava de Michael Sulivan quando estava com raiva. Tim gostava das músicas dele, o respeitava como compositor, mas ninguém ia lhe dizer como cantar uma música ou fazer um arranjo. Na última briga, tarde da noite, mandou Júnior Mendes pegar as fitas gravadas e sair junto com ele.

Sullivan não aceitou, era um patrimônio da gravadora, ele seria responsabilizado se sumisse alguma coisa, Tim era capaz de incendiar as fitas.

Júnior o chamou de lado e disse que se responsabilizaria pelas fitas, no dia seguinte devolveria, seria só para Tim se acalmar. Não esperou a resposta e saiu com dois grandes rolos de fita, rumo ao estacionamento, no segundo andar.

Quando Tim abriu a porta do carro, surgiram na porta da garagem Sullivan, o técnico de som e um segurança.

Tim encontrou uma fita cassete em cima do banco do carro, preta, com rótulo escuro. Empunhou-a como uma pistola e, na garagem mal iluminada, apontou-a para eles e berrou:

"Vou encher vocês de tiro, seus putos!”

Enquanto os perseguidores sumiam, Tim explodia numa gargalhada e dava a partida no carrão. No dia seguinte, Júnior perguntou o que deveria fazer com as fitas e Tim mandou levá-las para o estúdio caseiro de Lincoln Olivetti, na estrada do Gerenguê, nos confins de Jacarepaguá, onde o disco seria finalizado. Além disso, para continuar a gravar, exigiu que Porquinho fosse substituído na produção por Júnior Mendes e a RCA teve que aceitar.

Com arranjos e a tecnologia de Lincoln, impulsionado pelo marketing agressivo da RCA e puxado por um megahit romântico da dupla Sullivan e Massadas, o disco de Tim estourava nas paradas. O Brasil inteiro ouvia e cantava com ele:

"Leva o meu som contigo, leva, e me faz a sua festa, quero ver você feliz.”

Como a letra sugeria, era uma mensagem de fim de ano da Rede Bandeirantes de rádio, encomendada à dupla e gravada por Tim mediante um levado gordo. A música agradou tanto que, por pressão popular, acabou sendo tocada até pelas rádios concorrentes e se tornou um grande sucesso nacional, vendendo mais de 200 mil compactos, de acordo com a gravadora, ou 400 mil, segundo Tim.

O estouro de "Leva" era só o início. Mal o público começava a se cansar do seu romantismo melado, as rádios entraram com o ótimo funk "Você me enganou", de Júnior Mendes, agressivo e superdançante, que se tornaria mais um sucesso de Tim Maia, o rei do baile, um clássico da cornitude com suingue.

Em seguida, outra baba romântica irresistível, do jovem-guardista Ed Wilson e Carlos Colla, ganhava os ares e os primeiros lugares entre as mais pedidas nas rádios. Tim não saía dos programas populares de televisão, as meninas do auditório cantavam com ele balançando os braços:

"Pede a ela pra ligar pra mim, diz a ela que apesar de tudo eu não mudei, um milhão de vezes eu liguei, e ela manda responder que não está.”

O disco vendia aos borbotões, a gravadora estava feliz, a estratégia

esquenta suvaco mela cueca era vitoriosa. Nas entrevistas, além de falar do disco, Tim fez questão de esculhambar a RCA, dizendo que foi pressionado para gravar músicas de compositores protegidos da gravadora e a entregar suas músicas para as editoras do grupo. Não fez uma coisa nem outra:

"Além do mais, o estúdio deles é totalmente quatro-quatro-meia, não está com nada, em comparação com o do Lincoln Olivetti eles ainda estão na fase da manivela."

E já que estava com a mão na massa, anunciou que entrara com um processo contra a Polygram, que tinha lançado uma compilação de seus sucessos sem sua autorização. Mas como o advogado estava demorando a lhe dar notícias, já tinha contratado um segundo, para fiscalizar se o primeiro não o estava enrolando.

"Com gravadoras e advogados, todo cuidado é pouco", advertiu.

A Nova República também não merecia a sua confiança: "O Sarney nunca tomou trezentos LSDs nem comeu churrasquinho de gato com Ki-Suco como eu; não tem experiência para ser presidente, eu seria melhor do que ele."

Tim estava popularíssimo, e foi o amor do público que o salvou quando, mais uma vez, foi detido em seu carro com substâncias tóxicas ilegais. Foi levado para a 13a DP, no final da Avenida Nossa Senhora de Copacabana, em frente a Galeria Alaska, um tradicional ponto gay carioca, com grande movimento por volta de uma da madrugada.

Ao subir as escadas da delegacia, empurrado por dois canas, Tim viu que tinha muita gente na calçada em frente e que já o haviam visto. Parou e soltou a voz:

"Ah, se o mundo inteiro me pudesse ouvir
tenho muito pra contar, dizer que aprendi,
que na vida a gente tem que entender,
que um nasce pra sofrer, enquanto o outro ri..."

O povo começou a cantar junto, a bater palmas e gritar seu nome. Os tiras tentavam empurrar 128 quilos escada acima, mas ele não se movia nem parava

de cantar. Mais gente chegava, as putas e os travestis gritavam, todos cantavam, a voz querida e poderosa de Tim Maia enchia a noite de Copacabana.

Diante da avassaladora solidariedade popular, da barulheira infernal e do adiantado da hora, o delegado reagiu com bom senso e bom humor:

"Libera o elemento.”

No final do ano, o fim de velhas mágoas, ou quase: Roberto Carlos foi pessoalmente à Seroma convidá-lo para o seu Especial de fim de ano na Globo.

Tim ficou feliz, chegou na hora, simpático e brincalhão. Foi recebido com uísque, salgadinhos, abraços e carinhos por Roberto e Erasmo. No programa, dirigido por Augusto César Vannucci e escrito pela dupla Miele e Bôscoli, os dois parceiros conversavam sobre os velhos tempos da Tijuca e Roberto se lembrava dos Sputniks:

"É, o gordinho cantava, né, bicho? O gordinho dava um banho.”

Erasmo concordava e anunciava: "O grande Tim Maia.”

E Tim e Roberto cantavam "Pede a ela", como se disputassem para ser o solista dos Sputniks. No meio da música, Roberto perguntava:

"E você ligou pra ela mesmo?”

"Olha, Roberto, várias vezes.”

"Todo dia?", insistia o rei.

"Toda hora. Mas ela sempre diz que não está." Para quem conhecia Tim, era como se ele falasse dos tempos brabos em São Paulo, quando procurava Roberto, em vão.

"É, tem que insistir, tem que insistir", Roberto abria seu sorriso mais sedutor e começava cantando, perfeito, discreto e caloroso. Tim entrava depois, no volume máximo de seu som e sua fúria. No final, os dois cantavam juntos, em dueto histórico, com a doçura de Roberto envolvida pela massa sonora de Tim Maia.

MENDIGOS, BANDIDOS E BACANAS, 1986, 130 KG

No início de 1986, escrevi com Euclydes Marinho, Patrícia Travassos e Luiz Gleiser a comédia musical Cida, a gata roqueira, para a TV Globo. Era uma paródia pop de Cinderela, estrelada por Cláudia Raia, com música de Rita Lee e Roberto de Carvalho e direção de Roberto Talma. Maria Zilda seria a madrasta gostosa e malvada, e Rita Lee a fada madrinha Sunda Morgana.

E, por aclamação, chamamos Tim Maia para fazer uma participação especial como um reverendo doidão, criado especialmente para ele, baseado num clip que adorávamos de James Brown com John Belushi e os "Blues Brothers" e um coral gospel que enlouquecia numa igreja.

Não haveria uma música pronta para Tim, seria free, a banda ficaria fazendo um groove funk e uns riffs de metais e ele improvisando variações sobre o Salmo 23 da Bíblia, "O Senhor é meu pastor e nada me faltará".

O batidão da banda estremecia a igreja cenográfica.

"O senhor é pastor de quem?", gritava Tim do púlpito, vestido de reverendo, e o coro respondia:

"É nosso!”

"E o que é que vai nos faltar?", gritava o reverendo com suingue.

"É nada!", respondia o coro.

"Nosso pastor quem é?”

"É o Senhor!”

"E não vai faltar nada pra quem?”

"Pra nós!”

"É pastor de quem?”

"É nosso!”

E Tim seguia improvisando com o coral, o ritmo crescia e os fiéis iam

enlouquecendo com o batidão e caindo na dança, a igreja virava um bailão. Foi o momento mais musical da comédia — e o mais comédia do musical.

Noites depois, comendo uma pizza no Diagonal, no Baixo Leblon fervilhante, Tim disse que ia me colocar uma questão sociológica instigante:

"O Nelsomotta, olha só esses teus amigos universitários", Tim fazia um biquinho debochado para falar os nomes, "Gilberto Gil, Caetano Veloso, Chico Buarque, Edu Lobo, Francis Hime, tudo formado, diplomado, doutorado, mas ninguém tem os direitos sobre as suas gravações, as gravadoras fazem o que querem com a obra deles, eles são roubados e não podem fazer nada, é tudo otário. Já eu, que sou o presidente da Vitória Régia Discos e da Seroma Edições Musicais , as únicas que pagam aos sábados, domingos e feriados depois das 21 horas —, sou dono de tudo que eu gravo, posso vender, alugar, sublocar, faço o que quiser com os meus discos...”

Fez uma pausa dramática, me olhou nos olhos e apertou o gatilho:

"... e eu que sou o doidão?" Explodimos numa gargalhada e ele concluiu:

"Ô Nelsomotta, se eu não fosse doidão seria um dos maiores intérpretes da América do Sul e do Norte e talvez da Europa, estaria sentado numa limusine, com um secretário tailandês e outro hindu, vestidos a caráter, no banco de trás. Por ser doidão, eu mesmo dirigiria o carro.”

Chamado por Daniel Filho, fui ser diretor de criação do musical Chico e Caetano, na TV Globo. As duas grandes estrelas da MPB faziam duetos com convidados e apresentavam artistas de vários estilos e gerações. Cada programa tinha como atração especial um grande músico latino-americano, como o mestre argentino Astor Piazzola, que se apresentou junto com Tom Jobim na estréia. Com a aprovação de Chico e Caetano, escalei Tim Maia logo para um dos primeiros programas.

A tarde, ele chegou feliz e bem-humorado ao Teatro Fênix para os ensaios. Foi logo perguntando onde havia um "garrastazu" para torrar unzinho. Voltou muito à vontade, brincou com todo mundo, reclamou do som, deu um show de suingue, potência e estilo:

"Vale tudo, vale o que quiser!

vale o que vier, só não vale dançar homem com homem, nem...”

Em vez de "mulher com mulher", Tim gritava: "amassar bombril!" e todo mundo estourava de rir. O auditório vazio tinha a vibração de um bailão de subúrbio, com a Vitória Régia arrebentando no palco — Tim exigia empenho Especial nessa apresentação no olimpo da MPB, queria mostrar para aqueles universitários otários quem era o Tim Maia do Brasil. Como se eles não soubessem, mas, se não fosse assim, não seria Tim. Saiu do palco ovacionado pelos apresentadores, músicos e técnicos, jogando beijos.

À noite, não apareceu na gravação. Telefone desligado, paradeiro desconhecido.

Caetano abriu o programa dizendo que Tim Maia era um mistério e que "telefonemas difíceis de decifrar acabaram revelando que ele não vinha. Mas com Tim Maia, o que seriam falhas se tornam enfeites, tornam aquilo ainda mais bonito. De modo que esse mistério estranho que envolve Tim Maia continua hoje aqui nos encantando".

Para sorte da produção e do público, o ensaio fora gravado e o programa foi ao ar com os melhores momentos de Tim, cantando maravilhosamente e falando barbaridades hilariantes. Todo mundo achou a melhor coisa do programa.

Tim geralmente faltava a shows porque estava derrubado pelo que chamava de triatlon — uma maratona de uísque, cocaína e maconha. Muitas vezes, mesmo em condições precárias, ele estava até com vontade de cantar, mas não havia mais voz nem para dar boa-noite. Outras vezes, raras segundo ele, faltava simplesmente para sacanear o contratante, com especial predileção por Chico Recarey, do Scala. Temporada era um perigo: Tim ficava tão feliz com a estréia que promovia um triatlon comemorativo com os amigos no camarim até amanhecer. E no dia seguinte não tinha voz nem show.

Não foi o caso de sua primeira temporada na luxuosa e breguíssima casa de oitocentos lugares de Recarey, no Leblon. Foi bem pior.

"Tibério Gaspar, eu vou estrear lá no Scala e você está convidado. Mas não vai no dia da estréia não, porque os convites que o Recarey me deu são para a minha família, que é enorme. Você vai na sexta, tá?

Tim estreou com casa lotada e sucesso estrondoso. Tibério ficou sabendo quando telefonou no dia seguinte para confirmar o convite.

"Mas acho melhor tu não ir não... porque eu não vou. Vou dar um castigo no Chico Recarey."

"Mas o que é que houve? O som tava ruim? Ele não te pagou?"

"O Tibério Gaspar, ele colocou os convidados dele na primeira fila, todo mundo bonito, perfume francês, dentes lindos, maravilhosos, cascata de camarão, champanhe e o caralho a quatro. E o meu pessoal ele botou lá atrás, perto da cozinha, tomando cerveja quente. Eu achei isso uma sacanagem e vou à forra, esse filho-da-puta vai me pagar. Vai no sábado."

Na noite de sexta, com o Scala abarrotado, Tim tirou o telefone do gancho e ficou em casa. Recarey ficou maluco. Implorou a Piau que fosse até a Barra e trouxesse Tim de qualquer jeito. Ofereceu um carro com motorista e, para não ir sozinho, Piau convocou sua namorada Marines, a cantora Áurea Regina e o violoncelista Jaquinho Morelenbaum, que integrava a banda. No caminho, descobriu que na improvável hipótese de Tim resolver ir, não caberia no carro. Nesse caso, pensou, voltariam de táxi. Não foi necessário. No Barra Palace, Piau e seus convidados encontraram Tim deitado no sofá da sala, numa tranqüila, numa relax, numa boa. Nem deu chance para apelos:

"Pô, Piau, você está do meu lado ou do lado do Recarey, mermão? Senta aí. Toma um uisquezinho, fuma um bauretezinho." E anunciou:

"Hoje o show vai ser aqui."

Ligou para o vizinho restaurante Fratelli e encomendou lagosta para todos.

Todo mundo se empapuçou. Tim estava feliz, pegou o violão e começou a cantar, como se estivesse diante de uma multidão. No outro violão, Piau fazia frases e acordes e Jaquinho, na falta de um cello, batucava em uma caixa, todos cantavam em coro os grandes hits. Foi uma noite deliciosa, um grande show de

Tim Maia.

No sábado, Tim ligou para Tibério às gargalhadas, contando o sucesso da sua operação punitiva e confirmando o convite para o show à noite:

"Assim você vai ver o resto da minha vingança. Esse espanhol é do ETA (Exploradores do Talento Alheio), é escravagista, ele merece.”

Tim fizera um acordo com Recarey: para voltar a fazer o show, teria metade da primeira fila para seus convidados, cerca de trinta, entre eles Tibério.

Assim que chegou ao Scala superlotado, Tibério foi direto para os camarins e encontrou Tim numa boa, em alegre sessão de aquecimento com a banda, aquecimento Maia.

"O Tibériogaspar, vai lá na frente do palco, abre a cortina de leve e dá ma olhada na primeira fila, onde você vai sentar. É lá que estão os convidados do Chico e os meus, todo mundo com cascatas de camarão, champanhe e o escambau.

Quando Tibério entreabriu a cortina, arregalou os olhos e só teve voz para murmurar:

"Meu Deus!”

Na primeira fila, metade das mesas estava ocupada pelos convidados de Recarey — socialites, bicheiros e autoridades, todo mundo fino e elegante. Mas nas outras mesas não estavam os parentes e nem os amigos de Tim, e sim uma gente suja, desdentada e descabelada, com roupas velhas e puídas, que parecia ter saído das ruas. Tim havia distribuído seus convites entre faxineiros, garagistas, mendigos e flanelinhas que encontrara nas vizinhanças do Scala — era a parte final da sua vingança. O show foi apoteótico, os bacanas e os mendigos da primeira fila aplaudiram de pé, Tim e Recarey se abraçaram efusivamente no camarim.

Na semana seguinte, tudo era alegria de novo. Tim partiu para São Paulo de carro e, apesar de atritos com o pessoal do som na estréia, fez três noites de sucesso no sofisticado Palace, lotando os 1.200 lugares e merecendo ovações do público e elogios rasgados do grande crítico Zuza Homem de Mello:

"Sua naturalidade é de quem está cantando pelado no chuveiro. É um sucesso das dondocas às domésticas, da meninada aos quarentões, dos ginásios da periferia ao Palace.”

E mestre Zuza fechava com seu fino humor:

"Um artista raro de se ver. Tanto pela qualidade como pela assiduidade.”

Um mês depois, Tim assinava um contrato para temporada no Club 150, de 250 lugares, no Hotel Maksoud, em São Paulo, um cinco estrelas moderníssimo. Estava orgulhoso:

"Pô, mermão, eu vou cantar onde o Frank Sinatra cantou!”

Com o novo secretário-motorista-empresário Gilberto ao volante da Brasinca, Tim e Fábio pegaram a via Dutra rumo a São Paulo, a 60 quilômetros por hora. Tim fumou, comeu e dormiu a maior parte da viagem. Acordou assustado perto de Jacareí com uma gritaria, "cuidado, tá pegando fogo! Sai fora, Tim!". O carro estava estacionado no acostamento e uma fumaceira saía do motor.

Gilberto e Fábio tentavam abrir o capo com um pedaço de pau, com medo que o motor explodisse. Ninguém se lembrara de colocar água no radiador. Tim saiu praguejando do carro e foi envolvido por uma nuvem de fumaça e um cheiro de queimado. O motor fundira.

Passou uma descompostura no motorista e no Smokey Robinson, esculhambou o carro, o fabricante e o vendedor, mais uma vez se sentia roubado. Entrou contrafeito num carro velho que, de boa vontade, parou ao aceno de Fábio e os levou a São Paulo. Gilberto ficou esperando o reboque.

Desembarcou fervendo no Maksoud Plaza. Atravessou o salão de mármore branco e, antes de chegar à recepção, parou e apontou, apavorado como quem viu um monstro, os modernos elevadores panorâmicos transparentes, subindo e descendo os trinta andares em alta velocidade.

"Eu não entro nessa porra nem a cacete, mermão! Essa porra vai cair!", gritou aterrorizado.

Acabou subindo entre carrinhos, vassouras, bandejas e garçons, pelo

elevador de serviço, que era fechado.

A noite de estréia foi catastrófica. Tim não desceu para passar o som, começou o show muito atrasado, em guerra aberta com os técnicos: "Mais grave! Mais agudo! Mais eco! Mais retorno! Mais tudo, mermão!”

Os técnicos estavam nervosos e furiosos com as reclamações de Tim, o som piorava mais, o microfone apitava, o público estava inquieto, Roberto Maksoud, o dono da casa, preocupadíssimo.

Tim mais reclamava do que cantava, a Vitória Régia corria atrás como podia, o clima estava pesado. Depois de três ou quatro músicas, incomodada com a grossura e os palavrões, uma elegante senhora se levantou e saiu com seus acompanhantes. Do palco, Tim não perdoou:

"Já vai, dona Maria? Já vai tarde, mocréia!", e começou a conjeturar sobre onde iria e o que faria dona Maria.

Dona Maria era filha de ilustre família paulistana, dona de poderosa publicação. Maksoud tremia imaginando as críticas e reportagens, Tim debochava, cantava e reclamava do som. Milagrosamente o show chegou ao fim sem maiores incidentes, mas ninguém teve coragem de levantar para ir embora, ainda que muitos certamente tivessem vontade.

Em sinal de boa vontade, no dia seguinte, um novo equipamento de som foi instalado e Roberto Maksoud mandou duas garrafas de Chivas Regal para Tim. Foi fatal.

Com a casa lotada, os técnicos ainda não familiarizados com o novo equipamento e Tim cheio de uísque, o show foi tão ruim e acidentado como o da véspera, mas nenhuma senhora quatrocentona saiu. Tim ameaçou parar várias vezes, a banda tocava movida a medo, o pessoal do Maksoud estava em pânico.

Inicialmente prevista para duas semanas, a temporada catastrófica e claustrofóbica foi encurtada para quatro shows, e olhe lá. O hotel preferiu pagar as eventuais multas do contrato: os prejuízos poderiam ser muito maiores com Tim em cena.

Um mês depois, voltou a São Paulo, não mais para cantar para "madames

xexelentas metidas a besta", mas para a galera jovem, na nova casa Dama Xoc. O próprio dono, um garotão simpático e educado, fora buscar Tim no Rio com o seu carro e levou-o, junto com Piau, ao pequeno Hotel Firenze, na Rua Frei Caneca, zona de bares e putas, onde muitos músicos se hospedavam. Acenderam um baurete e começaram a conversar.

Três baseados depois, Piau disse que estava cansado e ia para o hotel. Tim estranhou:

"Que hotel, Piau? Tu não tá hospedado aqui, mermão?”

"Pois é, Tim, não estou não, eu estou lá no Hilton com os músicos." Piau pressentiu o temporal.

Tim explodiu numa enxurrada de pragas e palavrões contra o empresário, os músicos, a vida e, naturalmente, Piau.

"Quer dizer que o Piau pode ficar no Hilton e o Tim Maia do Brasil não pode?", e chutava cadeiras, derrubava vasos e abajures. O dono do Dama Xoc, um jovem em suas primeiras aventuras no show business, olhava aterrorizado, tentando dizer a Tim que o levaria ao hotel que ele quisesse.

O que ele queria era o Hilton, mas o Hilton não o queria. Porque na última vez em que fora hóspede do hotel havia ocorrido um pequeno incidente, como lembrou Piau.

Depois do jantar, Tim deveria ir para um estúdio de gravação e estava atrasado. Na porta do hotel havia diversos táxis parados e Tim se encaminhou para o primeiro da fila. O motorista conversava animadamente com os colegas a alguns metros e ignorou os seus chamados.

Como o carro estava com a porta aberta e a chave na ignição, Tim entrou, deu a partida e subiu a Ipiranga rumo à Consolação.

"Pega ladrão!", os taxistas gritavam furiosos, enquanto o carro sumia na noite paulista. Pandemônio no hotel, a polícia foi avisada.

Duas horas depois Tim estacionava o táxi nos fundos do hotel e deixava a chave na recepção com um dinheiro pela corrida:

"Isso aqui é para o aluguel do táxi. I don't want to be disturbed, ok?”

Tirou o telefone do gancho e dormiu.

Acordou persona non grata no Hilton, e por isso estava no Firenze. Fim do flashback, o Hilton não o aceitava mais, concluiu Piau.

"Ah, é? Então vamos pra lá agora", e saiu espumando pelo corredor.

Atravessou o lobby de mármore do Hilton pisando duro e foi direto à recepção:

"Call me the manager", ordenou à apavorada funcionária, e continuou em inglês fluente e furioso:

"Isto é um abuso, uma falta de respeito, eu vou chamar a imprensa e denunciar este hotel por discriminação racial, não posso ser impedido de ficar aqui porque sou negro, eu sou um artista famoso, eu vou fechar esse pulgueiro", gritava.

Os seguranças se aproximaram, hóspedes pararam para ver, o gerente se apresentou. Tentou argumentar, mas levou uma descompostura em inglês do Harlem, de "motherfucker" para baixo, e deu graças a Deus quando Tim desistiu de ficar naquele muquifo piolhento e se deu por satisfeito em humilhá-lo, ofendê-lo e ameaçá-lo.

Chamado às pressas ao lobby, o secretário Gilberto desceu e Tim mandou que ele e os músicos fizessem as malas e partissem imediatamente para a Frei Caneca. Discriminação, não!

No dia seguinte, ligou de manhã para o quarto de Piau como se nada tivesse acontecido.

"Pô, Tim, o garotão do Dama Xoc ficou apavorado."

"É mesmo, Piau? He he he... Ele sentiu a pressão, né?"

E soltou uma gargalhada:

"Faz o seguinte, Piau, vai na churrascaria rodízio e me traz umas dez quentinhas que eu estou com muita fome."

Tim também estava com fome de palco e os shows no Dama Xoc — um clube pequeno, moderno e cheio de jovens — foram triunfais.

A próxima aventura seria no ginásio Geraldão, em Recife, onde Tim não

cantava havia muito tempo, o levado era irrecusável e o vôo inevitável. A banda foi na sexta, com céu de brigadeiro, e Tim iria no sábado de manhã, dia do show, se não tivesse desabado uma tempestade sobre o Rio de Janeiro. Telefonemas dramáticos foram disparados o dia inteiro de Recife para o Rio, com apelos e ameaças, mas, sob chuva torrencial, o máximo que Tim dizia era "guenta aí que eu já estou indo".

Desesperado, um dos empresários locais tentou convencer o baterista Luiz Carlos, mulato e gordinho, a se passar por Tim, dublando o disco com a banda no palco. Com sua esperteza sertaneja e seu sotaque carregado, ele dizia que era só uma questão de iluminação. Luiz Carlos declinou o suicídio.

Na hora do show não havia muita gente no ginásio; o rádio já havia noticiado o cancelamento, mas o anúncio de que Tim estava doente e não viria provocou uma gritaria furiosa e uma chuva de latas de cerveja no palco. O empresário fugiu com a bilheteria sem pagar ninguém, a polícia foi chamada. As rádios começaram a mandar os fãs de Tim quebrarem os seus discos, porque o povo pernambucano tinha sido enganado e ultrajado. Tim ficara tanto tempo sem ir ao Recife, e por eles poderia ficar mais cem anos.

No Hotel Vila Rica, sem Tim, sem dinheiro e completamente bêbados, Chumbinho e Carlinhos Trompete quebraram tudo no quarto e espatifaram a televisão no corredor. Foram presos e levados para a delegacia de Boa Viagem, aos tapas e pontapés, e jogados de cuecas numa cela com mais de trinta presos. No dia seguinte, o delegado chamou a imprensa para apresentar os facínoras e, acusado pelos músicos de maus-tratos, disse que eles mereceram mesmo "uns empurrões". Disse que eles podiam até cantar, e ironicamente pediu que cantassem. Chumbinho não se avexou e atacou "Do Leme ao Pontal", marcando o ritmo com palmas, animado à beça. A imprensa começou a gostar, o delegado cortou:

"Chega." E mandou recolher os elementos ao xadrez. Um longo dia e uma noite se passaram até que o advogado mandado do Rio por Tim chegasse ao Recife para soltar a dupla. O hotel exigia o pagamento do quebra-quebra e das

diárias da banda, que viajara de volta para o Rio na noite fatídica.

Com uma procuração de Tim, o advogado se responsabilizou, pela dívida com o hotel, conseguiu um habeas corpus com um juiz e os músicos saíram da cadeia. Mas não teriam para onde ir se não fosse a aparição milagrosa de um ex-cabeleireiro de Tim, que visitava a família em Recife e abrigou-os na casa de parentes.

Os telefonemas aflitos para o Rio foram em vão. Tim dizia que já tinha feito muito mandando o advogado, os músicos que pegassem um táxi para casa. A salvação foi o bondoso cabeleireiro comprar as passagens com seu cartão de crédito, sob promessas de reembolso. O advogado passou de táxi para buscá-los, estava com pressa para chegar ao aeroporto e embarcar logo para o Rio. Os músicos queriam passar no hotel para buscar seus instrumentos, roupas e documentos, mas o doutor disse que seria impossível:

"Segui as instruções do Tim, me registrei com um nome de fantasia, gritei 'estratégia' e saí batido do hotel", confessou o advogado, às gargalhadas, mandando o motorista acelerar rumo ao aeroporto.

O mercado musical de Recife ganhou dois bons instrumentos e Chumbinho um esporro monumental quando chegou ao Rio: o baixo tinha sido comprado por Tim de Rubão para uso exclusivo da Vitória Régia, e Chumbinho seria insistentemente cobrado pela perda nos anos seguintes.

Com grande estardalhaço e uma mala de dinheiro, a RCA tirava a estrelíssima Gal Costa da Polygram, onde estava desde o início de sua carreira. Gal tinha imenso prestígio, superlotava shows e vendia sempre acima de 100 mil discos, mas seu empresário Guilherme Araújo — e o pessoal da RCA — achavam que ela poderia vender muito mais com um marketing agressivo e uma leve inflexão do repertório na direção do gosto popular do momento, isto é, gravando os hits criados pelos compositores "da casa" como Ed Wilson e a dupla Sullivan e Massadas, uma máquina de fazer sucessos.

Gal tinha um gosto musical sofisticado e um dos fundamentos do seu sucesso era o rigor na seleção do repertório. Relutou muito em gravar a bonita

balada "Chuva de prata", de Ed Wilson, e só aceitou depois que, a seu pedido, o finíssimo Ronaldo Bastos, parceiro de Tom Jobim e Milton Nascimento, fez uma letra de alto nível. A gravação, produzida por Mariozinho Rocha com os músicos do Roupa Nova, ficou impecável, e o disco foi um sucesso estrondoso, um dos maiores da sua carreira. E multiplicou suas vendagens por três.

Gal estava mais confiante na gravadora, e Miguel Plopschi sentiu que era hora de voar ainda mais alto, quando chegou às suas mãos uma balada matadora, feita sob medida pela dupla Sullivan e Massadas para ser gravada em dueto por Gal Costa e Tim Maia — os dois maiores intérpretes do momento.

Tim gostou muito da música e do levado. Gal, um pouco menos, mas achava que, com um bom arranjo e os dois cantando, podia ficar muito bonita. E, por que não?, ser um grande sucesso popular.

Com um soberbo arranjo de Lincoln Olivetti, Tim gravou "Um dia de domingo" e a fita foi levada para Gal ouvir e gravar a sua voz.

"Eu preciso te falar, te encontrar de qualquer jeito, pra sentar e conversar, depois andar de encontro ao vento...”

Era um assombro, o homem barbarizava, a música podia até ser chamada de brega, mas era linda, a letra não era muito diferente da MPB básica do momento. Guilherme Araújo e Miguel tiveram certeza de que seria um sucesso inevitável e avassalador. Depois de várias audições, Gal sentiu que a tonalidade estava um pouco baixa para sua voz, que poderia cantar mais confortavelmente meio tom acima, afinal, a faixa estava sendo gravada para o seu LP.

O abacaxi eletromusical caiu na estrada do Guerenguê, no colo de Lincoln Olivetti. Não havia mais tempo para juntar a banda e gravar na nova tonalidade. Regravando a fita em velocidade um pouquinho mais rápida, o bruxo subiu a banda até o exato tom que Gal queria e a voz de Tim foi junto, soando ainda mais brilhante. Os agudos cristalinos de Gal encheram o estúdio:

"Eu preciso descobrir,
a emoção de estar contigo,
ver o sol amanhecer,

e ver a vida acontecer,

num dia de domingo.”

Tim não notou nada de estranho no que ouviu, sóbrio, na sala de mixagem, como exigira de Miguel. E aprovou a gravação final, com a voz de Gal límpida e agudíssima, duelando com seus graves. Depois de derrubar uma garrafa de Chivas Regal, Tim só saiu da sala de mixagem quando conseguiu que na edição final a sua voz ficasse um pouquinho mais alta que a de Gal, ainda que para isso o som da gravação inteira distorcesse, como advertia o técnico, vendo estourar o medidor de volume.

Era simples: como o espaço sonoro da fita era limitado, o que se aumentava de uma voz tinha que ser diminuído de outra, além desse limite o som distorcia. Miguel achou melhor dar por encerrados os trabalhos e assegurar a Tim que aquela seria a versão definitiva. Assim que ele saiu, cambaleando, mandou os técnicos voltarem às nove da manhã e refazerem tudo.

A gravação ficou lindíssima, a mixagem perfeita, as vozes eram ouvidas em equilíbrio, com interpretações arrebatadoras. No fim da tarde, quando acordou, Tim ouviu e aprovou a mixagem final.

Como as duas estrelas viajavam sem parar, foi muito difícil encontrar uma data para que fosse gravado um clip para o fantástico", única oportunidade para reunir os dois.

No dia marcado, Tim recebeu um telefonema da RCA avisando que a gravação atrasaria dois dias porque o vestido de Gal não tinha ficado pronto.

Dois dias depois, quando ligaram para Tim dizer a hora em que o carro iria buscá-lo, mandou avisar a Gal que não poderia ir:

"O meu vestido não ficou pronto.”

E não foi. Mas, com ou sem "Fantástico", em poucos dias "Um dia de domingo" se tornou o maior sucesso do momento, do ano e da carreira de Gal Costa, puxou a divulgação do seu LP e quintuplicou as suas vendas.

Num show no Cassino Bangu, um outro tipo de problema apareceu, além da polícia. Homens de ternos escuros, oficiais de Justiça com mandados para

cobrar de Tim indenizações judiciais e seqüestrar seus cachês ou a bilheteria dos shows.

Tim os apelidou de "os corvo", no singular mesmo, e não lhes daria moleza. Assim que soube, já no final do show, que eles o esperavam na saída para dar o bote, gritou "estratégia" para a banda e avisou ao público que ia tomar uma água e já voltava:

"E agora fiquem um pouco com a Vitória Régia.”

Passou correndo pelo camarim para pegar o levado, saiu batido pela porta da cozinha e entrou no primeiro táxi.

A mesma estratégia também era aplicada em clubes barra-pesada, cheios de bandidos e em zonas perigosas. No caso, para não serem assaltados na saída pelos espectadores ou até mesmo pelos próprios contratantes.

Os "corvo" não iam levar boa vida com Tim Maia. Um deles foi à Seroma tentar lhe entregar uma intimação judicial para prestar depoimento sobre um cheque sem fundos dado a uma companhia aérea, já quitado.

Foi recebido por Tim sentado à mesa, como um chefão, com uma garrafa de uísque, um maço de dinheiro e um punhal.

"Eu sou o Tim Maia do Brasil", gritou. "Esse juizinho vai ver quem eu sou. Eu sou um patrimônio nacional e você é um Office boy da Justiça!", e cravou teatralmente o punhal na mesa. Depois tirou as chaves da porta e mandou soltar os cachorros, como relatou o aterrorizado oficial de Justiça Alécio Blóris ao juiz Eduardo Mayr e ao Jornal do Brasil.

A vida de Tim era um carnaval permanente. De sexo, drogas e música. Nos camarins dos shows e em seu apartamento, os triatlons comemorativos se sucediam. Os mais estranhos tipos esticavam em sua casa, desde o traficante que, depois de entregar a encomenda, era convidado a ficar, a músicos, jornalistas, amigos, putas e até mesmo desconhecidos, que às vezes amanheciam em sua sala.

Um dia acordou e se surpreendeu com um rapazinho dormindo no sofá. Perguntou à amiga Marlene Morbeck, que cochilava na poltrona:

"Quem é esse veadinho? O que é que ele está fazendo aqui?”

Marlene não sabia, ninguém conhecia. Tim mandou buscar uma vela e vestiu uma bata branca sobre o cuecão. Eriçou os cabelos e armou a cena.

Com a vela acesa na mão, começou a gritar e a falar grosso como um pai-de-santo ameaçador, estremecendo o apartamento com uma mistura de falso nagô com gírias de cadeia e fazendo a visita acordar apavorada. E assustar-se mais ainda quando ele apresentou a sua entidade:

"Baixou o caboclo Papacu! Que papa cu de veado curioso!" E soltou uma gargalhada aterrorizante. A bichinha fugiu espavorida pela escada.

Num outro dia, depois de um triatlon, acordou de rebordosa, deu falta de um violão e virou bicho:

"Porra, roubaram meu Ovation! Eu vou matar esse ladrão filho-da-puta!”

À tarde, no ensaio, se surpreendeu ao ver Piau tocando orgulhosamente o Ovation e ficou sabendo que, num acesso de generosidade de triatleta, na noite anterior tinha lhe dado o instrumento de presente, pelos bons serviços prestados, na frente de várias testemunhas.

Contrastando com a liberalidade de dar violões importados e abrir sua casa para qualquer um, Tim era desconfiadíssimo de tudo e todos, o tempo inteiro. Sempre achava que estavam de olho no seu dinheiro, em seus cachorros e suas mulheres; sempre estavam querendo roubá-lo.

Muitas vezes dava uma dose de uísque ou uma garrafa de água mineral para alguém beber antes dele:

"Bebe você primeiro para ver se não estão querendo me envenenar.”

Os provadores de veneno nunca reclamaram.

Os traficantes de cocaína também não: tinham que cheirar o produto antes dele, do contrário não comprava.

Uma romaria de garotas de programa movimentava as noites quentes do Barra Palace. O pessoal da banda ligava para as meninas, sem dizer que era para o Tim, dando o nome de Sebastião.

Quando as garotas chegavam, às vezes eram duas ou três, e viam que era o

Tim Maia, logo se assanhavam. Geralmente eram fãs e, no mercado sexual carioca, Tim tinha fama de pagar corretamente e tratar com muito carinho as meninas. O pior que ele poderia dizer era "você é meio feiozinha, mas vou encarar assim mesmo...".

Sua exigência básica era ser chamado de Sebastião, antes, durante e depois. Principalmente durante.

"Ganhar para foder com o Tim Maia é fácil, quero ver é dar pro Sebastião", comentava com os amigos.

Um grande número de meninas gostosas e corajosas trabalhou na Gávea e no Barra Palace, mas nunca se teve qualquer reclamação, notícia ou ocorrência Policial registrando que Tim tivesse maltratado alguém.

Com o passar do tempo e o abuso dos triatlons, muitas vezes ele chamava e pagava uma ou duas garotas, mas só para conversar, até ele dormir.

Nessas noites, ligadaço, costumava telefonar para amigos e perguntar:

"Eu estou aqui com uma branca e uma preta, com qual você quer falar?" Você escolhia e ele passava o telefone para uma garota, possivelmente nua, que se esforçava para manter um diálogo impossível com um desconhecido acordado no meio da noite.

Havia mais de dez anos que Tim estava sozinho e reclamando da solidão. Ainda com o coração ferido pelo abandono de Geisa, muitas vezes convocava uma ou mais garotas de programa só para conversar e fazer companhia. E o assunto era sempre solidão e abandono. Mas, na temporada de três shows no Palace, em São Paulo, o amor voltaria a lhe sorrir.

Elizete Gomes tinha 19 anos, era uma moreninha de cabelos escuros e cacheados que trabalhava como recepcionista na Telesp e estudava na Escola Técnica de Moema. Assim como sua mãe e suas cinco irmãs, mais até do que elas, Elizete era fã de Tim Maia. Tinham todos os discos, recortavam suas fotos de revistas, faziam sacrifícios para economizar dinheiro para as entradas, mas não perdiam os shows que ele fazia em São Paulo.

Quando as bilheterias do Palace abriram, Elizete era uma das primeiras da

fila e conseguiu comprar dois ótimos lugares para o show de sábado, numa mesa em frente ao palco. Se pudesse, Elizete iria a todos os quatro shows, mas na quinta e na sexta teve que se contentar em apenas ouvir, através das portas de vidro, junto com uma pequena multidão de fãs desabonados.

No sábado, 30 de maio de 1986, Elizete foi das primeiras a chegar, com sua irmã Lúcia. Casa superlotada, grande expectativa, os acordes iniciais de "Vale tudo" provocam uma explosão de gritos e aplausos. Elizete faz força para não chorar. Cantou junto com Tim todas as músicas, do início ao fim, mas, do alto do palco, ele nem a notou.

Quando o show terminou e as luzes se acenderam, Elizete ainda estava tremula. Tinha levado dois LPs na esperança de que Tim os autografasse, mas não sabia como chegar até ele. Pérola, que também estava na mesa, lhe disse que, em um outro show, havia conseguido chegar até os camarins entrando por uma porta lateral e seguindo até o fim do corredor. Elizete seguiu as instruções e chegou até a porta dos camarins, viu passar o trompetista Carlinhos, caprichou no sorriso e logo estava no camarim de seu ídolo.

Tim conversava com Rosiclér, que comemorava seu aniversário junto do marido China, e, quando viu Elizete, exclamou:

"Olha que coisa bonita! Como é o seu nome? Senta aqui!”

Elizete pediu que ele autografasse os discos e Tim caprichou na letra mas errou no nome, chamando-a de Eliete.

A morena era o número que ele calçava. E ainda tinha a vantagem de já ser louca por ele, nem precisava ser conquistada.

Sua primeira providência foi mandar para o hotel a garota que ele havia trazido do Rio e estava sentada em um canto do camarim. Reclamando e chorando, a lourinha foi levada pelo empresário Gilberto.

Elizete e Lúcia foram no carro de Tim para o Hotel Transamérica, com o rádio desligado: ele foi cantando o tempo todo. No quarto, foi o máximo de sedutor, mantendo um mínimo de respeito, quase um cavalheiro. Elizete não acreditava no que via e ouvia. Depois de horas de conversa, de queixas sobre

filhos e carências afetivas, o dia já clareava quando Tim mandou levá-las em casa.

No dia seguinte, de manhã, já estava telefonando, ligou de novo quando chegou ao Rio, estava cada vez mais apaixonado, dizia. Ligava todos os dias, Elizete resistia.

Duas semanas depois, voltou a São Paulo para se apresentar na tenda do Projeto SP. Depois do show, recebeu Elizete e suas cinco irmãs no camarim e no hotel. No dia seguinte, voltou para o Rio, com Elizete. Foram direto para o Barra Palace, para a primeira noite de amor.

Elizete pediu demissão da Telesp, se mudou para o Rio e se tornou, além de namorada, secretária-geral para assuntos domésticos, shows e discos de seu ídolo.

De repente, tudo mudou no apartamento do Barra Palace. Havia quase dez anos que as mulheres que passavam pela casa eram só amigas, como Maria Gladys, Rosiclér e Marlene Morbeck, ou profissionais. Com Elizete, a administração doméstica melhorou bastante, mas, por ser muito jovem, apaixonada e ciumenta, na área afetiva a coisa pegou fogo. Porque Tim também estava loucamente apaixonado, controlava todos os seus passos e não admitia a idéia de perdê-la. Embora tivesse ciúmes da própria sombra, não aceitava que Elizete marcasse as suas fãs sob pressão e tentasse mantê-lo, na medida do possível, de rédea curta.

Numa das primeiras brigas, Tim saiu batendo a porta, pegou o Monza e foi esfriar a cabeça passeando pela orla. Uma hora depois voltava para casa, arrependido e romântico, e começou a cantar na porta do apartamento, a pleno volume e com todo sentimento:

"Sonhar contigo sempre sonhei, faz tanto tempo que já nem sei.”

Desta vez nenhum vizinho reclamou. E Elizete abriu a porta e os braços para Tim.

Aos poucos, ela foi assumindo a gerência do apartamento e da vida caótica de Tim, com alguma autoridade e cumplicidade total: acabou com o

entra-e-sai frenético no Barra Palace e mesmo os convidados, em algum momento, tinham que ouvir:

"Ô Elizete, a visita tá querendo ir embora.”

Com a habitual sutileza, Tim não poupava nem os colaboradores mais próximos, como o seu secretário:

"O Celinho, já tá legal, né? O Elizete, o Celinho Matos quer ir embora. Tá com dinheiro, Celinho? Elizete, pega um levadinho aí no cofre. Mas não exagera: se der demais ele não volta.”

E o cofre enchendo. Tim fez grande sucesso com um comercial do lubrificante Lubrax na TV, como um frentista muito louco, de macacão da Petrobrás e cantando uma adaptação de "Azul da cor do mar" para um casalzinho que vai trocar o óleo. Era muito engraçado, mas de eficiência mercadológica duvidosa: você deixaria o Tim Maia abastecer o seu carro?

Quando completou 10 anos, o filho Léo recebeu a sua primeira lição de música pelo método Maia. Tim botou o violão na sua mão, colocou seus dedos na posição do acorde e o mandou tocar e cantar "Sossego":

"Esta música só tem um acorde. Se você não aprender essa, pode desistir.”

Na segunda aula, ensinou-lhe a tocar "Festa do Santo Reis", com três acordes.

Na terceira e última, passou-lhe mais três acordes básicos de blues, que serviam para rock, funk e soul. E deu o curso por concluído:

"Foi assim que ensinei ao Jorge Ben e ao Erasmo Carlos.”

No fim de dezembro, Tim realizaria um de seus sonhos artísticos: cantar no Canecão, que começara como uma cervejaria e depois de temporadas triunfais de Roberto Carlos se transformara em templo da MPB, visitado por grandes estrelas internacionais como o mestre do flamenco Paço de Lúcia e o gênio Miles Davis, que antecederam Tim Maia no seu disputado palco.

Fãs de Tim, os empresários Mário e Zeca Priolli, do Canecão, o conheciam muito bem e vinham acompanhando suas peripécias pelos palcos cariocas. Por isso, apesar de seu potencial de bilheteria, relutavam em contratá-lo

e exigiram uma cláusula especial estabelecendo uma multa de 5% do cachê por cada vez que Tim se ausentasse do palco. Louco para cantar no Canecão, Tim aceitaria qualquer exigência, porque não a cumpriria mesmo. Assinou sem ler e perguntou que horas era o ensaio.

Na noite de estréia, certamente como conseqüência das ausências recentes, pouca gente acreditou e foi ao Canecão. A manchete da página de espetáculos do Jornal do Brasil dizia tudo:

"Tim (talvez) no Canecão.”

Com o velho amigo Jorge Ben, o rei Pele e o legendário Jamelão da Mangueira na platéia, mas só um terço das mesas ocupadas, Tim começou o show nervoso, ligadaço, acelerando os ritmos, pedindo energia à banda e fazendo constantes trocadilhos e piadas cifradas sobre cocaína. Pelas gargalhadas cúmplices, se percebia um número considerável de cafungueiros na platéia, que foi ao delírio quando Tim cantou sua nova música "Brilho", como era conhecido na intimidade o pó que se alastrava como um rastilho nas noites cariocas.

Durante toda a música, Tim fez gestos e usou códigos do submundo da cocaína, só não falou a palavra. Quase no final, disse que, por contrato, seria multado em 5% do cachê por cada vez que saísse do palco, mas que também era humano: "Preciso dar um tapinha. Com vocês, a banda Vitória Régia!”

Ao mesmo tempo que Tim saía do palco, bandos de espectadores superlotavam os banheiros, de onde saíam elétricos, com sorrisos congelados e olhares esgazeados.

Tim voltava cantando e balançando o corpanzil, animadíssimo:

"Aí pessoal, dizem que o Nelson Gonçalves parou...”

Era um comentário sarcástico sobre recente entrevista do veterano cantor sobre sua luta para se livrar da cocaína. Tim coçava o nariz em gesto inconfundível, fazia uma pausa e completava: "...parou de fazer show em São João de Meriti, né?" E explodia numa gargalhada junto com a platéia.

Na segunda noite, a casa estava mais cheia e muito mais animada. Mas

Tim, nem tanto, com a voz arrebentada pelo triatlon que entrara pela madrugada. Estava de rebordosa, irritado, reclamava do som, da luz, de tudo, até que a platéia cheia de doidões começou a se impacientar e a gritar: "Está tudo bem, Tim, o som está ótimo!”

"Pára de falar e canta!", gritou a atriz Cristina Ache e foi fuzilada por um olhar de Tim, mas perdoada porque era uma gatinha linda.

Mas, aos poucos, apoiado pelo público, Tim foi embalando. Esqueceu a cláusula contratual e saiu do palco incontáveis vezes — e cada saída provocava uma debandada de espectadores rumo aos banheiros do Canecão. O cachê estava indo pelo ralo, mas ele estava se divertindo e fazendo o público cantar e dançar como ele gostava:

"Quem não dança segura a criança!”

Além da variante "amassar bombril", Tim fez uma atualização em "Vale tudo". Depois que cantava:

"Só não vale dançar homem com homem, nem mulher com mulher.”

Acrescentava:

"Mas isso só até as 22 horas, porque depois tá liberado geral!”

O show terminou com Tim aos pedaços, mas atendendo feliz a diversos pedidos de bis e aplaudido de pé. Exausto e sem condições de comemorar, foi direto para casa e dormiu até meio-dia. Sábado à noite, com o Canecão superlotado, fez um grande show e depois comemorou no camarim até de manhã.

No domingo, descansou.

O PUNK DO FUNK, 1987, 101 KG

O ano terminara mal, com Mário Priolli cancelando, por justíssima causa, a segunda semana do contrato no Canecão. Se fosse cobrar as multas de 5% a cada saída de cena, o artista ficaria devendo à casa.

Mas Tim ficou surpreso com a notícia e se sentiu injustiçado. Chamou os jornais e primeiro disse que foi um mal-entendido e que não faltaria mais, depois culpou a aparelhagem de som e finalmente atribuiu o cancelamento a um complô entre Roberto Carlos, a TV Globo e os produtores do Canecão contra o Tim Maia do Brasil. Aproveitou e teceu considerações sobre o mundo artístico nacional:

"Os dois maiores empresários brasileiros são o Manoel Poladian, que é armênio, e o Marcos Lázaro, que é argentino, não é esquisito isso?”

Acabou sobrando até para o sambista Dicró, que Tim ouvira dizer que tinha dado razão ao Canecão no cancelamento. Dicró, coitado, não tinha dito nada, mas não escapou:

"A diferença entre eu e o Dicró é que no meu show todo mundo vai e eu não vou; e no dele, ele vai mas não vai ninguém.”

Como dois velhos bandoleiros, Tim e Recarey se entendiam, geralmente em dinheiro vivo, sem intermediários e nem ressentimentos. No início de março de 1987, Tim Maia voltou ao Scala para uma temporada de 14 shows, com metade do cachê na mão.

Recarey parecia não acreditar na nova gíria carioca que estava na boca do povo, usada para quando se faltava a um encontro marcado — a Síndrome de Tim Maia —, e estava confiante. Nas entrevistas, apostava uma garrafa de champanhe Crystal que Tim faria o show.

Na noite de estréia, com a casa lotada de convidados, Tim compareceu. Mas logo Recarey estava preferindo que ele não tivesse aparecido. Estava mal-

humorado e reclamou do som desde o início, chegou a marcar um ensaio para o dia seguinte às 14 horas, em cena aberta; o público estava ficando muito irritado. Aterrorizados, os técnicos davam o melhor de si e aos poucos o som foi melhorando. Tim disse que todas as suas exigências eram para que ele pudesse dar ao público o seu melhor. Foi ovacionado. E daí para diante fez um show sensacional, levantando a platéia com seus grandes hits e recebendo uma ovação consagradora.

Na platéia da segunda noite, o recém-eleito governador Moreira Franco aplaudia o show e se divertia em uma grande mesa cercado de correligionários e puxa-sacos.

244

Quando faltavam poucas músicas para o final feliz, a Vitória Régia tocou três vezes a introdução de "Leva" e o público aplaudiu com entusiasmo, era o esperadíssimo sucesso do momento. Mas Tim não entrou, ficou sentado, bebendo uísque e fazendo sinais ao trompetista Carlinhos para que cantasse.

Carlinhos cantava muito bem, nos mesmos tons que Tim, e o substituía em alguns ensaios da banda e nas chatíssimas passagens de som. Naquela noite tudo estava correndo tão bem, até o som estava bom, que Tim decidiu generosamente dar oportunidade ao seu músico-cantor de mostrar seu talento. Na hora, no lugar e na música errados.

Quando o público, que pagara caro para ver Tim Maia e estava louco para ouvir "Leva", percebeu que o trompetista não iria cantar só uns versos mas a música inteira, começou a vaiar.

Tim estava saindo do palco e voltou furibundo, mandou Carlinhos continuar e encarou o público:

"Qual onda é essa de vaiar? Onde é que vocês pensam que estão? Isso aqui não é festival, não!”

Mais vaias, mais alto.

"Ah é? Fui!", e saiu do palco batendo pé.

E não houve força na Terra, muito menos Chico Recarey e os seus

funcionários, capaz de arrastá-lo de volta ao palco para completar o show.

Na terceira noite, Tim surpreendeu todo mundo com algo inédito em sua carreira: começou o show exatamente na hora marcada, nem um minuto além. Metade do público que havia comprado mesas, seguindo a tradição carioca, ainda não havia chegado ao Scala ou procurava seus lugares. Nem Recarey estava na casa às 22 horas em ponto, quando a Vitória Régia atacou a introdução de "Vale tudo" e Tim entrou cantando. Vítima de uma inusitada operação-padrão Maia, boa parte do público perdeu quase metade do show, de um grande show.

A temporada transcorreu sem maiores atropelos e sem grandes atrasos, até o décimo show. Daí em diante Tim não apareceu mais, alegando conflito incontornável com os técnicos e os equipamentos de som da casa. Disse em entrevistas que o Scala era um Titanic afundando e Recarey era o comandante mandando a tripulação ir em frente. Definiu-o como "um canalha que presta", às gargalhadas.

Recarey nem ligava:

"É fácil lidar com o Tim. A gente mandava um carro com dois seguranças para levá-lo ao Scala. Mesmo assim ele faltou a um show, mas porque estava resfriado.”

Tim replicou:

"Os seguranças do Scala são todos uns gorilas, e eu não gosto de gorilas. Com duas garrafas de uísque, quero ver qual é o segurança que me segura. Arranco a orelha dele a dentadas.”

Nos jornais, dizendo que Tim era um "amorzinho", Elizete desmentia as acusações de truculência:

"Quando ele chega irritado em casa é só dar um uisquinho e carinho. O Tim é um doce, faz tudo que eu quero.”

No início do verão de 1987, com o Rio de Janeiro vivendo uma das suas piores secas de maconha, Tim receberia uma das melhores notícias de sua vida: o cargueiro Solana Star, vindo da Tailândia, tinha encalhado em Angra dos Reis e

liberado no mar a sua carga de 14 toneladas de maconha prensada, em latas cilíndricas de 2 quilos. De manhã, pescadores e surfistas do Arpoador tinham recolhido as primeiras latas e a notícia se espalhou como um milagre.

A pouca maconha que havia na Praça era ruim e cara — e a da lata era a melhor que Tim já havia fumado. E muito mais barata! O Arpoador virou a Meca das latas. Tim enviou um comprador imediatamente, doidões de toda a cidade faziam fila e davam plantão à espera de novos arrastões, o milagre das latas se espalhava por outras praias do Rio de Janeiro e depois por São Paulo e todo o Sul do Brasil, chegando até Porto Alegre.

A maconha da lata não era a Cannabis sativa, africana, consumida no Brasil, mas a Cannabis indica, asiática, muito mais potente e saborosa, que os brasileiros nunca tinham provado. Os pescadores começaram a vender as latas — centenas delas — a preço de banana. Os surfistas, grandes consumidores, saíram na frente e se lançaram ao mar. Logo a televisão mostrava cardumes de latas prateadas sendo recolhidos em outras praias, do Leme ao Pontal.

Apesar das recomendações ao seu secretário para comprar "todas que pudesse", Tim teve que se contentar com três latas, apenas 6 quilos de maconha. E comprou um binóculo. Passava um bom tempo na varanda do apartamento olhando o mar da Barra e, caso visse alguma coisa brilhando, começava a gritar e Zé Carlos era enviado imediatamente à praia. Apesar de toda a vigilância, nenhuma lata foi capturada — era impossível competir com os surfistas, que ou fumavam tudo ou vendiam pelo dobro do preço dos pescadores.

Nunca houve tanta maconha, tão boa e tão barata no Rio de Janeiro. Era tal a sua qualidade que inspirou a gíria "da lata" para alguma coisa muito especial. Foi um inesquecível "verão da lata" para Tim Maia.

No carnaval, como convidado especial de Recarey e movido a fumo da lata, Tim foi um dos foliões mais animados do Baile de Gala do Scala, fantasiado de árabe, felizmente sem bombas nem cimitarras. Os dois tiraram várias fotos abraçados e sorridentes. Sem ressentimentos.

Elizete, Tim estava convicto, gostava mesmo era do Sebastião. Mas

também tinha que andar na linha, pois a gata era ciumenta, vigilante e reprimia implacavelmente o pansexualismo Maia. Tim começava a dizer, até nos jornais, que a vida de solteiro era melhor. Mas a pior coisa do mundo seria perder Elizete.

Tim confiava tanto nela que era a única pessoa a saber o segredo do cofre, uma pequena caixa de metal de onde saíam os cruzados e dólares para pagar músicos, fornecedores, empregados e traficantes. Tim, por experiência própria, não acreditava em cheques. Uma das frases mais ouvidas no apartamento da Barra era:

"Elizete, traz o cofre!”

Quando havia shows no Scala ou no Canecão, o cofrinho também ia. Para pagar o táxi de algum amigo desprevenido, dar um vale para um músico ou acertar uma parada com o traficante.

Era bom mesmo que Elizete soubesse o segredo de três números do cofrinho, já que Tim frequentemente o esquecia.

A entrada de Elizete na vida de Tim teve profundos reflexos discográficos. O novo LP, mais uma vez com o produtor Jairo Pires, agora na Continental, veio todo romântico, cheio de baladas, mas até os funks dançantes falavam de amor. As letras atingiam seu maior nível de breguice na discografia Maia, observava, cheio de razão, o crítico Tárik de Souza, grande admirador de Tim, que adorou e elogiou muito o disco. Mas Tim não perdoou ser chamado de brega e desbancou o crítico-fã no jornal.

Como intérprete, Tim estava muito romântico, mas como compositor só assinava três músicas, "Vê se decide", versão de um soul americano, e duas ótimas regravações de "Do Leme ao Pontal" e "Brother, other and Sister":

"Para mandar um toque na rapaziada negra americana que parece distante dos problemas dos povos africanos.”

O disco foi puxado pelo surpreendente e espetacular sucesso de "Telefone", de Nelson Kaê e Beto Correia, que começava com uma breguíssima declamação à Barry White em dueto com Rosana, com a voz de Tim puro veludo

vinda do fundo do porão, sexy e sedutora:

"Alô, quem fala? Sou eu, meu amor. Você não se lembra mais da minha voz? Ah, eu queria tanto te ver — mas às quatro horas da manhã?", perguntava nos shows e o público ria. — "Ah, eu não consigo dormir, eu preciso te ver e te falar..."

E depois soltava a voz na baladaça, revelando o motivo do telefonema: ele queria tanto ver a garota só para lhe dar um pé na bunda:

"Sinto muito em te dizer, vê se tenta esquecer, os momentos que passamos, que juntinhos nos amamos, leve um beijo e adeus."

Mas não só: "Pudera", do tecladista Marquinhos e de Michel, também virou um grande hit radiofônico e as vendagens do disco superaram as melhores expectativas; a Continental não tinha nada a reclamar. Já Tim Maia...

"Sou um romântico, me apaixono e sofro. Tive algumas decepções amorosas tão doloridas que a dor psicológica vira dor física."

Nas entrevistas de lançamento do disco, com um show no Circo Voador, Tim esculhambava o Canecão, o Scala e a TV Globo, as gravadoras e editoras, debochava de Sarney e do Plano Cruzado. Quando uma repórter perguntou por que ele sempre reclamava do som do Canecão e do Scala mas fazia shows no tecnicamente precário Circo Voador, Tim fingiu que falava sério:

"Eu faço o Circo ideologicamente." E estourou numa gargalhada junto com os repórteres.

No Circo Voador, onde se sentia mais à vontade, Tim sempre fazia grandes shows. Quando ia. Num dos primeiros, em 1985, estava na platéia um grande fã, que cantava todas as músicas e dançava como se não houvesse amanhã: Cazuza. Assim como seus colegas de geração 80, Herbert Vianna (Os Paralamas regravaram "Você" com grande sucesso) e Lulu Santos (seu disco Popsambalanço.

Outras levadas foi todo inspirado em Tim Maia e em Jorge Ben), Cazuza era louco por Tim, vida e obra:

"Tim Maia é um dos maiores artistas brasileiros, é uma figura

engraçadíssima, debochadíssima e um autêntico punk. Ele é o punk do funk.”

Depois do show, Cazuza foi ao camarim cumprimentar seu ídolo, mas as comemorações foram breves. A cocaína era pouca e muitos os narizes, o traficante sumiu e Tim comandou a retirada, com autoridade:

"Se tu não arruma brizola no Baixo Leblon, tu não arruma em lugar nenhum.”

Pouco depois, a caravana do cafunguelê entrava alegremente na Pizzaria Guanabara, que formava, com o Real Astória e o Diagonal, o que Cazuza chamava de "Triângulo do Ridículo", o coração do Baixo Leblon.

Não demorou muito tempo para que Tim estabelecesse contato com um tipo suspeitíssimo e, depois de breve negociação, o acompanhasse a uma parte mais escura e menos movimentada da Rua. Dinheiro numa mão, papelote na outra. Tim voltou apressado, pagou a conta e partiu para casa, todo mundo com o nariz coçando.

Assim que entrou na garagem, nem quis esperar para subir até o apartamento, no carro mesmo abriu o papelote e espalhou o pó numa capa de disco. Puro sal de cozinha.

Virou um búfalo. Gritou "Estratégia! Volta!" e acelerou rumo ao Baixo Leblon, botando fogo pelas ventas secas.

O homem estava uma fera, parou o carro no meio da Rua e saiu gritando pelos bares atrás do filho-da-puta que tinha lhe dado um "banho", provocando gargalhadas por onde passava. Cazuza rolava de rir. Até a polícia se divertiu. Faltou pouco para Tim ir ao Procon.

Em São Paulo, depois de um show no Zimbábue, Tim correu sério risco de vida. Completamente enlouquecido, se engraçou com a bela mulher de um mulato enorme, que estava no camarim para cumprimentá-lo. Simpático e bonachão, o gigante fingia que não percebia, ou não percebia mesmo, afinal, quem seria suficientemente louco para se meter com a mulher do campeão dos pesos Pesados Adilson Maguila?

Tim só se acalmou quando Rosiclér lhe disse quem era o marido da

morena.

O show de lançamento do disco no Circo Voador foi no dia 28 de setembro, exatamente o dia do seu aniversário. Tim comemorou seus 45 anos com o Circo abarrotado de fãs e amigos, fazendo um show sensacional do início ao fim. Levou uma garrafa de uísque 12 anos para o palco e de vez em quando enchia uns copinhos e dava para o pessoal das primeiras filas. O final foi apoteótico, com a entrada em cena de um bolo de chocolate de 1,5 metro de altura, que Tim distribuiu ao público segundo seus critérios pessoais:

"Você não, mermão, que é muito feio. Vou dar pra sua mulher que é muito mais gostosa.”

Todo lambuzado de bolo, Tim foi continuar a festa no camarim apertado e calorento, recebendo para um triatlon que esticou até o dia clarear por trás dos Arcos da Lapa.

Entre seus convidados estava um garoto metido a malandro que ele havia conhecido naquela noite, quando o bagulho acabou e Marcelinho, morador das redondezas, se ofereceu para ir buscar uma mutuca no vizinho morro de São Carlos. Trouxe um du bão, Tim cheirou e gostou, mas não deu moleza:

"E aí, moleque, tu não deu um malho no meu bagulho, não?" Fez uma pausa: "Tá bom, leva aí", e deu-lhe um camarão de maconha como gorjeta.

Depois do show, no camarim, deslumbrado por estar em tão ilustre companhia, Marcelinho, um punk que tinha um pé no funk e outro no samba, decidiu que ia fazer um grupo de rap e adotar o nome de Marcelo D2.

No sábado seguinte, Tim voltou ao Circo e à meia- noite entrou no palco, ovacionado por uma galera eclética e agitada, que integrava o mundo do funk ao do rock. Mas no show foi o espírito punk que predominou: depois de cinco músicas e incontáveis reclamações do som, Tim abandonou o palco sob uma chuva de latas de cerveja e gritos enfurecidos.

O Circo só não foi quebrado, e possivelmente incendiado, porque Perfeito Fortuna pulou no palco e, com suas habilidades de ator, improvisador e enrolador, disse que o protesto era justo, mas pediu calma:

"Eu estou do lado de vocês, vamos resolver tudo numa boa, na paz.”

O público preferia o dinheiro de volta, mas aos poucos foi se acalmando e abandonando o Circo, chutando tudo que via pela frente.

Tim continuava apaixonado por Elizete, mas a relativa paz conjugal sofreu forte perturbação com a chegada repentina de Geisa, mãe de Telmo.

Era seu grande amor perdido, para quem fizera muitas músicas e que o abandonara por outro amor, deixando-o inconsolável, com um bebê de três meses.

Telmo foi criado por sua tia Anna Maria, uma enfermeira séria e rigorosa, de temperamento forte como o irmão, que tomou para si o papel de mãe do sobrinho, com o apoio da família e sob protestos do pai, que em momentos de fúria a xingava de seqüestradora para baixo.

Tim adorava crianças e cachorros e sofria com a falta do filho. Relutava em aceitar, embora no fundo compreendesse, que o moleque estaria melhor com Anna Maria do que com ele. Afinal, podia visitá-lo quando quisesse, de vez em quando a irmã o levava à Seroma e à Barra. Aos domingos, como qualquer pai solteiro, Tim o levava ao Tivoli Park, na Lagoa, sempre junto com um primo maior, para acompanhá-lo nos brinquedos: Tim Maia jamais subiria numa roda-gigante ou caberia num stock-car.

Geisa passara muito tempo sem ver o filho, mas queria retomar o contato. Ela morava em Campos, no norte fluminense, a mais de 300 quilômetros do Rio de Janeiro, e como não tinha parentes na cidade, tocou a campainha no apartamento do pai de seu filho.

Tim adorou, mas Elizete não achou nenhuma graça na hóspede inesperada e muito menos em ver Tim o dia inteiro em volta dela, como uma cobra rastejante, oferecendo comidinhas e bebidinhas, sem qualquer preocupação em esconder seu fascínio pela possibilidade de dar um troco na vida, conquistando-a de volta. Afinal, ela era a mãe do seu filho.

Geisa gostava das atenções, mas fazia jogo duro, tinha vindo só para ver o filho. Depois de várias brigas e ameaças de abandono, Elizete finalmente

respirou aliviada quando Geisa voltou para Campos, e fez Tim prometer que na próxima vez ela ficaria em outro lugar, bem longe dali: o apartamento era pequeno demais para dois amores.

Tim não tinha nenhum respeito por autoridades em geral, nem pelos poderosos em particular, muito menos pelos apenas ricos. Quando gravou um comercial para a rede de lojas populares A Impecável Maré Mansa, foi recebido calorosamente pelo fundador e presidente da empresa, um simpático self-mademan nordestino que era seu fã e estava lhe pagando um polpudo cachê. Todo gentil, ofereceu orgulhosamente a Tim uma garrafa do precioso Royal Salute, o Chivas Regal de 21 anos. Tim adorou, era seu uísque favorito, imediatamente abriu a garrafa e serviu em copos de plástico para todos que estavam por perto: músicos, técnicos, câmeras, assistentes, funcionários e curiosos. Em duas rodadas a garrafa estava vazia.

O homem não achou nenhuma graça, mas foi buscar outra garrafa do precioso líquido, chamou Tim de lado e falou sério: "Esta é para você levar, para você beber, isso é papa-fina, não é pro bico de qualquer um.”

Tim agradeceu, abriu e distribuiu. O homenzinho saiu furioso e a gravação começou animada.

A única pessoa na face da Terra com autoridade sobre Tim Maia era sua mãe, dona Maria Imaculada, de 85 anos.

Além de dedicar-lhe todos os seus discos, Tim não partia para uma viagem de avião sem antes pedir-lhe a bênção e obedecia cegamente às suas ordens. Mas tanto respeito e devoção também lhe criavam problemas. Todas as vezes que estava com dificuldades para trazer Tim ao seu programa, Chacrinha ligava para ela e resolvia tudo. Tim reclamava da malandragem do "velho safado", mas não ousava faltar.

Os amigos de Tim e da família também tinham muito carinho e respeito pela matriarca dos Maia. Roberto Carlos, religioso como ela, jamais deixara de lhe telefonar na véspera de Natal, de qualquer lugar do mundo em que estivesse, para lhe desejar paz e amor e agradecer pela mesa farta em tempos de vacas

magras.

Uma noite, Tim invadiu a casa da mãe às quatro da manhã, bêbado e doidão, com suas duas cachorras, gritando que queria ver seu filho. Suas irmãs Anna Maria e Isolda tentaram acalmá-lo:

"Mas são quatro da manhã, Tim, ele está dormindo. Quando acordar, aí você passa o dia inteiro com ele.”

"Vocês roubaram meu filho! Eu quero ver meu filho, porra!”

Acordada pela gritaria, dona Maria veio para a sala e encontrou Tim e suas cachorras, que ele apresentou, bufando:

"A bênção, mãe. Essas são a Isolda e a Anna Maria, cuidado que elas são muito ferozes.”

As irmãs se enfureceram e só não o espancaram por intervenção materna: "Tião, meu filho, o que é isso? Por favor, não faça isso, meu filho", apelou com doce autoridade.

Tim começou a chorar, soluçando e sacudindo o corpanzil. Dona Maria sentou no sofá, ele se deitou e descansou a cabeçorra no seu colo. Com a mãe acariciando seus cabelos, o bebê gigantesco logo se acalmou e adormeceu.

SOM PRETO, NOITES BRANCAS, 1988, 132 KG

No fim do ano de 1987, Tim lançou seu novo LP Somos América, recebendo sua arquiinimiga, a imprensa, para um churrasco organizado pela Continental na nova casa que acabara de comprar no Recreio dos Bandeirantes.

Uma equipe da Churrascaria Majórica foi contratada para servir carne, chope e refrigerantes para setenta convidados, entre jornalistas e radialistas cariocas e uma delegação de paulistas, que um ônibus pegou no Santos Dumont e levou até o Recreio. Durante o longo trajeto pela orla deslumbrante não se falou de outra coisa: o anfitrião compareceria?

O horário também foi estratégico: o pessoal da Continental, já mais familiarizado com as manhas Maia, sabia que quanto mais tarde pior, mais doidão ele estaria e mais provavelmente não iria. Ou falaria barbaridades da gravadora e agrediria algum jornalista. Uma da tarde, Tim já estava esperando a imprensa, de banho tomado e aparentemente tranqüilo. Um jornalista paulista chegou a colocar em sua matéria que Tim "parecia sóbrio". Com alguns bauretes na cabeça, para seus padrões ele estava praticamente sóbrio. Só que com muita fome, muito mais preocupado com o churrasco do que com a entrevista. E relutou em começar a coletiva, levemente constrangido com o alvoroço de fotógrafos e microfones:

"Parece coisa de artista...", debochou.

A entrevista foi meio chocha, com agradecimentos à família e as costumeiras reclamações contra as sociedades de direito autoral, a TV Globo, os empresários, o preconceito racial, sem nenhuma resposta à altura de suas entrevistas mais inspiradas. Estava irreconhecível, chegou até a agradecer à gravadora:

"I luv Continental", disse com sotaque do Harlem.

O pessoal da gravadora gostou, mas Tim não deu moleza:

"Mas vocês estão precisando melhorar o elenco, só tem dupla caipira.”

Em Somos América, o papo era político:

"Esta música é pra advertir o Reagan para tirar as mãos da Nicarágua e não se meter com El Salvador; é um chamado para todas as Américas se unirem. E a guerra cultural. A América do Norte tem a bomba atômica, mas a América do Sul tem a cocaína, que também pode destruir o país deles. Lá nos Estados Unidos está uma cheiração total. A Casa Branca nunca teve um nome tão apropriado.”

Cobrado pela falta ao Circo Voador, não resistiu e sacaneou:

256

"O Circo é o maior folclore, todo mundo chega lá doidão, o som pode ser qualquer nota. Agora, no Rio, qualquer lugar onde se toca um sambinha, se toma uma cachaça ou se fuma um baseado virou espaço cultural.”

Confessou sua grande mágoa por não ter sido chamado para o Rock in Rio, que contou com a melhor aparelhagem de som do mundo, operada por fabulosos técnicos ingleses:

"Com aquele som maravilhoso eu garanto que não ia faltar nem reclamar e ia cantar até o fim." Só a polícia conseguiria tirá-lo do palco.

Feliz por ter sido homenageada com a canção "Se esse amor termina", Elizete gravava tudo com uma câmera de vídeo, mandando beijinhos para Tim, que retribuía.

No final, dando o tom da entrevista, pediu à imprensa para não escrever que ele disparou sua metralhadora giratória contra todo mundo e que deu a entrevista com um baseado na mão:

"Até agora tô caretão." Todo mundo riu, inclusive ele. Sobre seus projetos para o futuro, foi sucinto: "Comprar uma bunda nova, porque a atual está rachada.”

Na semana seguinte, em São Paulo, Tim deu entrevistas bem-comportadas, pronto para fazer um grande show de lançamento no Projeto SP, uma grande tenda com capacidade para 4 mil pessoas. A casa era boa, mas o

momento não parecia o mais apropriado. A concorrência era assustadora: na mesma noite, Sting fazia um megashow no estádio do Pacaembu. Tim não se assustou:

"Eu tenho mais estrada e estou no pedaço há mais tempo, só peço ao Sting para me ceder umas 5 mil pessoas, que não vão fazer falta pra ele.”

E falou sobre o seu sobrinho, Ed Motta, de 16 anos, que tinha feito a sua primeira apresentação em São Paulo na véspera, na danceteria Rose Bombom:

"O Ed é inteligente, informado, está muito bem e vai fazer sucesso. Precisa se aprofundar no estudo da música, tem que ter mais musicalidade, o lance dele ainda é muito rítmico.”

Dois meses depois, quando saiu o primeiro LP de Ed e a Conexão Japeri, empolgado, telefonei para comentar o disco e o talento do garoto:

"Ô Nelsomotta, esse meu sobrinho Eduardo canta muito bem, mas no disco dele só tem música dançante, não tem uma romântica, assim não vai dar. Ele é muito garoto, precisa namorar bastante, ser bem corneado e fazer umas baladas. Aí ele vai entender por que o Júlio Iglesias vende tanto disco, mermão.”

Tim via os novos talentos com reservas: "Começa como fã, depois vira colega e acaba concorrente." Somos América teve uma longa e turbulenta gestação, tendo sido gravado entre fevereiro e agosto de 1987 nos estúdios Transamérica e finalizado no estúdio de Lincoln Olivetti, em Jacarepaguá. Na contracapa, Tim agradeceu ao tecno-bruxo como nunca fizera a ninguém em toda a sua carreira, com surpreendente humildade: "Sem a sua alquimia seria impossível a realização deste disco.”

Elizete também, como só Janete e Geisa mereceram, ganhou os agradecimentos de Tim, como "a companheira que segurou todas as rebordosas durante o período de gravação".

Mas, naturalmente, o disco é dedicado, em letras grandes, a "Maria Imaculada Maia, que neste ano completou 85 anos".

Apesar do sucesso de rádio de "Onde está você?" e das boas vendagens, só a impecável produção não conseguia esconder que Somos América era um

dos discos menos inspirados de Tim, tanto nas suas próprias e poucas músicas como nas que escolheu para gravar. Nenhuma delas estava na lista das suas melhores ou de seus maiores sucessos.

O People foi um dos melhores bares de música da história das noites cariocas. Sucessor dos legendários Bottle's Bar e Little Club, templos da bossa nova no Beco das Garrafas, a casa de José Henrique Ferraz tinha endereço mais nobre, no Leblon, em frente ao histórico António's, ponto de celebridades culturais dos anos 70, da turma da TV Globo e de mulheres bonitas.

Louco por música, José Henrique, conhecido como Zé Galinha, decorou a casa com instrumentos musicais nas paredes e montou uma programação com um grupo de jazz e pequenos shows de gente fina da MPB. Logo o People se tornou conhecido pela qualidade da música e do ambiente, com um subsolo mais escuro e aconchegante para as segundas etapas de amassos. E virou um ponto de músicos, que adoravam dar canjas na madrugada com o grupo da casa.

No final de janeiro de 1988, o People tremeu com a estréia de Tim Maia.

O ensaio na véspera foi até melhor do que o show. Tim estava semicareta, isto é, só tinha fumado alguns bauretes, de ótimo humor e louco para cantar.

Até o pessoal da limpeza e os garçons trabalhavam dançando, uma equipe da TV Globo gravava alegremente, Tim fazia caretas para a câmera. Como o ar-condicionado estava desligado, o ensaio foi de portas abertas e logo um monte de gente se comprimia na calçada cantando e dançando junto com Tim, que protestou quando os seguranças impediram o pessoal de entrar, como ele queria.

A noite de estréia foi quente, e branca, porque Tim chegou com um sacolé de pó, já pela metade, e estava ligadaço, a fim de folia. Entrou ao som de "Vale tudo" e deu o tom:

"Quem não dança segura a criança!”

Levantou a casa com mais duas bombas dançantes e, para respirar um pouco, teceu algumas considerações:

"Que beleza, um show do Tim Maia pelo preço de um grama de pó.”

O público — Vera Fischer, Felipe Camargo, Moraes Moreira, Bebel

Gilberto, Macalé, Maria Zilda, Isabel do vôlei, Tutty Vasquez, músicos, grã finos, jornalistas e outros fãs — se esbaldava em gargalhadas e aplausos.

Tim pediu luzes mais baixas para cantar duas baladas e soltou o veludo. A platéia recebeu a onda romântica suspirando e o aplaudiu calorosamente.

Diante do incessante movimento de ida e volta aos banheiros, Tim não perdoava:

"Essa Avenida aqui tem mais movimento do que sexta à noite lá na Rocinha", provocando novas gargalhadas.

Uma inocente senhora que, premida por necessidades fisiológicas, se levantasse para ir ao toilette poderia ouvir, como grandes damas da sociedade carioca ouviram:

"Aí madame, dando seus tirinhos, hein?”

Lá pelas tantas anunciou a receita do seu prato favorito: "uma fileirinha, dois tapinhas e duas doses. Senta o pau, Vitória Régia!", e atacou "Do Leme ao Pontal". A casa veio abaixo, cantando com ele do início ao fim, como em um baile de carnaval.

"E agora, eu gostaria de dedicar essa música, que gravei com a Gal Costa, aos garçons da casa.”

E todos cantaram "Um dia de domingo" junto com ele, inclusive os garçons.

"Agora só os garçons", Tim gritou no meio da música. E só eles cantaram.

259

Depois inverteu:

"Agora todo mundo cantando prós garçons.”

Todo mundo cantou, mas logo ele deu novo comando e provocou um segundo de silêncio e um estouro de gargalhadas:

"Agora só as virgens!”

Depois dos aplausos, tomou um uísque e convidou o público a filosofar com ele, com uma de suas frases favoritas:

"Tudo é tudo e... nada é nada", emendando com outro clássico:

"O mundo só vai ficar melhor depois que terminar o dinheiro. Porém, que não me falte nenhum enquanto ele não terminar.”

O público ria e ele seguia filosofando, com uma flauta na mão:

"Vocês sabem como é, não dá para cheirar e tocar flauta ao mesmo tempo.”

Gargalhadas.

"Ainda bem que eu não cheiro.”

Gargalhadas mais fortes.

"E nem toco flauta.”

O público ria e ele começava a tocar flauta — e muito bem — na introdução de "Me dê motivo". A platéia explodia em gargalhadas e aplausos e cantava a "melô do corno" inteira com ele.

Feliz e animado, levou o show até o final como gostava, com todo mundo de pé, cantando e dançando com ele. As noites brancas de som preto no People terminaram com sucesso estrondoso e deixaram saudades.

Dois meses depois, passado o carnaval, Tim voltou ao People, a pedidos, para mais três shows. Talvez por isso, pediu o dobro do valor do seu cachê na primeira temporada. Zé Henrique não teve outro jeito senão dobrar o preço do couvert artístico. Mas ninguém reclamou: eram os 127 quilos de Tim Maia pelo preço de 2 gramas.

Afinal, não era todo dia ou toda noite que se tinha a oportunidade de ver e ouvir Tim Maia e os 11 músicos da Vitória Régia tão de perto, em uma casa onde cabiam cerca de duzentas pessoas em mesinhas e em volta do bar. A noite de estréia superlotou e, pela primeira vez no People, Zé Henrique teve que autorizar espectadores de pé, senão arrebentavam as portas.

260

Nem a performance de Tim nem a reação do público foram tão calorosas quanto se esperava. Mas depois do show ele comemorou abrindo uma garrafa de Chivas e o camarim para amigos, fãs e curiosos. Até as seis da manhã.

No dia seguinte, por volta de sete da noite, Zé Henrique recebeu um

telefonema do secretário Gilberto, cumprindo o doloroso dever de comunicar que Tim não tinha condições de fazer o show à noite.

Zé Henrique tentou tudo, chegou a propor que Tim cantasse só metade do show e foi para o People com um fio de esperança. Mas às dez da noite, com a casa superlotada, recebeu um telefonema de Elizete, dizendo que o Tim gostava muito dele e adorava o People, mas que não dava nem para falar ao telefone.

O jeito foi enfrentar a turba frustrada comunicando, entre vaias e gritos, que a Vitória Régia tocaria alguns sucessos do seu repertório e que o show seria feito pelo grande pianista Luiz Eça e seu trio. O público só parou de vaiar quando foi anunciado que o couvert artístico seria reduzido para um terço do cobrado para (não) ver Tim.

Nos jornais do dia Tim falava sobre a música: "É o meu negócio, é onde transcendo e vou para outro mundo, é meu trabalho e eu levo a sério.”

"Nós somos antenas do povo e todo mundo está querendo sartar para um mundo melhor. Mas não tenha dúvida que quando acaba o show, infelizmente, todo mundo cai na real.”

E por que, sendo tão popular e com uma banda tão grande, estava fazendo shows em uma casa tão pequena?

"Primeiro porque gosto. Depois porque pagam em dobro e o pessoal é careta", e soltou uma gargalhada.

Em agosto, voltou ao People, no que ele chamou de PPP (Projeto Preto no People), porque dividia com Luiz Melodia uma minitemporada de dois shows cada um. Em noites separadas, porque comentava-se que os dois mestres não se bicavam. Ou se bicavam demais.

Foi tudo preto no branco, casas superlotadas, banheiros esfuziantes, aplausos e gargalhadas. Tim só se aborreceu quando, às sete da manhã, teve a sua comemoração interrompida por uma fita de música clássica que, em desespero, o gerente colocou, depois de diversas tentativas de mandá-lo para casa. E reclamou no jornal:

"Foi uma falta de respeito. Ainda mais que eu estava com a Vera Fischer. Um sonho: eu e minha deusa, eu segurando a mão dela, e eles tocando a marcha fúnebre para me expulsar.”

O jovem produtor Flávio Tambellini começava uma promissora carreira no cinema e um de seus sonhos era fazer um filme com Tim Maia.

Sem dúvida, o personagem era sensacional, o sonho de qualquer documentarista, mas ninguém se arriscaria a montar uma produção para filmá-lo. Mais louco que Tim Maia seria quem se metesse a fazer um filme com ele, foi o mínimo que ouviu.

Flavinho estava disposto a correr todos os riscos para fazer um curta-metragem com ele. Mas só conseguiu se encontrar com a fera em sua toca, graças a um padrinho muito especial.

Sandrão, o rei dos ciganos, velho companheiro de Londres, estava de volta ao Rio, depois de uma atribulada etapa de dois anos numa prisão marroquina, ou nepalesa, ele não se lembrava bem. Sandro morava no Vidigal e continuava muito próximo de Tim e do pessoal do cinema underground — Júlio Bressane, Neville de Almeida, Maria Gladys, Ivan Cardoso, amigos de Flavinho. Foi fácil.

Difícil foi entender o que Tim e Sandrão falavam depois de fumarem — cada um o seu — charos imensos de uma "manga-rosa" recém-chegada da Bahia, anunciada por Sandro como "puro veneno". O papo era sobre um duelo de espadas entre Cristóvão Colombo e Pedro Álvares Cabral, quando o Brasil era dominado pelos fenícios, até a chegada dos extraterrestres.

Tim estava orgulhoso de seu pé de maconha que crescia na varanda, sob o sol da Barra da Tijuca:

"Vejam como é a natureza, que coisa linda. E ainda querem acabar com isso. Cada um devia ter seu pezinho em casa, evitaria de botar dinheiro na mão de bandido ou de polícia, que é por onde passa toda a maconha do mundo." Prometeu a Sandrão que em breve degustariam um feito em casa.

Em retribuição, o "rei dos ciganos" lhe prometeu — e depois mandou um precioso presente: o galgo russo Amir Aldebaran, que Sandro alimentava

exclusivamente com frutas e peixes, como parte do processo que levaria o cão a falar.

Quando Flavinho falou do filme, Tim adorou a idéia. Ficou orgulhoso, vaidoso, finalmente alguém faria um filme com o Tim Maia do Brasil.

O garotão era simpático, educado, paciente. Tim gostou dele e disse que topava. Começariam imediatamente, se fosse o caso. E foi para a cozinha preparar um lanchinho: em um tablete de manteiga derretida, fritou seis ovos. E comeu. As visitas ficaram vendo.

Com uma câmera emprestada por Bruno Barreto e algumas latas de negativo que sobraram de sua última produção, Flávio chamou o fotógrafo Toca Seabra e uma equipe mínima e começou uma aventura que terminaria um ano depois, com as imagens de Tim Maia em uma banheira de espuma enchendo a tela da sala de projeção da produtora LC Barreto.

Ao longo do ano, as conversas foram muitas, sempre alegres e divertidas, mas poucos os dias de câmera rodando. Como Flávio estava bancando a produção do seu bolso e contando com a boa vontade da equipe, sem qualquer perspectiva de retorno comercial, cada movimento tinha que ser planejado e cada fotograma economizado. Sua primeira providência foi armar um acordo especial para o aluguel de equipamento: pegava o material às oito da manhã e, se Tim não aparecesse, podia devolver até as 11 sem pagar. O dono do equipamento também estava louco para ver um filme com Tim Maia.

Com duas câmeras, praticamente uma superprodução para um curta independente, a equipe partiu animada para cobrir um grande show no Cassino Bangu, mas acabou filmando uma noite desastrosa. O som estava péssimo, Tim só cantou a primeira música, xingou todo mundo, gritou "estratégia" e foi embora no carro que já o esperava de motor ligado.

Os telefonemas continuavam pelas madrugadas, com Tim e Flávio trocando idéias sobre o curta, comentando filmes da televisão, documentários sobre geleiras e florestas tropicais, mistérios do mundo animal. Tim fazia planos para o primeiro longa da dupla: Sheela, a rainha das Amazonas, uma

mulher- flecha que desceria na selva, mas falando inglês pra todo mundo entender.

Horas de conversa e meses depois, chegou o grande momento: a produção alugou de um colecionador um carrão americano conversível e Tim prometeu que estaria o dia inteiro à disposição da equipe.

Nove da manhã, Flavinho chegou ao apartamento da Barra e o encontrou de banho tomado, acendendo o segundo baurete do dia; o primeiro era sempre ao acordar, logo depois de escovar os dentes, "para o chuveiro ficar mais gostoso".

Adorou o carrão, achou a sua cara, parecia com os dos grandes negões americanos. Com o câmera no banco da frente, ao lado do motorista, Tim, Flávio e o técnico de som percorreram lentamente a Avenida da Barra da Tijuca em toda sua extensão, várias vezes, com Tim falando pelos cotovelos:

"Eu já sofri bastante por causa do amor, inclusive eu já sofri em dias maravilhosos como este dia de hoje aqui... Mas sofri tanto, mas tanto, que não dava nem para perceber esse dia."

Com a paisagem deslumbrante passando, Tim falou a manhã inteira, de coisas alegres e tristes, de família e de dinheiro, de música e de mulheres, com muito humor, afinal, não queria queimar seu próprio filme.

Depois do almoço, levou a equipe para conhecer a futura sede da Vitória Régia Discos, numa área selvagem do remoto Recreio dos Bandeirantes. A casa de três cômodos não tinha nenhum móvel, estava completamente vazia, vários cachorrões dominavam o quintal. A equipe preferiu o cenário da orla e Tim rodou de carrão pelas praias selvagens do Recreio e falou para a posteridade até escurecer. Sem cocaína, só um bauretezinho de vez em quando, numa tranquila, numa relax, numa boa.

Mas talvez as melhores cenas tenham sido as filmadas meses depois, quando ele assistiu a um copião na cabine da LC Barreto, não sozinho, como recomendara Flávio, mas acompanhado por dez convidados.

Gentilmente cedida por Bruno Barreto, a sala levava o nome de sua avó, Lucíola Vilella, legendária produtora do cinema brasileiro. E exibia um aviso na

entrada: "Proibido fumar.”

Como a placa se referia a tabaco, que detestava, Tim entrou, sentou e acendeu o seu baurete. Alguns convidados também se sentiram mais à vontade e acenderam os seus.

O filme estava demorando a começar, então Tim chamou o pessoal até a cabine de projeção e espalhou um sacolé de cocaína numa bancada de madeira. Flávio tremeu e parou de filmar. Tim bateu o pó com um cartão de crédito e anunciou, em tom dengoso:

"Agora eu vou esticar uma carreirinha para cada um dos presentes", e contou os convidados.

Esticou caprichosamente dez linhas de cocaína, uma ao lado da outra. Enrolou uma nota, fez um canudo e cheirou sozinho todas elas, num movimento de vaivém rápido e contínuo, como um tamanduá humano. Sua gargalhada estremeceu a sala.

264

Mas felizmente a projeção começou. Tim ficou muito contente de se ver na tela, só achou pouco.

No início de junho de 1987, não apareceu no lançamento, no Estação Botafogo, onde o filme foi recebido com aplausos e gargalhadas em seus melhores momentos, como quando ele dizia que acreditava em civilizações extraterrestres em forma de biscoito de rosquinha:

"Pode ser rosquinha redondinha ou quadradinha ou gigantona. Agora, que existe alguma coisa além da TV Globo, isso existe.”

No Recreio dos Bandeirantes, entre a Barra da Tijuca e Jacarepaguá, a casa era o novo orgulho de Tim, a jóia da coroa Maia. Um terreno de 600 metros quadrados, numa área ainda selvagem, entre a mata, a praia e a favela do Terreirão. A casa ainda era pequena, uma sala e dois quartos, mas breve seria ampliada para os futuros estúdios de ensaio e gravação Vitória Régia. O terreno também dava para fazer uma boa piscina e até para ter mais cachorros. E outros bichos.

Para começar, comprou um casal de pavões, uma vaca e um bezerro, que batizou como Édipo e Jocasta. Não pela tragédia de Sófocles ou eventual complexo psicanalítico, mas em homenagem à sua deusa Vera Fischer, que protagonizara Jocasta em uma versão moderna da tragédia na novela Mandala, de Dias Gomes. E acabou se apaixonando de verdade pelo jovem ator Felipe Camargo, que interpretava seu filho Édipo, enquanto Perry Salles, seu marido na vida real, vivia Laio, o pai assassinado. Tim era louco pela lindíssima Vera Jocasta. Acima dela, só dona Maria Imaculada.

Mas, ao contrário do feliz ator, o Édipo bovino teve um trágico destino: durante uma viagem de Tim, foi seqüestrado, abatido e churrasqueado por uma turma da favela do Terreirão.

Amigo dos animais, Tim ficou chocado:

"Coloquei o nome de Édipo porque o bezerro vivia querendo comer a mãe dele. Mas já comeram ele."

"É um pessoal que passa fome. Se soubesse que roubaram para comer, teria comprado um bezerro maior, só para não matarem o Édipo."

"Pensando melhor, nós não estamos na Etiópia e nem no Nordeste faminto, estamos no Recreio dos Bandeirantes! Acho que eles não estavam com tanta fome assim. É violência e revolta mesmo."

265

A movimentada vida judicial de Tim, que já acumulava 12 processos em andamento, recebeu mais oito de uma só vez. Revoltados por terem sido expulsos da Vitória Régia, Luiz Carlos Batera, os guitarristas Beto Cajueiro e Pedrinho Periquito, Adonhyran, Carlinhos Trompete, o tecladista Marquinhos e o trombonista Djair Carlos, o Ricochete, entraram com processos trabalhistas contra Tim, no valor de 16 milhões de cruzados novos, que equivaliam às vendas de cerca de 2 milhões de LPs. A chapa esquentou, Tim ficou possesso e foi para os jornais:

"Mandei embora porque eles queriam ser mais doidos do que eu. Queriam que nos bailes fosse a banda Vitória Régia e o crooner Tim Maia. Eu ficaria lá no

fundo fazendo vocal pro show deles.

"Um deles é 3° sargento do Corpo de Bombeiros e está querendo férias, 13° e o escambau. Se ele é bombeiro, como é que pode ter vínculo empregatício comigo? Como é que pode um bombeiro querer pensão do Tim Maia? Só se eu fosse incendiário!”

Com apenas duas semanas no ar, a novela Vale tudo, de Gilberto Braga, se tornou um espetacular estouro de audiência, um dos maiores da história. Todo mundo comentava as inacreditáveis maldades de Maria de Fátima, arquivilã vivida por Glória Pires, que se transformou em um símbolo do conturbado momento brasileiro. Cínica, mentirosa e mau-caráter, ela parecia uma metáfora da rapinagem do país no governo Sarney, com a inflação disparada e as instituições desmoralizadas. O povo estava revoltado com os escândalos diários, a sensação era de que havia ainda mais corrupção do que na ditadura. Ou talvez a redemocratização permitisse uma exposição maior da podridão. Provavelmente as duas coisas. O tema de abertura da novela não poderia ser mais apropriado:

"Não me convidaram, pra essa festa pobre, que os homens armaram, pra me convencer, a pagar sem ver, toda essa droga, que já vem malhada, antes de eu nascer.”

Cantada por Gal Costa, a música de Cazuza, Nilo Romero e George Israel era a cara do Brasil de 1988 e da novela. Só Tim Maia não concordava.

266

E entrou com um processo contra a TV Globo por uso indevido do título de sua música "Vale tudo":

"Quando soube que a novela ia se chamar Vale tudo até pensei em colocar minha música no fundo. Mas não me chamaram, só me chamam para gravar o "Globo de Ouro" de graça. Sou amicíssimo do Cazuza, mas o certo era colocar a minha música, mas na Globo vale tudo mesmo, mais até do que na novela.”

Noveleiro assumido, Tim estava adorando Vale tudo:

"Só quero um levado pelo meu título, não quero ser co-autor de nada Quero mais é que o mar pegue fogo pra eu comer peixe frito.”

No fim do ano, fui a São Paulo e fiz uma visita à amiga Rita Lee, que tinha se separado de Roberto e estava muito triste e chateada. Conversamos em clima meio deprê, tomamos vinho, fizemos uma música triste, mas morremos de rir lembrando histórias de Tim Maia. De volta ao Rio, liguei para ele e contei que Rita estava tristinha e que um telefonema dele a alegraria. Dei-lhe o número e cinco minutos depois Rita me ligava, às gargalhadas:

"Sabe o que ele me disse? Ô Ritalee, eu já esperei dez anos da administração Arnaldo Baptista, mais dez anos da administração Roberto de Carvalho, e gostaria de deixar claro que...”

Fez uma pequena pausa e a voz estremeceu o telefone:

"I love you!!!”

LUCROS E PERDAS, 1989, 130 KG

O Brasil estava quebrado. O governo Sarney nos estertores, desmoralizado pela incompetência e pela corrupção generalizada. O sonho do Plano cruzado se transformara no pesadelo da moratória internacional, a inflação volva com muito mais força.

No final de 1988, foi lançado e muito bem recebido o novo LP Carinhos, puxado pela balada-título, de Gabriel O'Meara e Prendesse, e pelo hit romântico Paixão antiga", de Marcos e Paulo Sérgio Valle. Com arranjos de Lincoln Olivetti e fiel ao formato mela cueca-esquenta sovaco, o lado A era todo de baladas, O lado B, quase inteiro, de funks e de levadas dançantes. Como a melhor faixa do disco, a carnavalesca "Cabeça feita", de Willie e Dom Mita, como destacou o ítico Tom Leão:

"Uma gostosa e cadenciada marcha-rancho, com sabor disco-funk, times techno e metais suaves, tem tudo para rolar antes, durante e depois do carnaval e desde já está incluída no rol das melhores coisas gravadas pelo mestre.”

Com uma citação de "Gostava tanto de você" na introdução, era mesmo ia grande música, uma marcha moderna à altura de clássicos do gênero como "Mascara negra" e "Até quarta-feira", só que mais alegre, acelerada e dançante.

Para o crítico Lauro Lisboa Garcia, era o melhor dos cinco últimos discos de Tim Maia, em que o virtuosismo do intérprete dava nova dimensão a um repertório aparentemente banal na concepção melódica e poética:

"O padrão de lapidação Tim Maia tem o poder de transformar quinquilharias em relíquias.”

Outros destaques dançantes eram "Tudo em cima", parceria com Lincoln Lobson Jorge, pontuada por citações de "Vale tudo", "Fora do normal", com lições de "Rodésia", e uma regravação do pioneiro funk-ecológico "Ar puro", parceria com Robson Jorge gravada no obscuro LP Nuvens, de 1982.

Na manhã de 10 de janeiro de 1989, fui acordado por uma voz inconfundível ao telefone:

"Alô alô Nelsomotta, feliz Ano-Novo! É o seguinte, mermão: eu vou fazer dois shows no teatro do Hotel Nacional para comemorar meus trinta anos de carreira...", fez uma pausa, "ou melhor, meus trinta anos de carreirassss", estouramos numa gargalhada, e ele soltou a bomba: "... e quero que você seja o diretor."

Congelei. Era uma grande demonstração de carinho e respeito, mas, ao mesmo tempo, uma grave ameaça à minha paz e à nossa amizade, encrenca na certa. Não podia decepcionar o amigo nem tinha coragem para recusar seu pedido, mas ajudaria em tudo que pudesse, faria qualquer coisa para não assumir nenhuma responsabilidade.

"Beleza, Tim, fico muito feliz com o convite, é uma honra para mim, mas você não precisa de direção. Vamos ser sinceros: a gente sabe que você é absolutamente indirigível", argumentei e ele riu, "mas é claro que você pode contar comigo para dar uma força aos trabalhos."

Usei a poderosa arma da verdade, dizendo que ele sempre soube que músicas cantar, que músicos chamar, que arranjos fazer. Não precisava de ninguém para lhe dizer nada, tinha domínio absoluto do palco, da platéia e, mesmo a distância, da mesa de som. Dirigir quem? Para quê?

Mas ele não desistiu, disse que então eu seria o seu consultor-conselheiro. Mas que o meu nome já estava impresso no cartaz como diretor do show. Imaginem, consultor-conselheiro de Tim Maia... isso podia até dar cadeia.

"Escolhemos" as músicas, ele lendo a lista e eu concordando; encomendou os arranjos ao grande Lincoln Olivetti sob minha entusiástica aprovação. A Vitória Régia seria acompanhada por uma orquestra de cordas e reforçada por mais alguns sopros, mais de trinta músicos no palco. Ia custar uma nota preta, tudo bancado por Tim, que já tinha pago 5.500 dólares pelo aluguel do teatro de 1.600 lugares.

Os ensaios, no Recreio dos Bandeirantes, correram animadíssimos e sem

incidentes. Mas dois dias antes do show ele me telefonou apavorado: um oficial de Justiça estava batendo na porta do seu apartamento com um mandado judicial. Estava muito nervoso e me disse que não iria abrir de jeito nenhum, e me implorou que fizesse alguma coisa.

Achei que o melhor era procurar um velho amigo de meu pai, o Dr. Hélio Saboya, secretário estadual de Segurança Pública na época.

Contei-lhe o problema, irresponsavelmente me responsabilizei por Tim e prometi que ele se apresentaria no dia seguinte ao show. Mas implorei para que ele segurasse as pontas só por dois dias, afinal era o show de trinta anos de carreira do grande Tim Maia, patrimônio carioca.

Ele pediu um tempo para saber o que estava acontecendo, e duas horas depois me ligou, às gargalhadas: no mandado que o oficial de Justiça queria entregar a Tim, ele não era o réu, mas o autor da ação penal, uma das muitas que ajuizou contra empresários, músicos, gravadoras, revistas e jornais — e depois esqueceu. Acabou recebendo o oficial de Justiça, assinou o papel, mas jamais compareceu à audiência.

O show não só resultaria em um LP ao vivo, a ser lançado pela CBS, embora Tim ainda tivesse contrato com a RCA, como também num especial da TV Globo, com direção de Roberto Talma e Ana Arantes. Claro, dependendo do que acontecesse no palco do teatro do Hotel Nacional.

Ivone Kassu se dedicou com afinco à divulgação do show, mas o trabalho estava difícil: Tim entrara com um processo contra a Veja, que publicara uma matéria dizendo que ele tinha dado a entrevista fumando um baseado, e se recusou a falar com a imprensa.

Foi nessa entrevista, gravada, que ele disse sua frase imortal:

"Não fumo, não cheiro e não bebo, mas às vezes minto um pouquinho.”

Para tentar amenizar a catástrofe do Plano Cruzado, o governo lançara um canhestro Plano Verão, cortando três zeros do desmoralizado cruzado e apelidando-o de cruzado novo, mas tudo foi ridiculamente inócuo. A economia virara de cabeça para baixo, não havia mais correlação de preços, apenas uma

corrida desenfreada de aumentos diários, a inflação galopava à frente dos salários.

Os ingressos para o show de Tim foram colocados à venda por trinta cruzados novos, enquanto o seu LP Carinhos custava quatro nas lojas. Na véspera, como não tinha vendido nada, Tim mandou que baixassem o preço para vinte, mas, mesmo assim, só cerca de quinhentos fãs pagaram para ver e, junto com trezentos convidados, ocuparam pouco mais de metade da platéia na primeira noite.

O crítico Arthur Dapieve fez as contas, com mais ênfase nas notas de dinheiro do que nas musicais. Considerando que Tim gastara cerca de 80 mil na produção e que a bilheteria das duas noites renderia, no máximo, 20 mil, proclamou-o a musa do Plano Verão.

Tim não ligava:

"Com o dinheiro que estou gastando no show eu poderia construir uma casa de três andares no meu terreno na Lagoa. Mas aí eu ia entrar para o ramo imobiliário e parar de cantar.”

O show começou alegre e animado com "Vale tudo" e Tim saudando os amigos na platéia, Caetano Veloso e Paula Lavigne, sua deusa Vera Fischer e Felipe Camargo, Maitê Proença, as irmãs empresárias Silvia e Monique Gardenberg, Lúcia Veríssimo, Erasmo Carlos, Roberto Frejat, Lulu Santos e Scarlet Moon, Marcos Paulo e Flávia Alessandra, o vice-prefeito Roberto D'Ávila, Maria Gladys, Sandrão, seu sobrinho Ed Motta e a jovem cantora sensação do momento, Marisa Monte, uma grande fã de Tim, que cantava várias músicas dele em seus shows e fazia sucesso com uma nova versão de "Chocolate". Além de ter ousado gravar com Ed um remake da histórica "These Are the Songs", que Tim gravara com Elis Regina.

Quando mandei para ele o LP de Marisa, que eu tinha produzido, me preparei para ouvir gozações, provocações ou até ameaças de processos. Além do herético dueto com Ed, a menina tinha acrescentado um verso em "Chocolate", que fazia o público rir nos shows, mas que ele poderia não achar

muito engraçado:

Na segunda parte, em vez de repetir:

"Não quero chá, não quero café, não quero Coca- Cola, me liguei no chocolate", Marisa, que detestava Coca-Cola e cocaína, cantava:

"Não quero pó, não quero rapé, não quero cocaína, me liguei no chocolate.”

Mas Tim adorou! Achou muito engraçado, me disse que a garota cantava maravilhosamente bem e que era muito linda, "uma tetéia". E mandou convidá-la para o show. Eles tinham muito mais em comum do que o amor ao chocolate.

A noite começou quente, com Tim fazendo piadas sobre as pretensões presidenciais de Lula e a virilidade da prefeita de São Paulo, Luiza Erundina. Gargalhadas enchiam o teatro. Com Felipe Camargo, extrapolou:

"Édipo, você é glorioso. A Vera Fischer é a coisa mais linda do mundo.”

No início, chegou até a elogiar o som:

"Esse é o Roldão, o melhor som com que já toquei.”

Mas no final já estava rosnando ao microfone:

"Esqueçam tudo que eu disse. Esse é o pior som com que já toquei.”

Entre tese e antítese, o show correu bem, com uma sucessão de hits românticos e dançantes que representavam trinta anos de música brasileira moderna.

Só na parte final, quando cantava "Sossego", é que Tim começou a reclamar do som, enquanto o público ria de sua "versão integral sem cortes", em que o coro cantava:

"O que eu quero é sossego.”

E ele respondia:

"E um quilo do bom!”

Terminou aplaudido de pé, mas não voltou para o bis. Em êxtase, (ERRADO) Dapieve filosofava depois do show:

"Ele ausculta o fragmentado discurso amoroso da suburbia e o reverbera em coisas bonitas como 'Me dê motivo' e 'Você'.”

Tim não se abateu com o monumental prejuízo e voltou em grande estilo, anunciando um supershow na gigantesca Praça da Apoteose, a preços populares, com equipes de som tocando para dançar antes e depois do show — um bailão funk no Sábado de Aleluia, com um show de Tim Maia no meio. E colocou 40 mil ingressos à venda.

Escaldado pelas vendas fracas no Hotel Nacional e preocupado com a divulgação, chamou a imprensa para uma coletiva com churrasco no Recreio. Afinal, embora a Riotur tivesse cedido o espaço de graça, os custos seriam altíssimos, com a grande orquestra e o equipamento de som para cobrir a imensa área, os riscos eram enormes, inclusive de chuva. Mas números nunca foram o forte de Tim Maia.

Na apresentação-churrasco à imprensa, exibiu trechos do show do Hotel Nacional e garantiu que, com tanta grana no fogo, não havia possibilidade dele faltar: "Vai ser o mesmo show do Hotel Nacional. Mas convidei um pessoal da Vila Isabel, da Beija-Flor e da Imperatriz Leopoldinense para uma apoteose de funk-samba-soul no final. E as duas melhores equipes de som — do Rio, a Furacão 2000, e de São Paulo, a Zimbábue — para tocar antes e depois do show."

Anunciou também que tinha contratado uma firma de alimentos para fornecer cachorros-quentes deliciosos, por metade do preço do mercado.

Até a colagem dos cartazes estava sendo supervisionada por ele:

"Contratei o divulgador Zulpério, que chefia uma das principais equipes de colagem da cidade, e mandei fazer primeiro na Zona Sul e depois na Zona Norte, mas avisei que vou botar meus olheiros na Rua, como faço com os advogados: contrato três, fica um vigiando o outro."

Comentando os preços altos e o público baixo dos shows do Hotel Nacional, desdenhou: "Cobrei caro pra que ninguém fosse mesmo. Estava mais interessado na gravação do meu disco ao vivo, assim quem não viu o show agora compra o disco. Foi tudo armação, armação, morou?"

Na noite de sábado, com o show marcado para as 21 horas, às 20h15 o

panorama da Apoteose era desolador, com a imensa Praça quase vazia e uma fita tocando gravações de Tim Maia. As 20h30, entrou a equipe de som paulistana e um sotaque carregado saiu das caixas de som: "Oi gente, tudo legal? A gente vai rolar um som maneiro para vocês, o som que toca em São Paulo, legal? Dentro de instantes, a Vitória Régia, mas enquanto ela não vem vamos descontraindo, legal?”

O som paulista não agradou muito, e menos ainda as repetidas intervenções do DJ ao microfone, fazendo hora para que chegasse mais gente e o show pudesse começar: "Daqui a pouco vamos sortear notas de dez cruzados. Mulher bonita ganha vinte, legal?”

Vaias.

Pediu mais som, dizendo que a rapaziada queria, mas a rapaziada queria era Tim Maia e vaiou furiosa.

"Legal, acho legal o povo colocar pra fora a sua ira.”

Sucumbiu sob uma avalanche de vaias, que se misturaram a aplausos delirantes quando, às 22h20, a Vitória Régia entrou no palco e atacou a introdução de "Vale tudo" diante de cerca de 10 mil pessoas.

De camisa branca e calça preta, Tim estava feliz e aparentemente despreocupado com apenas um quarto da Praça ocupada: "Ô festa boa! Alô Rio de Janeiro!”

Foi uma festa também para vários porteiros malandros da Apoteose, que não estavam destacando o canhoto do ingresso nas roletas, mas recolocando-os imediatamente em circulação, dando grande prejuízo à já combalida produção.

Tim emendou "Vale tudo" com "Telefone", "Descobridor dos sete mares", "Do Leme ao Pontal" e uma seqüência arrasadora de hits, com o público cantando junto do início ao fim e dançando sem parar.

No final, com "Cabeça feita", o pessoal das escolas de samba foi acometido da "síndrome de Tim Maia" e não apareceu. Mas um gari da Comlurb e uma bela mulata subiram ao palco e beijaram Tim nas bochechas, sob aplausos. O gari foi convidado publicamente para trabalhar na sua equipe, e a

mulata, em particular, sabe Deus para quê. Antes de sair, Tim fez questão de explicar no microfone que não tinha preconceito, "mas ganhar beijo do negão da Comlurb é demais". Não resistiu e emendou com uma piada racista, que atribuiu a um ator negro e gozador: "É como diz o meu amigo Pitanga: somos todos irmãos, mas não vim no mesmo porão que ele não.”

O público multirracial estourou numa gargalhada coletiva, Tim saiu ovacionado do palco e todo mundo começou a voltar para casa feliz e cantando.

Menos Tim, que encontrou dois "corvo" esperando por ele no camarim, para lhe entregar um mandado de arresto, assinado pela juíza Luísa Cristina Bottrel de Souza, confiscando 50% da bilheteria para Neuza da Silva Costa, que havia ganho na Justiça a parceria de "Réu confesso".

A história estava completando 13 anos, com Tim evitando cantar a música para não dar esse gosto à sua "parceira", mas não conseguindo escapar da mão comprida da Justiça e do bico dos "corvo". Com a história nos jornais, comentou:

"A advogada da dona Neuza me ligou e disse inclusive que gostou muito do show, que é minha fã, é mole? Imagine se ela não gostasse de mim?”

Na semana seguinte foi ao ar o especial da TV Globo com os melhores momentos — de música e comédia — do Hotel Nacional e da Apoteose, e um novo aforismo Maia:

"A coisa que mais odeio é a hipocrisia. É a mentira da mentira.”

Contrastando com seu espírito de comediante e seu humor implacável, Tim não gostava de concorrência na área, principalmente quando era dele que riam. Ficou furioso quando soube que Bussunda o imitava no show Os Leopoldos, um grande sucesso da trupe de humoristas do Casseta e Planeta no Teatro Ipanema.

Bussunda, de cara preta e peruca black power, com um travesseiro na barriga, cantava o hilariante funk machista "Mãe é mãe", imitando Tim:

"Mãe é mãe, paca é paca, mulher é tudo vaca.”

Como o grupo tinha dois negros, um judeu, um nordestino, um gordo-

judeu-comunista e, diz a lenda, um gay, o humor dos Cassetas ficava à vontade para atropelar a correção política e não poupava ninguém, muito menos o incorretíssimo Tim Maia.

Mal começava a cantar, Bussunda perguntava se alguém tinha um espelho e uma gilete porque ele precisava ir ao camarim... pentear o cabelo e fazer a barba. O público estourava de rir. Voltava esfregando o nariz, cantava mais uma frase, reclamava do som e saía para fazer pipi, cantava mais um pouco, dava novo esporro no som e ia ao camarim assinar um cheque. O público ria sem parar. Mas Tim não achou a menor graça e foi para os jornais.

Ameaçou processar a turma por racismo, porque o LP deles se chamava Preto com um buraco no meio. Mas não ficaria só na esfera judicial: anunciou que seu novo disco se chamaria Branco com um buraco na testa e improvisou para os repórteres um furibundo rap anti-Bussunda, com a facilidade que as rimas ofereciam.

Os rapazes do Casseta, todos fãs ardorosos de Tim, não só pela música mas pela doideira e o humor incorretíssimo, se surpreenderam com a sua reação: "Não faço nada mais do que repetir as brincadeiras do Tim durante seus shows, que não perco. Já vi apresentações em que ele escancarava muito mais", explicou Bussunda, "ele tem todo direito de me processar, mas fico muito triste porque admiro o Tim à beça".

A recíproca não era verdadeira: "Se ele fosse uma Cláudia Raia, uma Luiza Brunet ou uma Xuxa, tudo bem. Mas aquele gordão não dá. Aliás, não sei por que ele bota travesseiro na barriga pra me imitar...”

Além de racismo, Tim acusava os Cassetas de querer ganhar dinheiro às suas custas e de tentar ocupar o seu espaço.

"Impossível", contestou Hubert, "no enorme espaço do Tim cabem ele, o Ed Motta, o Bussunda e muito mais".

Novos aborrecimentos aguardavam Tim no fim de agosto de 1989. Quando chegou à Seroma para o ensaio, ficou sabendo por Piau que o caseiro tinha sido levado pela polícia com uma sacola de maconha e explodiu:

"Meu bagulho! Ladrão filho-da-puta!”

O caseiro conhecia o "garrastazu" onde Tim guardava seus estoques e começara um próspero comércio paralelo com a garotada das vizinhanças. Denunciado, levou um fragoroso da polícia e foi algemado para a delegacia, onde disse a verdade, ou parte dela: a maconha era de Tim, manchete dos jornais populares no dia seguinte.

Tim se escafedeu. Por sorte tinha um show marcado em Salvador e, pela primeira vez na vida, foi feliz para o aeroporto. No Rio, a chapa estava quente. Tim achava que estava carregado, ou pior, magnetizado. Assim que chegou ao Hotel da Bahia, enquanto esperava para se registrar, sentou em uma cadeira no lobby e ela desabou, fazendo um barulhão e provocando uma chuva de palavrões.

"Tá vendo, Piau? Os santos da Bahia me jogaram no chão, morou? Esses santos são foda, mermão.”

Quando chegou ao quarto e ligou a televisão, Tim ouviu um estrondo e deu um grito. O aparelho começou a feder a queimado e a soltar uma fumaceira preta. Estava mesmo carregado. Fez questão de mudar de quarto.

Eu também estava em Salvador, para fazer entrevistas e pesquisas para uma biografia de Glauber Rocha, hospedado no velho Hotel da Bahia, mas nem sabia que Tim estava na área. Recebi com grande alegria um telefonema com a voz de veludo convidando para o show e para uma visita a seu quarto.

Fui e levei a minha câmera de vídeo e uma jovem amiga, jornalista iniciante e fã de Tim Maia, excitadíssima pelo encontro com seu ídolo. A baianinha era mesmo uma tetéia de morena, e Tim ficou louco. Rodei a câmera, ela perguntava e ele respondia sorridente e galanteador. Só barbaridades. O ponto alto foi o elogio à qualidade da maconha baiana, parodiando a voz grave e o dengo viril de Dorival Caymmi, revirando os olhos e celebrando as graças da terra:

"O que vem da Bahia é du bão, o que vem da Bahia é du bão.”

Não há registro de sua passagem por algum terreiro de Salvador, apenas

pela Concha Acústica superlotada, com um show animadíssimo. E certamente os orixás também gostaram, porque Tim saiu da Bahia se sentindo muito mais leve, apesar das dezenas de acarajés e cocadas. Mas, por via das dúvidas, antes de voltar para casa, ia ficar dez dias em um hotel de São Paulo com Piau, tocando violão, torrando bauretes e comendo, enquanto a chapa esfriava no Rio.

Mas, assim que voltou, se viu dentro de outro pesadelo judiciário, de tons kafkianos. Aproveitando a sua fama de doidão, cinco anos antes uma funcionária da Caixa Econômica havia falsificado a assinatura dele e retirado uma quantia de sua conta.

Tim era meio louco, mas não era burro, e estrilou. Na sindicância, os exames grafotécnicos comprovaram que a assinatura havia sido mesmo falsificada e por quem. A Caixa demitiu a funcionária, pediu desculpas e devolveu a quantia à conta de Tim. Cinco anos depois, ele recebeu a visita de um trio de oficiais de Justiça com uma intimação para depor como... testemunha de defesa da funcionária ladra, que acionara a Caixa: "Só no Brasil. De vítima, passei a cúmplice da funcionária que me roubou."

Tim achava que ela pretendia dizer que ele mesmo autorizara a falsificação e, como era doidão, tinha se esquecido. Assinou a intimação, mas foi a audiência a que teve maior prazer de não ir.

Faltava um mês para ser decidido, pela Assembléia Estadual, se haveria um plebiscito pela emancipação da Barra da Tijuca como município independente do Rio de Janeiro. Se a mudança fosse aprovada, Tim queria se candidatar a prefeito, pelo PLG (Partido Liberou Geral).

Ninguém acreditou na candidatura, mas a entrevista de lançamento foi um sucesso: "O Brasil é uma terra de mestiço pirado querendo ser puro-sangue. Passou de branco, preto é. Não existe esse negócio de mulato. Mulato pra mim é cor de mula."

"Dos artistas do Rio, metade é preto que acha que é intelectual e metade é intelectual que acha que é preto."

"Nós somos uma pá de índio andando de carro, com videocassete em

casa.”

"O que nós temos de melhor no Brasil é a música, o futebol, o jogo do bicho e a batata-doce" — e apontou para o baseado que fumava —, "temos que exportar isso. E ainda temos o Maguila, que vai matar o Mike Tyson. De susto, mas vai matar.”

"Os meus cachorros são meus melhores amigos.”

Tim não chegou a explicitar a sua plataforma administrativa. Mas a proposta do plebiscito também não vingou, arquivada pela Alerj: a Barra da Tijuca nunca teria um prefeito como Tim Maia.

Administração também não era o forte de Tim, mas a sua desconfiança crônica e aguda dos empresários o levou a métodos próprios de gerenciamento da sua carreira.

Desde que começou a fazer sucesso, como todos os artistas da época, Tim teve um secretário. O primeiro foi um nordestino de Santana do Deserto, conhecido como Noves Fora. Depois, herdado de Fábio, quando já não podia mais pagar um secretário, o argentino Élvio, que falava gírias cariocas com sotaque portenho e durou pouco. Quem resolvia todos os contratos pessoalmente era o próprio Tim, que achava um absurdo dar 10% a um intermediário.

Depois, com a entrada de Paulinho Guitarra, Tim ganhou não só um grande músico, mas, além de um amigo fiel, um faz-tudo que resolvia as paradas e tomava providências. Com a saída de Paulinho, as funções foram assumidas pelo fino e esperto Dom Pi, que, além de ótimo tecladista, passou a ser um secretário de alto nível, educadíssimo, capaz de resolver problemas com qualquer pessoa, até com a polícia.

Mas tanto na administração de Paulinho como na de Dom Pi, o secretário oficial era Camarão, um dos vocalistas dos Diagonais, que cantava muito bem e servia a Tim com eficiência e fidelidade. Camarão era da paz, paraibano e evangélico: não fumava, não bebia, não cheirava e não mentia nem um pouquinho. Era esse o problema: Tim não se importava com a caretice de Camarão, mas ficava furioso quando ele se recusava a mentir para cobradores,

gravadoras e jornalistas que ligavam atrás dele. Tomava-lhe o telefone da mão: "Então deixa que eu minto.”

E desconfiava que Camarão bebia escondido: "Ele tá crente que eu tou crente que ele é crente.”

Assim como Dafé se tornara um cambono de Tim, Piau não era só o guitarrista da Vitória Régia, mas também um secretário informal, que cumpria missões extramusicais ilimitadas, inclusive aos sábados, domingos e feriados depois das 21 horas, horários da Seroma. Na virada dos anos 80, Tim contratou os serviços secretariais do impagável Celinho Matos, que, entre idas e voltas, resistiu a sete anos de perigos e aventuras.

Depois, resgatou seu velho camarada Fábio do fundo do poço para as funções de Smokey Robinson paraguaio, que incluíam o acompanhamento em viagens, fugas, bebedeiras e negociações tensas com a Polícia Federal.

Gilberto, um mulato magrelo de Niterói, de pouca instrução mas muita fidelidade a Tim, ocupou a função nos últimos anos e se celebrizou por um diálogo no aeroporto de São Paulo, informando Tim sobre um vôo atrasado: "Me dê uma notícia boa, Gilberto.”

"O avião acaba de aterrorizar, Tim.”

Não havia contrato e às vezes nem salário fixo. Tim pagava aos secretários oficiais, informais e eventuais na forma de levadinhos espontâneos, quase sempre generosos, quando havia dinheiro no cofrinho.

A entrada em cena de Elizete, como secretária- geral, acumulando funções afetivas e administrativas, domésticas e comerciais, embaralhou ainda mais a movimentada vida empresarial de Tim. A musa passou a dividir com Gilberto e Celinho as negociações das muitas propostas de shows que chegavam e Tim decidiu democratizar: quem atendesse o telefone ganharia 10% de comissão. A regra valia não só para os três, mas para qualquer pessoa que estivesse no apartamento. Uma tarde, Marlene Morbeck foi visitar Tim, o telefone tocou, ela atendeu, vendeu um show para Porto Alegre e recebeu o seu levado.

As brigas com Elizete foram se tornando uma rotina, os barracos se

sucediam por qualquer motivo. Nos últimos tempos, Tim não a tratava mais como namorada, mas pior do que uma empregada, sem qualquer respeito. Em noites de triatlon, mandava Celinho ligar para garotas de programa escolhidas nos classificados do jornal e encomendar duas ou três. Quando as garotas chegavam para o "trelelê", como ele dizia, Elizete se trancava no quarto de hóspedes.

Acusada por Tim de traição e expulsa de casa, Elizete alugou um apartamento na Rua Silva Telles, na Tijuca, perto do morro do Salgueiro, fez as malas e deu adeus a Tim Maia. E a Sebastião. Ele disse que não queria vê-la nunca mais e mandou que Celinho a levasse de carro, com tudo que ela tinha.

Mas recomendou, sussurrando:

"Vai levar, mas vê bem aonde ela mora, e anota o endereço.”

UM BANQUINHO E UM DOIDÃO, 1990, 132 KG

Jovem e competentíssimo professor de violão e de harmonia, Almir Chediak dava aulas para Nara Leão, Marina Lima, Elba Ramalho, Caetano Veloso e seu filho Moreno quando conheceu Tim Maia, na época da gravação de "Um dia de domingo", com Gal Costa, também sua aluna. Até o grande violonista clássico Turíbio Santos tinha aulas com Chediak, para se atualizar nos segredos da música popular.

Com Tim, foi amizade à primeira vista. Almir era seu grande admirador e Tim ficou encantado em encontrar alguém que sabia tanto de harmonia e acordes, justamente o ponto fraco de sua grande musicalidade. Chediak tinha lançado um Dicionário de acordes e Harmonia e improvisação e logo assumiu a temerária missão de professor de Tim Maia.

Chediak era muito simpático, inteligente e sabia muito de acordes e de música popular. Mas as aulas eram chatas: exercícios de digitação, leitura de partituras, teoria musical. Em compensação, o papo era ótimo; ele dava sugestões de harmonias para músicas de Tim, ouvia piadas e gozações sobre as estrelas do mundo musical, se divertia mais do que ensinava.

No início de 1989, Chediak começou a realizar seu sonho de editar song-books com a obra dos grandes compositores brasileiros, iniciando com dois volumes de Caetano Veloso. Com prefácio de Gilberto Gil e um ensaio crítico de José Miguel Wisnik, o "imprimatur" é assinado por ninguém menos do que João Gilberto:

"São as canções que ouvimos nos discos, no rádio, na televisão e no ar. Conhecer suas harmonias para poder cantá-las e tocá-las quando quisermos é maravilhoso.”

São 130 músicas de Caetano, nas suas versões originais, com as harmonias transcritas por Chediak e aprovadas pelo autor, além de uma

biografia, uma longa entrevista e um completo levantamento de sua discografia. Era a primeira vez que se fazia isso no Brasil, país da música. Se tudo desse certo, ele editaria em seguida a obra de Gilberto Gil. E depois de Ary Barroso, Noel Rosa, Tom Jobim, Chico Buarque, Djavan, João Donato, Marcos Valle... tanta gente de talento, com sua obra dispersa em edições vagabundas feitas pelas editoras ou então com suas letras e acordes errados nas revistinhas de violão. Como os grandes mestres americanos, eles mereciam muito mais.

Quando viu o songbook de Caetano, Tim ficou maravilhado e logo exigiu o seu. Chediak até faria, se não estivesse envolvido na produção de um álbum com melhor da bossa nova, as grandes canções de Tom Jobim, Roberto Menescal, Carlos Lyra, Baden Powell e outros mestres. Ao contrário do funk-soul, baseado no ritmo e no fraseado, na bossa nova as harmonias eram complexas e tão importantes quanto a letra, a melodia e o ritmo. Para Tim seria uma mão na roda, poderia cantar aquelas músicas lindas, que ele adorava, mas não sabia tocar no violão: "Ô Almir Chediak, com os acordes que tem numa música do Tom Jobim dá pra fazer umas cinqüenta.”

Em dezembro, quando saíram as primeiras cópias do songbook da bossa nova, Chediak foi logo levar para Tim. No apartamento da Barra, olhando o mar e com uma cachorra afghanhound como platéia, começaram a tocar e cantar clássicos dos mestres da bossa.

Acompanhado por Chediak ao violão, Tim cantou "Eu e a brisa", de Johnny Alf, e não deixou dúvidas: de todas as gravações da música, nenhuma se aproximava do peso e da intensidade que Tim lhe dava. A bossa nova gilbertiana era suave e delicada, feminina, mas com Tim Maia ganhava virilidade e potência, sem perder a ternura nem o suingue.

Muito pelo contrário, nas balançadas "Folha de papel", de Sérgio Ricardo, e "A rã", de João Donato e Caetano, a sua voz grave e potente e o seu ritmo irresistível transformavam a velha bossa nova intimista em uma música alegre e exuberante, até mesmo dançante.

Não foi preciso insistir: Tim ficou louco pela idéia de voltar ao seu

primeiro amor musical e gravar um disco com clássicos da bossa nova, produzido por Chediak. Seria uma longa viagem sentimental até a Tijuca de 1958, quando ele, Erasmo e Roberto adolescentes ouviram João Gilberto pela primeira vez e descobriram um novo mundo musical, feito de dissonâncias e sutilezas, de suavidade e sofisticação. A Vitória Régia bancaria e lançaria o LP; 12 sessões de gravação noturnas foram marcadas no estúdio Transamérica.

Ouviram e cantaram mais de duzentas pérolas da bossa, selecionaram quarenta e, entre essas, chegaram às dez do primeiro disco. Mas o material era tão bom que eles aproveitariam o estúdio e os músicos e gravariam outras dez Para um volume dois. E, se sobrasse tempo, Tim ainda pretendia gravar algumas Músicas para um álbum em inglês.

De comum acordo, foram escolhidos os músicos, poucos e ótimos, craques inquestionáveis do estilo: o pianista António Adolfo, o baixista Luizão Maia e o baterista Wilson das Neves, que tocaram muitos anos com Elis Regina, e o violonista Chiquito Braga. O próprio Chediak faria os arranjos, que seriam simples e eficientes, respeitando as harmonias originais das canções, sem tentar novas bossas: um arroz com feijão bem temperado, para acompanhar o filé mignon da interpretação inovadora que Tim daria às músicas.

No fim de março de 1990, com 14 bases gravadas e ainda faltando colocar as vozes e depois escolher as dez que iriam para o disco, Tim começou a dar entrevistas. Depois dos fracassos amargados pela falta de divulgação, decidiu que desta vez começaria a promoção antes mesmo de o disco estar pronto.

Quando a repórter pergunta como começou o projeto, ele ri:

"Esta resposta eu ensaiei com o Almir Chediak: eu falo dos livros dele e ele fala dos meus discos. Cantei as músicas que tinha vontade de cantar havia muitos anos, mas que eu não conhecia bem as harmonias e com os livros do Chediak consegui sacar.”

Parecia que estava falando dos livros do Racional Superior, pelo menos na fé e no entusiasmo pela harmonia musical.

Chediak disse que o comportamento e a pontualidade de Tim durante as

gravações foram exemplares. Ele mesmo é que uma vez se atrasara meia hora e fora advertido por Tim:

"Claro, era eu que estava pagando caro pela hora de estúdio", respondeu acariciando a sua fiel Kaleche: "A minha cachorra é minha melhor amiga, depois do Chediak."

A única discussão mais séria foi sobre a mais célebre das bossas, a "Garota de Ipanema", que Tim odiava e não queria gravar, mas Chediak considerava indispensável num disco chamado Clássicos da bossa nova: "O Almir Chediak, todo mundo já gravou esta música, até dom Hélder Câmara já gravou, só falta o delegado Romeu Tuma gravar."

Por incrível que pareça, Tim acabou aceitando, pela primeira vez na vida e logo num disco em que ele era o patrão —, gravar uma música que detestava.

Mas se vingou, com sua melhor arma, cantando a letra em inglês e aproveitando o suingue do quarteto para improvisar à vontade, soltando gritos e scats, debochando da própria música, da letra e da garota.

Além dela, outras três músicas de Tom Jobim, duas em inglês: "Wave" e "Useless Landscape (Inútil paisagem)". Em português, só "Meditação".

"O António Carlos Jobim é o rei da harmonia, da composição, da concepção musical, é maravilhoso, um gênio, mas tu já viu ele cantando? Cantar é outra conversa."

Admirador de João Gilberto, Tim disse que mandaria para ele o primeiro disco: "Vai direto para o papa, para ele sentir o que é cantar grave, forte, sonoro, vibrante, bonito e gostoso."

Entre as escolhidas, diversas foram gravadas originalmente por João, como o "Samba da pergunta", de Pingarilho e Marcos Vasconcelos:

"Este samba também tem uma gravação antológica dos Cariocas. Eles deviam estar gravando o tempo todo mas estão parados, ou então deveriam ser contratados para ensinar vocal para o Império Serrano, a Mangueira, Castor de Andrade, Capitão Guimarães e o governador Moreira Franco."

Na noite de 3 de maio de 1990, na boate Un, Deux, Trois, nova casa de

seu "canalha de estimação" Chico Recarey, Tim estreou seu show com os clássicos da bossa nova. Foi um privilégio testemunhar críticos rigorosos e temidos, como Maria Helena Dutra e Artur Xexéo, deleitados com a musicalidade e o humor de Tim, assim como o deputado Aécio Neves, o bicheiro Capitão Guimarães, o sambista Agepê e a atriz Maria Gladys, que integravam a eclética platéia. Para as noites seguintes era esperada maior densidade de celebridades: o show de Caetano Veloso no Canecão estava estreando junto com o de Tim.

Sem banquinho, já que não haveria um que o comportasse, e com Chiquito Braga no violão, Jacaré no baixo, Wilson das Neves na bateria, Alberto Chinelli substituindo António Adolfo no piano e Piau na guitarra, Tim abriu a noite festivamente, saudando o presidente da República:

"Eu quero parabenizar o presidente Collor, que está fazendo a campanha 'Diga não às drogas'. Eu acho que é isso mesmo, deixa pra quem gosta!”

O público estourou de rir, e ele completou: "Porque já está escasso nas bocas.”

Mais risos e palmas. Tim lamenta a ausência de dom Hélder Câmara e do delegado Romeu Tuma na platéia, e a banda ataca a vibrante introdução de "Folha de papel". O público vibra.

Outra discordância entre Tim e Almir durante a gravação, entre uma versão mais rápida e outra mais lenta de "A rã", fora resolvida com a inclusão das duas no disco. Mas, no show, prevaleceu a preferida de Tim, a mais balançada. Seguiram-se as jobinianas, mais lentas e românticas, e breves momentos de tensão, quando um fã mais animado gritou "Canta 'Sossego!', 'Do Leme ao Pontal'!". E Tim fechou a cara.

Das dez do disco, o público foi poupado de "Minha namorada", de Carlos Lyra e Vinícius de Moraes, que ficou lenta e arrastada na gravação, com Tim pouco à vontade e cantando com o sentimento de um crooner de churrascaria. Mas ganhou uma animadíssima versão do samba "Tem dó", de Baden Powell e Vinícius de Moraes, transformado em irresistível bossa soul dançante, que fazia

todo mundo rebolar nas cadeiras. Mesmo assim, alguém gritou "Sossego!", outro "Me dê motivo!", e Tim respondeu irritado: "Já vai, porra!" E contou: "Um, dois, três, quatro!”

A banda atacou a introdução de "Do Leme ao Pontal" e a casa explodiu. Alberto trocara o piano pelos teclados eletrônicos, o violão acústico sumia no ronco da guitarra de Piau, a bateria ganhava peso e pulsação. Se quisesse, Tim poderia até não cantar: todo mundo canta do início ao fim. Seguem-se, com o mesmo coro, "Me dê motivo", "Primavera", e de novo a casa sacode com "Descobridor dos sete mares" — era o que todos queriam. O show termina com um "Vale tudo" carnavalesco entre Tim e a platéia.

Na saída, todo mundo feliz, crítica e público eram unânimes que a segunda parte tinha sido sensacional, mas, quanto à primeira, havia controvérsias. "Cantando bossa nova, o genial Tim Maia é apenas um bom crooner", comentou o crítico Mauro Dias, considerando a primeira metade do show uma curiosidade comparável a João Gilberto cantando o repertório de Michael Jackson.

O show lotou a casa por duas semanas, Tim não faltou a nenhum e recebeu grande espaço e atenção nos jornais, rádios e televisões, para um disco que ainda não estava pronto. Com todo o barulho, as lojas receberam muitos pedidos, mas não havia o produto. O que seria pecado mortal e demissão na certa em qualquer departamento de marketing talvez fosse uma estratégia promocional Maia, já que o disco, prometido para agosto, só seria lançado em janeiro.

Em novembro, Tim acertou com Recarey dois shows no Scala, para gravar um especial de fim de ano para a modestíssima TVE, marcando o lançamento do disco. Mas só fez o primeiro, porque a gravação ficou muito ruim, o equipamento era precário, as notícias da bilheteria eram desanimadoras e Tim teria que pagar os músicos sozinho. Era melhor ficar em casa.

O atraso foi providencial; o disco seria um dos carros-chefe do revival da bossa nova que marcaria o verão de 1991, junto com o livro Chega de saudade, de Ruy Castro, provocando grandes polemicas, e o lançamento do novo disco de

João Gilberto, depois de cinco anos, o lindíssimo João.

Quando foi finalmente lançado, o LP teve boas críticas mas, com uma precária distribuição, vendas inexpressivas. O cronista Telmo Martino, ferino e refinado, não escrevia habitualmente sobre música, mas foi um dos mais entusiasmados: "Todo cantor brasileiro de bossa nova faz boquinha para cantar um som essencialmente intimista. Tim é da escola americana: usa a voz no aproveitamento máximo das fantásticas melodias criadas pelos compositores. Quando resgata 'Eu e a brisa', totalmente desfigurada por cantores pretensiosos e pelo sentimentalismo encharcado de mil noites de bar, é como Bobby Short cantando 'My Funny Valentine'.

"Quando canta 'A rã', a alegria fica mais inteligente. Em 'Wave', ele vai à apoteose. É voz para encher todas as mansões da casa do Senhor e para arrancar, com beleza, as lágrimas dos mais empedernidos."

Tim concordava: "Aqui, música romântica se chama brega. Se fosse assim nos Estados Unidos, os cantores de blues e todos os grandes crooners românticos iriam morrer de fome."

Se ficava puto de ser chamado de brega, a aprovação de um refinado árbitro da elegância, como Telmo Martino, o levava aos céus:

"Tim Maia aparece como uma gigantesca peça rara em um espaço íntimo. Em termos de decoração e música, não existe nada mais chique."

João Gabriel de Lima considera o disco "um gol de placa":

"Inventada por um intérprete, João Gilberto, e não por um compositor, a bossa nova é, mais que um gênero musical, uma maneira de cantar samba com novas divisões rítmicas. A bossa nova queria varrer do mapa as grandes vozes da era do rádio, como Vicente Celestino e Carlos Galhardo, mas Tim Maia se consagra definitivamente como grande cantor interpretando com maestria este repertório sofisticado.

Ele não caminha até a praia da bossa: é ela que vem até ele."

A Luís António Giron, que adorou o disco, Tim confessa: "No fundo, no fundo, gravei bossa nova só para sacanear o João."

No Circo Voador, Maria Jucá queria ampliar ainda mais o espectro da programação musical, misturando estilos e tribos bem diferentes numa só noite, pelo preço de um show. Abrindo a série, um incendiário encontro do punk com o funk, com a banda Coquetel Molotov e Tim Maia sob a mesma lona.

Jucá estava morrendo de medo: o encontro de platéias tão distintas poderia ser explosivo, uma pororoca de estilos. De um lado, punks cabeludos e carecas, todos de preto, cheios de piercings, correntes e tatuagens; do outro, a galera multicolorida e multirracial do funk, com seus bailarinos, suas cachorras e popozudas, seus cabelos afro e seu romantismo suburbano.

Tim já estava no camarim, torrando seu baurete tranquilamente e conversando com Jucá, quando o Coquetel Molotov atacou com fúria total e o vocalista Tatu começou a esbravejar no palco. Deu um pulo da cadeira, agarrou Jucá pelos ombros e começou a sacudi-la:

"Você está louca, sua filha-da-puta? Meu ouvido não é penico, porra! Isto não é música, é lixo em dois acordes! Que audácia você me misturar com esses punks de merda!”

E expulsou-a do camarim, batendo a porta.

Antes do final da primeira música, metade da platéia debandou, a galera do funk saiu horrorizada para tomar cerveja e dar uma volta pela Lapa enquanto Tim Maia não começava.

Quando o show de Tim começou, aconteceu o mesmo, com sinais trocados: os punks abandonaram a arena, exaustos de gritar e de xingar, nauseados com aquela cafonice de bailão suburbano.

Mas bastaram algumas músicas e a galera cantando e dançando como num baile de carnaval para que alguns punks começassem a voltar, atraídos pela vibração que estremecia a lona e o chão. E logo outros e outros mais, a pista voltou a se encher e o show terminou apoteoticamente, com punks e funkeiros cantando e dançando juntos, e o auto-intitulado bispo Tim Maia abençoando os seus devotos, na sua igreja.

No camarim, cercado de punks tatuados e cheios de piercings, seus mais

novos fãs, Tim estava exultante.

"Não te falei, comadre?", deu um abraço e um beijo em Jucá, "eu sou o primeiro punk deste país! Uísque à vontade pra todos até as nove da manhã!”

O SÍNDICO DO BRASIL, 1991, 136 KG

No carnaval de 1991, Tim se esbaldou e aproveitou para fazer a promoção do disco de bossa nova no camarote da Prefeitura, no desfile das escolas de samba. Quando o prefeito Marcello Alencar chegou e foi cercado pela imprensa, Tim ignorou a segurança e, chamando os jornalistas, de "tarados" puxou o alcaid pelo braço e lhe entregou diversos discos, um especialmente autografado para o governador Brizola. Soando muito e se dizendo "ligadaço", Tim esclareceu sua presença: "Não fui convidado mesmo, não. Sou o maior bicão"

O prefeito Boa-praça, apelidado de "Velho Barreiro" por suas supostas preferências alcoólicas, levou na esportiva e foi político "O Tim não era nosso convidado mesmo, mas passou a ser" e entrou correndo no camarote. Quem levou a pior foi o secretário de Obras, Luiz Paulo Corrêa da Rocha, que ficou sem sua poderosa caneta emprestada a Tim para que autografasse os discos para os anfitriões e os segurança". Logo depois do carnaval, Tim foi a São Paulo para uma apresentação única no Aeroanta. Estava feliz da vida com o sucesso estrondoso de "W Brasil",em que o amigo Jorge Bem, já com o nome trocado para Benjor, homenageava a agência de publicidade de Washington Olivetto e nomeava Tim Maia síndico do Brasil:

"Alô, alô, W Brasil,
Jacarezinho, avião,
cuidado com o disco voador,
tira essa escada daí,
essa escada é pra ficar aqui fora
eu vou chamar o síndico,
Tim Maia! Tim Maia! Tim Maia!"

O homenageado contava que a escada se referia à tentativa de assalto a

seu apartamento na gávea,uma hipótese tão verossímil quanto ele ser síndico de algum edifício mas,todo mundo concordou, o Brasil de Collor, com confisco da poupança, inflação disparada, incompetência e ladroeira generalizados, precisava e merecia um síndico como Tim Maia.

Em São Paulo, empenhado na divulgação do produto de sua gravadora, fez de boa vontade uma via-crúcis em playback por todos os programas da linha de shows do SBT e até mesmo pelos infantis, como "Mariane" e "Mara Maravilha".

Não era exatamente o público-alvo de um disco de bossa nova, apenas uma decisão estratégica do marketing Maia.

Numa segunda-feira preguiçosa, o Aeroanta foi sacudido pela pulsação e o naipe de metais da Vitória Régia, tocando a introdução de "Vale tudo" e anunciando Tim Maia, alegre, bem-disposto e pontual. Na pista, o roqueiro Guilherme Isnard, o veterano sambista Jair Rodrigues e a sofisticada atriz Giulia Gam se esbaldavam, junto com uma platéia animada e eclética.

Sim, o show era para promover o disco Clássicos da bossa nova, mas Tim estava cansado de sua fase de intimismo Maia e queria mais grave, mais agudo, mais eco, mais retorno, mais tudo! Pediu tantas vezes, mas com tal simpatia e bom humor, que o público ria como se estivesse vendo o pessoal do Casseta e Planeta parodiando um show de Tim Maia.

O som estava mesmo muito ruim, mas Tim, feliz, nem reclamava mais. Com o peso da Vitória Régia, "Folha de papel" e "Useless Landscape" quase não foram ouvidas, mas ele não se importou. Aproveitou as levadas animadas de "A rã" e "Wave" e o deboche suingado de "The Girl From Ipanema", e, como nunca Tom Jobim e João Gilberto imaginaram, botou a jovem platéia para dançar.

"Está todo mundo ligado, né? Se estão assim na segunda, imagine na sexta-feira!”

Entre goles de uísque, só reclamava do som com caretas e olhares cômicos, murmurava entre os dentes "ainda mato esse técnico" e o público se divertia. Queria entrar logo nas suas velhas bossas, o público também, e um

rugido de alegria encheu a casa quando a Vitória Régia atacou a introdução de "Do Leme ao Pontal". O som melhorou e até o "Vale tudo" final o Aeroanta foi só alegria.

No final de março foi a Curitiba, para se apresentar na recém-inaugurada filial do Aeroanta. Disse que ia chegar dois dias antes e chegou. Deu entrevista para as rádios e televisões no aeroporto:

"Aí, rapaziada, disseram que ele não vinha, olha ele aí. Tim Maia in concert!”

No sábado, casa superlotada, show demencial, todo mundo feliz. Partida para o Rio de Janeiro no domingo, às dez da manhã.

Tim chegou acompanhado. Além de casa, comida, roupa lavada e cenzinho, oferecera 13° e férias a uma indiazinha muito bonitinha, que dizia ter 17 anos, mas tinha um corpinho de 15 e cara de quem estava fugindo de casa. Carregava a maleta de Tim e era apresentada como sua nova secretária.

No salão de embarque, queria se assegurar de que o vôo não tinha escalas:

"Olha aí, hein, Juba", rosnou para o empresário, "avião pra mim é subiu-desceu, sem pinga-pinga, mermão".

O empresário confirmou, Tim embarcou confiante, mas em vez de chegar ao Rio, chegou a São Paulo, com o comandante anunciando que haveria troca de aeronave.

O vôo seguinte estava lotado e eles só poderiam embarcar duas horas depois. Diante dos apelos do empresário, a companhia levou Tim e comitiva para uma espera mais confortável, na sala VIP.

"Enfim, sós", entrou feliz, abrindo os braços. E mandou o percussionista Cebolinha comprar um 12 anos no free shop. Além da comitiva Maia, só duas senhoras na sala. Tim foi muito simpático e ofereceu-lhes CDs e sorrisos. Depois elas embarcaram e ficaram só eles e a garrafa.

Algumas doses mais tarde, o volume da sala subira consideravelmente. Só abaixou um pouco com a entrada de um homem alto, de terno e óculos ray-ban, que se sentou na cadeira em frente a Tim, com pinta de polícia.

Na poltrona, comenta baixo para os músicos, mas alto o suficiente para o homem ouvir:

"Ih, olha lá, o polícia federal tá me filmando, hein.”

Quando Tim foi para o banheiro, o homem foi atrás. Mas, mal entrou, Tim o viu e saiu apressado:

"Pô, o rapaz entrou atrás de mim, foi lá pra ver o meu bilau, eu acho que ele é gay.”

Talvez até fosse, mas saiu da sala VIP e logo voltou com mais dois colegas policiais fardados. Foram direto para cima de Tim: "Você é o Tim Maia lá no Rio de Janeiro, aqui você não é ninguém.”

E começaram a revistá-lo da cabeça aos pés, manualmente, enquanto Tim fazia caretas e revirava os olhos comicamente para a banda, como quem confirmava as suas suspeitas sobre a opção sexual do policial.

Em seguida, partiram para Lúcio, Paulinho Black e Silvério e lhes deram ima minuciosa geral.

A indiazinha olhava tudo afundada em uma poltrona, mamando uma Coca-Cola.

Tim leu o nome nos crachás dos policiais e falou grosso: "Valdir, amanhã você tá na Rua. Darci, você também vai junto! Eu vou chegar em casa e vou ligar pro meu padrinho.”

Os homens se entreolharam. Tim aproveitou a pausa e encheu a boca: "Meu padrinho é o delegado Romeu Tuma, e amanhã vocês estão na Rua." Afastou-se e começou a fazer golpes de tae kwon do no ar, soltando gritos guerreiros, yah! yah!, e os policiais acabaram rindo. E como não tinham encontrado nada proibido com ninguém e os alto-falantes já chamavam o vôo, aproveitaram para se livrar dos desordeiros.

E certamente acharam que a indiazinha estava esperando o pai, ou o avô, na sala Vip;

Enquanto isso, em Nova York, o seu velho companheiro do Divino, Almir Ricardi, radicado nos Estados Unidos havia cinco anos, fazia uma visita a Larry

Gold, dono do nightclub S.O.B., na Varick Street.

A sigla que batizava o clube era popularmente conhecida como as iniciais de "son of a bitch", mas oficialmente significava Sounds of Brazil, um clube em Greenwich Village dedicado à world music, onde, de vez em quando, se apresentavam músicos brasileiros, como Gilberto Gil e Naná Vasconcelos. A casa e os cachês eram pequenos, mas o S.O.B. tinha prestígio e servia como uma boa vitrine.

Almir trabalhava no Playboy Club como garçom e estava começando um negócio de aluguel de carros, mas não se desligara da música. Um de seus sonhos era levar Tim Maia para fazer shows em Nova York. Ele tinha certeza de que o amigo seria uma sensação e queria fazer parte disso. Telefonou para Tim, que aceitou entusiasticamente e disse que embarcaria no dia seguinte.

O esperto Larry Gold já conhecia Tim Maia de discos — e gostava muito —, mas também sabia de sua fama de doidão. Aceitou as datas propostas por Almir — desde que ele trouxesse Tim a Nova York.

Foi com grande surpresa que, no meio da tarde do dia seguinte, Larry recebeu em seu escritório Almir Ricardi e Tim Maia em pessoa, simpático e cordial, para assinar o contrato. Tim viera com duas malas grandes e pretendia ficar em Nova York esperando a banda para fazer os shows dez dias depois.

Quando voltou a seu hotel, na Times Square, telefonou para uma velha amiga brasileira e recebeu-a em seu quarto, com um sacolé de cocaína. Beberam e cheiraram a noite inteira e o dia inteiro. No final da tarde, enlouquecido, Tim abandonou o hotel e pegou um táxi para o aeroporto, com a roupa do corpo e sua inseparável capanga com o passaporte e 10 mil dólares.

Sem notícias de Tim, que deixara suas malas no quarto e a conta em aberto, Almir pensou até em procurar a polícia e percorrer hospitais e necrotérios. Desesperado, ligou para a casa de Tim, no Rio, para saber se ele tinha telefonado ou se alguém sabia dele.

E foi atendido pelo próprio, às gargalhadas, prometendo mandar o dinheiro do hotel e pedindo que Almir enviasse as suas malas.

Na sua primeira entrevista depois da viagem- relâmpago, justamente para o caderno de turismo do Jornal do Brasil, Tim comentou o assunto:

"Estou inaugurando um novo tipo de turismo: eu fico e as malas viajam, já estou com umas seis malas passeando em Nova York.”

Antes de ir a Nova York, Tim havia acertado um show em Belém e comprado quatro passagens Rio-Belém-Miami-Nova York-Rio, com segundas e terceiras intenções. Como pouco mais de quatro horas separavam Belém de Miami, além de a passagem ser mais barata, o vôo era menos sofrido, e Tim estava levando o baixista Jamil Joanes, o guitarrista Piau e o tecladista Amleto Stamato, que se juntariam ao baterista Paulinho Braga em Nova York e fariam os shows no S.O.B.

Com a ida para Miami marcada para segunda e o show para sábado, Tim chegou a Belém na sexta, acompanhado por um diretor do clube Assembléia Paraense, onde faria o show. Desembarcou trocando as pernas, amparado pelo contratante e por Gilberto, depois de consumir diversas garrafinhas de scotch no vôo interminável.

Logo na saída do aeroporto galanteou duas PMs, convidou-as para ir com ele para o hotel e quase foi preso. No hotel, solicitou imediatamente ao contratante um litro de Chivas, duas garotas de programa e cinco gramas de pó, combinados na assinatura do contrato.

Não era muito difícil conseguir nada daquilo em Belém, e logo Tim estava recebendo tudo que pedira. Duas horas depois, quando saíram, as garotas disseram que ele bebeu, cheirou, mamou nos seus peitos e apagou.

Dormiu a noite e o dia seguinte quase inteiro, e chegou alegre e bem-disposto ao Assembléia Paraense para o show. Começou a tomar os primeiros drinques na passagem de som e já entrou no palco calibrado, fazendo a platéia lotada vibrar com uma ótima performance. Mas, no meio do show, o uísque do palco acabou e ele pediu, pelo microfone, mais uma dose à produção. Quando recebeu o copo e bebeu, fez uma careta e cuspiu, gritando como quem está envenenado: "Tá doido? Quer me matar?”

Na escuridão do backstage, alguém da produção havia trocado o Chivas de Tim pelo Old Eight nacional dos músicos.

O único problema foi quando ele anunciou que dedicaria a próxima música ao presidente do clube, que se levantou e foi aplaudido, e começou a cantar "Me dê motivo", o hino máximo da cornitude, fazendo chifrinhos com os dedos e provocando risos nervosos seguidos de constrangido silêncio.

Mas tudo terminou bem, com Tim ovacionado e todo mundo feliz cantando o "Vale tudo".

Na segunda-feira, a Varig não confirmou os quatro lugares no vôo para Miami, que estava lotado. Na lista de espera, foram para o aeroporto, em vão, transferidos para quarta de manhã.

Tim ficou furioso, mas só lhe restava ficar no hotel bebendo, cheirando, fumando e comendo, comida e garotas. Boa parte do levado do show seria consumida na estada forçada. Na quinta de manhã, uma imensa fila multicultural os aguardava no aeroporto, com nordestinos e nortistas de tipo indígena, parecidos com Piau, se misturando com indonésios e indianos vindos do Suriname com seus turbantes. Pior: Piau teve que declarar todos os instrumentos e equipamentos na alfândega, enquanto Tim esperava bebendo uísque e o avião levantava vôo lotado, mas sem eles. O próximo vôo para Miami só sairia dentro de três dias.

O gordo ficou louco, queria alugar um avião:

"Aluga um avião aí, Piau, vamos no nosso."

Antes de tentar nas companhias de táxi aéreo, Piau ficou sabendo que a única maneira de ir para Miami seria via São Paulo, cinco horas de viagem, e depois mais nove até o destino final.

Tim já embarcou bêbado e chegou a São Paulo em frangalhos. Pegou um táxi com Gilberto e sumiu. Piau ficou com as passagens.

Os alto-falantes já chamavam o vôo quando Piau conseguiu localizar Tim no Hotel Brasilton, um de seus pontos favoritos, para dizer que estava indo com Amleto para Miami e Nova York e esperariam por ele lá. Mas Tim não dizia

coisa com coisa, e os músicos embarcaram sozinhos.

No dia seguinte, quando telefonou do hotel, em Manhattan, Piau foi recebido aos berros:

"Tu é um 171 internacional, Piau. Vou mandar a imigração te pegar. Tu sumiu com as minhas passagens, seu clandestino!”

O terrorismo telefônico continuou pelos dias seguintes:

"A imigração tá indo te pegar, vai te botar na cadeia e te deportar, o que é que tu tá fazendo aí, mermão? E logo com a minha passagem! Eu não vou e não vai ter show nenhum, seu ladrão de passagem!”

Piau realizou seu sonho de conhecer Nova York, mas achou melhor voltar logo ao Brasil e enfrentar a fera. Tim levou a sério: substituiu-o pelo guitarrista Marcos Nabuco e entrou com um processo contra Piau, que foi intimado para depor em juízo. Mas logo esqueceu e pouco depois Piau já estava reintegrado à Vitória Régia, embora o processo continuasse correndo. Uma noite, Almir Chediak perguntou a Tim, na frente de Piau, como ia o processo:

"O Almir Chediak, isso é hora de falar de um assunto desses? Não fode, Almir Chediak! Tá vendo só como é esse pessoal, Piau?”

No início de setembro, com sua ausência dada como certa, Tim compareceu, de smoking, como exigia o convite, para a noite de entrega do Prêmio Sharp, no teatro do Hotel Nacional. Quando chegou, descobriu que era concorrente a "melhor cantor", mas não do ano, nem do Brasil e nem do pop ou da MPB, mas da categoria "canção popular", eufemismo criado pelos organizadores para abrigar artistas que eram chamados de bregas, como a cantora Rosana, o compositor Peninha, o grupo Roupa Nova e o cantor Sidney Magal.

A longa noite das premiações se estendeu por cinqüenta categorias e os respectivos discursos de agradecimento, do regional ao sertanejo, do pop rock ao samba, passando pelo instrumental e o infantil, cada uma delas com seus melhores cantores, cantoras, revelações, discos, músicas, grupos e arranjadores.

João Donato saiu no meio, sonolento, com o ouvido doendo:

"Não conhecia a maioria dos premiados, nunca ouvi aquelas músicas meu-boi-morreu.”

Eram tantos os prêmios que era mais difícil sair sem algum do que subir ao palco e fazer seu discurso de agradecimento. Como Alceu Valença, que recebeu sarcasticamente o de "melhor cantor", mas na divisão "regional":

"Agradeço penhoradamente por ter sido considerado um cantor regional e um compositor universal.”

De terno e sapatos brancos, Bezerra da Silva subiu desconfiado, olhando para os lados. Eleito o "melhor cantor"... de samba, disse que não tinha nada a ver com aquilo e dedicou o prêmio aos poetas da favela.

O "melhor cantor" da MPB foi Emílio Santiago, que também cantou "Se todos fossem iguais a você" em dueto com a falecida Elizeth Cardoso no telão, entre lágrimas e aplausos.

No pop rock, o "melhor cantor" e a "melhor cantora” ficaram em família, com Ed Motta e Sandra de Sá.

Ao Tim Maia do Brasil estava reservado o prêmio de "melhor cantor brega", êpa!, da "canção popular".

Subiu ao palco ovacionado e agradeceu, em rede nacional:

"À minha mãe Maria Imaculada, aos meus sobrinhos, aos padres capuchinhos e aos trombadinhas da Praça da Bandeira. Apesar de ter feito um comercial para a Mitsubishi, a Sharp mora no meu coração. Boa- noite.”

Cinco dias depois, no domingo, lavou a alma no Arpoador, cantando de graça para mais de 20 mil pessoas espalhadas entre a areia e o calçadão, num grande show patrocinado pela Prefeitura, com um palco de 200 metros quadrados e ótimo som.

Como sempre, homenageou vários amigos presentes, mas fez questão de dedicar o show à quarentona alagoana Elma Farias, esposa do poderoso PC Farias, que, em entrevista recente, respondera à pergunta "quem levaria para a cama?" cravando "Tim Maia".

Ser o rei da canção popular até que não era tão ruim assim.

Na véspera do Natal, como fazia todos os anos, Roberto Carlos ligou de algum lugar do mundo para desejar boas-festas a dona Maria e à família Maia.

Mas ouviu apenas que a mãe de Tim morrera havia dois meses, com 89 anos, sem sofrimento, sem se lembrar de nada, consumida pelo Alzheimer.

BRONCAS E BARRACOS, 1992, 138 KG

A noite de 7 de maio, no Canecão, foi uma das piores da vida de Tim Maia.

Bebeu uma garrafa de Black Label pelo gargalo e cantou só duas músicas, "Vale tudo" e "Telefone", reclamando o tempo todo: "Esse técnico de som é uma merda!”

Desceu do palco e foi até a mesa brigar com o técnico, mandando a Vitória Régia tocar. "Descobridor dos sete mares" foi cantada inteira, e repetida várias vezes, só pela banda. O público não entendia nada, só ouvia os gritos de Tim na mesa de som.

Voltou ao palco, cantou só os refrões de "Do Leme ao Pontal" e "Um dia de domingo" e deixou o resto com a Vitória Régia. O público gritava em coro "Canta! Canta!" e alguns começaram a vaiar.

"Vão vaiar a vó de vocês, seus filhos-da-puta! Não preciso de vocês, vão pra puta que pariu!", perambulava trôpego pelo palco.

Em heróica tentativa de salvamento, Sandra de Sá pulou na arena, pediu à banda para tocar "Vale tudo" e começou a cantar. Chamou Tim e ele veio cambaleando até o microfone: "O coroné Antônio Bento, no dia do casamento, ... no dia... no dia...”

E finalmente saiu de cena, sob vaias.

No camarim, chorava e bebia sem parar, implorava uma carreira de pó. Mas quem entrou foi o produtor do Canecão, Jerson Alvim, que foi compreensivo e disse que o contrato não seria cancelado e os shows seguintes estavam de pé. Mas cumpriu o doloroso dever de comunicar que os 40% a que ele tinha direito da bilheteria haviam sido confiscados pelo Juiz da 15a Vara Cível, em benefício do empresário Paulo Roberto da Silva, que o contratara para 11 shows de playback em 1990.

Flashback: com a poupança e os depósitos seqüestrados pelo Plano Collor, estava precisando de dinheiro vivo e aceitara a proposta de fazer shows com playbacks, que odiava e jamais fizera, mesmo nas suas piores pindaíbas. Achava patético e ridículo cantar sozinho no palco com uma fita, então resolveu levar Piau para tocar uma guitarra ao vivo e sobretudo para lhe fazer companhia na longa noite por quatro clubes de subúrbio. Recebeu o dinheiro dos dois primeiros shows, cantou meia hora em Gramacho e seguiram no radiotáxi para Saracuruna, perto de Caxias. No clube, "Quatro-quatro-meia Futebol Clube", segundo Tim, o palco improvisado balançava perigosamente, ele mal ouvia a fita da banda nas caixas de som que roncavam e zumbiam, cantou duas músicas, sussurrou "estratégia" para Piau e sumiu para nunca mais voltar.

Como sempre, ele não havia comparecido a nenhuma das audiências, fora julgado à revelia e condenado a pagar ao empresário lesado uma fortuna, por quebra de contrato. A bilheteria dos quatro shows do Canecão não cobria nem metade do débito. O advogado António Malle deu entrevista ao Jornal do Brasil:

"A penhora vai continuar até que seja pago o valor total da indenização. Cada vez que for se apresentar no Rio de Janeiro, ele vai encontrar um oficial de Justiça pronto para penhorar a bilheteria", advertia.

Para piorar, Tim perdeu a causa trabalhista para os músicos que o processavam e foi condenado a pagar 16 milhões, o que, até em cruzados novos, era uma fortuna. Como não pagou, a Justiça apreendeu e leiloou a sua Brasinca e começaria a arrestar a bilheteria de seus shows. E só não conseguiu penhorar o apartamento da Barra porque Tim jamais registrara a certidão em cartório.

Para mim, a boa notícia era ser o novo diretor artístico da Warner, onde teria liberdade para fazer tudo que sempre sonhei em discos, como me garantiu o presidente da companhia ao fazer o convite. A ruim era que, uma semana depois de assumir, o Plano Collor congelou os depósitos e poupanças, e a Warner recebeu da matriz americana ordem de cortar tudo. A economia era de guerra, e fui obrigado a refletir sobre as inutilidades da liberdade criativa quando o presidente me confirmou que eu poderia fazer tudo que quisesse, só que não

haveria dinheiro para nada.

Sem um tostão para produzir, com o sertanejo dominando o mercado de discos, eu passava os dias conversando e ouvindo música em minha sala, quando ia. Ou então em Sevilha, onde dirigia os shows brasileiros na Expo-92. Meses de pasmaceira depois, o amigo Jairo Pires me procurou com uma proposta irrecusável: Tim Maia queria lançar um disco ao vivo, com a gravação de seu show no Olympia, de São Paulo. O registro era de ótima qualidade, mas ele precisava refazer algumas vozes e instrumentos no estúdio e depois mixar. E queria um levado de 15 mil dólares como adiantamento e royalties de 16%, que lhe renderiam cerca de 200 mil dólares, se o disco vendesse 100 mil cópias.

Implorei ao presidente e ao diretor financeiro e consegui o dinheiro, avisei a Tim e Jairo que o contrato estava fechado e o dinheiro disponível, em dólares, como ele queria.

Passei um mês delicioso, com Tim e Jairo, indo todas as manhãs para o estúdio Impressão Digital, na Barra, e passando os dias vendo um mestre trabalhando, me divertindo e aprendendo. Nenhum problema, a não ser uma padaria perigosamente próxima, que Tim visitava com freqüência, alternando sonhos, doces e laricas variadas com os charos que torrava no estúdio, ao custo de um mínimo de 2 quilos a mais para cada um dos participantes no final dos trabalhos.

Em junho, o disco foi lançado com grande sucesso. Era o primeiro ao vivo de Tim Maia e tinha um ambiente que levava o ouvinte para a pista, para dançar e para namorar com seus grandes hits e rir das suas piadas e brincadeiras. As primeiras críticas foram ótimas, o departamento comercial estava entusiasmado, o disco era tão bom que poderia furar a barreira sertaneja e chegar a 100 mil vendidos, um milagre na época.

Feliz da vida, abri o jornal O Dia e vi uma ótima crítica. Ao lado, uma entrevista de Tim, dizendo que tinha sido roubado pela Warner.

Virei um Tim Maia. Enfurecido, mandei-lhe um fax desaforado, dizendo que eu tinha dado exatamente tudo que ele tinha pedido, sem sequer pedir

descontos ou fazer contrapropostas. Que ele era um idiota por não distinguir as pessoas que gostavam dele e o respeitavam das que o exploravam. Que não ia mais ouvi-lo quando ele telefonasse de madrugada chorando, se dizendo solitário e reclamando que não tinha amigos.

"Se você trata seus amigos assim, não pode se queixar de solidão, você merece", peguei pesado. Estava puto e muito magoado com a injustiça e com a vergonha que havia passado pela leviandade dele.

Depois de tanto tempo, eu deveria conhecê-lo melhor. É claro que, na ética comercial Maia, se alguém pagava o que ele pedia sem discutir, era sinal claro que deveria ter pedido mais, que estava sendo roubado. Uma questão de estilo.

Dois dias depois, outra surpresa, maior ainda, no mesmo jornal: a minha carta inteira, reproduzida em fac-símile, esculhambando Tim Maia. Não precisei pensar muito para saber quem havia enviado aquele fax para o jornal, se eu não a havia mostrado a ninguém.

Só um doidão como Tim Maia poderia entregar para um jornal um documento que o arrasava, contando tudo de errado que ele fez e, com todos os motivos, o acusando de traidor, ingrato, irresponsável, leviano e péssimo amigo. Era o sutil estilo Maia de pedir desculpas.

Pouco depois, a voz inconfundível ao telefone:

"Ô Nelsomotta, nós estamos parecendo duas velhas rabugentas batendo boca na calçada. Eu acho que nós devemos estar na andropausa, que é a menopausa masculina, mermão", e estouramos numa gargalhada.

Em plena ECO-92, com mais de cem chefes de Estado no Rio de Janeiro e o Exército policiando a cidade, o Circo Voador montou uma programação especial, que teria, como uma de suas estrelas, Tim Maia.

"E o que é que Tim Maia tem a ver com ecologia?", uma repórter perguntou.

"Tudo, minha filha. Eu adoro o verde", Tim sacou um baseado do bolso e acendeu, enquanto a imprensa ria:

"Sou membro militante do PVB (Partido Verde du Bão).”

À noite, sob a lona do Circo, o público bronzeado parecia vindo diretamente da praia. Tim cantou durante três horas e comandou um grande bailão funk-ecológico, dizendo que era uma resposta aos que o criticaram pelas faltas no Canecão.

Atualidades judiciárias: ganhou em primeira instância o processo contra a BMG e a Som Livre por "Paixão antiga" na trilha de Tieta, mas a gravadora recorreu. E pior: Tim não cantava na TV Globo havia três anos e atribuía a perseguição à briga contra o Som Livre. E ameaçava processar a emissora por isso:

"Isso é desumano. Nem no fundo musical do "Xou da Xuxa" eu posso cantar. Assim as crianças crescem sem saber quem é o Tim Maia.”

A vice-presidência de operações da Rede Globo desmentiu:

"Não existe nenhuma proibição de Tim Maia se apresentar na TV Globo. Apenas os produtores nunca têm certeza se ele comparecerá.”

Na sua primeira temporada no Imperator — um imenso cinema do Méier transformado na melhor casa de espetáculos da cidade por Luiz Oscar Niemeyer —, fez shows superlotados na sexta e no sábado e foi visitado pelos "corvo" e bicado em 11 mil dólares para o empresário dos playbacks. No domingo, não apareceu, "para não dar dinheiro a vagabundo".

O juiz da 15a Vara Cível determinou ao Ecad que retivesse todos os direitos autorais de músicas de Tim para pagamento de dívidas judiciais. Sua Fiat Uno foi penhorada — era seu último carro.

A Ordem dos Advogados não gostou de ouvir que Tim contratava dois advogados para um tomar conta do outro e o intimou a se retratar.

Enquanto dava uma entrevista, foi visitado por um oficial de Justiça da 8a Vara de Falências e Concordatas. A Microservice cobrava judicialmente pela prensagem dos discos Clássicos da bossa nova, nunca paga.

Anunciou que estava processando o jornal O Dia, que havia publicado uma matéria sobre a noite dos horrores no Canecão, na qual o repórter dizia que

"depois do show Tim ligou o aspirador de pó no camarim", e ele exigia uma retratação. E um levado.

Felizmente fui poupado:

"Eu ia processar o Nelson Motta porque me chamou de idiota naquela carta, mas já estou gastando muito dinheiro com advogados, é processo em cima de processo.”

Ufa!

Por muito menos, o crítico António Carlos Miguel, do Globo, grande fã de Tim, foi ameaçado de morte. Em sua matéria "Fórmulas da MPBrega", uma panorâmica do momento musical, Miguel fazia uma crítica elogiosa do disco ao vivo, dizendo que Tim dava qualidade e consistência até a um repertório brega.

"Eu sou um cantor brasileiro. Recebi você na minha casa e fui traído. Você conhece o Comando Vermelho?", berrava ao telefone. "Tome cuidado com seus filhos, você vai acabar com um tiro na boca, seu filho-da-puta!”

Separado de Elizete, Tim trazia sua vida privada a público, em várias entrevistas:

"Sartei fora do casamento depois que descobri que ela estava tendo um trelelê com um sobrinho meu. Não, não foi o Ed Motta não, foi outro sobrinho. E não foi só ele não. Só eu que não sabia. Foi uma tremenda porrada, ainda sofro com isso.”

Para esquecer, dizia que estava comendo de duas a três garotas de programa depois dos shows:

"Graças a Deus estou solteiro. Ainda mais agora, que a faixa etária diminuiu e só tem cocotinha. É que show excita muito.

Você canta duas horas para aquelas cocotinhas, tudo exalando aquele cheirinho, aí não tem jeito, tem que descarregar. É só telefonar: por favor, eu queria uma pizza e duas putas.”

Em entrevista a Ruy Castro, na Playboy, se declarou um grande punheteiro:

"Meu hobby é a masturbação. Até hoje toco minhas punhetinhas, às vezes

com uma mulher do lado. Masturbação é um troço da mente, tomo um gorozinho legal, entro no banho, vem a inspiração e eu descasco uma bananinha.”

"O bom é quando você senta em cima da mão esquerda, para ela ficar dormente e você pensar que é outra pessoa que está tocando.”

"O problema é que outro dia me ligou uma mulher chamada Rosemary, que estava sumida havia quase um ano, e me disse: 'Tim, nasceu, é menina.' Eu não entendia como, se eu nem tinha transado com ela.”

"Lembra aquela noite que você pediu para eu fazer uns carinhos com a mão em você?", esclareceu a garota. "Eu peguei o esperma e botei lá.”

"Sou um artista do amor. O que eu sou é um pouco afoito por causa da fimose. O peru fica muito sensível, entrou, bateu, gozou. Você perde a mulher logo, ela sai correndo pra um batizado de judeu, que está assim de homem sem fimose.”

"Tenho certeza de que todas as minhas mulheres têm saudades da minha companhia, do papo, do violãozinho, de ver a novela juntos, mas do meu peru, não.”

"Meu recorde de birita é cinco garrafas de uísque em três dias, sozinho.”

"Tudo que sei sobre tóxicos aprendi nos livros.”

Nelson Mandela chegou ao Brasil no dia 10 de agosto, foi recebido como um herói da negritude e seria homenageado com um grande show na Praça da Apoteose, com a presença dos maiores artistas negros do Brasil e, especialmente, Tim Maia.

Nos ensaios, no Recreio Music Center, Tim estava excitadíssimo:

"O homem já chegou. Sabe quantos na comitiva do homem? Cem! Dois andares do hotel só pro pessoal dele. São cem dungurus", disse aos músicos.

A rapaziada não sacou, ele explicou:

"Os dungurus são assessores africanos para assuntos gerais: quando o homem pensa em fazer um xixi, já tem um pra abrir o fecho ecler dele.

Só no homem pensar já tem um pra tirar o peru dele, já vem outro e

sacode ('Acabou, chefe?'). Eu acho até que os dungurus já sabem quando ele vai trepar.”

O show atrasou muito. Tim demorou um tempão no camarim, nervoso com a responsabilidade, "retocando a maquiagem". E o grande líder, que já tinha ouvido Sandra de Sá, o Cidade Negra, Luiz Melodia e outras pérolas negras, teve que esperar um pouquinho mais para ver Tim Maia fechando a noite, num encerramento apoteótico.

No Natal, em Nova York, para onde havia me mudado em setembro, de saco cheio da Warner e do Brasil, fiquei sabendo que o Tim Maia ao vivo tinha atingido a marca de 100 mil discos vendidos — uma façanha rara entre os não sertanejos na Era Collor e mais ainda entre os artistas da Warner. A profecia do doidão se cumprira, justamente como ele havia dito na sua entrevista-bomba sobre o disco:

"Eu vou tirar essa gravadora do buraco; eles estão comendo urubu e arrotando faisão.”

Washington Olivetto iniciara em 1989, na sua agência W Brasil, uma série de campanhas que fizeram história — e muitos hits — na música brasileira. Comerciais de três minutos dos chinelos Rider em que a estrela era a trilha sonora: um grande artista de sucesso do momento com uma nova versão de um clássico popular.

Os primeiros foram os Paralamas do Sucesso em uma sensacional releitura do "País tropical", de Jorge Benjor, e, na seqüência, Marina Lima em uma nova versão de "Nem luxo, nem lixo", de Rita Lee. Depois do lançamento maciço, os filmes foram apresentados em versões de um minuto e de trinta segundos e, pela qualidade e pela novidade, estouraram no rádio e nas lojas de discos. E se transformaram no objeto de desejo — um big hit certeiro — de artistas e gravadoras.

Na virada dos anos 90 a coisa estava feia no Brasil, as multidões de sem-sapato estavam mais pobres ainda e migravam das popularíssimas sandálias Havaianas para os mais baratos, confortáveis e horrendos chinelos de plástico

Rider. As campanhas de Washington contribuíram muito para a popularização dos chinelos, que se tornaram uma das marcas do país devastado dos anos Sarney e Collor. E também produziram muitos sucessos musicais.

Pelo conforto e por serem praticamente indestrutíveis, Tim era um fiel e feliz usuário dos horrendos chinelões, que arrastava por onde ia, tamanho 42 largo.

Washington nem sabia dessa preferência quando o convidou para recriar o grande sucesso de Lulu Santos de 1982, "Como uma onda", para a campanha da Rider do verão de 1993.

Em Nova York, recebi o telefonema de Lulu aos gritos: Tim ia gravar a nossa parceria! "Como uma onda" ia tocar centenas, milhares de vezes na TV e no rádio, seria um sucesso inevitável. Era o sonho de qualquer compositor, a música era a cara dele, já podíamos ouvi-lo soltando a voz:

"Nada do que foi será, de novo do jeito que já foi um dia, tudo passa, tudo sempre passará, a vida vem em ondas como o mar, num indo e vindo infinito...”

Tim acertou o levado com Washington e cinco dias depois telefonava, às oito da manhã, eufórico:

"Bom dia, Washingtonolivetto, já fiz o arranjo e gravei a base, está lindo, mermão, agora vou colocar a voz no capricho." E desligou.

“Cinco dias antes do prazo combinado, apresentou uma fita com a música em três versões diferentes, já editadas para três minutos, um minuto e 30 segundos”, porque não queria que ninguém metesse a mão e cortasse errado. Ele tinha razão, tudo estava lindo. O arranjo, a voz, o romantismo vigoroso, parecia que a música tinha sido feita para ele. Chorei copiosamente quando ouvi a fita mandada por Washington, de pura alegria.

A campanha foi lançada com estrondoso sucesso. A música se tornou um dos maiores hits do ano e, no verão seguinte, retribuindo a gentileza, Lulu gravou uma nova versão — e fez um novo sucesso — do "Descobridor dos sete mares".

Grande fã de Tim, Lulu tinha se inspirado nele para fazer uma das

melhores músicas de seu disco Honolulu, de 1990.

Estava batendo papo com Tim no lobby de um hotel em São Paulo quando uma garota deliciosa, com pinta de profissional, passou rebolando e provocando suspiros em Tim, que rosnou:

"Ah, essa aí eu dava casa, comida e roupa lavada. E mais cenzinho por mês, pra ela parar de se virar.”

Lulu riu muito e logo em seguida criou "Pra você parar", um batidão funk com um rap, que incendiava as pistas, com a galera cantando com ele: "Casa, comida e roupa lavada, eu disse, casa, comida e roupa lavada.”

E o vocal respondia, à la Motown: "e cenzinho pra parar de se virar, cenzinho pra você parar, cenzinho pra parar de se virar, cenzinho!”

Tim também ficou muito contente com a ótima regravação que Paula Toller e o Kid Abelha haviam feito, em 1991, de "Não vou ficar", com grande sucesso popular.

E ficou mais feliz ainda, em 1992, quando Marisa Monte lançou uma sensacional gravação de "Não quero dinheiro" e a transformou em um dos grandes sucessos do ano. Na verdade, nem era uma faixa de disco, e sim um trecho do DVD ao vivo de Marisa, que virou um espetacular sucesso de rádio. Tim gostava muito de Marisa, frequentemente a convidava para visitas ao Barra Palace e ao Recreio: "Ô Marisamonte, todo mundo quer te comer, mas eu não, pode vir tranqüila.”

Numa dessas visitas, mesmo sabendo que Tim detestava qualquer coisa ligada ao Racional Superior, Marisa não teve medo de contar que estava cantando "Que beleza" no seu show e que o público estava adorando. E cantou para ele. Tim não ficou bravo nem pediu que ela parasse de cantar, só resmungou: "Deixa isso pra lá, Marisamonte", e mudou de assunto.

No meio de tantas brigas, barracos e baixarias, Tim Maia voltava a ser lembrado como um grande compositor.

"Devo muito à rapaziadinha que vem regravando as músicas. Gostei muito do clima reggae que os Paralamas deram a 'Você' e a Marisa cantou muito bem

'Chocolate' e 'Não quero dinheiro'; isto deu força para as versões originais tocarem nas rádios.”

E foi correndo para o estúdio gravar "Não quero dinheiro" com a Vitória Régia, numa versão do autor, com batida eletrônica e novo arranjo, bem mais curta e mais lenta que a de 1972, para ser incluída em seu CD Romântico, da Som Livre. Mas, depois do estouro de Marisa, as rádios passaram a tocar maciçamente o "Não quero dinheiro" original de Tim, mais longo e mais acelerado, e o sucesso dobrou.

E melhor, ou pior: a Polygram relançou-a em um maxi-single de quatro faixas com espetaculares vendagens. Mas Tim subiu nas tamancas:

"Eu quero dinheiro, sim! A Polygram não tem nenhum direito de lançar a minha música e me pagar 0,4% de royalties.”

A gravadora informou em nota que os royalties de Tim eram de 8%.

Com o peso variando entre 140 quilos, quando dormia, e 136, quando não, começou a se preocupar com a saúde e passou a fazer, de tênis e jogging, caminhadas matinais pela Avenida Sernambetiba:

"Via da minha varanda todo aquele povo fazendo Cooper e eu vomitando a ressaca da véspera. Aí saquei que tinha alguma coisa errada. Quem não se preocupa com a forma chora sozinho no travesseiro à noite e eu não estou a fim. Quero ser jovem, feliz, com menos barriga. Não quero ser nenhum Schwarzenegger, só menos barrigudo, menos peitudo e sem pneu na jogada, porque eu não sou Pirelli nem Goodyear, meu nome é Tim Maia.”

Aos 50 anos, Tim se orgulhava de nunca ter ido a um médico na sua vida adulta.

CÃES E GATAS, 1993, 139 KG

O ano começou pessimamente para Tim, que foi atingido em um de seus pontos mais sensíveis. Um militar reformado, seu vizinho do Recreio, deu dois tiros em seu rottweiler Bradley, que teria atacado a sua empregada Maria Juventina. Tim chorou como criança ao ver o cão baleado sangrando, levou-o correndo para o hospital veterinário e entrou com queixa-crime contra o militar por invasão de domicílio e tentativa de homicídio. O cachorro foi operado e sobreviveu.

No final do verão, Tim subiu de novo ao palco do Canecão para temporada de duas semanas, de quinta a domingo, graças ao filho Carmelo.

Cansado de ouvir o pai dizer o quanto gostaria de voltar a fazer show no Canecão, mesmo sabendo os fartos motivos da casa, Carmelo fez uma visita e muita cortesia aos irmãos Zeca e Maria Lúcia Priolli e conseguiu mais uma chance para Tim Maia no templo da MPB.

Por incrível que pareça, Tim era muito rigoroso com o filho, principalmente em relação a álcool e drogas. Não deixava que o filho de 18 anos tomasse cerveja nem uísque e, se pedisse um baurete, levaria porrada.

"Vai estudar, moleque, não entra nessa de vida artística porque isso é tudo podre.”

Tim morria de medo que o filho se envolvesse com drogas. Mas não tinha com o que se preocupar. Criado por Anna Maria, Carmelo sempre foi careta e bom aluno, gostava de teatro e desde adolescente participava de grupos amadores. Quando o filme Orfeu, de Carlos Diegues, abriu inscrições para testes com jovens atores, alguns de sua escola de teatro foram convidados e Carmelo ficou entre os aprovados na primeira seleção.

"Não vai fazer porra de filme nenhum, isso é coisa de puta e de vagabundo, vai estudar, mermão!", Tim encerrou assim a carreira

cinematográfica do filho.

Carmelo tinha um professor de português no colégio, muito querido dos alunos, que adorava Tim Maia e vivia fazendo discursos de exaltação à sua obra, o considerava um "anti-herói da literatura que só teria sua genialidade reconhecida depois de morto".

O professor Guimarães ficou eufórico quando seu aluno lhe disse que ia levá-lo a um show do pai, domingo, no Canecão. Sentaram na primeira fila, e o mestre vibrou com o show espetacular, que do meio para o fim foi acompanhado de pé pelo público que superlotava a casa. Mais fã do que nunca, sentiu grande emoção no camarim, quando Tim o recebeu, alegre e sorridente: "Grande Guimarães! Mas tu parece o Sidney Poitier, meu irmão, tu é um negro bonito, bróder. Senta aí, quer uma dose de uísque?”

"Muito prazer, seu Tim Maia", balbuciou, aceitando o uísque.

A festa no camarim rolou animada até três da manhã, quando Carmelo e seu primo Luiz Fernando, que tinham a missão de levar Tim para casa, acharam que estava na hora de começar a "enxugar" o salão. Com o máximo de discrição falaram com cada um, dizendo que Tim tinha show no dia seguinte fora do Rio e precisava descansar. Todo cuidado era pouco para que ele não notasse o movimento; a menor desconfiança era a garantia de um esporro violento. O camarim foi esvaziando e só ficaram os primos e o professor — estava na hora de ir para casa.

O único carro que restava no estacionamento do Canecão era a pequena Fiat Uno branca de Tim, onde os quatro se apertariam. A Fiat praticamente se encaixava a ele. Carmelo se arrependeu de ter pedido ao pai que desse as chaves do carro para o primo.

"Não fode, Telmo! Tá pensando o quê, mermão? Eu vou dirigir essa porra e quem não quiser que vá a pé ou de buzum", e entrou no carro, que com ele dentro parecia de brinquedo.

Por um peculiar instinto de sobrevivência, combinado ao pavor da velocidade, quando dirigia doidão Tim parecia mais cauteloso do que nunca,

andava devagar e parava nos sinais vermelhos. Porém, em vez de tomar o rumo do túnel Lagoa-Barra, desviou para a Lagoa e subiu a Sacopã até a Rua Vitória Régia.

"Mas... pai... por quê?”

"Não fode, fica na sua, Telmo", Tim rosnou, parando o carro em frente à Seroma. Entrou e assobiou, os cachorros latiram forte. Chamou várias vezes, "Comanche! Comanche! Junto! Junto!”

Voltou para o carro com um imenso doberman preto, abriu a porta de trás, mandou o cachorrão entrar gritando "Comanche! Sit! Sit!" e o bicho se instalou no colo de Carmelo e de seu professor aterrorizado, espremidos no banco traseiro porque, para caber no do motorista, Tim o puxava bem para trás.

De língua de fora, excitadíssimo, o doberman resfolegava e babava no pescoço do professor Guimarães.

"Pode ficar relax que ele é adestrado", Tim entrou no carro e partiu para a Barra.

Subiram com o cachorro para o 12° andar. Tim foi direto para o banheiro:

"Bota um som aí, Telmo", gritou para Carmelo, que escolheu um Jon Secada bem romântico, que o pai adorava, esperando que a música suave pudesse acalmar a fera. Tim gostou muito, até demais: "Aumenta o som, porra!", gritou.

Passava das quatro horas da madrugada, depois de duas reclamações da portaria pelo interfone, a campainha tocou.

Tim mesmo abriu a porta e deu de cara com um mensageiro magrelo e assustado:

"Já sei, tu quer que eu abaixe o som, que tá incomodando... não fode, mermão! Aplica uma dose aí pro cara! Aplica uma dose nele!", puxou o mensageiro apavorado para dentro e deixou a porta aberta.

Carmelo preparou um uísque, mas o pobre homem não bebia e agradeceu com um fio de voz. "Mente que é melhor", Carmelo cochichou, e o mensageiro tomou um gole tímido.

Tão tímido e tão apavorado, naquele uniforme ridículo do condomínio, que Tim se compadeceu dele. Enfiou a mão no bolso e lhe deu tudo que tinha — um bolo de notas que era bem mais que o seu salário mensal no condomínio. Carmelo fazia-lhe sinais frenéticos para que aceitasse, e o homenzinho aceitou, mas, assim que Tim se distraiu, pobre, porém decente, deixou o dinheiro em uma mesinha.

"O mermão, se eu tô te dando esse dinheiro, é pra você. Não fode!", gritou Tim, enfiando o dinheiro no bolso do mensageiro. "Senta aí."

Foi até o quarto e voltou de camisa pólo e cuecas, com a lata de Nescau em que guardava o seu skunk de primeira linha. Escolheu um camarão e mandou que Luiz Fernando cortasse com uma tesourinha e debulhasse, ele mesmo enrolando o baurete. Na varanda, o professor Guimarães olhava embevecido o mar da Barra da Tijuca, Jon Secada continuava cantando aos berros, o som descia pela porta aberta, o telefone e o interfone tocavam ao mesmo tempo. Tim perdeu a paciência e espatifou o telefone no chão, diante dos olhos arregalados do mensageiro. E foi para o banheiro.

Carmelo temia pelo pior, sentia que era hora de esvaziar o recinto. Enquanto houvesse público, o show continuaria. Mas Tim gostava de surpreender. Voltou do banheiro parecendo bem mais calmo, talvez de cansaço, afundou na poltrona, enrolou o baseado e acendeu:

"Agora eu vou torrar unzinho e relaxar", mandou abaixar o som, chamou Comanche para se deitar a seus pés.

O professor e o mensageiro não fumavam, mas olhavam — um embevecido e o outro aterrorizado — Tim Maia em ação. O mestre estava se sentindo um privilegiado por privar da intimidade — e até da intimidação — do seu ídolo, achava graça em tudo, com um sorriso grudado no rosto. Quando parecia que tudo ia se acalmar e a noite terminar bem, Tim, mais uma vez, surpreendeu:

"Tá rindo de quê, mermão?"

O professor não entendeu direito:

"É comigo, seu Tim Maia?”

"É com você mesmo, mermão. Tu tá rindo muito. Quer ver uma coisa? Ao terceiro sinal eu mando o cachorro te pegar, mando ele acabar contigo em fração de segundos. Tu quer ver?", ameaçou.

E gritou "Pega, Comanche, pega!”

O mensageiro disparou pelo corredor, seguido pelo professor, o sobrinho e Carmelo, enquanto Tim gargalhava e gritava "Pega, Comanche, pega!" e o cachorrão disparava atrás de suas presas.

Por sorte, o elevador continuava parado no andar e milagrosamente todos conseguiram entrar antes que a fera se arremetesse latindo contra a porta. A última imagem que viram foi a cara de Tim gargalhando e gritando na janelinha:

"Filhos-da-puuuuuuuuuta!”

Na mesma temporada no Canecão, uma noite Tim recebeu a visita de sua amiga Marisa Monte, acompanhada dos titãs Sérgio Brito e Branco Mello.

Tão enlouquecido quanto Tim Maia, ou quase, Branco tinha tomado todas e estava, em suas palavras, "totalmente rock-and-roll".

Perto do final do show, Branco foi ao banheiro e, na volta, no estado em que estava, não conseguia achar a mesa e ficou zanzando em frente ao palco.

Tim o viu e começou a falar:

"Ih, o Branco Mello tá muito doidão. Fala, Brancão, tu tá muito louco mas fica na tua.”

Branco estava adorando a atenção de Tim, completamente envolvido pelo som da banda, e subiu no palco, de braços abertos. Tim gritou:

"Segurança! Segurança! O Branco tá muito doido, tira ele daqui.”

Quando os dois seguranças entraram, Branco fez uma cena, amoleceu e fingiu que perdia os sentidos que já não tinha. E foi carregado para fora do palco e, em seguida, do Canecão.

Marisa e Brito estavam preocupadíssimos, acharam que Branco estava no camarim com Tim, mas lá ninguém sabia dele.

Branco esmurrava e chutava a porta dos fundos do Canecão e gritava, no

melhor estilo de seu ídolo Tim Maia:

"Abre essa porra! Eu já toquei muito nessa merda! Abre aí, Mário Priolli!”

Quando a polícia chegou e se preparava para colocar o elemento na viatura, Branco foi salvo pela chegada providencial de Marisa e Brito, que parlamentaram com o tenente e o levaram para casa.

Atualidades judiciárias: depois de perder o processo por danos morais movido pelo empresário de playbacks, que lhe custara a penhora da bilheteria de vários shows, Tim também foi condenado em nova ação, na 29a Vara Cível, a indenizar o empresário pelas perdas da produção, aluguel de equipamentos, multas pagas aos clubes e gastos em publicidade.

Atualização monetária: em 1990, Tim havia recebido 40 mil cruzeiros para fazer quatro shows, e três anos depois, no mundo delirante da inflação brasileira, era condenado a pagar uma indenização de 3,5 bilhões de cruzeiros ao empresário, sob pena de novas penhoras. Calma, uma simples entrada para um show no Circo estava custando 300 mil cruzeiros.

No sábado, 19 de junho de 1993, Tim conseguiu reunir o maior público da história do Circo Voador, com uma bilheteria recorde de 1,5 bilhão de cruzeiros. Estava devendo mais de dois circos lotados ao empresário.

Na onda do espetacular hit nacional "W Brasil", Jorge Benjor voltava com tudo ao sucesso, mais uma vez, e trazia junto seu velho amigo da Tijuca, como o síndico do Brasil. Nada mais natural que o Circo programasse Jorge na sexta e Tim no sábado, com uma participação especial de um no show do outro.

Em homenagem ao amigo e aproveitando o embalo do sucesso, Tim mudou a abertura do seu show: em vez do clássico "Vale tudo", a Vitória Régia atacava "W Brasil", e quando eles cantavam "eu vou chamar o síndico — Tim Maia!", ele entrava, jogando beijos e abrindo a noite:

"Tim Maia, o cantor que mais comparece a seus próprios shows no Brasil!”

O público delirava.

Com um novo disco — Romântico — sendo lançado pela Som Livre e

"Essa tal felicidade" na trilha da novela Renascer, finalmente Tim havia firmado um armistício com as Organizações Globo. Assinou um acordo com a gravadora, recebeu um levado e suspendeu o processo. Para selar a paz, foi acertada uma apresentação no "Domingão do Faustão" para lançar nacionalmente o disco. Justamente no dia seguinte à apoteótica apresentação no Circo Voador, onde cantou da uma às três e meia da madrugada e depois abriu o camarim para comemorações até o sol raiar, seguindo para a Barra com grande séquito.

Às quatro da tarde Jairo Pires e a Vitória Régia já estavam no Teatro Fênix e nada de Tim Maia. A apresentação seria ao vivo, com todo mundo tocando de verdade, "quem sabe faz ao vivo", dizia o Faustão, que detestava playback.

Desde o início do programa, Fausto Silva começou a chamar, ao vivo, em rede nacional:

"Ô Tim, acorda que ainda dá."

Apelou várias vezes, durante todo o programa, mas a televisão de Tim estava desligada e ele roncava na Barra da Tijuca.

"Acordaram o Tim Maia? Ô Tim, acorda aí, meu! Ô loco, dá tempo ainda, Tim. Seis e dez", Faustão insistiu até o final.

E encerrou o programa:

"Quem é vivo sempre aparece, com exceção do Tim Maia."

Na segunda-feira, a vice-presidência de operações da Rede Globo enviou um memorando a todas as centrais vetando a participação de Tim Maia em programas da emissora.

No início de julho, depois de um show em Curitiba, Tim e a Vitória Régia embarcaram às nove da manhã com destino ao Rio e escala em São Paulo.

Mal o avião decolou, quando a aeromoça passou com o carrinho, pediu um uísque. Ela fechou a cara:

"Não servimos bebidas alcoólicas neste horário."

"Ah, você não tem uísque não? Então eu vou fazer o seguinte: eu tenho o meu próprio goró", e sacou uma garrafinha metálica do bolso.

"Agora eu só quero um copo e um gelinho. Um gelinho pode, né?"

A aeromoça foi até o fundo do avião e, quando passou de volta, Tim pediu de novo.

"Nós não servimos bebida alcoólica neste...”

"Ô minha filha, eu só pedi um gelinho. Olha, eu estava paciente, estava numa boa, mas agora não estou mais. Vou falar uma coisa pra você: você é mesmo aeromoça?", Tim aumentou o volume.

"Claro que sim", ela respondeu irritada — a platéia das poltronas em volta começou a prestar atenção.

"É porque tu é muito antipática e, principalmente, tu é muito feia pra ser aeromoça. Não devia ser aeromoça não, tu é feia, tu é uma mocréia!”

A moça saiu furiosa, alguns passageiros não conseguiam conter o riso, outros estavam indignados, tensão nos ares. Voltou com a chefe das comissárias:

"O senhor está ofendendo a minha equipe?”

"Eu só pedi um gelinho, mas eu tenho o meu próprio goró", mostrou a garrafinha, "pedi gelo e ela não me trouxe, tá me tratando mal pra caramba".

"Eu sou a chefe das comissárias e...”

"Mas você é aeromoça?", cortou.

"Sou sim, há muitos anos.”

"Ah, então você é uma aerovelha!”

A veterana comissária saiu indignada e Tim teve que beber sem gelo mesmo. Assim que o avião aterrissou em São Paulo, o comandante anunciou pelos alto-falantes, com muita delicadeza, entre vaias e palmas: "Por favor, solicitamos que Tim Maia e todos os seus acompanhantes se retirem da aeronave.”

Enquanto os passageiros desembarcavam, dois policiais federais subiam a bordo e acompanhavam o comandante e as aeromoças até a poltrona de Tim. Quando mostraram as carteiras, foram recebidos com sorrisos e discos, que pegou de uma grande bolsa:

"Alô, rapaziada, aqui não tem problema nenhum, toma um cedezinho pra você, um também pra você e outro pra você. Eu saio do avião, mas vocês

continuam sendo uma aerovelha e uma mocréia, e esse rapaz", apontou com o beiço para o comandante, "hummm... não sei não".

E saiu arrastando os pés.

Em julho de 1993, Adriana Silva, uma moreninha de 20 anos e grande fã de Tim Maia, foi com três amigas ao Scala ver o show de seu ídolo.

Apesar de completamente bêbado, nervoso com o calor e pedindo para Recarey deixar de ser pão-duro e aumentar o ar-condicionado, Tim fez um grande espetáculo e conseguiu empolgar o público que superlotava o Scala.

Depois do show, Adriana tentou ir até o camarim, mas foi barrada e voltou para a mesa das amigas. Uma parte do público já havia saído, mas muitos ainda ficavam para aproveitar o fim de noite dançando com o som de um DJ. Não era o caso das amigas, que tinham que acordar cedo e começaram a preparar a retirada, mas não podiam deixar de dançar uma última música, como despedida de uma noite inesquecível.

Adriana rodopiava pela pista quando sentiu alguém cutucando suas costas e ouviu a voz inconfundível:

"O morena, cê quer sentar comigo ali? Eu não danço, mas você é a mais bonita e a mais animada.”

A garota ficou encantada, quase não acreditava no que via e ouvia, e se sentou ao lado de Tim.

"Bebe um uísque comigo.”

"Obrigada, eu prefiro uma cerveja.”

"Não, é pra beber uísque. É o Tim Maia do Brasil que está te chamando pra beber um uísque com ele! Tem muita gente querendo beber um uísque comigo. Bebe aí.”

Não houve como não aceitar. Tim pediu salgadinhos, de várias espécies, mas assim que chegaram, virou- se para sua secretária Eliane e mudou os planos:

"Vamos embora. Vamos comer uma pizza em outro lugar.”

"Mas eu não vou poder, já está muito tarde e tenho que trabalhar cedo amanhã" — Adriana trabalhava em uma firma de informática no Centro e tinha

um chefe muito exigente.

Enquanto Tim se levantava, Eliane advertia Adriana baixinho:

"É melhor ir, ele gostou de você e vai ficar furioso se você não for. É só comer uma pizza.”

Tim ignorou os motivos e saiu arrastando Adriana pela mão — ela nem teve tempo de pegar a bolsa, esquecida na mesa com as amigas que olhavam sem entender nada, ou entendendo bem demais.

Quando chegaram à Pizzaria Guanabara, novas diretrizes ao motorista:

"Nós não vamos descer. Eliane Martins, pede umas pizzas pra gente comer em casa.”

Antes de chegar ao Barra Palace, fez uma parada em uma loja de conveniência, comprou um litro de uísque Dimple, patê de fígado e um rosbife, as pizzas seriam só o aperitivo, tudo seria só um aperitivo.

Quando o motorista estacionou, Tim já estava roncando no banco de trás. Acordou e levantou com dificuldade, subindo amparado por Eliane e Adriana. Implorou que ela se deitasse com ele, de roupa e tudo, não queria fazer nada, só dormir abraçadinho. E assim foi, era o máximo que as condições técnicas dele permitiam.

Onze horas da manhã, Adriana acordou e pensou que era um rádio, um disco ou um sonho:

"Quando o inverno chegar, eu quero estar junto a ti...”

Mas era ele mesmo, ao vivo:

"Que bom que você amanheceu comigo, eu detesto dormir sozinho. Logo mais vamos almoçar e depois vamos para o show.”

"Mas, Tim, eu nem tenho roupa para trocar...”

"Eliane Martins, providencia roupas para a senhorita Adriana", ordenou à secretária, que dormira no quarto de hóspedes.

Adriana inventou uma desculpa por ter faltado ao trabalho e foi almoçar com Tim, depois ligou para as amigas pedindo que levassem sua bolsa para o Scala à noite. E disse a Tim que depois do show tinha que ir para casa e

trabalhar, senão seria despedida.

"Não, quando nós saírmos do show, você vai em casa, pega suas coisas, eu vou ficar embaixo te esperando e você volta comigo pra casa", Tim falava sério.

Passou em casa, no Leblon, trocou de roupa e foi para o show com Tim. E depois para o Barra Palace.

Tim bebeu, para seus padrões, moderadamente, fez um ótimo show e estava muito alegre e cavalheiresco. Dispensou Eliane e disse que Adriana iria ficar com ele.

"Mas ela tem que trabalhar cedo, Tim", a secretária tentou ajudar.

"Então você chega cedo para levar ela ao trabalho", Tim cortou, "vamos, Adriana".

A primeira noite de amor foi inesquecível, pelo menos para Adriana, que desde adolescente era fã de Tim e estava vivendo um sonho. E confessou que brincava com as colegas de trabalho dizendo que um dia ia ficar rica e contratar o Tim Maia para cantar para ela e todo mundo ria. Tim riu e cantou.

No dia seguinte, Eliane chegou cedo e pediu um táxi para Adriana.

"E anota o nome do taxista, o endereço e o telefone do trabalho", Tim recomendou, perguntando a Adriana a que horas ela saía:

"De hoje em diante você vai ficar aqui, vai ser minha secretária."

Adriana estava um pouco assustada com o ritmo dos acontecimentos:

"Depois do trabalho a gente conversa. Eu acabei de te conhecer, gosto de você, mas não sei se é isso mesmo que eu quero, está tudo muito rápido..."

"Não, comadrinha, depois a gente resolve isso. Mas depois do trabalho você vai voltar pra cá."

Assim que chegou ao escritório, nove da manhã, o telefone tocou: Tim queria saber se ela havia chegado bem e confirmar o telefone, para ver se ela não tinha dado um número errado. Disse que ia dormir e que já havia combinado com o motorista para buscá-la no mesmo endereço.

Depois do almoço, voltou a ligar, de hora em hora, até as 18 horas, quando avisou que o táxi já estava esperando, e Adriana desceu.

No trabalho ninguém acreditou, mas uma amiga, que estava com ela no Scala, confirmou, e as colegas desceram para ver o táxi do Tim Maia.

Assim que entrou no Barra Palace, Adriana ouviu:

"E aí? Cadê?”

"O quê?”

"A mala, porque você vem morar aqui.”

"Tim, eu posso ficar hoje aqui com você, mas amanhã...”

"Você não vai mais pra lugar nenhum", cortou, "vai morar aqui comigo".

"Mas, Tim, eu tenho meu trabalho...”

"Você vai largar esse trabalho. Quinta-feira eu vou pra Brasília e você vem comigo.”

"Eu acabei de te conhecer, não posso largar meu trabalho e a minha casa assim. Vamos ver isso direitinho, toma seu banhozinho, vamos jantar, depois a gente conversa.”

Adriana continuou indo e voltando de táxi para o trabalho, na rota Barra-Centro-Barra, que consumiria todo o seu salário, ou mais. Mas Tim a tranqüilizou: "Agora você é minha secretária-assistente-consultora geral para assuntos artísticos e comerciais de cama, mesa e banho e vai receber o seu levadinho.”

Tim foi para Brasília e Adriana, quando chegou ao escritório, foi imediatamente chamada à sala de seu chefe. Um louco, completamente bêbado, se dizendo o Tim Maia, tinha telefonado falando que ela não ia mais trabalhar lá e xingando-o até a quinta geração.

"Isso pode ser verdade?", perguntou o chefe.

Adriana pediu desculpas.

"Você nem queira saber o que ele me disse, mas eu quero saber se você vai querer continuar trabalhando aqui, porque ele disse que você não vai. E se é para ele ligar e ficar me xingando, eu acho melhor você realmente não trabalhar mais aqui.”

O chefe disse que Tim havia deixado um número de Brasília, mas pediu

que ela não ligasse do escritório. Não foi preciso. Assim que entrou em sua sala o telefone estava tocando:

"Eu preciso te falar, te encontrar de qualquer jeito, pra sentar e conversar...”

Era ele cantando "Um dia de domingo". Aproveitou e avisou que já havia comunicado ao chefe dela que a funcionária estava demissionária:

"Já acertou tuas contas?", disse rindo. Comigo você vai ganhar mais do que nessa porcaria aí com esse chefe filho-da-puta".

Na volta de Brasília, Tim avisou que iriam para Atibaia, no litoral paulista, de carro, para um show no sábado e outro no domingo.

No hotel, depois do show, fumou, cheirou e bebeu furiosamente e começou a dar telefonemas misteriosos. Adriana não fumava maconha e nem cheirava, só gostava de um gorozinho, mas, enquanto ela bebia um, ele bebia cinco.

A campainha tocou e ela levou um susto ao ver duas garotas de programa sorridentes e Tim as apresentando: "Estas são minhas namoradinhas.”

Adriana ficou indignada, discutiu com Tim e saiu batendo a porta. Na recepção, conseguiu um outro quarto, mas pouco depois ouvia gritos e alguém esmurrando a porta. Tim havia dispensado as garotas, levou Adriana de volta para o quarto e apagou.

No meio de setembro, com menos da metade das mesas do Canecão ocupadas, Tim começou o show se dizendo "dobrado e cheiradaço" e avisando que "a coisa está boa, mas vai acabar". Completamente bêbado e sem voz, fingia que cantava os refrões e deixava o resto para o público e a Vitória Régia. Mas as seiscentas pessoas não tinham pago caro para se ouvir e, na terceira música, começaram a reclamar: "Canta aí, gordão!”

"Gordão?", Tim se enfureceu: "Quer me ver cantar? Compra o disco! Quer ouvir o Tim Maia? Compra o disco e vai ouvir em casa!", e saiu furibundo do palco para nunca mais voltar.

O tumulto foi incontrolável. Aos gritos, o público debandou sem pagar as

contas e se amontoava em frente às bilheterias para tentar receber o dinheiro dos ingressos de volta. Perdido, perdido e meio, pensou o produtor Jerson Alvim, do Canecão, a casa não poderia fechar no dia seguinte, um sábado. E confirmou o show. O pior que poderia acontecer era Tim não aparecer.

Manchete de um jornal carioca, na segunda-feira:

"Público de Tim é cão fiel e lota Canecão.”

Caetano Veloso e Djavan estavam lá e saíram felizes com um show arrebatador. Tim foi ovacionado de pé pela casa lotada. Djavan, que Tim considerava o maior cantor do Brasil, adorou:

"Não fui bobo, fui num dia 'sim' do Tim. Ele viu a gente na mesa e ficou o tempo todo se mostrando, aquela coisa de menino exibido, cantou o tempo todo e fez um show lindo, maravilhoso, ele é superdoce, uma pessoa intensa.”

Nos dias "não", conforme a secretária Eliane Martins, ele não só não fazia os shows, como não falava com ninguém e não atendia o telefone. Chegou a destruir três aparelhos em uma semana "não".

Depois do sábado doce e intenso com Caetano e Djavan, o domingo foi "não".

No meio de novembro, disse um sim entusiástico à proposta de José Victor Oliva, para três shows no seu nightclub The Gallery, templo máximo da grã-finagem paulistana, no coração dos Jardins: 15 mil dólares por show. E mais: Tim e comitiva ficariam hospedados no luxuoso Hotel Mofarrej.

Tim foi de carro com Adriana e Eliane Martins, adorou o hotel e nem apareceu para a passagem de som, ficou bebendo, cheirando e desfrutando os luxos da suíte presidencial. À noite, quando chegou para o show, viu a excitação da platéia e a movimentação intensa nos banheiros, e sentiu que estava em casa. Ou no People, em suas noites brancas. O público falava alto, gritava, ria muito, e Tim quase não teve de cantar. E, no estado em que estava, nem poderia. A ilustre platéia morreu de dar risadas com suas piadas sobre "brilhos" e "realces" : cantou todas as músicas, de cabo a rabo, como em qualquer show de subúrbio carioca.

Para aumentar a excitação do público, Fábio Júnior, grande fã de Tim, também estava lá e, animado à beça, não precisou de dois convites para subir ao alço e dar tudo de si nos backing vocais, da primeira à ultima música. No final, com todos de pé, Tim recebeu uma ovação consagradora e formou-se uma peque-a multidão perfumada dentro e fora do camarim, todos querendo cumprimentá-lo e tirar fotos com ele. No começo, Tim adorou o culto da elite paulistana, as mulheres cheirosas e os homens de terno, todos rindo e falando pelos cotovelos, mas foi se sentindo abafado e sufocado no pequeno camarim, e agradeceu a Adriana quando ela conseguiu entrar:

"Vamos embora daqui... cambada de gente maluca.”

No fim de novembro, convidado pelo amigo Jorge Benjor, Tim foi a São Paulo para dividir com ele um grande show no ginásio do Ibirapuera. Empresariado por Manoel Poladian, Jorge estava no auge do sucesso de "W Brasil", era um dos artistas mais populares do momento e lotava ginásios em todo o Brasil. A festa marcaria o lançamento de seu novo disco, 23, onde voltava a homenagear Tim Maia, na música "Engenho de Dentro", e dividia o microfone com ele em "Moça bonita". Era a sua favorita do disco:

"Porque resgatei um ritmo tradicional do morro da Serrinha, o jongo, e por cantar com meu amigo Tim Maia.”

Mas, apesar de toda a amizade, do peso do cachê que Poladian estava pagando e do ginásio lotado, Tim não queria mais fazer o show. Por causa de um crachá.

Poladian mandara fazer os crachás de imprensa e equipe técnica com uma foto de Jorge vestindo uma camiseta com uma caricatura de Tim, um fã homenageando seu ídolo.

Mas Tim não entendeu a homenagem: odiava caricaturas, ficava irritadíssimo com os desenhos que o faziam ainda mais gordo e mais feio do que o espelho já lhe mostrava. E estourou com a produção:

"Tão querendo me sacanear! Vocês têm é que botar uma caricatura dele na minha camisa. Se não trocar essa porra de crachá, eu não canto!", e se trancou no

camarim. Eram cinco horas da tarde.

Poladian mobilizou uma tropa de choque para produzir mais de duzentas novas credenciais, sem fotos nem caricaturas. Ficaram toscas como as de shows colegiais, mas prontas, e a produção se espalhou pelo ginásio para trocá-las pelos crachás da discórdia, sem que Jorge soubesse nem a imprensa desconfiasse dos motivos. Diriam que as outras tinham sido falsificadas. Faltava uma hora para começar o show.

Tim ficou feliz quando os primeiros repórteres foram falar com ele, todos com seus novos crachás só com o nome dos artistas.

Os dois shows foram o que se esperava: sensacionais. A única frustração do público e dos fãs foi só ouvi-los cantando juntos em "Moça bonita".

Era o que todo mundo queria, mas Nizan Guanaes, o publicitário do momento, queria mais: os dois cantando juntos para os 2 mil convidados da festa de fim de ano de sua agência DM9, em São Paulo.

Tim achou ótimo, melhor ainda quando botou 5 mil dólares, metade do levado, no cofrinho. Porém...

Quando viu o convite para o show, ficou puto: "Espero que você e o Tim Maia compareçam", convidava a agência.

Chamou a imprensa e avisou que não ia. E mais: iria processar a DM9 por desrespeito.

A agência divulgou uma nota dizendo que havia desistido do show e que Tim teria direito aos 5 mil dólares do cachê. Foi o melhor presente de Natal de sua vida.

As oitenta crianças do orfanato Lar de Narcisa também tiveram seu melhor Natal. Foram as suas convidadas especiais no show que inaugurou o estádio do Flamengo, na Gávea, o novo espaço de espetáculos dos produtores Mills & Niemeyer e do Jornal do Brasil. Pena que choveu muito e pouca gente apareceu. Tim e seu convidado Fábio enfrentaram a chuva com uma garrafa de 12 anos e nem ligaram. No final, recebeu todas as oitenta crianças no camarim, mandou formarem fila e, como um Papai Noel do soul, deu a cada uma delas

uma nota de cinco reais. E a bênção do bispo Tim Maia.

No fim do ano, Tim alugou um smoking, comprou um sacolé de cocaína e foi para o Teatro Municipal, onde recebeu o Prêmio Sharp de "melhor cantor popular". Ligadaço, subiu ao palco ovacionado e agradeceu:

"Nós que respiramos música, o meio artístico, produção musical, esse prêmio, pra nós... pra mim esse prêmio é como se fosse um inalador..." O público riu, ele deu uma cafungada e fechou: "A gente respira melhor com prêmios assim, obrigado.”

No balanço final do mercado de discos, foi um ano alucinante, um crescimento de quase 60% em relação a 1992. Depois do rei Roberto Carlos, hors concours, que já saiu com um milhão vendidos, os grandes vendedores foram: Zezé di Camargo e Luciano, com 950 mil cópias; Chitãozinho e Xororó, com 450 mil; Maria Bethânia cantando Roberto Carlos, com 400 mil; e Tim Maia, com 235 mil. Só que logo abaixo de Tim vinha a trilha da novela Renascer, em que ele era um dos carros-chefe com "Essa tal felicidade".

O que ele mais gostou foi ter superado por quase 50 mil discos os números de Xuxa, considerada uma das maiores vendedoras do mercado. Como ele explicava isso?

"Acho que são as minhas pernas, que são mais grossinhas do que as dela. Sou mais sexy também e dou beijinho-beijinho, pau-pau.”

PAIXÃO NACIONAL, 1994, 140 KG

Qualquer consultor de imagem veria em Tim Maia, autodefinido preto, gordo e cafajeste, sempre associado a drogas, brigas, bebedeiras, processos e faltas a shows, alguém capaz de queimar o filme de qualquer produto ligado a ele. Mas as agências de publicidade pensavam o contrário, amparadas em pesquisas que faziam do síndico um campeão da simpatia em todas as faixas etárias e classes econômicas.

Depois do espetacular sucesso da campanha da Rider com "Como uma onda", que levou a música aos primeiros lugares das paradas, Tim estrelou a do Banco Nacional, com "Não quero dinheiro", e, em seguida, a do cartão de crédito Sollo, com "Você".

E fecharia 1993 com o comercial do carnê Papa Tudo, com "Vale Tudo".

Ninguém com mais conhecimento de causa para recomendar um banco, um cartão de crédito e um título de capitalização do que Tim Maia. Mas discordâncias de última hora com a TV Globo acabaram cancelando o comercial já gravado do carnê, em que Tim aparecia numa fila e alguém perguntava: "Não é você que deixa todo mundo esperando?”

"Mas o Papa Tudo não pode esperar", ele respondia rindo, rei da simpatia.

No ano novo, estava de volta como garoto-propaganda de um produto aparentemente mais compatível com a sua imagem, mas que ele odiava. Gastaria boa parte do cachê do comercial da Brahma Chopp em uísque 12 anos.

Em fevereiro, o encontro perfeito. Tim estrelava o comercial da Danone apresentando o primeiro iogurte com sabor de "Chocolate". Feitos um para o outro, um sucesso.

Mas quando Washington Olivetto quis fazer a nova campanha da Rider, com Lulu Santos cantando o "Descobridor dos sete mares", retribuindo a gentileza de "Como uma onda", Tim não gostou. Isto é, gostou até demais, mas

queria um levadinho, embora não fosse autor da música. Os comerciais já estavam prontos para entrar no ar, com a versão de três minutos estreando no "Fantástico", os compositores Gilson e Michel já haviam dado a autorização e recebido os seus direitos, mas a Seroma — editora da música — não havia autorizado a gravação. Gilson e Michel entraram na Justiça pelos seus direitos autorais, mas a agência achou mais barato pagar um segundo cachê a Tim e botar no ar mais uma campanha de espetacular sucesso, levando de novo às paradas um clássico de Tim Maia.

Às vésperas do carnaval, uma nova briga nos jornais, mas por uma causa nobre. Tim ficou comovido com uma matéria do Jornal Nacional, que mostrava o sofrimento da costureira Alair — uma mangueirense de 69 anos que, depois de passar a noite inteira na fila, viu a bilheteria do setor 5 do Sambódromo, o de entradas mais baratas, ser fechada na sua cara —, e tomou providências. Disparou telefonemas para rádios e jornais e para Ivo Meirelles, diretor da Mangueira, exigindo uma solução. E distribuiu à imprensa a letra de um samba que fizera em homenagem a dona Alair, "A primeira da fila":

"Alair, você é a primeira da fila,
quando a Mangueira desfila,
você fica emocionada e eu também,
e o povo canta, olha lá a verde-e-rosa,
que coisa maravilhosa, Alair,
você venceu, você merece respeito, do governo e do prefeito..."

Com um dinheirinho emprestado de uma amiga, dona Alair conseguiu comprar uma arquibancada no segundo pior setor, mas foi convidada por Ivo Meirelles, em nome da Mangueira, para o camarote da escola na Passarela do Samba. Agradeceu, mas disse que ia assistir ao desfile com as amigas na arquibancada, como nos últimos trinta anos, e se tivesse tempo daria uma passada no camarote da escola: "Quando li a letra do Tim Maia comecei a chorar, me senti a Cinderela que perdeu o sapatinho no baile do príncipe."

Mas Tim ficou puto quando viu Ivo Meirelles com dona Alair na

televisão, convidando-a para o camarote e para desfilar na ala das baianas, com a fantasia oferecida pelo carnavalesco Ilvamar Magalhães. Apesar de ter feito exatamente o que Tim havia lhe pedido, Ivo foi acusado de oportunista e demagogo: "Estão usando dona Alair para fazer marketing. Minha proposta era fazer pressão para acabar com esta situação, só isto não resolve nada.”

Atualidades judiciárias: no dia 20 de abril, Tim não compareceu à audiência na 41a Vara Cível, onde (não) respondia processo por danos morais pelo empresário dos playbacks, desta vez por tê-lo chamado de "bundão" em uma entrevista de 1992. Era a segunda audiência que faltava, o juiz entendera como uma confissão de culpa e tudo indicava uma condenação e um prejuízo de mais de 10 mil dólares, fora as custas judiciais e advogados.

Abriu processo contra a jornalista Belisa Ribeiro, porque, em entrevista publicada na revista Interview, ela escrevera que ele havia fumado maconha durante toda a conversa. Indignado porque Tim o havia acusado de receber dinheiro de gravadoras, Mariozinho Rocha, produtor das trilhas de novelas da TV Globo, entrou com um processo contra ele por danos morais.

Muito mais ameno e agradável foi o seu encontro, ou quase, com Dorival Caymmi, para a gravação de "Não tem solução", do songbook do mestre. Chediak havia alugado um apartamento na Barra, ao lado de Tim, para a preparação e os ensaios com Caymmi e seus intérpretes, mas os dois nunca se viram e ouviram pessoalmente. Só pelo telefone, geralmente de madrugada:

"Ele dizia que estava deitado, tomando uísque e com umas amiguinhas do lado, e dizia coisas maravilhosas de mim, aos gritos, muito simpático. Mandava recados carinhosos, presentes, discos, era muito gentil, mas não aparecia." Caymmi gostava muito de Tim, de como ele cantava:

"É um talento indiscutível, aquele timbre de voz agradável, bonito, uma modulação bonita de voz. E você vê, contrastando com o tipo, um homem de gestos bonitos na mímica. Você vê pela televisão, observa bem, sempre foi muito bem modulado com os gestos seguindo as frases. Uma beleza.”

"Olha, eu tenho paixão por aquela música que tem aquele coral

feminino...", Caymmi cantava "É primavera..." e parecia que estava imitando Tim Maia, afinal, os timbres eram muito parecidos.

A linda gravação de "Não tem solução", com Tim acompanhado só por violão, baixo e um quarteto de cordas, deleitou Caymmi.

E o tornou alvo preferencial dos telefonemas afetuosos de Tim, nos mais diversos horários e locais:

"Ele liga só para matar saudades", Caymmi atendia com prazer.

O novo disco da Warner, lançado no fim de 94, de novo não tinha quase nada. Só dois velhos clássicos da bossa nova, a melancólica "Primavera", de Carlos Lyra e Vinícius de Moraes, e a balançada "Tem dó", também de Vinícius, nas com Baden Powell, gravada para o songbook do poeta, em que Tim realizada seu sonho de juventude de cantar com Os Cariocas, com o mesmo arranjo da cravação original do quarteto nos anos 60. "Não tem solução" fora gravado para o songbook de Caymmi. "Como uma onda" e "Não quero dinheiro" foram feitas para comerciais. E as demais, apenas novas mixagens de "Telefone", "Somos América", "Se esse amor termina", "Do Leme ao Pontal" e "Você mentiu".

A crítica reclamou, mas o público adorou. O disco logo foi para a lista dos mais vendidos. Não que alguém ousasse falar mal das músicas — cinco faixas eram mesmo de altíssimo nível, aplaudidas por unanimidade —, mas porque estavam vendendo cinco músicas pelo preço de dez. Mas Tim não estava preocupado:

"Não tem nada de 171, são novas mixagens. O negócio é o seguinte: quantas vezes se pede esmola na igreja? Isso é uma tendência mundial, ninguém mais grava 12 inéditas, porque só uma acontece. É marketing.

"Eu sempre estive na moda. A diferença de hoje para seis anos atrás é que, em São Paulo, antes eu só cantava para jovens e pretos, lotava o Chie Show, depois começaram a pintar lugares mais sofisticados e os jovens brancos tiveram oportunidade de me conhecer. Só ouviam Titãs e Fábio Jr. e agora descobriram o Tim Maia do Brasil."

Com a entrada em cena de Adriana e Nataly, o apê da Barra passou por

uma ajeitada geral, com troca de cortinas, tapetes e estofamentos e a contratação da eficiente secretária executiva Nataly, enviada por uma agência. Os shows continuavam sendo marcados aleatoriamente, negociados com quem atendia o telefone, muitas vezes o próprio Tim. Em outras ocasiões, se percebia alguém atendendo e falando baixinho, depois arrebatando o telefone e surpreendendo os contratantes:

"Alô, meu amigo, sou eu mesmo, você nunca imaginou que iria fechar um show do Tim Maia com o próprio Tim Maia, né?", e soltava uma gargalhada.

Fez mais: na revista profissional de show business Sucesso, uma espécie de páginas amarelas da indústria de espetáculos de todo o Brasil, mandou colocar um anúncio, com seu carão sorridente, oferecendo shows de Tim Maia, dando o telefone de sua casa e dispensando intermediários:

"Tratar com o próprio.”

Era justamente aí que morava o perigo. Conforme seu humor e o nível do cofrinho, podia, depois de pedir alguns segundos para pensar, reduzir seu cachê para menos da metade. Ou pedir o dobro do oferecido. Ou recusar por algum motivo extramusical.

Por isso, Nataly, Adriana, Gilberto e eventualmente até um amigo visitante falavam baixo quando atendiam alguém querendo comprar um show.

Em um telefonema, Tim acertou pessoalmente um show num clube da Zona Oeste do Rio, a região mais pobre da cidade, onde tinha legiões de fãs. Gostava daqueles clubes populares, o levado era razoável, pago em dinheiro antes do show. Aceitou sem maiores discussões. Tudo fechado, ao se despedir, o contratante perguntou candidamente: "Mas você vem mesmo, né?”

Foi mandado à merda, à puta que o pariu e à casa do caralho, e o show foi para o espaço.

Até quando fazia caridade Tim era polemico. Comovido com a pobreza e orfandade de oitenta crianças do Lar de Narcisa, que um grupo de espíritas abnegadas mantinha no Jardim Primavera, na violenta Baixada Fluminense, Tim se tornou um grande benemérito da instituição. Mas logo em uma de suas

primeiras ações pelas crianças foi parar na 60a DP e nas páginas dos jornais.

Comprou uma TV de 29" e um videocassete numa loja da Barra e fez questão de levar pessoalmente a televisão às crianças. A loja prometera o videocassete para o dia seguinte, mas entregou um de marca diferente, dizendo que o comprado por ele estava em falta no estoque e assim que chegasse seria entregue. Tim mandou sustar o cheque. Com o cheque devolvido, a loja mandou três seguranças, com carteiras de policiais, invadir o Lar de Narcisa para retomar o aparelho. Entre gritos e choros, com crianças agarradas à televisão, acabaram todos na delegacia.

"Os três senhores da loja invadiram a casa com violência e levaram os aparelhos. As crianças choraram muito", declarou Rosa Garcia Corrêa, 75 anos, diretora do Lar de Narcisa.

Tim declarou que processaria a loja e compraria uma televisão maior e melhor em outra, mas o delegado, mesmo achando que ele havia se precipitado, determinou que os aparelhos fossem mantidos na casa até que tudo se resolvesse.

A convivência com as crianças era maravilhosa. Já conhecia muitas delas pelo nome ou apelido, sabia suas idades, as levava para passear pela cidade em ônibus alugados, com paradas em padarias e lojas de doces. No Natal, comprava roupas, tênis e brinquedos e os escolhia pessoalmente de acordo com a criança a que cada um se destinava.

Quando a piscina da casa do Recreio ficou pronta, as primeiras convidadas foram as crianças do Lar de Narcisa, depois de uma sessão de compras no supermercado Carrefour. Passou a levá-las para os seus shows, com direito a cachorro-quente e Coca- Cola, e para excursões ao Jardim Zoológico, ao Parque Terra Encantada e ao Circo Beto Carrero, com todo mundo cantando no ônibus e Tim distribuindo balas, bombons e caramelos. No Dia da Criança promovia um grande almoço no playground do Barra Palace, com doces, refrigerantes, salgadinhos e ovos mexidos produzidos para oitenta crianças na pequena cozinha de seu apartamento. E as recebia com um grande bolo escrito "Lar de Narcisa". A estas festas, ele não faltava.

Mas nem com a benemérita instituição a convivência era completamente pacífica. Tim criou alguns conflitos com as administradoras, porque, como grande benfeitor, se julgava no direito de dar ordens e de não receber conselhos sobre sua generosidade. Uma vez, apesar das advertências de dona Rosa, comprou e mandou entregar uma piscina de lona, de armar, muito bonita, mas que não cabia no pequeno quintal da casa. E jamais pôde ser usada.

Em maio de 1994, lançou novo disco, Voltou clarear, pela Vitória Régia. Como resposta às reclamações por novidades, vinha com sete músicas inéditas, duas em parceria com o tecladista Cláudio Mazza e uma com Almir Chediak, e mais três clássicos da bossa nova, "Barquinho", de Menescal e Bôscoli, "Corcovado", de Tom Jobim, e a tristíssima "Fim de noite", de Chico Feitosa e Bôscoli. Com essas, se fechava o volume dois de clássicos da bossa nova, só que distribuídos em três discos diferentes.

Apesar do título otimista, Voltou clarear abria com mais um ensaio de cornologia:

"Ninguém me avisou, que estavam me enganando ninguém me ajudou, nem mesmo me contando.”

O esforço foi grande. A nova formação da banda, com músicos mais jovens, como o tecladista Cláudio Mazza e o guitarrista Marcos Nabuco, brilhou. Mas a inspiração de Tim estava em baixa, nenhuma das novas músicas passou perto do sucesso popular ou se aproximou de um clássico Maia. "O Nordeste é lindo” era uma tentativa de um "Do Leme ao Pontal” nordestino, homenageando de Fortaleza a Salvador, talvez para se desculpar pelas muitas faltas a shows na região, mas não alçava vôo. Aparte esquenta sovaco era bem defendida pelo funk rapeado "Sai pra lá" e "Minha musa", que se aproximava das levadas de sambalanço do amigo Benjor, enquanto "Voltou clarear" e "Coisa mais bonita" eram as melhores da parte mela cueca. Mas talvez a melhor de todas fosse "O que vem da Bahia", uma hilariante paródia das canções praieiras de Dorival Caymmi, imitando a voz grave do mestre baiano e saudando as graças da Boa Terra, embora as delícias baianas de Tim Maia fossem outras:

"O que vem da Bahia é du bão,

o que vem da Bahia é du bão...”

Parecia Caymmi falando do mar.

Surfando na maré de sorte, Tim fumava, cheirava e bebia cada vez mais, sem nem se dar o trabalho de mentir um pouquinho. Fazia questão de escancarar, mas, aos 52 anos, fugindo tanto de médicos como de juízes, policiais e oficiais de Justiça, sua saúde dava sinais alarmantes. Mas a sua única mudança de hábitos foi trocar a maconha brasileira pelo skunk holandês, hidropônico, criado em estufa, dez vezes mais potente.

No lançamento do disco, revelou-se ao "Perfil do consumidor" do Jornal do Brasil:

Desodorante: "Não uso. Não tenho sovaco nem chulé.”

Perfume: "Bozzano pós-barba.”

Advogado: "Tenho três, um para vigiar o outro.”

Bebida: "Só bebo para fazer show e andar de avião. O problema é que eu faço muitos shows e viajo muito de avião.”

Animal selvagem: "Mulher, o mais selvagem de todos.”

Cantora: "A Rosana canta bem e a Marisa Monte também, mas a melhor era a Elis.”

Lugar mais esquisito onde já fez amor: "Debaixo do viaduto Paulo de Frontin.”

Barulho que faz na hora de fazer amor: "Aquele grito no final. Eu grito para todo mundo ouvir, a vizinhança que me perdoe.”

Qualidade: "Bom coração.”

DEFEITO: "140 quilos.”

No dia 12 de setembro de 1994, Tim e Adriana desembarcaram ao meio-dia em Congonhas, foram recebidos por Rosiclér e pegaram a estrada para Avaré. no interior de São Paulo. Completamente bêbado e cheirado, Tim continuou seu triatlon no carro e depois no hotel, incontrolável.

O show estava marcado para dez da noite, mas, às sete e meia, Tim

mandou chamar o contratante: "Quero o resto do cachê em dinheiro, agora.”

O empresário estava preparado e passou a Tim um envelope com os maços de dinheiro.

"E agora eu quero cantar!”

O pobre homem congelou, tentou argumentar que o show estava marcado para as dez e seria impossível...

"Ou é agora ou nunca", Tim cortou, "se eu não cantar agora não canto mais", encerrou a questão. E mandou chamar os músicos para o ônibus.

Em desespero, o empresário pediu ajuda das rádios locais e botou um caminhão de som percorrendo a cidade para avisar que o horário fora informado erradamente e que o show seria às oito horas. Com a ajuda da produção, compadecida do drama do empresário, e com o motorista dando voltas pela cidade para ganhar tempo, tudo foi feito para retardar o desastre. Mas, por volta de oito e meia, Tim Maia e a Vitória Régia pisavam o palco diante de meia dúzia de doidões.

Cambaleando, tropeçou pelo palco até o microfone, a Vitória Régia atacou a introdução de "Vale tudo" e ele não conseguiu cantar nada. Tonto e ofegante, trocando as pernas, foi levado para o camarim dizendo frases desconexas, enquanto choviam latas de cerveja no palco.

Sentado na poltrona do camarim, bebeu água e conseguiu falar: "Cadê o meu skunkzinho?”

Chamado pelo microfone, um médico veio junto com o prefeito da cidade e o empresário. Encontraram Tim lívido e ofegante, com a pressão chegando a 20, mas ele disse que estava legal e lhes ofereceu um baurete. Foi levado para o hotel quase desmaiado no banco do carro, rebocado até o quarto e depositado na cama.

No dia seguinte, desceu para o café da manhã e perguntou a Rosiclér como tinha sido o show.

"Que show, Tim?”

Passaram por duas recepcionistas e ele perguntou se tinham gostado. Elas

sorriram profissionalmente e disseram que estava muito legal.

"Tá vendo, Rosiclér, só você que não gostou.”

Tim não se lembrava de nada do show, nem poderia, mas não conseguia esquecer o que sentira no camarim — a falta de ar, o sufoco, o enjôo, nunca se sentira tão mal em sua vida, pensou que ia empacotar ali mesmo. Suas pernas e seus pés estavam inchados, cheios de varizes, seu saco inflamado e dolorido, sentia seu corpanzil no bagaço, apodrecendo por dentro. Precisava urgentemente parar de beber e de cheirar.

E, contra todas as expectativas, parou mesmo. Ficou quase seis meses sem sair de casa, no máximo arriscando caminhadas curtas e ofegantes pelo calçadão da Sernambetiba. O início foi duro, tentando compensar a síndrome de abstinência do álcool e da cocaína com doses cavalares de skunk, agora temperado com haxixe, que ele chamava de misto-quente. Recusava aos berros qualquer ajuda médica ou apoio psicológico; ninguém ousava imaginar Tim Maia em uma reunião dos Alcoólicos Anônimos.

Suas pernas estavam cobertas de feridas purulentas, que sangravam e doíam dia e noite. Quando finalmente admitiu receber um médico de confiança enviado por sua irmã Luzia, o quadro clínico havia se agravado muito. Além da erisipela que se alastrava pelas suas pernas, os exames diagnosticaram diabetes em alto grau, que, pelo menos teoricamente, deveriam mantê-lo afastado de seus queridos doces. Pior, o médico examinara o seu saco inchado e dolorido, três vezes o seu tamanho normal e tomado por uma infecção agressiva, e lhe aplicara injeções de antibiótico, que curaram o sintoma mas não a doença.

Comprou mais um cachorro, o rottweiler Athos, e decidiu começar a construção do seu estúdio no Recreio. Todos os dias saía de manhã cedinho no novo Monza cor de vinho, com Adriana e Athos, rumo ao futuro Recreio Music Center, para fiscalizar as obras, ver os cachorros e sonhar.

Estava conseguindo não beber e não cheirar, tinha até desinchado um pouco, mas se tornava cada vez mais dengoso. Assim que acordava, depois de um baseado para abrir o apetite, tomava uma ducha, deitava-se molhado em uma

toalha estendida sobre a cama e pedia que Adriana o secasse, dedinho por dedinho, e passasse talco, como um bebê gigantesco, ronronando de prazer. Depois de um farto café da manhã e outro baurete, saía para o Recreio.

Depois que parou de beber e começou a maneirar, para seus padrões, nos doces e salgados, Tim perdeu algum peso e passou a se preocupar mais com o figurino dos shows. Comprou uma nova calça de couro preto e camisas floridas e coloridas, prateadas, azuis, sempre de tecidos brilhantes, encomendadas na Camisaria Varca, especializada em pesos pesados.

Comprou vários ternos, blazers e sapatos, embora só andasse de tênis e chinelos, mas, nos shows, escolhia sempre os mesmos, pretos, de amarrar. Queria estar bem no filme: todos os shows passaram a ser gravados em vídeo por seu dunguru de audiovisual, Wellington, como prova de que ele tinha comparecido. Não bastava parar de beber, de cheirar e de faltar a shows, o difícil era convencer as pessoas disso. Aos 52 anos, com a saúde e as finanças abaladas, pela primeira vez na vida Tim Maia queria mudar sua imagem.

Havia muito a ser feito, além dos shows e das gravações, dos contratos, das cobranças e dos pagamentos, da Vitória Régia, da Seroma, das viagens e entrevistas, da construção do Recreio Music Center, dos cachorros, dos advogados e oficiais de Justiça. O mais importante era nunca ficar sozinho, e, para isso, Tim pagava uma equipe de confiança totalmente feminina, seu círculo íntimo: Adriana no departamento de cama, mesa e banho, Nataly na secretaria executiva, Bebel pilotando eletrodomésticos e compras, a pretinha Zilma prestando serviços domésticos, Rosiclér mantendo a base de São Paulo, fazendo algumas viagens e voando para a Barra em caso de necessidade.

As regras durante os shows eram estritas. Todas as secretárias presentes deveriam ficar nas laterais do palco, escondidas do público, mas às vistas de Tim. Dançando, mas sem exagerar, porque a estrela do show era ele. Ficar paradas era rigorosamente proibido, assim como comer ou beber durante os shows e, sobretudo, dar bebida aos músicos. Sem parar de dançar, deveriam ficar atentas, prestando atenção a todos os movimentos e necessidades dele.

No Ginásio do Palmeiras, quando um de seus sapatos desamarrou, lançou olhares desesperados para Rosiclér e foi arrastando o pé até a coxia para que ela amarrasse o cadarço, sem parar de cantar.

Sem beber nem cheirar, Tim estava melhor de voz e de saúde, mas muito rabugento e irritado com as crises de abstinência. Estava duro de aturar. Saía dos shows doidão e assim que chegava em casa gritava logo "som na caixa". Não era para um baile, mas para torturar quem estivesse por perto com a repetição ininterrupta de sua gravação de "Primavera", não a calorosa e sensual de Cassiano, mas a triste e melancólica de Carlos Lyra e Vinicius.

"O meu amor sozinho,
é assim como um jardim sem flor,
eu queria poder ir dizer a ela,
como é triste se sentir saudaaaaaaaade..."

Uma funda e cava depressão enchia as madrugadas do Barra Palace.

No início de outubro, no Circo Voador, teve uma recaída. Fumou, bebeu e cheirou como nos velhos tempos e mal conseguiu cantar as três primeiras músicas do show, brigou com os técnicos de som, com os músicos e com o público.

"Vem cá que eu quero ver se a tua calcinha tá lavada, sua piranha!", gritou para uma garota que reclamava em frente ao palco, e saiu de cena vaiado.

Em revolta, o público ameaçava tocar fogo no Circo, gritando por seu dinheiro de volta. Um grupo tentava invadir a bilheteria para fazer justiça com as próprias mãos. A PM foi chamada para acalmar os ânimos. Dez pessoas registraram queixa na delegacia da Lapa, onde Adriana e Bebel tiveram que prestar depoimento. No dia seguinte, Tim não se lembrava de nada.

Depois voltou a seu apostolado da abstinência alcoólica e química: "Agora é só no baurete, essa coisa de bebum não tá com nada, bebum é chato pra caralho, mermão."

Tim era generoso com os amigos, não se incomodava de oferecer-lhes suas maconhas ultra-selecionadas, até tinha orgulho da qualidade do produto.

Mas detestava "essa coisa de hippie de passar o baseado e todo mundo fumar": "Aqui é assim, abro a trouxa no meio da sala e cada um aperta o seu.”

Era um virtuose em fazer baseados. Diz a lenda que chegava a enrolar e fechar um baurete usando apenas uma das mãos, enquanto falava ao telefone. Em segundos fazia cilindros perfeitos, fechados apenas com uma leve pressão dos dedos nas duas pontas, repetindo a sua máxima: "Fumo bom não se pila.”

E ai de quem torcesse a ponta para fazer uma boquilha: "Tu gosta é de bombinha, né? Desse torpedinho ridículo", debochava.

Fechou a entrevista com Ivan Cardoso na Interview respondendo quantos bauretes fumava por dia: "Eu não queimo nenhum porque eu não uso tóxicos (risos), agora, tenho um amigo que queima uns vinte, negócio de 100 gramas de 15 em 15 dias (gargalhadas).”

Apesar de tudo, ou por tudo isso mesmo, Tim Maia era uma paixão nacional.

ECOLOGIA, ZOOLOGIA E NOSTALGIA, 1995, 134 KG

Ao contrário dos ecologistas, que começavam a se preocupar com o aquecimento global, Tim esperava e temia o resfriamento. No final do verão, lançou pela Continental o seu novo disco, Nova era glacial, com previsões apocalípticas, ou quase:

"Já estamos vivendo com o calor no ponto máximo e a temperatura vai começar a diminuir. O gelo pode vir daqui a 15, trinta ou cem anos. Mas de mil não passa.”

E concluía, sério: "A previsão é cientificamente comprovada e integra o corpo conceitual da minha filosofia, segundo a qual tudo é tudo e nada é nada." Estourava numa gargalhada e cantava:

"Se prepare pro frio,
frio que está pra chegar,
se prepare, garota,
sem shortinho e sem bustiê,
muita roupa pesada,
quente pra se aquecer...”

Além da faixa-título, em parceria com Cláudio Mazza, a única inédita era "Totalmente natural", com Almir Chediak, que fora gravada com Chumbinho no violão, encarregado por Tim de fazer a levada certa, depois de algumas tentativas do professor:

"O Almir Chediak, olha que engraçado, você entende de música pra caramba e sabe tudo de harmonia. O Chumbinho não entende porra nenhuma e toca muito melhor do que você.”

E abraçou o mestre, às gargalhadas.

As melhores faixas eram clássicos da MPB e da bossa nova: "Arrastão",

de Edu Lobo e Vinícius, gravada para o songbook do poeta; "Aquarela do Brasil", para o de Ary Barroso; "Quiet Nights of Quiet Stars (Corcovado)" e "Meditation", produzidas para o songbook da bossa nova. E uma bela regravação de "Oceano", sucesso de Djavan que parecia feita para a sua voz.

E o melhor de tudo: Tom Jobim adorou a gravação de "Aquarela do Brasil", recomendou aos amigos na Plataforma e elogiou publicamente. Foi uma das maiores alegrias e orgulhos de sua vida. Lembrou com Erasmo de quando escrevia dos Estados Unidos e assinava Tim Jobim, ligou para todo mundo para contar; era a condecoração máxima da MPB. De Tim a Tom, o telefonema de agradecimento durou mais de duas horas, entrou pela madrugada e criou um problema para o maestro: com o A de António, ele passava para a primeira página da caderneta de Tim — e o primeiro alvo de seus telefonemas afetuosos nas madrugadas.

Além de Nova era glacial, Tim relançou nove discos pela Warner/Continental, todos de propriedade da Vitória Régia Discos: "Os fonogramas desses discos só podem ser comercializados pelas gravadoras durante três anos, depois voltam para mim, para eu fazer o que quiser. E ainda dizem que eu é que sou o doidão, né?”

Assim, foram relançados discos obscuros, mas brilhantes, como Nuvens, de 82, e Dance bem, de 90, e clássicos como o Tim Maia Disco Club, de 78, relançado com nova capa e o título de Sossego.

O crítico Tárik de Souza recomendava especialmente o malfadado e desconhecido disco em inglês de 1978: "Faixas como 'With No One Else Around' e 'To Fall in Love Again' evocam, sem qualquer prejuízo na comparação, mestres como Wilson Pickett e Marvin Gaye.”

Para os colecionadores, ficavam faltando justamente os dois melhores, cultuados entre os fãs e DJs e vendidos a peso de ouro nos sebos, os abominados Racional Superior I e II, que Tim queria esquecer.

Como havia se afastado de bebuns e cafungueiros, Tim recebia pouca gente em casa. E um dos mais freqüentes era Chediak, todo arrumadinho e

educado, careta convicto. Tim teve muito trabalho para fazê-lo experimentar o seu primeiro baurete.

E Chediak, mais ainda, para convencê-lo a fazer um songbook. Tim resistiu muito até aceitar:

"O Almir me dá medo. É só ele começar um songbook que o cara morre. E esse negócio de biografia também é um pé na cova.”

Além de sessenta canções de sucesso, não só dele, mas de outros trinta autores imortalizados por suas gravações, o songbook teria um disco e uma biografia a ser escrita pelo crítico Sérgio Cabral, por encomenda de Chediak. A contragosto, Tim entregou a sua lista de favoritas ao amigo e prometeu começar a trabalhar com ele na transcrição das harmonias.

Clássicos como "Primavera", "Coroné António Bento", "Festa do Santo Reis", "Gostava tanto de você", "Um dia de domingo" e "Descobridor dos sete mares", embora não compostas por Tim, estavam totalmente identificadas com seu estilo e foram quase todas, literalmente, feitas para ele cantar. Seria tanto um songbook de autor como de intérprete, uma novidade, uma originalidade Maia.

A única ausência certa seria "Réu confesso", que ele banira de seu repertório para evitar a humilhação de dividir a autoria com dona Neusa. Mas Hyldon, Edinho Trindade, Cassiano, Sullivan e Massadas, Lincoln Olivetti e Robson Jorge, Gilson e Michel, Carlos Dafé, Dom Mita, Beto Cajueiro, Júnior Mendes, Paulinho Guitarra e outros autores de sucessos de Tim Maia eram muito bem-vindos:

"Esses compositores vão adorar fazer parte do songbook porque todos estão mortinhos da silva em casa, nunca mais ninguém ouviu falar deles.”

Entre todos, Tim reconhecia em Cassiano o mais talentoso, de quem gravara cinco músicas, contra três da dupla Sullivan e Massadas e seis de Gilson e Michel. Comparava-se aos pintores dos séculos XVI e XVIII, como Rubens e Rembrandt, que tinham discípulos trabalhando nos ateliês sob sua orientação: "O jeito, o ritmo, a pincelada, tudo é meu.”

E reclamava de Chediak: "O Almir quer pôr 56 acordes para acompanhar

'Eu amo você'. Aí vira um rolo, o segredo não é o tamanho do pênis, mas o jeito da transa. 'Sossego' é toda feita em cima de um acorde, o segredo é a levada, o suingue. Minha obra com maior número de acordes é 'Chocolate', com seis.”

E foi empurrando o songbook com a barriga, e que barriga! Estava mais interessado em gravar pelo menos três discos novos, um de forró-soul, um em inglês e outro com Os Cariocas, no seu estúdio recém-inaugurado, o Recreio Music Center.

"Gastei meio milhão de dólares, metade na casa e metade em equipamentos, mas já estou gravando melhor do que em outros estúdios e em breve terei uma sala de masterização e uma unidade móvel para gravar shows.”

Para a função de alto risco de técnico de som, Tim contratou Chico Donghia, que havia montado o estúdio e era competente e paciente. E, melhor ainda, crente, que não fumava, não bebia e nem mentia. Fã de Tim, logo Chico conheceria as peculiaridades do estilo Maia de produção e administração.

Uma de suas primeiras missões foi viajar a Recife para ver as condições técnicas de palco, som e luz do show que Tim faria dentro de uma semana, na programação Verão Vivo da Band, na qual Luciano do Vale apresentava grandes nomes da música popular em shows na praia, de graça, para multidões de 100 mil pessoas. Tim estava preocupado porque vira na televisão que havia uma passarela em frente ao palco, por onde desfilavam as concorrentes a "Garota Verão", e avisou a Chico que não ia cantar com ninguém andando na frente dele. Nem que fossem as gatas mais gostosas do Nordeste.

Em Recife, quando inspecionava o equipamento de som, Chico foi entrevistado pela Band. De bermudas, com as pernas muito brancas, parecendo um turista, seguiu rigorosamente as instruções de Tim quando o repórter perguntou se o homem vinha mesmo: "O Tim Maia é o cantor que mais comparece a shows no Brasil.”

O equipamento e o palco eram de primeira; o técnico voltou ao Rio com tudo mapeado e anotado, e foi ao Barra Palace prestar contas de sua missão. Ligadaço, Tim abriu a porta e nem o deixou falar: "Chico Donghia, você viaja

com a minha passagem pra Recife, vai mostrar essas pernas brancas na televisão e diz que eu vou fazer show pra eles. Pois eu não vou fazer porra nenhuma, vai você no meu lugar.”

E bateu a porta.

Dois dias depois, Chico foi chamado para uma gravação no Recreio, como se nada houvesse acontecido. No dia seguinte, foram para Recife, onde Tim fez um grande show, com mais de 50 mil pessoas cantando e dançando na chuva. E nenhuma garota desfilou durante o show, por mais que ele insistisse em chamá-las para dançar na passarela.

Um mês depois, a Brahma promoveu uma série de shows com artistas populares no Riocentro, e o fim de semana de Tim Maia foi o de maior sucesso. No domingo, quebrou o recorde de público em shows no gigantesco centro de convenções.

No camarim, eufórico antes do show, Tim anunciou à banda:

"Estamos fechando um pacote de sessenta shows pelo Brasil com a Brahma, então vamos arrebentar, vamos com tudo, rapaziada!”

Tim fazia um grande show — o público delirava — quando sofreu um ataque de sinceridade e anunciou do palco para a platéia recorde: "Eu tô aqui fazendo esse show pra Brahma, mas eu gosto mesmo é de um guaraná Antárctica.”

Os sessenta shows foram transferidos para Roberto Carlos.

De volta ao estúdio, como não gostara da mixagem de uma música que fizera com Chico, Tim aceitou a proposta de chamarem o Garrafa, um ótimo técnico amigo de Chico e que também sonhava em trabalhar com Tim Maia, para fazer uma nova mixagem. Por excesso de emoção ou falta de sorte, o Garrafa se empolgou e acabou apagando uma das vozes já gravadas. No estúdio, de volta da sesta, Tim ouviu e vociferou: "Cadê a minha voz da segunda parte?”

O pobre Garrafa, tremulo e com os olhos marejados, tentou gaguejar uma explicação. Tim foi implacável: "Adriana, faz o cheque dos dois e manda eles embora agora. Aproveita e manda também a cozinheira, que é muito ruim de

panela e eu já estou pra mandar embora há uma semana." Era a sexta ou sétima nos últimos três meses.

Apertados no Puma conversível de Chico, o Garrafa e a cozinheira choravam, o técnico se lamentava: "Eu adoro esse cara, e logo na primeira oportunidade de trabalhar com ele me acontece essa merda.”

Chico tentava consolar o amigo, quando seu bip vibrou com uma mensagem: "Favor retornar e trazer o Garrafa.”

Assim que chegaram, Tim os recebeu com naturalidade:

"Chico Donghia e Garrafa, preparem o microfone que vamos começar de onde vocês apagaram a minha voz.”

Tim gostava de dar sustos, mas também se preocupava com a segurança de seus funcionários. Vivia advertindo Chico sobre os perigos de carros conversíveis, no caso de uma capotagem era pescoço quebrado na certa, e insistia para que ele vendesse o Puma. Um dia, Chico foi seguido até o Recreio por um carro e, quando estacionou, foi abordado pelo motorista. Era o dono de uma agência, que estava interessado em comprar o Puma, uma raridade em ótimo estado. Chico declinou a oferta com cortesia e entrou no estúdio para começar a preparar a gravação. Tim via tudo da janela e, depois que o técnico entrou, foi conversar com o homem que admirava o carro. Meia hora depois, entrou no estúdio cheio de novidades: "Chico Donghia, vendi o teu Puma. Mas vendi muito bem vendido, mermão. E ainda tem um troco de mil e quinhentinhos. Você vai sair daqui e vai comprar um Gol prata e vai levar a sua esposa pra fazer compras no Carrefour.”

E Chico foi entregar o Puma ao seu novo dono, comprar o Gol prata e levar sua mulher ao Carrefour.

Tim não criaria só música no Recreio. Amante dos animais, abrigaria uma vaca, um boi, um bezerro, um cavalo, um casal de pavões e outro de gansos em um terreno baldio em frente à sua casa. Além dos cachorrões Comanche, Athos e Bruder e da vira-lata Babalu. O som dos ensaios da Vitória Régia se misturaria com mugidos, relinchos e latidos.

Um dia chamou o filho Carmelo e anunciou:

"Telmo, mandei vir lá de Santa Catarina um casal de bois. Só que são do tamanho de um rottweiler." E gritou para Adriana:

"Traz aquela fita de vídeo pro meu filho ver.”

De boca aberta e olhos arregalados, Telmo viu meia dúzia de bois do tamanho de cachorros grandes. Tim explicou que tinham sofrido modificações genéticas, eram bois-miniatura de laboratório. Como aquelas arvorezinhas japonesas, bonsai, o bicho era um boisai.

No vídeo, os boizinhos apareciam sendo puxados pela coleira por crianças, sendo abraçados como animais domésticos, famílias davam depoimentos dizendo como suas vidas ficaram mais alegres depois deles, a base científica era fartamente documentada. Tim não hesitou em mandar um cheque, com fundos, para comprar um casal de milagres da genética. Uma grana preta, mas era o preço da novidade:

"Isso é o máximo da invenção, eles são da raça short horn, chifre curto, tudo é curto neles. Vou botar um casalzinho desses aqui em casa." Aproveitou a maré zoológica e comprou também um casal de pavões. O problema seria a convivência entre as espécies, mas bastava fazer uma cerca e os herbívoros estariam separados dos carnívoros.

Duas semanas depois, o ensaio no Recreio foi interrompido pela chegada de um caminhão com os minibois. Tim ficou eufórico, batizou-os de Shazam e Lina e os carregava no colo como cachorros. Todo mundo queria pegar nos bichinhos, as crianças foram à loucura. Eram mesmo muito fofos aqueles milagres genéticos. Só os cachorros não gostaram, ou gostaram demais, mas com objetivos menos nobres.

Um ano depois, os graciosos bichinhos tinham se transformado em um boi e uma vaca da altura de Tim: "Esses filhos-da-puta me enganaram, mermão, entrei no maior 171, olha só o tamanho desses bichos!", dizia para todo mundo que o visitava. O laboratório genético de araque faliu e fugiu.

Alguns meses depois, Lina engravidou de Shazam e o Recreio Zoo Center

ganhou um bezerro, batizado de Shalon, paz em hebraico.

O cavalo era um pangaré esquálido quando Tim o comprou por alguns trocados no Recreio, só para ajudar o dono, tão miserável quanto o animal. Batizou-o de THC. O bicho engordou um pouquinho quando passou a comer, mas foi atropelado por um carro e quebrou uma perna. Tim só foi avisado depois do show no Canecão e partiu para o Recreio com um veterinário. O pobre animal sofria muito, não havia possibilidades de salvá-lo, e Tim autorizou que THC fosse sacrificado, chorando como criança, e depois vendo a sua carcaça ossuda sendo levada por um caminhão da Comlurb.

Os pavões foram roubados pelo pessoal do Terreirão, mas não para comer: as penas valiam ouro no mercado carnavalesco. Tim achou melhor ficar com um casal de gansos, de carne dura e penas que só serviam para travesseiros.

Em maio, Brasília tremeu: Tim Maia entrou no Congresso Nacional para depor na CPI da Câmara que investigava denúncias de desvios de direitos autorais.

Adorou o enxame de repórteres e cinegrafistas, fazia poses e caretas:

"Nunca fui tão fotografado em minha vida. Já gravei trinta discos, mas recebo só 1.217 reais mensalmente de direitos autorais. Graças a Deus não vivo só disso."

Apesar da fama de faltar a shows, o cachê de Tim não diminuíra; com o folclore, até aumentara. Os convites é que caíram dramaticamente. Mas ele se dizia muito satisfeito com os vinte ou trinta shows que fizera no último ano.

Na Comissão, informou e divertiu os senhores deputados: Os fiscais do Ecad costumam aparecer no fim da noite e fazem uma planilha com as músicas que foram tocadas no show, que nunca são as mesmas que e o publico ouviu. Eles põem lá as músicas que querem, que pagam a eles para por, e são essas que recebem os direitos autorais.

"Mas geralmente o fiscal recebe um levadinho e põe na planilha o que você quiser. O Canecão não paga direitos autorais pelos shows, só paga uma merrequinha mensal pro Ecad, quando deveria pagar 10% da bilheteria.

"A investigação não deveria se restringir só ao Ecad, mas ser estendida a rádios e televisões, que só divulgam artistas se recebem dinheiro por fora.”

A CPI decidiu pedir a quebra do sigilo bancário do Ecad, expondo os rendimentos de todos os compositores.

Depondo na mesma Comissão, Lulu Santos protestou. Tim sacaneou pelo jornal:

'"Como uma onda', dele e do Nelson Motta, que na época estava saindo da andropausa, é uma música boa, sempre faz sucesso quando canto nos shows. Mas o Lulu é enrolado e agora me vem com uma capa de disco com dois ursinhos, eu hein?”

Tim desdenhava do sensacional Eu e Memê, Memê e eu, um dos melhores discos da carreira de Lulu, produzido pelo DJ Memê, e que estourava com "Assim caminha a humanidade", um dos maiores hits da década.

Mais uma vez, Caetano Veloso homenageou Tim, em "Pra ninguém", uma bela canção sobre as suas gravações favoritas, em que ele aparecia em ilustre companhia:

"Nana cantando 'Nesse mesmo lugar', Tim Maia cantando 'Arrastão', Bethânia cantando 'A primeira manhã', Djavan cantando 'Drão', Chico cantando 'Exaltação à mangueira', Orlando cantando 'Faixa de cetim', Milton, 'O que será?', Roberto, 'A madrasta', Bosco, 'Rio de Janeiro', e Dalva, 'Poeira do chão': melhor do que isso só mesmo o silêncio, e melhor do que o silêncio, só João.”

João, João, sempre ele, desde 1958 na Tijuca, ouvindo "Chega de saudade", desde Nova York, nos anos 70, quando Tim o visitou pela primeira vez e João lhe pediu que afinasse o seu violão, desde os longos telefonemas e alguns encontros num apartamento do Rio Design Center, no final dos anos 80, onde os dois foram vizinhos por alguns meses, onde cantaram, tocaram, conversaram e — surpresa — acabaram brigando: "O João Gilberto é um gênio mas não é uma pessoa, é um telefone.”

Melhor que o silêncio, talvez só João e Tim cantando juntos.

O cofrinho de metal enchia e esvaziava ao sabor da sorte e do sucesso, Tim só estava trabalhando com cash. Com todos os processos e penhoras em andamento, qualquer cheque que fosse depositado em sua conta seria seqüestrado judicialmente. Em seu período de reclusão e desintoxicação, as suas visitas mais freqüentes foram oficiais de Justiça e advogados. A coisa estava feia, os juros e multas multiplicavam as dívidas, o cerco se fechava e Tim se lamentava, xingava, contratava advogados, mas não ia a nenhuma audiência.

Por sorte, preguiça ou malandragem, jamais registrara em cartório as escrituras de compra do apartamento do Barra Palace, da casa do Recreio e da Seroma, que continuavam legalmente em nome dos antigos proprietários, acumulando IPTUs, condomínios e multas, mas a salvo de penhoras.

Quando estava quase a zero, o cofrinho voltou a se encher em outubro, com um comercial da DM9 para a cerveja Antárctica, talvez em retribuição à "força" dada por Tim no show da concorrente, no Riocentro. Na campanha, artistas queridos celebravam a "paixão nacional". Enquanto Daniela Mercury cantava e dançava no carnaval, Tim, com um apito na mão, de shorts, camiseta e meião pretos, dava um show de comédia como um juiz de futebol. Tudo regado a muita cerveja, ironicamente, quando ele havia parado de beber.

As filmagens, em São Paulo, foram tranqüilas. O único problema foi o figurino, não pelo modelo, mas porque Tim detestava preto. Tentou convencer a produção a usar um uniforme colorido, mas a regra era clara: sua senhoria só apitava de preto.

"O que não faz um levadinho", se lamentava com Adriana, "me botaram todo de preto e com uma garrafa de cerveja na mão".

Reclamou tanto que, pelo menos na abertura do filme, começava a cantar no meio do gramado com uma camisa de lurex azul ultrabrilhante, que explodia na tela.

"Futebol é raça, é emoção, cerveja na mão,
eu quero uma Antárctica, paixão nacional."

Aproveitando a ida a São Paulo para o comercial, marcou dois shows na

nova e luxuosa casa de espetáculos Palladium, no Shopping Eldorado. Depois do primeiro show, por divergências entre a tabela de cachê dos músicos do Rio e de São Paulo, mas principalmente porque estava enlouquecido por uma das três lindas vocalistas pretas das Sublimes, que não só o rejeitara como ficara com um dos músicos, deu-lhes um cartão vermelho, e também aos dois trompetistas e ao felizardo pivô da crise. O resto da banda se solidarizou e pediu as contas.

Irado, mandou Adriana telefonar para outros músicos no Rio e chamá-los de emergência, pagando as passagens. Como a Vitória Régia era uma banda de alta rotatividade, muitos músicos iam e vinham, como Piau, o baixista Chumbinho e o trombonista Lúcio, que sabiam os arranjos de todas as músicas e eram chamados a qualquer momento, em edição extraordinária.

O guitarrista Marcos Nabuco foi alcançado às quatro da tarde, quando corria no calçadão da Barra, para fazer o show às dez da noite em São Paulo.

Tim só conseguiu substituir quatro músicos, mas acabou se entendendo com os outros, pagando o cachê que queriam. E as Sublimes foram trocadas por outras vocalistas de São Paulo.

Pior sorte teve o trombonista índio, também demitido, que ganhara de Tim uma calça de couro e um trombone Yamaha zerinho para substituir o seu velho e castigado instrumento nacional: "E devolve minha calça e meu trombone", gritava Tim, "vai tocar de cueca com seu trombone de lata velha".

Desde moleque, na Tijuca, Tim idolatrava Os Cariocas. Tinha todos os discos, sabia cantar os arranjos, sonhava em ter um conjunto vocal como aquele. Mas nunca imaginou que um dia fosse cantar como um quinto integrante do seu adorado quarteto.

Severino Filho, maestro e líder do grupo, era amigo de Altivo, irmão de Tim, e freqüentava os saraus da Rua Barão de Itapagipe. E também nunca imaginou que o garoto gordinho e simpático se tornaria famoso e os convidaria para gravar com ele uma nova versão de "Tem dó" para o songbook de Vinicius de Moraes, em 1993.

Na gravação, Tim e Chediak fizeram questão de que o arranjo vocal dos

Cariocas fosse o mesmo de sua gravação original, nos anos 60, apenas adaptado para receber uma quinta e poderosa voz. Tim se esbaldou, sabia todo o arranjo, todas as vozes, estava emocionado de cantar junto com Severino, Badeco, Quartera e Edson, o seu Fab Four tijucano.

Além de líder do conjunto, Severino era pai da linda atriz Lúcia Veríssimo. Mais uma razão para Tim sair do estúdio com os telefones de todos no bolso. E para que ninguém mais pudesse dormir em paz. No auge de sua fase coca-alcoólica, disparava telefonemas de madrugada, discutia planos para gravar um disco inteiro com Os Cariocas quando o Recreio Music Center ficasse pronto.

Severino pensava que era brincadeira, coisa de doidão, mas o estúdio ficou pronto, os contratos com a Vitória Régia foram assinados e as gravações marcadas. Por sugestão de Quartera, o disco se chamaria "Amigos do rei", uma homenagem não a Roberto Carlos ou Pelé, mas ao rei do soul e da galhofa, um ótimo samba de Lenine e Bráulio Tavares, feito especialmente para Os Cariocas, mas que Tim ouviu, adorou e pegou para o seu disco:

"O projeto é antigo, os Cariocas são antigos e o Tim Maia é antigo, então uma antiguidade só. O disco deveria se chamar Os Antigos, somando tudo deve dar uns quatrocentos anos", disse à revista Show Bizz.

Na mesma entrevista fez questão de registrar que achava a revista uma cópia das americanas. Assim como a Raça, dedicada ao mundo negro, na qual sempre recebia generoso espaço:

"E uma cópia da Ebony americana, é aquele preto farofa, preto maquia-o, é o Sidney Poitier com base, sabe como é, fica cinza...”

E reclamou do clip que vários artistas gravaram com "Aquele abraço", ara promover a frustrada candidatura do Rio de Janeiro às Olimpíadas:

"Fui convidado mas não fui, acho um absurdo essa candidatura, e mais absurdo ainda ficou o clip, só se ouve 'O Rio de Janeiro continua lindo, ó xente! ah, o Rio de Janeiro continua lindo, tchê! Ôrra meu, o Rrrrio continua lindo!', não tinha um carioca, mermão!”

Apesar da sua grande admiração por Caetano Veloso, que era um fã declarado e o homenageara em várias canções, a língua solta de Tim falou mais alto, no lugar errado, para a pessoa errada. Numa das entrevistas, depois de esculhambar várias gerações e estilos da música brasileira, achou que a repórter não estava mais gravando, não resistiu e soltou: "O Caetano Veloso é um babaca, mas faz músicas maravilhosas."

No dia seguinte, abriu o jornal e a manchete venenosa gritava: "Tim Maia: Caetano Veloso é um babaca."

Ficou furioso, se sentiu traído, se arrependeu de ter dito aquilo. Queria apagar, literalmente, da entrevista que mandara gravar em vídeo. O câmera Marcelo foi chamado, viu a fita várias vezes e disse que não havia a menor possibilidade de editar a frase sem que percebessem. Tim o chamou de incompetente e o mandou embora sem pagar. Partiu para cima de Nataly, mandou-a ligar para Paula Lavigne, mulher de Caetano e produtora do vídeo pró-olímpico de "Aquele abraço", para dizer que ele não tinha falado aquilo. O único problema era que a repórter havia gravado a entrevista.

Paula não deu a menor bola, disse que Caetano adorava Tim e havia se divertido muito, que achara engraçado e até se sentira lisonjeado, musicalmente.

Rapidamente Tim e Os Cariocas selecionaram o repertório. As músicas foram escolhidas de comum acordo, sem maiores divergências. Uma parte do disco seria de clássicos dos Cariocas, com os arranjos originais adaptados para a quinta voz e os solos de Tim, que ele sempre sonhara em cantar: "Ela é carioca", "Samba do avião", "Telefone" (o de Menescal e Bôscoli) e "Valsa de uma cidade".

A outra parte seria de clássicos de Tim Maia, adaptados para as vozes do quarteto: "Não quero dinheiro", "Azul da cor do mar" e a balada "Essa tal felicidade":

"Nos meus sonhos de criança,
como todo mundo faz,
de formar uma família,

como era a dos meus pais.”

Entre as surpresas, além do samba de Lenine, um xote pop de Dominguinhos e Climério, "Ter você é ter razão", e uma retribuição às homenagens de Caetano, gravando a sua linda "Lindeza".

Durante dois meses, todos os dias, Os Cariocas chegavam às dez da manhã ao Recreio. Muitas vezes encontravam uma família de cinco ou seis irmãos bem pobrinhos, que moravam na favela Terreirão e eram chamados por Tim de Os Iguais, se esbaldando na piscina.

Gravavam até a hora do almoço, comiam muito bem, Tim tirava um cochilo e depois iam até o fim da tarde em paz e harmonia.

Severino, que morava no Recreio, fazia a pé os 4 quilômetros até o estúdio. E gostava de brincar com todo mundo que fazia a mesma piada quando ele dizia que estava gravando com o Tim Maia: "Mas ele vai à gravação?”

"Claro que não", fazia uma pausa para curtir o efeito, "porque ele já está lá: o estúdio é na casa dele".

A convivência com Os Cariocas e sua admiração por Severino não chegaram a influenciar o seu estilo musical, mas produziram grandes mudanças nos seus figurinos de shows e na capa do disco: trocou as camisas coloridas e brilhantes por discretos blazers, como os de Severino.

A bossa nova encontrava o soul, a realidade superava o sonho, a história e os personagens eram formidáveis, mas o resultado final nem tanto. Em vários momentos a voz de Tim falhava e semitonava, perdera muito do seu brilho, outras vezes seu fraseado se desencontrava dos Cariocas. As novas versões de seus sucessos davam saudades dos Diagonais, e "Não quero dinheiro", em levada disco- funk, era claramente inadequada ao estilo clássico dos Cariocas.

Mas Tim estava com pressa. Seu perfeccionismo patológico cedia a uma sensação de urgência e a uma autocomplacência com erros que jamais toleraria. Suas poucas discussões com o severo Severino no estúdio foram para não refazer partes que o maestro considerava, com todo respeito, meio quatro-quatro-meia.

"Deixa assim mesmo, Severino, tá bom assim, vamos em frente.”

Sua voz estava descendo a ladeira e ninguém melhor do que ele, com seu ouvido privilegiado e seu senso crítico implacável, sabia disso. Daí a sua urgência de usar o que restava, enquanto restava.

Mal terminou a gravação com Os Cariocas, já começaria a produção de What a Wonderful World, com canções americanas dos anos 50 e 60, que sonhava gravar desde que voltara deportado para o Brasil, em 1964, com o seu sonho americano destruído.

No fim de 1995, com um contrato que previa multa de 5 mil dólares por show que faltasse, fez duas semanas de quarta a domingo no Canecão, sem faltar a nenhum. Mas, no último dia, quando as filas nas bilheterias eram imensas e os cambistas se esbaldavam, telefonou avisando que não ia. Em pânico, o pessoal do Canecão se preparava para enfrentar a multidão.

Os músicos, técnicos, roadies e secretárias de Tim não sabiam o que fazer; ele avisara que seria inútil insistir, não atenderia o telefone e não abriria a porta para ninguém.

O boato já se espalhava pelas filas e gerava os primeiros protestos, os cambistas, cheios de ingressos micados na mão, o amaldiçoavam. Meia hora antes do show, um radiotáxi estacionou na porta do Canecão e Tim desembarcou alegre e sorridente, acenando para o público.

Era só um exerciciozinho de terror, para manter o pessoal atento e a chama acesa, afinal, o suspense dava sempre um sabor extra aos seus shows e o público valorizava mais.

DE SACO CHEIO, 1996, 142 KG

Tim estava de saco cheio, literalmente. Sua bolsa escrotal e seus testículos estavam enormes, muito inchados e doloridos, tomados por uma infecção violenta e um início de gangrena. Quase não podia andar, nem sentar, nem deitar. Mas nem queria ouvir falar de médicos.

No verão de 1996, convidado por Maria Jucá, foi uma das estrelas do festival "Circo Voador — Estação Cabo Frio", que teve também noites com Ivete Sangalo, Lulu Santos, Celso Blues Boy e a Orquestra Tabajara. Para garantir ao público que Tim compareceria, a prefeitura montou um esquema de monitoração de sua viagem, com a rádio local anunciando de 15 em 15 minutos: "passou por Rio Bonito", "saiu de Araruama", "está entrando em São Pedro da Aldeia", até a chegada ao hotel. Só aí o público começou a comprar os ingressos.

Com o craque Romário e mais 5 mil pessoas na platéia, Tim e a Vitória Régia estavam prontos, mas o baixista Chumbinho havia sumido. Fora visto pela última vez no lobby do hotel dando um pega numa mulher casada, disseram a Tim até o nome do marido, e ele abriu a noite pedindo desculpas ao público: "A banda está sem baixo porque o meu baixista está comendo a mulher do Zé Maria e não apareceu.”

Pouco depois, Chumbinho chegava esbaforido e não escapava do deboche de Tim: "Esse é o Chumbinho, meus amigos, o Romário chegou antes dele.”

Não era a primeira vez. Em um show no Circo Voador, Chumbinho tomou uns gorós a mais na casa de Tibério Gaspar, apagou e acordou à uma da manhã. Só chegou à Lapa quando Piau já se preparava para pegar o baixo e Tim o denunciou, de dedo em riste: "O, o show atrasou porque o Chumbinho tomou um goró e só chegou agora." O público riu e vaiou estrepitosamente.

O show de Cabo Frio terminou em aplausos e gargalhadas, com Tim

dedicando a música "à mulher do prefeito, que é muito gostosa".

No início de maio, quando não agüentava mais as dores e o incomodo e o saco não parava de inchar, Tim finalmente recebeu um médico e um diagnóstico apavorante: era uma "gangrena de Fournier” gravíssima, que exigia imediata cirurgia para evitar a perda dos testículos e até do pênis.

Com o saco do tamanho de um repolho, avermelhado, roxo e com uma parte gangrenada, gemendo de dor e aterrorizado, Tim foi internado de emergência na Clínica São Vicente, na Gávea, onde foi operado pelo Dr. Edson de Almeida e Silva.

No quarto, assim que acordou da anestesia, deu de cara com Adriana e Rosiclér ao lado da cama. Todo cheio de cateteres e sondas, gemendo, perguntou com um fio de voz: "Cadê o meu skunkzinho, comadre?”

Não chegou a ouvir a resposta porque um médico entrava com uma enfermeira para examiná-lo. Estava tudo OK, ou quase, porque a parte gangrenada tinha sido retirada, a infecção começava a regredir com os antibióticos, mas ele deveria fazer ainda duas cirurgias complementares. Se quisesse voltar a ter ereções.

E mais: os pulmões estavam bombardeados, assim como os rins; o diabetes exigia cuidados, não podia mais comer doces, nem gorduras; o colesterol estava altíssimo, tinha que perder peso e controlar a pressão. Feliz por estar vivo, Tim só balançava a cabeça e fingia que ouvia.

A primeira coisa que mandou comprar foram vários tubos de Bom Ar. E ameaçou Rosiclér: ou ela enrolava um baurete imediatamente ou ele mesmo faria, com os cateteres, sondas e tudo, mas a odiaria para o resto da vida. Fumou à vontade, saboreando, enquanto Rosiclér e Adriana tremiam de medo de que alguém entrasse e empestavam o quarto com o cheiro do desodorizante.

Melhor: como uma celebridade que não queria ser incomodada, Tim mandou contratar dois seguranças e os colocou no corredor, na porta de seu quarto, com ordem de só deixar entrar médicos e enfermeiras com a sua autorização. Para fumar sossegado.

Quando, depois de anunciada pelos seguranças, uma enfermeira entrava com remédios, pedia que deixasse na mesinha e avisava às acompanhantes: "Vocês tomam aí, porque eu vou é fumar o meu skunkzinho.”

Pior: não admitia que nenhuma enfermeira o tocasse para as mínimas higienes indispensáveis. Cabia às acompanhantes executar essas árduas tarefas no bebê gigantesco: "Pô, Rosiclér, legal, eu nunca mais vou me esquecer que você limpou a minha bunda.”

Entre um baurete e outro, Tim fez mais duas cirurgias e, depois de dez dias no hospital, com o saco todo enfaixado, voltou para casa, mesmo sem ter recebido alta dos médicos. Claro que ele não tinha plano de saúde, já que evitava qualquer contato com médicos e hospitais, o que acabou lhe custando um cheque de 15 mil reais, com fundos, na saída da clínica. De volta ao lar, foi generoso: deu 1.500 a Adriana e o mesmo a Rosiclér, pelos inestimáveis serviços prestados.

Passou dois meses em casa, de short e chinelos, convalescendo, só fumando skunk misturado com hash e vendo televisão, entre a pressão da larica e o terror do diabetes:

"Hoje é sábado, tá tudo fechado, não tem expediente público, a gente tá aqui tranqüilo vendo televisão. Você não tem vontade de comer um doce não?", perguntava a Adriana.

"Não, Tim.”

Passava um tempo, voltava ao assunto, sem possibilidades de contestação: "Faz o seguinte: vai lá embaixo e compra umas bombas de chocolate e um pote de sorvete. Daqui a pouco vai te dar vontade.”

Como ninguém mais queria contratar Tim Maia, porque todo mundo sabia que ele não ia aos shows, e com o cofrinho zerado, restou-lhe o bom e velho Scala e a oportunidade para novas brigas e pazes com seu "canalha de estimação", Chico Recarey:

"Na minha segunda noite do Scala, sumiram com 141 ingressos na hora de fazer as contas da minha parte. Eu não vou falar que o nome do cara é Paulo

César, porque eu não quero cagüetar ninguém aqui", disse a Jô Soares, em rede nacional. "Fui reclamar com o Chico e ele me disse: Desculpas, Tim Maia, e mandou acertar as contas. Esse é o Chiquito Recarey. A única coisa que ele fala em português correto é puta que o pariu!”

Na mesma entrevista, relatou pormenorizadamente a epopéia do saco e aproveitou para recomendar os serviços de seu médico: "Se você tiver um probleminha de fimose, Jô, pode ir lá que ele resolve. Agora mesmo estou levando um pessoal jovem para fazer um tratamentozinho: Moreira da Silva, Jamelão, Os Demônios da Garoa...”

Pouco depois, vitorioso no Prêmio Sharp pelo disco com Os Cariocas, Tim subiu ao palco ovacionado, tirou o microfone da mão da apresentadora Marieta Severo e foi sucinto:

"Eu gostaria de fazer uma homenagem ao meu urologista, o Dr. Edson, que me deixou ereto para o resto da vida." E foi embora, aplaudidíssimo.

Mantinha grande respeito e admiração por Severino Filho, e não só pelos arranjos vocais e os blazers com monogramas bordados.

Mandava-lhe todos os discos que gravava e telefonava todos os dias para saber a opinião do maestro. Uma madrugada, cansado do assédio, Severino disse que não podia ouvir porque seu som estava quebrado. No dia seguinte foi acordado por um motorista de táxi que lhe entregou um três-em-um zerinho, com os cumprimentos de Tim Maia.

Por influência de Severino, que havia feito a mesma cirurgia, depois de muita relutância e de se assegurar que havia funcionado com o maestro, Tim operou as cataratas que nublavam seus dois olhos.

E não se cansava de galantear a sua filha, a linda Lúcia, não só em telefonemas na madrugada, mas também a homenageando publicamente nos shows. Falava com ela como se estivessem na sala de casa, fazia perguntas, contava novidades, ignorando a platéia, como se conversassem numa língua estranha: "O Lucinha, não deixa de passar no camarim depois do show, porque chegou uma carta do Afeganistão para você", e ria malicioso, piscando o olho.

Até Lúcia, que de tímida não tem nada, queria se enfiar no chão. No camarim do Canecão, recebeu uma pedra de haxixe afegão, com os cumprimentos de Tim Maia.

A amiga Marlene Morbeck, recém-casada com o roadie Paçoca, também foi homenageada durante o show: "Alô, Marlene Morbeck! De carro novo, namorado novo, peru novo, tudo novo, né?”

No início de setembro, lançou, oficial e simultaneamente, o disco dos Cariocas e o de canções em inglês, que se chamaria Diamonds and Pear Is, mas, para não pensarem que estava plagiando Prince, optou por What a Wonderful World (Oldies But Goodies). E anunciou a gravação de "Pro meu grande amor", uma versão do clássico americano dos anos 60, "Hey There, Lonely Girl".

Desde o seu disco de clássicos da bossa nova, de 1990, Tim iniciara uma viagem sentimental de volta a seus primeiros amores musicais, que continuou com a parceria com Os Cariocas e o levaria a revisitar as músicas que gostava de cantar quando morava nos Estados Unidos, no início dos anos 60. Músicas de Sam Cooke, precursor do black soul que ele adorava, clássicos como "On Broadway", mas com o arranjo original dos Drifters, não na versão moderna de George Benson, tudo com os arranjos da época, nos mesmos tons, um sonho antigo.

Ao mesmo tempo, mergulhava no passado e decolava para o futuro: seus novos discos sairiam com faixas interativas, com fotos, clipes e informações, os primeiros de uma estrela da música brasileira na era digital. Um produto Vitória Régia Discos, a única que paga aos sábados etc. etc. etc.

"Antes de eu morrer, daqui a uns vinte anos, todo mundo vai ter CD com faixa interativa. Vai ser tudo áudio e vídeo.”

E realizou seu velho sonho de diretor de musicais: chamou porteiros e recepcionistas do Barra Palace, prometeu-lhes um levadinho, pegou sua câmera de vídeo e gravou com todo mundo na praia a faixa interativa de seu CD.

A revista Placar lançou um disco com os hinos dos principais times de futebol brasileiros, produzido por Bruno Mazzeo e Pierre Aderne, com Fernanda

Abreu e Celso Blues Boy cantando o do Vasco, numa batida funk; Ed Motta e Beth Carvalho, o do Botafogo; o trio Herbert Vianna, Neguinho da Beija- Flor e Falcão, do Rappa, fazendo o do Flamengo; e o trio Evandro Mesquita, Tony Platão e Fausto Fawcett, o do Fluminense, em animado funk-samba. Tudo muito bom, mas, de longe, a melhor faixa era o hino do América, cantado por Tim Maia em vibrante levada dance:

"Hei de torcer, torcer,
torcer, hei de torcer até morrer,
morrer, morrer, porque a torcida americana
é toda assim, a começar por mim..."

Tim torcedor do América? No caso, a afinidade foi mais de ordem geográfica e musical, porque Tim havia nascido na Rua Afonso Pena, ao lado do campo do América Futebol Clube — para quem Lamartine Babo compôs, adaptando uma marcha americana, o hino que todas as torcidas reconhecem como o mais bonito. Bruno conhecia Tim desde pequeno e não teve dificuldade em convencê-lo a ser americano desde criancinha.

Gravar foi fácil, Tim não só chegou na hora como levou seu amigo Fábio para dar uns gritos de "América-a-a-a", com bastante eco, como nas transmissões esportivas de rádio. Difícil foi fazer as fotos para a divulgação: não havia camisa do América que coubesse nele. E, pior, o fotógrafo sugeriu que ele posasse enrolado na bandeira do clube e Tim abandonou o estúdio aos gritos.

Em Nova York, Bruno foi avisado dos problemas e ligou para Tim. Ao saber de onde ele falava, Tim contou uma série de histórias hilariantes de quando vivia na cidade, recitou poemas em inglês, cantou e, depois de uma hora de papo, finalmente entrou no assunto: "Enrolado na bandeira é coisa de veado. Não tiro nem fodendo", fez uma pausa, Bruno suspirou e Tim concedeu, "mas se for só segurando a bandeira, tudo bem".

Tirou a foto, o disco vendeu mais de 300 mil cópias e Bruno perdeu o sono com a conta de telefone que chegaria no apartamento de Emiliano, irmão de sua madrasta Zélia Cardoso de Mello, onde estava hospedado.

Em seis meses Tim havia emagrecido mais de 20 quilos por conta da cirurgia e das ameaças dos médicos, estava endividado mas feliz com o lançamento dos discos. E já pensava em gravar um só de forró. Ou melhor, pensava nisso desde 1970, quando gravou o "Coroné António Bento" e o "Padre Cícero" e inventou o baião-soul.

Tinha muitos discos nordestinos, era fã de Luiz Gonzaga e Jackson do Pandeiro (que chegara a encontrar em Belford Roxo nas sessões do Racional Superior), e, em 1992, em Fortaleza, anunciou que faria um disco nordestino, todo de baiões, xaxados e xotes, misturados com funk e soul, que ele sabia fazer como ninguém. Começou a trabalhar com Cláudio Mazza e produziram "O Nordeste é lindo" e "Vixe", que apareceram em Voltou clarear, e em seguida compuseram juntos uma grande música, a melhor que Tim havia feito nos últimos anos, à altura de seus grandes clássicos, o lindo baião-soul "Pra fazer você feliz":

"Se for pra fazer você feliz,
eu largo tudo, eu faço tudo,
eu quero mais, eu peço bis.
Mas eu vou lhe avisar,
eu não quero mais sofrer,
já cansei de chorar,
e não posso mais perder,
nenhum tempo com coisas que não são firmeza."

Atualidades financeiras: com as dívidas pipocando, a sede da Seroma na Lagoa seriamente ameaçada, os shows diminuindo e as despesas aumentando, Tim decidiu que o melhor era investir. Usou todo o cachê do comercial da Antárctica para dar entrada em dois apartamentos: um em construção no Edifício Pérola, no Pontal, e outro no novo e luxuoso condomínio Ocean Drive, próximo do Barra Palace. Sem registrar as escrituras em seu nome para evitar as penhoras. E sem qualquer possibilidade contábil de pagar as prestações.

E comprou um carro novo: fez questão que fosse um Omega igual ao

usado pelo presidente Fernando Henrique Cardoso, com bancos de couro e câmbio automático, "à altura do Tim Maia do Brasil".

Mas, na chegada do carro, a coisa ficou preta. Adriana foi à agência, pagou à vista e um motorista trouxe o carrão até a garagem escura do Barra Palace. Tim desceu com as narinas imaginando o cheirinho de carro novo e de couro, mas, quando viu o bicho, partiu para cima de Adriana aos berros: "Porra, como é que você me traz um carro preto? Vai já devolver essa porra! Eu não entro em carro preto!”

"Mas, Tim, tá escrito aqui no documento", Adriana tentou se defender, "não é preto, é cinza-escuro." Levado para a luz do sol, o Omega grafite foi aprovado e incorporado à frota Maia.

Míope e com a vista cansada, também foi obrigado a usar óculos, que detestava. Dizia que um conhecido, depois que passara a usar óculos, tinha morrido de repente. Ansioso e urgente, Tim gravava sem parar, todos os dias, no Recreio Music Center: "Chico Donghia, você sabe a diferença entre um amador e um profissional? É que o amador pode fazer bem-feito, mas o profissional faz bem-feito e rápido, muito rápido, mermão.”

Nesse ritmo frenético, gravaria quatro CDs em menos de um ano, sem perder tempo com firulas técnicas e acabamentos. Tinha pressa, muita pressa.

Em Pro meu grande amor, além da versão de "Hey There Lonely Girl" do título, Tim compôs apenas três músicas, que não estão entre suas melhores: "Pra fazer você sorrir", "Eu confesso" e "Tudo era lindo (E se foi)". A maior parte das músicas são clássicos da MPB e da bossa nova, como "Rapaz de bem", de Johnny Alf, "Rio", de Menescal e Bôscoli, "Felicidade" e "Eu sei que vou te amar", de Tom e Vinícius, e "Olê Olá", de Chico Buarque. Sua admiração por Djavan resultou na gravação do samba "Flor-de-lis" e numa regravação da romântica "Oceano", que já havia interpretado em Nova era glacial. Também do mestre alagoano é o baião "Estória de cantador", que abre o disco, seguido por "Nana", de Moacyr Santos e Mário Telles, em levada afro-xote, que mostravam a veia nordestina de Tim Maia, prenunciando o disco de forró-soul.

E anunciou mais um disco, no qual gravaria só músicas suas, já que estava sendo processado por dois compositores e não queria mais confusões.

Mas acabaria gravando apenas seis músicas próprias, as outras oito seriam clássicos da bossa nova, como "O morro não tem vez", "Vivo sonhando" e "Só danço samba", de Tom e Vinicius, "E nada mais", de Durval Ferreira e Lula Freire, e sucessos da MPB, como "Lindo lago do amor", de Gonzaguinha, "Só você", de Vinicius Cantuária, "Saigon", de Cláudio Cartier e Paulo César Feital, além de uma viagem sentimental ao sambalanço "Olhou pra mim", de Ed Lincoln e Silvio César, um clássico de bailes nos anos 60.

No meio de tudo, gravou uma música especialmente para um disco produzido por Cláudio Mazza para as torcidas de futebol, com várias versões do hino do clube, inclusive karaokê. Assim, o vascaíno relapso e americano eventual Tim Maia gravou com muita paixão e alegria uma espetacular versão pop do "Hino do Flamengo", de Lamartine Babo, acompanhado pela Vitória Régia em um empolgante arranjo club dance:

"Uma vez Flamengo, sempre Flamengo, Flamengo sempre eu hei de ser..."

No fim do ano conseguiu fechar um contrato com a Microservice para a fabricação dos CDs, 10 mil de cada, para começar, e o Recreio Music Center se tornou também um depósito de discos. Ele mesmo distribuiria. Botou todo mundo para trabalhar. Adriana, Bebel, Nataly, Carmelo, o caseiro do Recreio, todo mundo telefonando para lojas e oferecendo os discos. Vendedores foram despachados para fazer o circuito comercial. Em São Paulo, Rosiclér e China chegaram a vender quase 40 mil reais. Era muito pouco, perto do que a Vitória Régia devia à Microservice. O depósito não esvaziava e as dívidas cresciam.

O CAMINHO DE VOLTA, 1997, 120 KG

No início de abril de 1997, quando soube por um advogado que um alto funcionário do Tribunal Regional do Trabalho sinalizara que, mediante um levado, engavetaria o leilão da sede da Seroma, na Lagoa, Tim deu instruções a Adriana para fechar negócio e marcar um encontro. E, por incrível que pareça, chamou a polícia. E avisou à reportagem do programa Aqui e agora, do SBT, e à Ordem dos Advogados do Brasil, que enviou uma representante.

Com um microfone escondido e uma câmera filmando tudo a distância, Adriana se encontrou com o funcionário numa Praça: "Deu tudo certo, Daniel?", ela perguntava.

"Tudo, o juiz já despachou. Você pode ir na Junta porque eu já comuniquei à Junta."

"Graças a Deus", Adriana suspirava, "mas não dá para diminuir esses 3 mil, não?".

"Pô, não dá, já falamos com o sujeito, né? O cara foi limpo, você viu que deu tudo certinho, do jeitinho que você combinou."

"Tá legal, são 3 mil, eu trouxe até em dólar."

"O dinheiro é autêntico, né?", desconfiou o doutor.

Assim que o levado trocou de mãos, entraram em cena dois policiais da 9a Delegacia, do Catete, e deram voz de prisão ao Dr. Daniel, ao vivo, em rede nacional, no Aqui e agora, do SBT. O assessor nem teve tempo de receber os três CDs de Tim Maia autografados para o juiz, que os pedira como parte do jabá, apreendidos junto com os dólares, como prova do crime. O elemento foi algemado e recolhido à carceragem especial, porque era doutor, no Ponto Zero, em Benfica.

Foi um escândalo, a grande sensação do noticiário do dia. Tim Maia, triunfante, proclamava a vitória da verdade e da justiça ao lado da heróica

Adriana, dizendo-se extorquido havia dez anos. O presidente do TRT enviou um fax ao SBT informando que havia afastado o funcionário corrupto e instaurado processo administrativo. O juiz da 35a Vara Cível mandou a delegada da 9a DP abrir inquérito, mas relaxou a prisão de Daniel, considerando que ele não fora preso em flagrante e que era primário.

Mas, apesar da robustez e exuberância das provas e de milhões de testemunhas, o corrupto ficou solto e impune: Tim não compareceu a nenhuma audiência, mas salvou a Seroma.

No fim de junho, enfrentou estoicamente o longo vôo até Manaus, movido por segundas intenções: conseguira passagens baratíssimas de lá para Miami, onde pretendia fazer uma série de shows. Quando descobriu que eram do Lloyd Boliviano, não resistiu e perguntou à moça da agência se o serviço de bordo era brizola na bandeja.

Em Manaus, de manhã, uma ventania derrubou o palco, que teve que ser reconstruído e atrasou muito o início do show, mas Tim estava lá na hora marcada. O público cantou e dançou do início ao fim.

Depois do show, torrando um misto-quente, avisou à banda:

"Quem tiver visto americano pega o passaporte que a gente vai para Miami.”

Só o saxofonista Tinho e o guitarrista Nabuco tinham, mas Tim não estava preocupado, completaria a banda em Miami, que estava cheia de músicos brasileiros desempregados. O Bola cuidaria de tudo.

Embarcaram no meio da madrugada na aeronave boliviana, vinda de Santa Cruz de la Sierra — o expresso da brizola, segundo Tim —, e chegaram a Miami com o dia amanhecendo. Lá, foram recebidos por Bola, um negão digno do apelido, com uma limusine, conforme o combinado. Mas tudo o mais não fora possível, explicou o Bola a caminho do hotel. Não conseguira patrocinadores, nem compradores para o show, nem mesmo desconto no hotel. Tim teria que alugar um salão ou um teatro e contratar o som, a luz e os músicos. E imprimir os bilhetes. Ele daria uma força, já que conhecia todo mundo na imensa colônia

brasileira de Miami.

Com Bola chutado para escanteio, Tim conseguiu alugar por 5 mil dólares o salão do Hotel Beachcomber, na Collins Avenue, de frente para o mar, onde estavam hospedados. E, com a ajuda de Nabuco e Tinho, formar uma banda e alugar equipamento de som. Um baterista, um baixista e um tecladista brazucas foram caçados a laço nos barzinhos de South Beach. A Vitória Régia começou a ensaiar com a formação mais pobre de sua história.

A divulgação foi feita com flyers em bares e restaurantes de brasileiros, no Banco do Brasil e nas lojinhas que vendiam produtos brazucas. Uma semana depois, na hora do show, menos de um quinto do salão estava ocupado, e metade não havia pago os 50 dólares do ingresso. E o show, sem iluminação, com aquela formação precária da banda e poucos ensaios, não poderia mesmo ser muito bom.

O tecladista era um loucaço, que insistia em ficar solando sobre voz de Tim, mas ele nem se incomodou, estava feliz como se cantasse para 5 mil pessoas. O calor e a empolgação o fizeram trocar de camisa, todas brilhantes coloridas, várias vezes durante o show. Estava realizando seu sonho de cantar os Estados Unidos.

Nem deu bola para o baita prejuízo, pagou os músicos, disse que eles tinham tocado muito mal e mandou-os de volta para o Brasil. E alugou uma limusine com motorista para fazer uma longa viagem sentimental de Miami a ova York e de lá até Tarrytown, passando pela Geórgia, Carolina do Sul, Carona do Norte, Virgínia, West Virgínia, Washington, Pensilvânia e Nova Jersey, e fazendo, como o Tim Maia do Brasil, o itinerário que fizera como Jimmy the Brazilian, 36 anos antes, e que o levara até a prisão em Daytona.

Como Adriana não falava inglês e Tim estava de saco cheio de ficar traduzindo tudo, o motorista da limo era o português Bonáveres, contratado inicialmente para levar o casal até Orlando, com a recomendação expressa de passar m longe de Daytona, Adriana estranhou: "Mas a gente não vai para Nova York?”

"Vai, mas ele não precisa saber.”

"Mas ele já disse que não pode ficar fora, ele tem família aqui.”

"Deixa comigo", tranqüilizou Tim, "com a grana que eu vou dar a ele o gajo vai querer me levar até pro Brasil".

Pegaram a rodovia 95 de manhã e na hora do almoço estavam em Orlando. O barrigudo Bonáveres rejeitou todas as laricas oferecidas por Tim durante a viagem e veio comendo cenouras cruas. No hotel de Orlando, Tim insistiu para e ele almoçasse e dormisse lá e ofereceu-lhe um quarto: "O senhor dirigiu muito, tem que descansar, se alimentar. Não adianta ir só comendo cenouras, o que é que o senhor pensa? Essa sua barriga não vai baixar assim não".

"Tá bom, eu vou almoçar", cedeu o faminto Bonáveres, "mas minha mulher não pode saber disso".

Comeu barbaramente e foi dar um cochilo antes de pegar a estrada de volta. Tim pediu na recepção que não o deixassem sair sem pagar a conta, para evitar que ele fugisse, mas se responsabilizou pelo pagamento.

Uma hora depois, achou que Mr. Bonaveres já estava suficientemente repousado e mandou Adriana ao seu quarto, levando-lhe metade do pagamento combinado e perguntando quanto ele cobraria para ir até Washington.

"Mas nós não vamos para Nova York?", Adriana estava pouco familiarizada com os mapas rodoviários americanos.

"Faz o que eu estou te dizendo", Tim botou um maço de notas em sua mão, "oferece esse cascalho para ele levar a gente para Washington".

Mesmo seduzido pelo levado, o motorista tentou argumentar que a viagem era longa e que não tinha roupas, mas Tim mandou dizer que comprava. Depois do café-da-manhã, Bonaveres pegou a estrada para a capital, com o celular desligado a pedido de Tim, fora do alcance da mulher, e trocou as cenouras por chocolates.

Pararam para lanchar em Jacksonville, à beira do mar, onde Tim e seus amigos haviam feito algumas apropriações indébitas e se divertido muito em

1963. E seguiram pela 95 rumo à pequena e formosa Savanah, já no litoral da Geórgia, onde Jimmy the Brazilian também havia feito algumas estripulias em sua road trip enlouquecida. E se lembrava de tudo, dos nomes, lugares, situações, desmentindo cabalmente a perda de memória atribuída aos maconheiros. Ou talvez tivesse uma imaginação prodigiosa.

Em Washington, hospedado no Sheraton, de banho tomado e roupa nova, com mil dólares no bolso, o motorista Bonaveres não resistiu à oferta de mais 2,5 mil dólares para rodar mais 500 quilômetros até Nova York e foi sincero: "É mais do que eu ganho em 15 dias de trabalho, mas tenho que falar com a minha mulher.”

No dia seguinte, de manhã cedo, a limusine verde-claro ganhava a estrada rumo à Pensilvânia. Duas horas depois, quando o pneu furou, não adiantava acender o farol, era melhor procurar um borracheiro na beira da estrada. Como Bonaveres falava péssimo inglês, foi Tim que teve que se entender com o mecânico grandalhão, grosso e imundo de graxa, a quem logo mandou tomar no cu, em português naturalmente, e depois seguiu se desentendendo em inglês do Harlem, até o pneu ser trocado e consertado. Botou um bolo de notas na mão do brutamontes e, enquanto ele contava o dinheiro, gritou "estratégia" e mandou Bonaveres acelerar.

Tinha pago só metade do cobrado.

O motorista era um crente discreto e cauteloso, que não bebia, não falava palavrões e nem fazia muitas perguntas. Tim gostava de seu estilo tranqüilo de dirigir, sempre a menos de 50 milhas por hora, e não queria criar intimidades nem problemas: só fumava seus bauretes no hotel, com as janelas abertas, ou então em algum matinho de beira de estrada, quando pedia que parasse para fazer xixi.

Bonáveres tinha muitas qualidades, mas nunca havia estado em Nova York e rodava como uma barata tonta pelo Brooklyn, sem conseguir encontrar o Delmonico's. Seria mesmo difícil, já que o tradicional hotel ficava na Park Avenue, em Manhattan, do outro lado do East River, cruzando a Brooklyn

Bridge, a muitas milhas dali.

Foi o que informou, em tom debochado e ameaçador, um negão apavorante que se aproximara do carro parado no sinal junto com alguns colegas, não menos sinistros. Com a limo cercada pelos negões, até Tim se sentiu desconfortável em dialogar com o brother. Adriana se encolheu no banco e Bonáveres rezava baixinho e queria sair dali o mais rápido possível.

Finalmente o sinal abriu, os negões voltaram rindo para a esquina e a limo arrancou. Mas, dois quarteirões depois, Tim mudou de idéia e mandou Bonáveres voltar. Seu bagulho acabara e ele não podia ficar sem, era certo que aquele pessoal teria. Mas o motorista não precisava saber disso. O gajo nem o deixou terminar o pedido: "Tá louco, seu Tim Maia? Quer morrer? Valha-me Deus Nosso Senhor Jesus Cristo!" E tocou acelerado para Manhattan.

Finalmente instalado em uma enorme suíte no velho Delmonico's, com uma varanda dando para a Park Avenue e suas tulipas coloridas, Tim quis logo ir à agência do Banco do Brasil, mas não só para pegar dinheiro. Logo que chegou, saiu distribuindo discos e abordando, com a sutileza Maia, todos os funcionários 3 clientes com cara de possíveis chincheiros, em busca de um baurete. Provocou algum constrangimento e negativas perplexas, mas finalmente encontrou uma cliente que, além de cabeça feita, era sua fã, e se ofereceu para fazer um avião até o hotel. Mas Tim recomendou, passando-lhe discretamente uma nota de 100 dólares: "Mas leva mesmo, mesmo se não for du bão, porque eu tô a perigo, sem nada, zeradinho. Ah, e se der, traz um hashzinho.

No dia seguinte, acordei com o telefonema de Tim convidando-me para inesquecível e interminável breakfast no Delmonico's, quando me contou as novidades e relatou a sua viagem de Miami a Nova York. Depois dedicou um dia inteiro a visitar alguns dos 19 endereços onde havia morado nos seus anos loucos nova-iorquinos, muquifos no Village, no Bowery, no Bronx, no Harlem, bares onde tocou com os Ideais e que não existiam mais, o asilo onde trabalhara e que virara um supermercado. Contratou um novo motorista, o brasileiro Cláudio, e partiu com Adriana para o passado, rumo a Tarrytown.

De manhã cedo deixaram Manhattan e pegaram a rodovia 87, margeando o rio Hudson. Uma hora depois cruzaram a ponte de Tapan Zee e entraram na Main Street de Tarrytown, com o coração do velho Tim batendo acelerado. A cidadezinha não havia mudado muito, talvez houvesse dobrado de tamanho, mas isso não fazia muita diferença numa população de 10 mil habitantes. Continuava cercada por mansões de milionários nos dois lados do rio, talvez com mais alguns casarões de novos-ricos, mas nada muito diferente do dia em que Douglas lhe mostrara a Millionaire's Colony.

Na Orchard Street, com alguns novos prédios baixinhos e poucos carros passando na manhã calorenta, mandou Cláudio parar em frente ao Music Hall para tirar fotos. O imenso teatro, que ele conhecera como cinema em 1960, voltara a ser um auditório de shows. A pizzaria onde ele trabalhara, e comera muito, ainda estava na esquina, mas transformada em uma delicatessen, a casa dos O'Meara dera espaço para um pequeno edifício. Perguntou em vários lugares por eles, mas ninguém sabia de nada, e também por Félix de Masi e Roger Bruno, seus companheiros nos Ideais, e soube que os dois já haviam morrido.

De volta ao Brasil, encontrou pilhas de contas, cobranças e intimações judiciais, e um quarto cheio de caixas de discos encalhados. Reagrupou a banda, chamando de volta Cláudio Mazza e incluindo alguns músicos bem jovens, como o guitarrista Rogério, recrutado por um anúncio de jornal, o baixista Igor Araújo, neto de Severino Filho, e a percussionista dinamarquesa Lerk, que além de tocar muito bem era uma graça de lourinha. Tim a paparicava e debochava dos músicos que a ajudavam a carregar seus pesados instrumentos:

"Engraçado, o Ovídio ninguém queria ajudar..."

O veterano Ovídio Brito era um excelente percussionista carioca, que já havia tocado na Vitória Régia.

Nos dias 8 e 9 de agosto, Tim subiu ao palco do Metropolitan para comemorar o lançamento dos quatro novos discos. Mas não cantou nenhuma música deles no show, só os seus grandes sucessos: "Não toco música nova em

show, show é pra cantar junto.”

Na semana seguinte, os Titãs, que faziam espetacular sucesso com o acústico, voltariam a se apresentar no Metropolitan. Com apoio entusiástico da banda, Branco Mello ligou para Tim, convidando-o para ser homenageado fazer uma participação especial: "Pô, Branco, se eu não vou nem nos meus shows, imagina no de vocês?”

Convidado por um deputado do Partido Socialista Brasileiro, que viu nele um grande potencial de votos, pelo menos de protesto, Tim se lançou candidato a senador pelo Rio de Janeiro, embora o convite fosse para disputar uma vaga de deputado federal. Sua plataforma se resumia à "liberação geral e irrestrita" e à criação de uma universidade afro-brasileira. Perguntado por que escolhera pequeno PSB, politizou o célebre aforismo brasileiro: "O Brasil é o único país onde, além de puta gozar, cafetão ter ciúme e traficante ser viciado, pobre é de direita.”

O primeiro problema era que Tim não tinha título de eleitor e nunca votara na vida. Marlene Morbeck foi enviada à Zona Eleitoral com duas fotos 3x4, alguns discos e uma missão difícil, mas não impossível para uma sedutora loura sinistra. Mas não foi preciso muito esforço, o atendente do cartório era fã de Tim Maia e Marlene voltou para a Barra com o título eleitoral que o habilitava a votar e ser votado. Mas Tim não se filiou ao partido e, depois de posar para a capa da revista República de smoking azul-marinho com uma faixa de senador, abandonou a vida política. Tinha coisas mais urgentes com que se preocupar.

"Tim, eles estão ligando para cobrar", era uma das frases mais freqüentes as secretárias Adriana, Bebel e Nataly, "se não pagar você vai perder o apartamento". Mas Tim estava numa tranqüila, numa relax, numa boa: "Deixa cobrar, devo e não nego e vou pagar quando der, se quiser que operem", respondia com tranqüilidade.

"Mas você vai perder todo o dinheiro que já investiu?”

"Vou é fazer uma festa! Vamos mudar para o Ocean Drive agora, esse Barra Palace sempre foi um cárcere privado e agora virou um piranhão, cheio de

pobres. E vamos comprar uma televisão de 47 polegadas.”

Em setembro, na festa do seu 55° aniversário, ele foi. E recebeu amigos, parentes e músicos no apartamento do Ocean Drive quase vazio, mobiliado apenas com um sofá emprestado da casa do Recreio e uma poltrona-trono, uma mesa e quatro cadeiras compradas nas Casas Bahia.

No Dia de Finados, em São Paulo, com show marcado no Palace, desabou um temporal sobre a cidade. Choveu grosso o dia inteiro, mas, às 18h30, uma hora e meia antes do show, a Vitória Régia já estava passando o som no palco e Tim no camarim, saboreando um misto-quente. Meia hora antes do show, mandou Rosiclér ver quantos ingressos estavam vendidos.

"Uns 150", foi a sua resposta cabisbaixa, que eram 10% da capacidade da casa. Além do constrangimento de cantar para o salão quase vazio, Tim teria que pagar a banda, os técnicos e todas as despesas. Seria um grande esforço para um baita prejuízo. Assim, foi sucinto: "Rosiclér, pega minha flauta que está no palco.”

Recebeu a flauta sem dizer nada, atravessou os corredores sozinho, saiu pelos fundos, fez sinal para um táxi e sumiu.

Rosiclér avisou os músicos que havia rolado uma "estratégia" e que era para todo mundo ir para o hotel discretamente. E depois foi à direção da casa comunicar o problema e se desculpar. Os produtores foram compreensivos e mantiveram o hotel e as passagens.

Na manhã seguinte, em Congonhas, Tim embarcou alegre e sorridente para o Rio e pagou o cachê da banda e de Rosiclér na própria sala de espera, num domingo, depois de um feriado, antes das dez horas da manhã.

No Recreio Music Center, Tim dava expediente full time. Quando não estava gravando, ditava longas cartas a Nataly disparando suas sugestões, reclamações e instruções à Ordem dos Advogados do Brasil, ao ministro da Justiça, à administração do Barra Palace, aos compositores brasileiros, aos radialistas, aos lojistas de disco e "aos músicos que estão tocando ou ainda vão tocar na Vitória Régia":

"Caros amigos músicos, Não tenho empresário nem gravadora, gravo e lanço meus próprios discos, sem contar nove processos trabalhistas de músicos que nunca se interessaram por som, aparência, ética e muito menos humanidade, pois já me levaram 600 mil dólares, só um levou 120 mil, portanto vocês hão de convir que já tive péssimas experiências com músicos. E a coisa continua mais ou menos do mesmo jeito, ninguém se interessa por nada, chegam atrasados e para tirar a viola do saco demora. Esse negócio de chegar e encontrar tudo prontinho e aguardar pelo lanche é coisa de conjunto de baile. Nas televisões e shows, é a mesmíssima coisa: rapidez e eficiência. Quem errar sai, que nem amarelinha. O cachê é a tabela da Ordem dos Músicos, e a participação de todos nos vocais, nas coreografias, nos solos individuais e arranjos é fundamental. Então vamos lá, rapaziada, que o baile já acabou e o show tá começando.

Sem mais para o momento, com votos de estima e consideração, Tim Maia”

A partir do sucesso de seu especial Eu vou chamar o síndico, dirigido por Roberto Talma, Tim manteve durante todo o ano negociações e esperanças de ter seu próprio programa de televisão na Band. A receita era simples: um Chacrinha do terceiro milênio, com mulher bonita dançando e música de qualidade rolando. O diretor-geral Rubens Furtado se entusiasmou e deu entrevistas dizendo que a Band e Tim estavam ficando noivos e só faltava marcar a data do casamento. Mas, para o bem ou para o mal da emissora, o Brasil não mereceu a graça de ver pelo menos uma edição de um programa que certamente faria história.

Restou a Tim aceitar a proposta mixuruca de gravar um especial de fim de ano para a modesta Rede Mulher, de São Paulo, no seu show do Metropolitan. Como a emissora estava pagando pela gravação do som em uma unidade móvel, decidiu que aproveitaria o material para lançar mais um CD ao vivo.

Apesar de repertório e arranjos serem praticamente os mesmos do Ao vivo de 1992. Apenas trocaria as três bossas, "Wave", "A rã" e "Folha de papel", por "Essa tal felicidade", "Se me levam, eu vou" e uma colagem de "Chocolate" e "Meu país", que eram praticamente a mesma música, com duas letras. As outras

15 seriam as de sempre, os seus grandes sucessos que o público cantava junto, esquentando os sovacos e melando as cuecas. De diferente, só a ordem das músicas. E a voz de Tim, perdendo brilho e potência.

Em circular aos lojistas, informava em 20 de dezembro que a Vitória Régia estabelecera o recorde nacional em tempo de produção e distribuição de CDs. E apresentava o Tim Maia ao vivo II, apenas 26 dias depois de sua gravação: "Festa garantida ou seu dinheiro de volta!”

O Natal se aproximava e a coisa estava feia no Recreio, o salário do pessoal atrasado, as contas se acumulando, os cobradores se multiplicando. Quando Nataly lhe disse que não havia dinheiro para mais nada, nem para as compras de Natal das crianças do Lar de Narcisa, Tim chorou. Sempre comprava tênis, roupas e brinquedos nos shoppings, agora teria de se contentar com o que Nataly pudesse conseguir de mais barato no Saara. Tim estava inconsolável, finalmente parecia se dar conta de que estava falido.

Como um presente de Natal, o telefone tocou. De Porto Alegre, o pessoal da RBS queria Tim Maia para seu Planeta Atlântida, que, em janeiro, reuniria mais de 50 mil pessoas por noite, em um dos maiores eventos do verão brasileiro. Nataly negociava discreta e esperançosa, o cachê era bom e eles estavam precisando, mas Tim percebeu e começou a gritar:

"O meu cachê tem que ser igual ao da Daniela Mercury!”

O festival teve que argumentar que a baiana era a artista do momento, o maior cachê do mercado, a que mais vendia discos, que mais aparecia na televisão e tocava no rádio, que tinham o maior respeito por Tim Maia mas era um problema de mercado...

Tim pegou o telefone, mandou o festival e a RBS à puta que os pariu e desligou.

Pouco depois se arrependeu e mandou Nataly ligar de volta, o levado era bom, mesmo sendo menor que o de Daniela. Seria a salvação da lavoura.

O show que faria no réveillon, em um dos palcos montados pela prefeitura na praia de Copacabana, depois de anunciado, foi cancelado na última hora sem

maiores explicações, além do alegado temor de que ele faltasse. Triste e indignado, Tim escreveu ao prefeito Luiz Paulo Conde, pelos jornais:

"Por muitos anos tentamos tocar na passagem de ano em Copacabana, chegando a fazer shows em dias próximos, como o dia 28 ou o dia 30 de dezembro. Porém, seria a primeira vez que teríamos a oportunidade de nos apresentar na nossa cidade. O meu nome é Sebastião, fui criado na Igreja dos Capuchinhos, sou carioca da gema do ovo e não aceitarei de forma alguma a rescisão deste contrato. Gostaríamos de fazer o show na praia de Copacabana, no dia 31 de dezembro de 1997. Acredito na sua imparcialidade e que Vossa Senhoria irá tomar as devidas providências. Um feliz Ano-Novo."

Mas 1998 chegou à praia de Copacabana sem Tim Maia.

Com seu Ômega presidencial dado como garantia de um empréstimo de 30 mil reais, tristonho e melancólico, Tim passou o réveillon com a família no Ocean Drive quase vazio e em vias de ser retomado pela imobiliária, vendo na televisão o seu programa da Rede Mulher. O show terminava exatamente à meia-noite, com ele cantando "Vale tudo" e fogos de artifício explodindo na tela e ao mesmo tempo riscando e colorindo o céu da Barra da Tijuca. Com o foguetório, a cachorrada latia e uivava de medo e lágrimas corriam pelo rosto cansado do Tim Maia do Brasil.

No fim de janeiro de 1998, Tim foi uma das estrelas do festival Planeta Atlântida, promovido pela Rede RBS no homónimo balneário gaúcho. Com 50 mil pessoas na platéia, o evento foi aberto pelo monge tibetano Tulku Rinpoche entoando cânticos budistas e celebrando a música como demonstração de afeto. E seguiu com os Titãs, Gabriel o Pensador, Rita Lee, Netinho, Daniela Mercury e Tim Maia, que fez um show perfeito e foi ovacionado por fãs de todos os estilos e gerações.

Depois do carnaval, na praia de Embu, em Santa Catarina, foi exatamente o oposto. Nervoso com a pressão econômica e judiciária, Tim reclamou do som, discutiu com os músicos e quase se atracou com o trompetista no palco. Adriana e Rosiclér tiveram que entrar para segurá-lo — o show foi curto e grosso.

Em seguida, na primeira edição catarinense do Planeta Atlântida, na praia de Jurerê, Tim chegou na hora e fez um ótimo show. De blazer cinza, camisa social branca e calça de couro preta, dividiu o palco e os aplausos de 30 mil pessoas com Lulu Santos, Fernanda Abreu, Jota Quest e Daniela Mercury.

De volta ao Rio, o cerco se fechava, a pressão aumentava, as dívidas e os processos se acumulavam; os discos não vendiam, os shows rareavam e os cachês diminuíam. Credores, oficiais de Justiça, advogados, imóveis confiscados, multas e juros crescendo, o dinheiro acabando, até o provedor de internet foi cortado por falta de pagamento.

Mais magro, ou menos gordo, sem beber, sem cheirar e até fumando menos, Tim lutava como nunca, como sempre. Estava colocando suas últimas forças e esperanças no show que seria gravado ao vivo pelo canal Multishow, da Globosat, no belíssimo Teatro Municipal de Niterói. Embora o repertório fosse quase igual ao do seu último CD ao vivo, gravado no Metropolitan, em 1997, Tim encomendou novos arranjos a Cláudio Mazza e queria lançar o programa em DVD e CD pela Vitória Régia. Eram as suas últimas ilusões.

No dia 8 de março de 1998, o Rio de Janeiro amanheceu nublado, cinzento e chuvoso. Depois de ensaiar a semana inteira com a banda no Recreio, Tim chegou a Niterói às cinco da tarde, nervoso e ofegante. No camarim, reunido com os músicos antes do show, pela primeira vez, não fumou nem ofereceu um baurete, só bebeu água.

Com o teatro lotado e meia hora de atraso, às 20h30, a Vitória Régia atacou a introdução de "W Brasil" e chamou o síndico, diversas vezes, com o público aplaudindo. Mas Tim só entrou cinco minutos depois, trôpego e cambaleante, lívido e com os olhos esgazeados. Não conseguiu sequer reclamar do som ou gritar "Vitória Régia!" quando a banda começou a tocar "Não quero dinheiro":

"Vou pedir... vou pedir...", tentou cantar.

E saiu do palco. O público vaiou. Cláudio Mazza foi ao microfone e avisou que Tim não estava passando bem, mas que voltaria em 15 minutos. O

público vaiou mais forte.

Na platéia, sua irmã Luzia viu que Tim estava mesmo mal, muito mal, e teve vontade de matar uma mulher na fila da frente, que comentou alto:

"Passando mal... ele deve é ter cheirado todas. Devia era enfiar porrada na cara dele, que ele ia fazer o show no peito e na raça.”

Mazza voltou ao microfone nervoso e pediu um médico na platéia. Um doutor e uma doutora correram para o camarim. Tim havia sofrido uma crise de hipertensão, uma embolia pulmonar e uma parada cardiorrespiratória, revertida com massagens e medicamentos na ambulância do Corpo de Bombeiros que o levou para o Hospital António Pedro em estado gravíssimo. Sem plano de saúde.

Sedado, entubado e respirando com a ajuda de aparelhos, Tim foi internado no CTI, onde permaneceu em coma induzido. Na sexta-feira, o quadro se agravou com uma hemorragia digestiva, seguida de uma infecção pulmonar e outra renal, que se espalharam pelo seu organismo.

No domingo, 15 de março de 1998, às 13h03, o coração do gordinho mais simpático da Tijuca parou de bater.